

# A Cidade

O cotidiano de **Porto Alegre**

nas crônicas de

**Roque Callage (1925-1930)**

Organização

**Luciana Murari**

**Volume 2**

Modernização  
Arte e Cultura

 **ediPUCRS**

 **editoraufsm**

***A CIDADE:***  
**O COTIDIANO DE**  
**PORTO ALEGRE**  
**NAS CRÔNICAS DE**  
**ROQUE CALLAGE**  
**(1925-1930)**

***VOLUME 2***

# PUCRS

## CONSELHO EDITORIAL EDIPUCRS

**Chanceler** Dom Jaime Spengler

**Reitor** Evilázio Teixeira | **Vice-Reitor** Manuir José Mentges

Carlos Eduardo Lobo e Silva (**Presidente**), Luciano Aronne de Abreu (**Editor-Chefe**), Adelar Fochezatto, Antonio Carlos Hohlfeldt, Antonio de Ruggiero, Cláudia Musa Fay, Helder Gordim da Silveira, Lívia Haygert Pithan, Lucia Maria Martins Giraffa, Maria Martha Campos, Norman Roland Madarasz, Walter F. de Azevedo Jr.

## MEMBROS INTERNACIONAIS

**Fulvia Zega** - Universidade de Gênova, **Jaime Sánchez** - Universidad de Chile, **Moisés Martins** - Universidade do Minho, **Nicole Stefane Edwards** - University Queensland, **Sebastien Talbot** - Universidade de Montréal.

# UFSM

## UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA

**Reitor** Luciano Schuch | **Vice-Reitora** Martha Bohrer Adaime

**Diretor da Editora** Enéias Tavares

Adriano Mendonça de Souza, Alcir Luciany Lopes Martins, André Valle de Bairros, André Zanki Cordenonsi, Elisete Medianeira Tomazetti, Enéias Tavares (**Presidente**), Fernanda Alice Antonello Londero Backes, Jucemara Antunes, Lana D'Avilla Campanella, Marcelo Battesini, Márcia Lenir Gerhardt, Odailso Sinvaldo Berté, Paulo Roberto Costa, Raone Somavilla, Ricardo de Souza Rocha, Rosani Spanevello, Sara Regina Scotta Cabral.

---

Conforme a Política Editorial vigente, todos os livros publicados pela editora da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (EDIPUCRS) passam por avaliação de pares e aprovação do Conselho Editorial.

---

LUCIANA MURARI  
(PESQUISA, SELEÇÃO, ORGANIZAÇÃO E NOTAS)

***A CIDADE:***  
**O COTIDIANO DE**  
**PORTO ALEGRE**  
**NAS CRÔNICAS DE**  
**ROQUE CALLAGE**  
**(1925-1930)**

*VOLUME 2*



PORTO ALEGRE  
2023

© EDIPUCRS 2023

**CAPA** EDIPUCRS

**DIAGRAMAÇÃO** EDIPUCRS

**PREPARAÇÃO** Melissa de Moraes Peres

**REVISÃO** Ana Carolina Leal Buzzetto

**ASSISTENTE DE PESQUISA** Marisa Schneider Nonnenmacher



<http://dx.doi.org/10.15448/1637>

Edição revisada segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

C568 A cidade [recurso eletrônico] : o cotidiano de Porto Alegre nas crônicas de Roque Callage (1925-1930) / Luciana Murari organizadora. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre : ediPUCRS : Editora UFSM, 2023.  
1 Recurso on-line (v. 2)

Modo de acesso: <<https://editora.pucrs.br>>  
ISBN 978-65-5623-380-2 (ediPUCRS v.2)  
ISBN 978-65-5716-110-4 (Editora UFSM v.2)

1. Crônicas brasileiras. 2. Literatura brasileira.  
3. Callage, Roque, 1886-1931. I. Murari, Luciana.

CDD 16. ed. 869.9987

---

**Loiva Duarte Novak CRB-10/2079**

**Setor de Tratamento da Informação da BC-PUCRS**

Todos os direitos desta edição estão reservados, inclusive o de reprodução total ou parcial, em qualquer meio, com base na Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998, Lei de Direitos Autorais.



**Editora Universitária da PUCRS**

Av. Ipiranga, 6681 – Prédio 33  
Caixa Postal 1429 – CEP 90619-900  
Porto Alegre – RS – Brasil  
Fone/fax: (51) 3320 3711  
E-mail: [edipucrs@pucrs.br](mailto:edipucrs@pucrs.br)  
Site: [www.pucrs.br/edipucrs](http://www.pucrs.br/edipucrs)



**Editora da Universidade Federal de Santa Maria**

Prédio da Reitoria – Campus Universitário  
Camobi – CEP 97105-900  
Santa Maria – RS – Brasil  
Fone: (55) 3220 8610  
E-mail: [editora@ufsm.br](mailto:editora@ufsm.br)  
Site: [www.ufsm.br/editora](http://www.ufsm.br/editora)

Ai de nós, ai do paciente leitor! Verdade que para cumprir à risca o espontâneo compromisso assumido, *A Cidade* sempre teve o concurso eficaz e indispensável dessa outra cidade leal e valorosa, que aí está com seus vícios e virtudes, com os seus defeitos e os seus melhoramentos. Se esse concurso falhasse, tudo o mais falharia; desapareceria a razão de ser desta crônica martelante e insulsa. Ele, porém, nunca falhou, graças a Deus...

***Roque Callage, A Cidade, 3 de maio de 1927.***



*Para Flávio Loureiro Chaves.*



# SUMÁRIO

## VOLUME 2

<b>ESTA COLETÂNEA .....</b>	<b>11</b>
<b>PREFÁCIO: AS CRÔNICAS DE ROQUE CALLAGE SOBRE A CIDADE: UM CALEIDOSCÓPIO DA VIDA URBANA.....</b>	<b>13</b>
<b>APRESENTAÇÃO: UM VASTO EMPÓRIO DE MISCELÂNEAS: A CIDADE EM SEU TEMPO .....</b>	<b>19</b>
<b>4. A ALDEIA SE FEZ CIDADE, E A CAPITAL SE FEZ METRÓPOLE: ATUALIZAÇÃO, REMODELAÇÃO E EMBELEZAMENTO URBANO.....</b>	<b>51</b>
<b>5. A DELICIOSA CHAMA DA FELICIDADE QUE SE BUSCA: CULTURA, FESTAS, ESPORTE E LAZER EM PORTO ALEGRE.....</b>	<b>223</b>
<b>PÓS-ESCRITO .....</b>	<b>381</b>
<b>ÍNDICE DE ASSUNTOS.....</b>	<b>383</b>
<b>ÍNDICE TOPONÍMICO.....</b>	<b>391</b>
<b>ÍNDICE ONOMÁSTICO .....</b>	<b>399</b>
<b>PLANO DA OBRA .....</b>	<b>407</b>



## ESTA COLETÂNEA

Esta coletânea é uma seleção de crônicas publicadas por Roque Callage na coluna *A Cidade*, do *Diário de Notícias* de Porto Alegre, entre março de 1925 e dezembro de 1930. Dentro de um universo de cerca de 1800 crônicas, realizamos uma escolha baseada no interesse histórico, na qualidade literária e na representatividade dos temas abordados, buscando refletir a trajetória da coluna e seus maiores objetos de interesse. Os textos selecionados passaram por atualização ortográfica e tiveram corrigidos, apenas, erros óbvios de diagramação, tipografia e pontuação, priorizando sua legibilidade sem desconsiderar o necessário respeito à escrita do autor (e às suas possíveis “imperfeições”).

As crônicas foram recolhidas nos acervos das seguintes instituições, às quais agradecemos: Museu da Comunicação Social Hipólito José da Costa (Porto Alegre); Biblioteca Rio-grandense (Rio Grande); Arquivo Histórico Municipal Juarez Miguel Illa Font (Erechim); Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro).

Optamos por não incluir duas categorias de textos: as cartas de leitores, mesmo quando acompanhadas de comentários do cronista; e as colunas não assinadas por Roque Callage, redigidas por colegas nos momentos em que o escritor se encontrava afastado de suas funções, principalmente em razão de problemas de saúde. Buscamos valorizar o caráter autoral da coluna, privilegiando a personalidade do cronista titular e a continuidade de seu discurso, não obstante a eventual riqueza e originalidade dos textos de seus leitores e companheiros de jornalismo. O leitor deve considerar não apenas a historicidade dos

eventos, mas também a do universo de valores e visões de mundo que contextualizam as análises do cronista em seu tempo.

As notas de rodapé possuem caráter informativo, e foram redigidas a partir de pesquisas em jornais e consultas a diversas enciclopédias e dicionários. No que diz respeito à história da cidade, a principal referência foi o *Guia Histórico de Porto Alegre*, de Sérgio da Costa Franco (2ª edição. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1992).

As crônicas selecionadas foram, a partir daí, classificadas por temas, a partir dos quais foram organizadas em volumes. Ainda que sua recorrência seja variável, tais categorias formam nítidas linhas de digressão, que permitem entrever a forma como o cronista organiza seu universo de interesses. No primeiro volume, estão incluídas suas reflexões sobre a própria coluna (prólogo), a relação entre o espaço urbano e a tradição rural (capítulo 1), as condições materiais da vida urbana (capítulo 2) e as manifestações de solidariedade e compaixão pelos desafortunados que povoavam a cidade (capítulo 3). As crônicas do segundo volume compreendem a modernização do espaço urbano (capítulo 4), a vida cultural, o esporte e o lazer (capítulo 5). No último volume, os textos versam sobre os serviços públicos (capítulo 6) e o debate político (capítulo 7).

## PREFÁCIO

### AS CRÔNICAS DE ROQUE CALLAGE SOBRE A *CIDADE*: UM CALEIDOSCÓPIO DA VIDA URBANA

A História e a crônica trabalham o tempo e a memória como matérias de reflexão, porém de formas e com objetivos diferentes. Desde o final século XIX, a crônica foi uma das formas de escrita que permitiram às elites letradas pensarem a trajetória de transformações da sociedade urbana brasileira no tempo. A modernização das cidades e a complexificação da estrutura social, bem como as contradições e os dilemas desse processo foram abordados por diversos cronistas na imprensa brasileira. Em Porto Alegre, como em outras capitais do país, gerações de cronistas ao longo do século XX estabeleceram uma “outra” forma de contar a história da cidade.

Num ensaio sobre crônica, história e cidade, Margarida de Souza Neves perguntava-se: o que o historiador poderia aprender com a crônica?<sup>1</sup> Em primeiro lugar, poderia aprender a respeito do processo de seleção realizado pelo cronista no cotidiano, visando interpretar um acontecimento, a partir de sua ótica, para seus leitores contemporâneos. A interpretação dos acontecimentos que o cronista realiza em relação à temporalidade, cotidiana ou do processo histórico,

---

<sup>1</sup> NEVES, Margarida de Souza. História da crônica. A crônica da história. In: RESENDE, Beatriz (org.). *Cronistas do Rio*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1995. p. 15-31. p. 23.

é uma das leituras possíveis do real, e não o real “redivivo” como pretendiam os positivistas em seu “nobre sonho”<sup>2</sup>.

A partir das crônicas, pode-se pensar sobre as relações entre o tempo narrado e o tempo experienciado pelo cronista: o do cotidiano e o que “mais alargadamente se vive”. Pode-se problematizar as pontes entre a percepção subjetiva do cronista e a construção social de explicações sobre o tempo presente e sua relação com o passado, no sentido de que o cronista traduziria, em sua escrita, uma construção social – de seu grupo, de uma camada da sociedade – da percepção do tempo. Essa tradução seria feita através da forma particular de interpretar os acontecimentos e de empregar a linguagem escrita visando comunicar-se com um público leitor. Segundo Margarida Neves de Souza:

Uma primeira possibilidade a ser explorada é que ambas – história e crônica – constroem memória, o que equivale a reconhecer que desejam identidades, sejam elas identidades de uma geração, sejam elas identidades de gênero, de grupos sociais ou de recortes espaciais bem definidos. [...] Se é verdade que a memória construída pela história tem como referência principalmente o recorte nacional, aquela que é tarefa mais eminente da crônica é, sem dúvida a memória da cidade.<sup>3</sup>

A crônica e a história podem ser consideradas “lugares de memória”, segundo a definição de Pierre Nora, pois se constituem em espaços materiais, simbólicos e funcionais em que a memória é constantemente elaborada, reelaborada e interpretada.<sup>4</sup> Por meio

---

<sup>2</sup> *Ibid.*, p. 23.

<sup>3</sup> *Ibid.*, p. 25.

<sup>4</sup> NORA, Pierre. Entre mémoire et Histoire. La problématique des lieux. In: NORA, Pierre (dir.). *Les lieux de mémoire I: La République*. Paris: Gallimard, 1984. t. I. p. XVII-XLII.

dessas duas diferentes formas de escrita, os grupos sociais elaboram a memória coletiva, interpretando os acontecimentos e os processos socioculturais, econômicos e políticos no tempo.

Crônica e história, de maneiras diferentes, são formas de escrita que elaboram a passagem do tempo e a memória de um grupo ou de uma sociedade por meio da seleção proposta pelo filtro do tempo presente. Cronistas e historiadores desempenham o papel social de intérpretes da memória coletiva. Eles realizam uma leitura da memória coletiva promovendo cortes, seleções, acréscimos e silenciamentos. Ambos produzem uma memória social a partir da ótica e dos interesses de determinado grupo, embora sua escrita pretenda dar conta da experiência coletiva de toda a sociedade.

Trata-se de uma escrita que, por meio de convenções de linguagem e normas disciplinares, expressa a interpretação realizada por um grupo social e um campo profissional sobre a memória coletiva, que é, em sua origem, plural, polifônica, fragmentária e complexa. São escritas que, através de suas particularidades formais e disciplinares, selecionam sujeitos, tempos, espaços e tecem tramas, urdindo os acontecimentos na busca de interpretá-los para o conjunto da sociedade.

Logo, enquanto se apresentam como escrita social de um tempo, produção de interpretações de uma experiência social urbana, enquanto narrativas sobre o cotidiano da cidade, é que se pode tomar as crônicas como “documentos”.<sup>5</sup> De antemão, admitindo-se que as crônicas “falam” sobre a forma de um grupo de letrados, num contexto temporal e sociocultural determinado, percebem as transformações *no* e *do* espaço urbano.

---

<sup>5</sup> Sigo aqui a proposta de NEVES, Margarida de Souza. Uma escrita do tempo: memória, ordem e progresso nas crônicas cariocas. In: CANDIDO, Antonio *et al.* **A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil.** Campinas, SP: Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 75-92. p. 76.

Dessa forma, tanto as crônicas quanto a produção historiográfica são lugares de memória. A crônica é tanto um lugar simbólico de representação dos sujeitos, espaços e tempos da experiência urbana no passado, quanto um lugar material, de suporte físico e meio de difusão de uma determinada matriz explicativa sobre o passado coletivo.

As crônicas não são um simples eco da memória coletiva, mas uma seleção, com cortes, silêncios e ênfases sobre certos sujeitos, lugares e tempos da experiência coletiva, que produz uma imagem do passado, uma explicação sobre a passagem do tempo, as transformações sociais, culturais, econômicas e da paisagem urbana. Uma memória social que está ligada ao lugar social, cultural e temporal de quem fala (escreve) e para quem se fala (se escreve). A crônica é um gênero ou uma forma de escrita de fronteira, lugar privilegiado para os olhares cruzados da história e da literatura, nos domínios de uma nova história cultural.

É nessa margem que se pode compreender como as crônicas sobre a cidade de Porto Alegre escritas por Roque Callage entre 1925 e 1930 tornam-se ricas para pensar a releitura e a reescritura da memória coletiva, em paralelo e em contraponto à produção historiográfica sobre Porto Alegre. Elas gerem a passagem do tempo, permitindo a compreensão das transformações da paisagem urbana e das sociabilidades públicas. Asseguram, dessa forma, a compreensão de uma continuidade na experiência pública e de identidade entre o passado e o presente da sociedade porto-alegrense, em meio às mudanças sociais, políticas e culturais provocadas pelas reformas urbanas empreendidas pelas administrações municipais de Otávio Rocha e Alberto Bins – reformas urbanas que visavam construir uma imagem de cidade moderna para Porto Alegre, como ocorrera em outras grandes capitais brasileiras (Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte) e internacionais.<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup> MONTEIRO, Charles. **Porto Alegre: urbanização e modernidade**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.

Os movimentos de escrita de suas crônicas trabalham, em sua trama, com vários fios, em uma urdidura complexa e variada de espaços e tempos do acontecer urbano. A elaboração do processo das reformas urbanas e das formas de sociabilidade nas crônicas de Roque Callage representa as disputas em curso pelo espaço urbano na sociedade porto-alegrense. Embora ele não deixasse de privilegiar a ação das elites dirigentes na construção do espaço e da cultura urbana, acolheu as críticas sobre as mesmas e também narrou o caos provocado pelas inúmeras obras na cidade, dando espaço para a voz dos leitores. Nesse sentido, ainda que se perceba em suas crônicas o filtro social de um membro da elite letrada, pertencente às camadas médias urbanas, também se tem acesso a outras vozes e percepções sobre as reformas e o acontecer urbano com suas contradições e disputas no passado.

A organizadora da obra é pesquisadora de fôlego sobre literatura e sobre as crônicas de Callage, e nos brinda com uma seleção criteriosa e representativa da vasta produção de crônicas desse escritor. Ao longo dos três volumes, é possível saborear seu estilo moderno, ágil e combativo ao falar da cidade e de seus habitantes no contexto de expansão e modernização urbana dos anos 1920. A organizadora, a Editora UFSM e a EDIPUCRS realizam uma importante contribuição para pensar a história de Porto Alegre no contexto das comemorações dos seus 250 anos. Certamente, os leitores e leitoras poderão reconhecer na escrita de Callage um apaixonado pela cidade, que, com os cuidados de um amante, desenhava através das linhas de sua coluna no jornal um retrato das disputas por sua amada.

*Charles Monteiro (PUCRS/CNPq)*



## APRESENTAÇÃO

### UM VASTO EMPÓRIO DE MISCELÂNEAS: A CIDADE EM SEU TEMPO

Entre 1925 e 1930, Roque Callage escreveu para o *Diário de Notícias*, de Porto Alegre, na coluna *A Cidade*, pertencente à seção *Ecos e Notas*. A coluna aparecia já no primeiro número do jornal fundado por Leonardo Truda e Pedro Moura, e havia sido idealizada pelo próprio Callage.<sup>1</sup> Assinada apenas com a letra C., era publicada diariamente – exceto nas segundas-feiras, quando o jornal não era editado – e formava uma espécie de mosaico textual dedicado ao registro do cotidiano urbano, ao acompanhamento e à discussão sobre as mudanças no espaço social da capital do Rio Grande do Sul. *A Cidade* não era, aliás, o único espaço ocupado por Callage no *Diário*, sendo comum a presença de sua assinatura em *Ecos e Notas* – *Registro*, coluna dividida com outros jornalistas e, mais raramente, de seu nome completo em artigos específicos. No entanto, apesar do eventual diálogo entre *A Cidade* e *Registro*, a primeira foi idealizada e mantida primordialmente por ele, seu “cronista-proprietário”, na expressão de um colega (08/04/1928)<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> Sobre o *Diário de Notícias*, ver GRANDI, Celito de. *Diário de Notícias: o romance de um jornal*. Porto Alegre: L&PM, 2005.

<sup>2</sup> Salvo indicação ao contrário, as datas citadas nesta apresentação correspondem às publicações da coluna *A Cidade*, do *Diário de Notícias* de Porto Alegre.

A *Cidade* foi, podemos dizer, o ponto alto da precoce carreira jornalística do escritor, que, nascido em Santa Maria em 1888, já em 1908 dava seus primeiros passos na imprensa como colaborador em semanários e jornais locais. Atuou em sua cidade natal, em São Gabriel, São Paulo e Rio de Janeiro – onde exerceu também um cargo na Biblioteca Nacional. Na imprensa de Porto Alegre, sua primeira publicação para o *Correio do Povo* deu-se em 1910, quando Caldas Júnior abriu espaço para a divulgação de um de seus contos.<sup>3</sup> A partir de 1917, passa a colaborar assiduamente com este jornal, assinando as crônicas da primeira página e as colunas *De relance* e *Semanário*. Seus textos versam sobre temas bastante diversos, como a situação política nacional e internacional, as superstições populares, as figuras do meio literário, a paixão pelo futebol e a chegada da primavera. Nestas crônicas, Callage já se aproxima bastante do estilo que o celebrizaria em *A Cidade*: o humor hiperbólico, o tom irônico, o gosto pela polêmica, a observação dos aspectos mínimos do cotidiano, o interesse pelas mudanças comportamentais, o acento encomiástico no tratamento dos temas da história do Rio Grande do Sul, o amargo realismo na observação da situação brasileira, o lirismo na evocação da paisagem sentimental da cidade.

Callage já manifestava, também, seu interesse pelas questões políticas. Em 1923, engajou-se na Revolução Assisista, que congregava os adversários do regime castilhistaborgista, viajando a São Paulo para publicar *O Drama das Coxilhas*, na editora de Monteiro Lobato. Trata-se de um panfleto mobilizador, voltado para a denúncia do caráter ditatorial e arbitrário do regime, de maneira que o intuito de reportagem mistura-se à manipulação dos lugares-comuns do regionalismo gauchesco (Callage, 1923).<sup>4</sup> O engajamento político

---

<sup>3</sup> CALLAGE, Roque. O veneno da imprensa: especial para o *Correio do Povo*. *Correio do Povo*, Porto Alegre, ano XXXVII, n. 9, p. 3, 11 jan. 1931.

<sup>4</sup> CALLAGE, Roque. *O Drama das Coxilhas*. São Paulo: Monteiro Lobato, 1923.

levou-o posteriormente a publicar *Episódios da Revolução*, novo libelo propagandístico, agora em louvor à Revolução de 1930, tema que acabou por invadir *A Cidade*, que acompanhou o dia a dia do movimento, novamente um misto de literatura regionalista e crônica de guerra.<sup>5</sup> Pouco depois, foi nomeado pelo governo provisório inspetor de ensino do Ginásio Lemos Júnior, na cidade de Rio Grande.

O jornalismo, para Callage, foi também um veículo para difusão de seu programa literário. Já em 1917, publica no *Correio do Povo* o artigo “Poesia popular” – mais tarde republicado na coletânea *O fogão do gaúcho* (1929) – que pode ser lido como a enunciação dos valores que referendavam seu programa regionalista, legitimados como autênticos valores populares (20/06/1917).<sup>6</sup> Participante do processo de consagração dos emblemas do gauchismo, sua literatura concentrou-se em um número relativamente limitado de temas: a glorificação do passado bélico do estado, a difusão literária das narrativas e versos populares orais, o elogio da determinação exercida pelo meio físico da Campanha gaúcha na formação psicológica e fisiológica do sul-rio-grandense, a idealização de valores políticos como a liderança e a luta pela liberdade.

Crescentemente, no entanto, Callage avançou em direção à percepção das transformações do espaço social da Campanha com a decadência das elites tradicionais e a ascensão de valores e práticas modernizantes. Ainda no *Correio do Povo*, publicou alguns estudos de análise sociológica e cultural que demonstravam sua inquietação frente ao avanço da modernidade no estado, o que se expressava tanto em sua preocupação com a atualização técnico-produtiva quanto

<sup>5</sup> CALLAGE, Roque. *Episódios da Revolução* (3 a 24 de Outubro de 1930). Porto Alegre: Globo, 1930.

<sup>6</sup> CALLAGE, Roque. Poesia Popular. *Correio do Povo*, Porto Alegre, ano XXIII, n. 144, p. 1, 20 jun. 1917.

em sua observação da mudança comportamental que colocava em desuso algumas manifestações da tradição popular.

Assim, jornalismo e ficção literária correram paralelos em sua trajetória. No mesmo ano em que estreou na imprensa, 1908, Callage publicou seu primeiro livro, *Prosas de ontem*, reminiscência simbolista que não deixava entrever o rumo que sua carreira literária iria seguir, tendo sido posteriormente renegada pelo próprio autor. Entretanto, sua publicação seguinte, *Escombros*, de 1912,<sup>7</sup> já acena para a linha regionalista que o celebrizaria na literatura do estado, e que viria consagrar sua primeira coletânea de contos, *Terra gaúcha*, de 1914. Define-se, neste momento, o rumo de sua produção ficcional, que, ao longo dos anos, tendeu a tornar-se mais complexa do que fazia supor esta primeira obra genuinamente regionalista. Nesta linha, seguiram-se *Rincão: cenas da vida gaúcha*, de 1921, e *Quero-quero: cenas crioulas*, de 1927, coletâneas de contos. Seu interesse pela tradição gauchesca daria, ainda, origem a duas coleções de ensaios sobre temas regionais, *Terra Natal*, de 1920, e *No fogão do gaúcho*, de 1929. Adicionalmente, levando-se em conta que os anexos lexicais eram uma praxe na literatura regionalista brasileira, publicou o *Vocabulário gaúcho* em 1926, seguido de uma versão revista e aumentada, em 1928.

De forma aparentemente paradoxal, o escritor de nostálgicos contos regionalistas acompanhava, nas crônicas de *A Cidade*, as reformas modernizadoras em Porto Alegre. Em um momento histórico em que a percepção da ruptura com o passado despertava tanto o entusiasmo pelas novidades quanto o temor da perda dos referentes culturais consagrados, a implantação do sentido da modernidade envolvia, além das dimensões técnico-produtivas, valores, comportamentos e práticas, ao passo que o ritmo das transforma-

---

<sup>7</sup> CALLAGE, Roque. *Prosas de ontem e Escombros*. Santa Maria: Editora UFSM, 2004.

ções sociais nem sempre era coerente com as expectativas a seu respeito. Neste contexto, *A Cidade* convertia-se em uma tribuna, em que o jornalista externava suas posições a respeito dos mais variados temas, desde que considerados relevantes para o dia a dia de Porto Alegre: a vida artística, a manutenção e a transformação da infraestrutura urbana, os serviços públicos, o comportamento e os hábitos populares, a criminalidade, os flagrantes da rua da Praia, os assuntos discutidos nas rodas dos cafés, o consumo e a carestia, a transformação do comportamento feminino e, por vezes, a política regional e nacional. Nas palavras de Alcides Maya, em carta dirigida à coluna, *A Cidade* era:

um pequenino caleidoscópio urbano, que tem a vastidão de abranger, sob múltiplos, breves, coloridos e práticos aspectos, todos os problemas, tão esquecidos entre nós, da velha data, referentes ao desenvolvimento e ao primor de certos serviços de urbanismo e cultura social. (*Diário de Notícias*, 24/05/1931).

A leitura diária da coluna a convertia em um espaço que, além da objetividade do cotidiano, abria espaço para a subjetividade, os gostos e opiniões de seu titular. Seus temas iam sendo desenvolvidos no ritmo da vida urbana e das questões que esta propunha ao observador crítico, interessado e participativo, mas que não conferia àquele espaço no jornal qualquer pretensão de neutralidade, mantendo o lirismo, a revolta, o partidarismo e a ironia. Apesar deste caráter fragmentário das crônicas, a coluna foi, aos poucos, escrevendo sua própria história e assumindo uma identidade marcada pelas idiosincrasias de seu “proprietário”.

Por outro lado, apesar de cada crônica constituir uma unidade autônoma de sentido, *A Cidade* foi também escrita na perspectiva de um diálogo descontínuo com o público, em torno de um conjunto

de temas de interesse comum. A coluna muitas vezes soava como uma conversa iniciada por acaso com um desconhecido sobre temas de interesse geral – entre eles, diga-se de passagem, o clima, o mais prosaico tema que dois desconhecidos quaisquer podem ter em comum quando ocupantes de um mesmo espaço geográfico. Além deste espaço, a cidade possui também, é claro, muitas outras dimensões: personagens, enredos e cenários sobrepõem-se na cena pública. Essa se oferece ao observador a partir de sua capacidade de recortar a experiência coletiva, significá-la e convertê-la em uma espécie de texto a ser, também, lido coletivamente.

Não por acaso, *A Cidade* evoca “a alma encantadora das ruas”, expressão sorvida da crônica de João do Rio que deu nome ao seu livro mais conhecido, marco da crônica urbana brasileira. O uso da expressão evoca o intenso movimento de pedestres e o melancólico sentimento impresso por sua interrupção, pela chuva ou pelo frio (22/05/1927). João do Rio era uma referência fundamental, mas o espaço construído por Callage tinha características essencialmente diversas. O cronista carioca favorecia o que havia de pitoresco ou patético nas personagens “invisíveis” do espaço da cidade, sobretudo as que exerciam as “pequenas profissões ignoradas”, como os tatuadores, os vendedores de orações, os agenciadores de coroas funerárias, trabalhadores ambulantes como os músicos e os vendedores de livros, os mendigos e os mineradores escravizados. João do Rio é, acima de tudo, um observador distanciado de ambientes sociais a que não pertence, um repórter que apresenta a seus leitores mundos desconhecidos, ocultos no espaço urbano.<sup>8</sup> Callage não se interessa tanto pelo que a cidade esconde. Pelo contrário, busca os aspectos mais imediatos e mais corriqueiros da vida cotidiana: o preço do pão e da carne, o clima, o movimento dos bondes, a criminalidade,

---

<sup>8</sup> RIO, João do. *A alma encantadora das ruas*. 2. ed. São Paulo: Martin Claret, 2008.

a falta de luz, temas que faziam parte da experiência diária de seus leitores – a pequena parcela da população alfabetizada de então – e dele próprio. Os miseráveis, os pobres, os doentes, os marginalizados encontrarão seu espaço em *A Cidade*, mas, sobretudo, quando emergiam em um espaço social no qual pareciam contraditórios.

Como observa Charles Monteiro, a crônica se consagra como uma tradição de escrita no contexto porto-alegrense por meio de autores como Antônio Álvares Pereira Coruja (1806-1889) e Aquiles Porto Alegre (1848-1926). Como a história, ela contribuía para a introjeção da consciência do tempo e para o processamento da memória social, de acordo com as expectativas de autores que projetavam sua imagem para o conjunto da sociedade.<sup>9</sup> Um dos motivos da popularidade da coluna reside na identificação da crônica com a experiência coletiva, formando um espaço público de intercâmbio simbólico e de consequente fortalecimento dos vínculos de comunhão política.

Poderíamos evocar, a este respeito, as ideias de Benedict Anderson sobre a formação dos vínculos imaginários que enraizariam a formação de uma “comunidade no anonimato”, ou seja, a nacionalidade.<sup>10</sup> Segundo ele, desde suas origens, o jornal profetizava a obsolescência do consumo de massa ao promover uma cerimônia coletiva diária em que milhares de pessoas, em seu espaço privado e simultaneamente, adquiriam a consciência do compartilhamento das narrativas do cotidiano com outras pessoas que, individualmente, desconheciam. À medida que esta cerimônia ia sendo repetida, fortalecia-se a percepção do convívio em um espaço comum por meio de uma experiência que alicerçava o imaginário da identidade coletiva na rotina concreta do dia a dia.

<sup>9</sup> MONTEIRO, Charles. **Porto Alegre e suas escritas**. Histórias e memórias da cidade. Porto Alegre: Edipucrs, 2006.

<sup>10</sup> ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**. Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. Tradução Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 69.

Perdendo em sofisticação teórica, mas ganhando na percepção do contexto mental de *A Cidade*, podemos avaliar a importância da imprensa na formação de uma “comunidade imaginada”, recorrendo também a um contemporâneo de Callage que foi uma de suas maiores referências intelectuais: o jurista e teórico do autoritarismo brasileiro Oliveira Vianna. No artigo “Minas da tradição e Minas do progresso”, escrito a partir de uma viagem a Minas Gerais realizada em 1929, Vianna observava a ansiedade com que a população da pequena cidade de Ponte Nova aguardava a chegada do trem que trazia jornais e revistas ilustradas do Rio de Janeiro, à qual se seguiam momentos de dispersão em que as pessoas se recolhiam silenciosamente em suas casas, “lendo, saboreando, devorando as novidades do Rio”. Ele prossegue:

Estas observações me levam a uma conclusão incidente: a do papel da grande imprensa como fator da formação da nossa consciência nacional. É preciso ter observado estas pequenas cidades do nosso interior para sentir que formidável agente de unificação espiritual não é o grande jornal. Ele exerce uma ação incomparável neste sentido – porque atua com um poderoso reduto desse espírito de localismo, que a nossa imensidade territorial tende, espontaneamente, a desenvolver e acentuar.<sup>11</sup>

No caso de *A Cidade*, este sentimento de comunidade simbólica era alimentado tanto na esfera mais restrita de Porto Alegre, através da criação de um canal imediato de comunicação em que o indivíduo dialogava com o grupo sobre as mínimas questões urbanas, quanto na esfera nacional, ponto de referência para a discussão mais ampla sobre questões políticas, comportamentais e culturais,

---

<sup>11</sup> VIANNA, Oliveira. Minas da tradição e do progresso. In: *Pequenos estudos de psicologia social*. 3. ed. aumentada. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942. p. 54-70.

e, ao mesmo tempo, para o estabelecimento dos parâmetros mais relevantes para a avaliação do estado de progresso da capital do Rio Grande do Sul. É importante levar em conta que, como observa Oliveira Vianna depois de anotar a ansiedade dos interioranos em tomar conhecimento do que se passava no Rio de Janeiro, este sentido de progresso não deslegitimava as diferenças regionais e locais. Pelo contrário, havia uma aclimatação das práticas culturais consagradas como mais atuais ou mais prestigiosas à mentalidade do grupo, o que a crônica de Callage ressaltará inúmeras vezes ao fazer o trânsito entre o “moderno” (ou, podemos dizer, aquilo que se estabelecia como o “universal”), o nacional, o regional, o local, além de outras dimensões como o rural e o urbano.

Além disto, *A Cidade* foi também exímia em valorizar o que poderia parecer desimportante: sensações, vivências subjetivas, estados de humor, sentimentos que não poderiam ser vividos coletivamente, mas que podiam ser compartilhados a partir de um ponto de referência: o cronista. Por isto, o registro multiforme e personalíssimo da vida de Porto Alegre nas linhas da coluna transformou Callage em uma figura pública singular no cotidiano de Porto Alegre, uma espécie de celebridade local, sendo convidado para a composição de júris, por exemplo, como o da escolha da melhor fantasia na “Festa dos bichos”, desfile caricato dos estudantes, juntamente com Raul Pilla, em 1926 (25/04/1926). O sinal mais evidente da popularidade rapidamente adquirida pelo colunista é, certamente, o caso de um engenheiro, Domingos Corrêa, que havia sido preso por estupro depois de conseguir se aproximar de uma moça de distinta família local alegando ser o autor dos artigos assinados como “C.” no *Diário de Notícias*. Reportando o ocorrido, o cronista assume o discurso da modéstia e da humildade no serviço ao interesse público: “A honra de ser o C. desta e de outras seções do *Diário de Notícias*, é uma honraria que não honra ninguém e que de modo algum recomendamos ao Dr. Domingos Corrêa ou a qualquer outro que dela queira fazer uso” (16/04/1925).

Apesar da lacônica assinatura C., a coluna acabou sendo identificada pelo público com a figura de Roque Callage, que reporta em diversas ocasiões ter sido parado na rua para ouvir demandas e reclamações dos leitores, ou para constatar um determinado problema urbano, e em seguida comentá-lo no jornal. Ainda no primeiro ano da coluna, o cronista conta ter sido abordado por um comerciante quando passava pela rua Voluntários da Pátria, sendo convidado a adentrar seu estabelecimento para testemunhar a dificuldade de manutenção das condições de higiene reclamadas pelo cronista. Este acaba por reconhecer o mérito do problema, levando em conta as péssimas condições de manutenção da via pública, sempre atingida pela poeira ou pela lama (16/07/1925). Outra evidência do personalismo assumido pela coluna é o fato de que, no período estudado, apenas as crônicas escritas por Callage eram assinadas, sendo as de seus substitutos sempre anônimas. A melhor ilustração disto são os versos abaixo, enviados por carta ao cronista:

Melhor não era "Cidade"  
 Se em vez do C. simplesmente  
 Por direito e por verdade  
 Você (que ninguém se aterre)  
 Ao seu isolado C.  
 Antepusesse o seu R.  
 E nisto de jornalismo  
 Diária escrevinhação  
 Eu sou um C. de bobage...  
 Você não! Você escreve  
 E quando se mete a agir  
 De prumo, pedra e cal... age  
 (21/04/1926)

Outro bom índice do reconhecimento público da coluna é o fato de que ela acabou por se tornar um agente intermediário entre a população e o poder público, através da publicação das cartas en-

viadas à redação do *Diário de Notícias*. Os convites recebidos pelo jornalista para percorrer instalações e obras públicas em curso são um sinal disso, como reportado pela entusiástica crônica em que ele visita a nova companhia hidráulica municipal (09/09/1927). Muitas vezes, os leitores escrevem para a coluna na expectativa de que através dela suas demandas chegassem às autoridades. “Não seria de bom alvitre que V. Sa. se interessasse pelo assunto, escrevendo um comentário a respeito, reclamando a reconstrução da referida ponte?”, pergunta o leitor BM em carta publicada em 8 de dezembro de 1927, referindo-se ao péssimo estado da ponte na estrada do Cristal à Tristeza. Na crônica de 22 de outubro de 1929, lê-se: “Temos aqui uma carta solicitando a intervenção da *A Cidade* junto à administração municipal”. Neste momento, o cronista assume este como um papel da coluna, “dando conta da reclamação que nos foi dirigida e levando-a por intermédio desta seção ao conhecimento de quem de direito”, apesar de confessar sua descrença quanto à resolução do problema.

O resultado é o reconhecimento dos leitores, como um daqueles que enviaram cartas à coluna: “quero aproveitar a oportunidade para agradecer-vos pelo muito que tem feito e conseguido pelas colunas da sua *A Cidade*, em benefício da população desta capital” (30/09/1928). Por outro lado, o cronista fazia questão de ressaltar o papel de *A Cidade* como espaço de comunicação voltado a intermediar a relação entre os cidadãos e o poder público, remetendo a ele qualquer responsabilidade pelos problemas urbanos, e assim evitando a cobrança dos leitores à medida que estes não se resolviam: “A reclamação não é conosco. É com o Sr. Major Intendente ou com quem faça as vezes na administração local” (14/05/1930). Manifestações como essas podem, por outro lado, ser atribuídas ao humor inconstante do cronista em sua interação com o público.

A posição programática de *A Cidade* no que diz respeito ao poder público é a de manutenção da justiça e da independência. O cronista

não assume, de fato, qualquer posição dogmática na avaliação das ações dos agentes públicos, que assume tonalidades das mais variadas na história da coluna. Certamente, em termos quantitativos, o mais frequente é a crítica, que conduz o cronista a desenvolver algumas campanhas sistemáticas. Como exemplo, citamos a que é movida contra os novos métodos de cobrança do imposto predial, que, na visão de Callage, favorecia os proprietários de arranha-céus e grandes edifícios, em detrimento dos inquilinos, e conduzia ao aumento do custo de vida da população pobre. Neste momento, o jornalista faz uso de um de seus procedimentos característicos, qual seja, a partir de uma situação específica, enuncia uma sentença de sentido geral, ao remeter o exemplo a um diagnóstico da situação política do país, uma república indiferente ao povo:

É preciso também ter-se em conta que a vida de Porto Alegre é a vida do pobre, da população que moureja a luta e que, não possuindo casas próprias, vai ser sacrificada com essa lei porque ao senhorio nada acontece: ele desaperta para a esquerda... Entretanto, o novo projeto, enquanto favorece escandalosamente o capitalismo, mete um arrocho à nossa enorme população sacrificada e pobre. (06/12/1927).

Mesmo no caso da atuação da polícia, a organização mais duramente combatida pelo cronista, chega a haver uma crônica em elogio à sua reformulação, em 15 de agosto de 1925, o que será prontamente desmentido nas crônicas seguintes. Outra instituição contra a qual o jornalista se indispõe frequentemente é a Inspetoria de Veículos, responsável pela regulamentação e controle do tráfego urbano, denunciada, por exemplo, pelo grande número de acidentes causados pelo excesso de velocidade dos ônibus: “Ela é a maior responsável pelos desastres, exatamente porque não faz cumprir à risca as disposições das posturas municipais em relação ao excesso

de velocidade, não exigindo, no mesmo tempo, como devia exigir, a carteira de habilitação de chofer.” (26/11/1926). Também neste caso, contudo, não deixam de ser encontradas, na coluna, manifestações favoráveis às iniciativas para sua reformulação, posteriormente desmentidas: “E nós a elogiar as atitudes e atos da Inspetoria, convencidos de que ela ia endireitar de fato o nosso anarquizado serviço de veículos. Tempo perdido.” (26/12/1926).

Callage deixa transparecer uma certa solidariedade para com os agentes públicos, ao reconhecer os conflitos de interesse que faziam com que a administração municipal inevitavelmente despertasse alguma forma de oposição. Em crônica de 1927, por exemplo, ele se vê às voltas com as posições divergentes assumidas pelos veranistas e pelos moradores da Pedra Redonda, a respeito da criação de um balneário que, beneficiando os primeiros, comprometia a tranquilidade dos segundos. Segundo ele, sempre haveria posições contrárias à opinião majoritária sobre um dado problema, devendo ser reconhecida a legitimidade destas desde que mantivessem a racionalidade em sua defesa do interesse público, e mesmo do interesse particular. Em outros casos, diz ele, vigorava a oposição sistemática ou mesmo um apego condenável à rotina. “Como é difícil satisfazer cabalmente a opinião pública!”, exclama ele, expressando não apenas a condição do administrador público às voltas com os interesses divergentes no contexto da cidade, mas também a de si próprio, como colunista de um espaço social comum que não poderia deixar de garantir a manifestação do contraditório (17/12/1927).

A observância desse princípio faz com que o autor não deixe de oferecer o espaço da coluna aos agentes públicos, para que se defendam das críticas do cronista e dos leitores. Em 26 de setembro de 1929, por exemplo, é publicada uma carta enviada por Otávio de Oliveira, engenheiro fiscal da Intendência, em

resposta à crônica do dia anterior, defendendo-se das acusações de abandono do belvedere construído entre as ruas Duque de Caxias e Coronel Fernando Machado, e reportando as providências assumidas pela administração municipal para melhoria daquele espaço. Em 1º de dezembro de 1925, o cronista apresenta, em resposta à carta de um leitor, a correspondência enviada pelo chefe da seção de jardins da municipalidade em que este apresenta o plano de ajardinamento e arborização do parque da Redenção, naquele momento ainda na primeira fase de sua construção. A coluna assume, assim, uma função informativa, levando ao conhecimento público os projetos da Intendência, o que ajudava a aplacar as críticas dos cidadãos e também criava um canal de comunicação entre o povo e seus representantes. Em outra ocasião, o cronista sente-se obrigado a justificar-se pelas críticas feitas à Intendência, depois que um de seus altos representantes envia a ele os projetos que já haviam sido aprovados e que desmentiam as informações publicadas no dia anterior em *A Cidade* (17/06/1928).

Por outro lado, a adoção de uma atitude de deferência em relação aos agentes públicos pode ser observada através do “culto” à figura de Otávio Rocha, homenageado em diversas crônicas que alimentam a mística do “grande remodelador de Porto Alegre”. Inicialmente, o cronista confessa um certo pudor em enaltecer figuras do mundo político, em parte por sua postura oposicionista, mas esta disposição acaba por ser desmentida quando o assunto era Otávio Rocha. Talvez isto se deva em parte ao fato de que o intendente morreu precocemente, em 1928, após apenas três anos de mandato, tendo anunciado, mesmo antes disso, seu afastamento do cargo para assumir uma cadeira de representação federal do Rio Grande do Sul. Callage sente-se, neste caso, obrigado a justificar sua postura:

Inimigos que somos, por temperamento, ao elogio pessoal, às manifestações laudatórias aos que têm em suas mãos uma parcela do poder – tanto mais quando esses louvores ou essas homenagens podem ser mal interpretadas pelos espíritos prevenidos e acanhados – não podemos, entretanto, deixar de lamentar, com toda a sinceridade, o afastamento da administração municipal do brilhante remodelador da cidade.

.....

Adversários sinceros e convictos da situação política que domina o Rio Grande, nem por isso estamos presos à crítica de má vontade ou de censura sistemática, a maioria das vezes exercida por um estreito partidarismo. Pelo contrário, aqui proclamamos, com simpatia e entusiasmo, a grande obra iniciada e em grande parte concluída pelo chefe do executivo municipal. (15/01/1928).

A intensificação do diálogo entre Callage e seu público em torno das questões urbanas acabou por converter os leitores em cronistas adjuntos da coluna. Crescentemente, *A Cidade* passou a abrir espaço para manifestação acerca das diversas questões da vida urbana, publicando a correspondência enviada à seção, acompanhada ou não do comentário do escritor. A maioria destes “colaboradores” reportava questões locais e expandia o alcance dos temas abordados, buscando fazer representar seus próprios interesses e opiniões. Com o aumento da demanda de leitores pela divulgação de suas cartas, Callage passou a resumir seu conteúdo, ou a publicar trechos curtos delas: “Infelizmente, a extensão de umas, a inconveniência de outras, obrigam-nos a resumi-las, a seguir com os comentários que julgamos cabíveis” (09/01/1930).

Um dos aspectos curiosos deste intercâmbio entre o cronista e os leitores é que nem sempre suas opiniões convergem. Especialmente à medida que passa a receber uma correspondência mais volumosa, as trocas de farpas entre o jornalista e os leitores vão se tornando

mais frequentes, motivadas pelo desejo do cronista de manter a coerência temática da coluna ou por divergências quanto às sugestões e pedidos apresentados pelos leitores. É o caso de uma carta que solicita espaço na coluna para a publicação de versos românticos: “Vê-se que o distinto moço tem grande inclinação para o ridículo. Francamente, não lhe louvamos a especialidade” (09/01/1930). Ou, ainda, a carta assinada pelo “paladino da moralidade”: “O seu pseudônimo é positivamente chato. Dá ideia de qualquer coisa dez mil vezes pior que as ideias e os lugares-comuns do Conselheiro Acácio” (12/02/1930). Outras vezes, as cartas são recebidas entusiasticamente, por apresentarem novos temas ou renovarem alguns já tratados pelo colunista, como no caso da carta de 14 de dezembro de 1927, assim anunciada: “De um espírito fino e cheio de bom senso, que modestamente se oculta sob o pseudônimo de ‘Um amigo da cidade’, recebemos a carta que a seguir publicamos.”

Outras cartas tentam emular o tom irônico tão característico de *A Cidade*, como no caso do leitor que elogia a sujíssima água oferecida pelas companhias hidráulicas de Porto Alegre por sua capacidade de criar imunidade, vacinando a população contra o tifo (25/12/1925). Outro bom exemplo é a hilária carta de uma leitora – que assina “uma artista”, e é atribuída a “uma fulgurante ‘estrela’ das nossas pensões ‘chiques’” – passando-se por uma prostituta em defesa da “liberdade profissional”:

À Rua Riachuelo, principalmente, existem disseminadas por algumas quadras várias pensões “artísticas”. Acontece que as pensionistas, quando se recolhem, geralmente da hora às 4 da madrugada, após seus fulgurantes triunfos nos “centros de arte”, que os há de fama, não o fazem sem certo constrangimento e tudo devido a uma mal entendida tolerância da autoridade: ainda se permite que na supracitada rua morem famílias burguesas a reclamarem a noite para o descanso! Veja que desaforo! (16/12/1927).

Em um único momento na história da coluna seu sentido dialógico e sua vocação para o debate franquearam espaço à polêmica entre leitores. Em questão estava a carta de um leitor publicada em 10 de outubro de 1929, em que este protestava contra os barulhentos foguetes que confeririam “características coloniais” às festas promovidas em Porto Alegre. Callage demonstra sua concordância com a reclamação do leitor, endossando a acusação de atraso ao defender que “a metrópole gaúcha é uma verdadeira aldeia”, advogando pelo silêncio e pela ordem pública. Dois dias depois, entretanto, a coluna abriga a carta de outro leitor que defende o direito das sociedades veteranas de homenagear seus fundadores, o que significava não mais que dar continuidade a suas tradições. A contenda continua com a publicação de nova carta no dia 15 do mesmo mês. Desta vez, Callage decreta seu encerramento definitivo: “Infelizmente a discussão dos dois dignos missivistas está tomando ares de polêmica. Em razão disso vamos parar aqui. Deixemos de lado os tiros e os foguetes, até que a polícia e as posturas municipais resolvam tomar providências a respeito.” (15/10/1929). O silêncio do cronista a respeito da questão, remetida às regulações jurídicas, talvez deva-se à delicada situação que a polêmica evoca: de um lado está o controle da ordem pública dentro dos padrões estritos da racionalidade progressista, que condenava os hábitos tidos como primitivos; de outro, está a percepção do espaço da cidade como um espaço comunitário que deveria ainda zelar pela memória de seus antigos usos e costumes.

As cartas dos leitores ocupam na história de *A Cidade* um espaço considerável, cerca de um quarto do total. No seu último ano de publicação, 1930, o cronista estabelece que as cartas seriam publicadas apenas uma vez por semana, e “de preferência as que tratam de assunto de palpitante interesse público” (24/05/1930). A primeira carta havia sido publicada no dia 6 de maio de 1925, dois meses depois da estreia da coluna, o que leva a crer que, se a publicação de cartas não fazia de fato parte do projeto inicial, foi rapidamente incorporada a ele. Inegavelmente, a publicação dos escritos dos leitores constitui um espaço de interlocução

do cronista com seu público, mas possui também uma outra função: ajudá-lo a preencher o papel em branco. Esta não é uma ilação fortuita, se observarmos a frequência com que Callage toma como assunto a falta de assunto, o que é compreensível quando se leva em conta que a coluna era publicada diariamente.

Relembrando a convivência com Callage, um colega escreveria: “Parece-me que o vejo ainda, curvado sobre o jornal, à procura do assunto – o tormento de todos os dias...”<sup>12</sup>. Ao mesmo tempo, as crônicas sobre a falta de assunto tornam-se mais frequentes nos seus dois últimos anos de atuação em *A Cidade*. Os registros iniciais tratam contrariamente, do excesso de temas. É o caso da crônica de 1º de março de 1926, comemorativa do primeiro aniversário da coluna, uma das melhores manifestações do “programa” do cronista e seu primeiro balanço sobre sua atuação, com seu característico registro modesto – e, comumente, autodepreciativo:

No decorrer de um ano, essa modesta seção não foi uma só vez interrompida. Tantos foram os números que circularam desta folha, quantas foram às vezes que ela apareceu.

Essa assiduidade não lisonjeia o seu autor, muito menos os leitores do *Diário de Notícias*, obrigados a vê-la, monotonamente, desataviada e rústica, entre as cercaduras desta coluna.

A culpa de tudo, entretanto, cabe exclusivamente ao Assunto que não falhou. O Assunto, que é sempre a tremenda dificuldade de todos os que são obrigados dia a dia a escrever em terra pequena, nunca fugiu, nunca escasseou, nunca se distanciou do nosso pensamento. Basta olhar em torno, para qualquer ponto que se busque da cidade, para que ele surja vivo, completo, integral, pedindo, insistentemente, três ou quatro tiras de comentário. É o que temos feito. (01/03/1926).

<sup>12</sup> Artigo assinado por A.G., à página 5 da edição do *Diário de Notícias* de 24 de maio de 1931, dia seguinte à morte de Roque Callage.

A diversidade de temas que compõem a coluna de Callage levou-o, por outro lado, a refletir sobre o processo diário de escolha com que, inevitavelmente, ele se via às voltas. Embora os temas mais comuns da coluna fossem os problemas concretos da vida urbana – especialmente os relativos aos serviços públicos e à administração local – a percepção subjetiva do espaço tinha também lugar garantido, embora a “função social” de temas como este fosse bem menos óbvia. Na crônica de 5 de junho de 1926, encontramos uma manifestação disto, na medida em que o cronista reflete sobre o quão legítimo era, naquele momento, falar da beleza de uma tarde outonal frente à multiplicidade dos aspectos práticos – necessários, mas desagradáveis – que demandavam comentário. O elogio da paisagem tem que ser explicado em face de problemas como o fornecimento de energia elétrica, a incompetência da polícia, o preço da carne, o abandono dos bairros e a criminalidade. No entanto, diz ele, eram raros os dias em que a beleza da tarde tinha força suficiente para afastar o olhar dos “lamentáveis quadros das nossas ruas”.

Ao tentar justificar os devaneios líricos de uma observação da paisagem que se contrapunha às atribuições do cotidiano, a crônica citada acaba por acentuar a gravidade dos problemas de Porto Alegre, que, por final, ocupam um espaço bem maior que o elogio da natureza, que era, afinal, o tema proposto. Muitas outras crônicas, por outro lado, assumirão essa perspectiva subjetivista e lírica sobre o cenário urbano, acentuando o caráter autoral da coluna e expandindo seu significado para muito além do de outras colunas jornalísticas que tratavam de temas cotidianos. Não era, portanto, por falta de assunto que uma bela tarde tornava-se um tema digno de atenção. Pelo contrário, além de ser um tema igualmente valioso, justificava-se pelo próprio desânimo despertado pela observação dos aspectos negativos da cidade (05/06/1926).

A primeira crônica que assume o tema da falta de assunto é a de 3 de maio de 1927, ou seja, no terceiro ano da coluna. Nesta, o cronista

contrasta esse problema com o fato de serem os temas urbanos uma fonte inesgotável. Segundo ele, não se tratava de existirem ou não assuntos, e sim da impossibilidade de encontrar algo específico que despertasse o interesse necessário para a escrita. Há, já neste momento, a manifestação de certo desgaste provocado pela manutenção de uma coluna diária, mesmo levando-se em conta o uso das cartas de leitores: “Há mais de dois anos que aqui estamos, sem interrupção, nesta situação monótona e desesperadora de dar dia a dia um prato novo, uma nova nota aos nossos leitores sobre assunto privativo da *urbs*”. Novamente, a crônica traz à tona a multiplicidade de aspectos urbanos dignos de figurarem na coluna, o que, apesar de aparentemente paradoxal, não é contraditório com a falta de assunto: não se tratava de encontrar sobre o que falar, mas de encontrar em um determinado assunto um nexos discursivo que possibilitasse um fluxo espontâneo e contínuo de ideias: “A pena vacila no papel; desperta, luta, emperra. E nada! Falta qualquer coisa que a faça correr, livre, desembaraçada, em demanda a um determinado ponto.” (03/05/1927).

A falta de assunto e consequente repetição de temas poderiam gerar desinteresse pelo comentário de problemas relevantes, mas já muito batidos. A repetição é, primeiramente, atribuída ao provincianismo da cidade, que limitava os assuntos de interesse (17/08/1927). Em seu estudo da crônica urbana porto-alegrense, Sandra Pesavento demonstrou que a falta de assunto era uma queixa comum no jornalismo local, sendo de fato muitas vezes associada ao que a autora denomina “amargura provinciana”: o pesar frente a uma cidade acanhada que não oferecia atrações suficientes para o exercício da prosa cotidiana.<sup>13</sup> No caso de Callage, entretanto, o uso deste argumento não é frequente.

---

<sup>13</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade*. Visões literárias do urbano. Paris. Rio de Janeiro. Porto Alegre. 2. ed. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002. p. 335-350.

Na crônica acima citada, a dificuldade de encontrar um tema é fruto da dificuldade de superação dos problemas crônicos da vida urbana: a falta de espírito cívico, a inoperância da gestão pública, a ineficiência dos prestadores de serviços e a procrastinação aparentemente infinita de projetos. Em questão estavam não apenas os eventos diários e as mudanças na vida urbana, mas, sobretudo, as continuidades, lamentadas como sinais de estagnação ou de incapacidade de assumir um ritmo de atualização coerente com as expectativas alimentadas pelo avanço de outras cidades.

Frente a isto, transparece o desânimo, como na crônica de 16 de julho de 1927, em que os problemas de saúde da população, derivados da característica instabilidade climática da cidade, são transferidos à própria coluna, que “anda também vai não vai...”. A “falta de assunto” ajuda a explicar não apenas a retomada de temas, mas a eventual – apesar de rara – repetição de crônicas já publicadas ou, ainda mais raramente, a “reciclagem” de textos antigos. É o caso das duas crônicas sobre o espanto causado pela passagem de uma mulher de longos cabelos louros, em plena vigência do corte à *la garçonne*. Entre a primeira, publicada em 26 de novembro de 1925, e a segunda, em 11 de julho de 1928, há em comum personagens, sentenças, peculiaridades vocabulares, e referências literárias e mundanas, embora não sejam as duas crônicas de fato idênticas.

Por outro lado, quando as crônicas são lidas em conjunto e retrospectivamente, percebe-se que a repetição é também um importante recurso discursivo, pois, à medida que os temas vão sendo reiterados, eles próprios se fortalecem. Além disto, ao longo do tempo, o cronista reutiliza imagens, ideias e conceitos que, a cada vez que são retomados, estreitam sua conexão com o leitor. A coluna diária cria, assim, uma espécie de cumplicidade entre o cronista e seu público cativo, aquele capaz de identificar o sentido de recorrências que seriam possivelmente estranhas a leitores desavisados: o “raio

X", o "pauzinho", o "nu artístico"<sup>14</sup>. As repetições ajudam também a definir determinados temas que se tornam objeto de verdadeiras campanhas assumidas pelo cronista: a proteção aos animais de tração, a arborização da cidade com espécies nativas, o bonde noturno, o recenseamento da população. Além disto, determinados personagens urbanos repetem-se e aprofundam a sensação de familiaridade com o universo da coluna: o poeta modernista, os basbaques, os almofadinhas, o gaudério na cidade, os bolinas.

Outro fator que, segundo Callage, determina a falta de assunto é a limitação da temática da coluna aos assuntos locais. Na crônica de 17 de agosto de 1927, o narrador encontra um interlocutor que se encarrega de ajudá-lo a enfrentar a falta de assunto, sugerindo a ele diversos temas: os buracos na rua, a falta de iluminação nos subúrbios, a remodelação urbana. Mas todos eles são tidos como repetitivos, e "não há nada mais intolerável do que a monotonia da repetição". Ao final, o interlocutor sugere a sucessão presidencial, assunto que era uma verdadeira novidade. O tema é rechaçado, uma vez que "não é assunto do município; é assunto do Estado, escapando, portanto, às atribuições desta crônica puramente local". No entanto, o argumento era falso, possivelmente fruto da forma enfática e sempre prolixa com que o autor tratava a falta de assunto. Na verdade, as questões políticas nacionais e estaduais eram temas há muito incorporados pela coluna. A justificativa para isto era simples e recorrente: o cronista nada mais faria do que reportar aos leitores o que ouvia nas rodas de sociabilidade, nas confeitarias e nos cafés da capital, o que legitimava o tratamento do tema.

Durante a Revolução de 1930, e mesmo no período que a antecedeu, Callage engajou-se enfaticamente, e *A Cidade* assumiu os eventos po-

---

<sup>14</sup> Termos utilizados para se referir, respectivamente: aos raios de sol, que à contraluz permitiam visualizar o corpo feminino sob os trajes leves de verão; ao cassetete dos policiais; à moda dos vestidos curtos e fluidos.

líticos como tema primordial, tornando-se uma trincheira através da qual ele difundia seu ânimo revolucionário. O cronista chegou, na coluna de 21 de outubro de 1930, em plena Revolução, a ensaiar o tratamento de temas habituais como as reclamações sobre o serviço de bondes da Companhia Carris e a arrecadação do imposto sobre o comércio e a indústria. Entretanto, ao ver o povo acorrer ansiosamente, ao toque das sirenes que anunciavam as novidades nos painéis dos jornais, acaba mudando de ideia e volta a tratar dos boatos e das manobras de guerra: “nos dispusemos a tratar dos dois assuntos apenas em começo linhas acima, quando uma outra ‘sirenada’ nos chama a atenção. O povo, ansioso como sempre, já está devorando na pedra a última nova” (21/10/1930). As notícias da cidade mais uma vez ficariam para o fim do conflito.

De fato, a Revolução era o assunto palpitante da vida de Porto Alegre. No entanto, seu término em 24 de outubro encontrou o cronista saudoso de seus temas habituais, que não eram os grandes feitos e as grandes inflexões históricas, e sim o corriqueiro dia a dia, o lento processo de construção da paisagem física e humana da cidade:

Palavra de honra que estávamos com saudade de você, – ó cidade amiga!... Mas de você nos seus aspectos triviais de todos os dias: o tráfego de veículos, o aformoseamento urbano, a higiene das ruas, o abandono dos bairros suburbanos, os excessos de velocidade, além de uma infinidade de outros assuntos do dia a dia da *urbs*. Até da gatunagem e dos batedores de carteira – até mesmo do “jogo do bicho” estávamos com saudade, palavra... (28/10/1930).

No entanto, a restrição temática sempre deu motivo a reclamações sobre a falta de assunto: “Se ao menos a gente pudesse falar do Sr. Mussolini, de uma nova revolução no México ou de qualquer ocorrência na China, o problema para o cronista estaria definitivamente resolvido.” (19/11/1930). Mas a percepção do autor sobre a falta de assunto é de veras subjetiva e pessoal, e parece antes refletir

seu estado de espírito e sua disposição a alimentar o espaço que conquistara no *Diário de Notícias* do que qualquer outro propósito. É curioso que, ao fazer o balanço de 1927, ano em que o tema emergiu na coluna, Callage o tenha obliterado completamente, afirmando que “não houve um dia que a matéria-prima nos escasseasse; não houve um momento que tivéssemos dificuldade em adquiri-la neste vasto empório de miscelâneas que é em verdade a nossa valorosa e progressista capital” (03/01/1928). Neste momento, o entusiástico elogio ao desenvolvimento da “metrópole” (termo utilizado pelo autor nessa crônica) não dá lugar a manifestações de desânimo.

O próprio cronista dá a entender que a falta de assunto era, de fato, uma expressão de seu estado de ânimo, ao atribuí-la, por exemplo, ao frio do final de maio, em que “o espírito é que não funciona, e, portanto, não encontra o assunto” (29/05/1929). Uma manifestação bastante peculiar do tema surge em 1º de maio de 1929, quando é publicada uma crônica sobre o poder discricionário dos burocratas, texto que em nada deixa transparecer qualquer problema de falta de assunto. Nas linhas finais, entretanto, ele o invoca, atribuindo o problema, naquele momento, à impossibilidade de sair de casa. A confissão pode ser lida como um pedido de desculpas em face de um texto de resultado talvez insatisfatório para seu autor, ou como fruto de um desejo de comunicar ao leitor as circunstâncias de sua escrita. Esta última postura é nítida na crônica de 29 de maio de 1928, que revela as impressões colhidas através da vidraça, num dia de chuva em que lhe teria faltado coragem de enfrentar o mau tempo. A vida de Porto Alegre é comunicada, então, a partir da perspectiva fixa do observador em seu mirante, “em dias que a gente é como os prisioneiros que olham a vida sempre de um mesmo ponto”.

É possível deduzir que a própria falta de assunto tenha conquistado um lugar no repertório temático de *A Cidade*, uma vez que as crônicas sobre o tema constituem uma espécie de metadiscurso em que a coluna questiona seus propósitos, motivações e condições de

produção. A própria linguagem das crônicas deixar-se-ia contaminar pelo problema, pois a falta de assunto explicaria um dos recursos mais utilizados pelo jornalista, a reprodução de conversas virtualmente ouvidas na rua, no bonde, nos cafés, ou travadas por ele com algum amigo ou mesmo com algum desconhecido que sabia de sua posição na imprensa: “o diálogo – distinto missivista – é a maneira mais cômoda de disfarçar a falta de assunto” (14/05/1930). Através deste tema, é posta em xeque a disposição do autor em manter este “já monótono palmo da coluna, onde uma mesma pena, acanhada e sem brilho, está a pedir substituto que melhor desempenhe tão delicada incumbência” (19/02/1929). No dia seguinte a essa declaração, a coluna (sem assinatura) anunciava o afastamento de Callage, para tratamento de saúde. Seu retorno dar-se-ia, sem alarde, em 19 de abril.

Não havia sido essa a primeira licença do jornalista. Em 5 de fevereiro de 1928, ele próprio anunciara a interrupção de sua assinatura na coluna, que seria escrita por outros jornalistas. A edição seguinte, sem assinatura, cuidou em reafirmar, entretanto, a identificação de *A Cidade* com Callage. A retomada deu-se em 10 de abril do mesmo ano, quando o cronista, lançando mão de sua costumeira analogia política, faz uma avaliação do período, no tom de severa autocritica com que vinha já imprecando contra a “falta de assunto”:

O velho processo, tão antipático nas diversas modalidades da nossa vida política e administrativa, foi aqui bem-sucedido e deu ótimos resultados! O que nos parecia tão condenável em todos os aspectos por que fora do jornal os encarávamos, foi para *A Cidade* uma verdadeira medida salvadora. Cada companheiro que se abancava à mesa para traçar “provisoriamente” o comentário dessa seção, fazia-o de boa vontade e com raro brilho. Ao cronista “provisório” nunca faltaram a beleza do estilo e a atração imediata do assunto. Abençoado regime que nos poupou de um

desagradável esforço cotidiano, e ao mesmo tempo livrou os leitores da monotonia de uma leitura que já se fazia prolongada e irreverente. (10/04/1928).

E, doravante, tudo seria feito para que a seção angariasse novamente o prestígio que ela havia conquistado junto aos leitores. “Assunto naturalmente não nos faltar<sup>15</sup>”, declara enfaticamente, chamando a atenção para o ritmo intenso das transformações do espaço urbano de Porto Alegre.

Em 1930, último ano da coluna, observa-se um número maior de pequenas interrupções da participação de Callage, com a publicação de algumas crônicas que não trazem assinatura.<sup>15</sup> Ao final de agosto de 1930, um colega jornalista reporta o caso jocoso de uma leitora que, não tendo reparado a ausência do característico C. ao final da coluna de 29 de agosto, escrita por ele a pedido do cronista titular, enviou uma carta ao redator reproduzindo trechos da crônica e atribuindo a pouca inspiração à falta de assunto – o que arranca do jornalista substituto um constrangido “muito obrigado...” (31/08/1930). O ocorrido dá bem a medida da intimidade dos leitores de Callage com seu estilo e seus temas, inclusive o da falta de assunto.

Em 11 de janeiro de 1931, o escritor publica a primeira crônica de sua nova fase no *Correio do Povo*, deixando *A Cidade* aos cuidados de outros jornalistas do *Diário de Notícias*. Recordando sua estreia jornalística, diz-se acometido do mal inevitável da carreira das letras: o esforço torturante para realizar algo que estava de antemão destinado a causar desapontamento. Uma nova esperança, prossegue ele, sempre surgia em face de cada desilusão, à medida que a “atração facínora pela letra de forma” absorvia todas as aspirações, como uma meta sempre inalcançável. “Estranho caso esse: quanto mais reconheço a inutilidade desse esforço, mais vontade tenho de prosseguir” (11/01/1931).

---

<sup>15</sup> Isso havia ocorrido em 23/06/1929. No ano de 1930, exemplos de crônicas não assinadas por Callage são as de 22, 23 e 25 de fevereiro, 29 de agosto, e 22 e 23 de outubro.

Compreendem-se as dificuldades da carreira intelectual no Brasil, mas Callage já havia, naquele momento, alcançado sensível reconhecimento público, e é eloquente que esta nova fase seja iniciada com um conjunto de crônicas de viagem pelo interior do Rio Grande do Sul. A série de artigos publicada a partir de 1º de fevereiro esboça um amplo painel da diversidade do estado, em evidente diálogo com a anterior atuação do escritor como cronista urbano e com seu engajamento fervoroso na Revolução de 1930. Seu principal objetivo era avaliar as condições de progresso econômico e social do Rio Grande do Sul, tomando como pontos de referência a iniciativa, a intervenção e o apoio do Estado à iniciativa privada. Estão em debate as condições de comunicação e transporte, a infraestrutura para os setores produtivos e de serviços, o sistema tributário, a relação entre a União e os estados, temas caros àquele momento em que, após a vitória revolucionária, percebia-se que era chegado o momento da verdadeira transformação. Ao colocar-se a serviço do ideal revolucionário, Callage concebe o jornalismo e a política como dimensões comunicantes e cooperantes. Dá exemplo disto o último artigo da série, *Na fronteira*, em que a figura do próprio Getúlio Vargas é mobilizada para o enfrentamento da condição deplorável do transporte ferroviário no sul do estado: cabia ao jornalista tornar pública a realidade, mas cabia ao governo agir sobre ela (17/05/1931).<sup>16</sup> Este seria o último artigo publicado por Callage, que morreu uma semana depois, em 23 de maio. Subscrições e eventos como a “Semana de Roque Callage”, promovida pela Livraria do Globo, fizeram parte de um conjunto de iniciativas para arrecadar fundos para a manutenção de sua viúva e seus dois filhos, mobilizando a imprensa porto-alegrense por alguns meses. A comoção no meio jornalístico dá ensejo à reflexão sobre o legado literário e jornalístico do escritor. Pedro Vergara, Manoelito de Ornellas, Aurélio

---

<sup>16</sup> CALLAGE, Roque. *Na fronteira*. Cacequi – A ponte de Santa Maria, Alegrete – Uruguaiana a B. G. S. *Correio do Povo*, Porto Alegre, n. 114, p. 3, 17 maio 1931. Sobre esta série de crônicas, ver MURARI, Luciana. A configuração do espaço regional nas crônicas de viagem de Roque Callage. *Revista del Cesla*, Varsóvia, n. 15, 2012. p. 29-46.

Porto, Valter Spalding e Vargas Neto são alguns dos intelectuais que vão aos jornais de Porto Alegre prestar-lhe homenagens, e é principalmente como um cultor sincero e espontâneo do regionalismo gauchesco, como um “belicista da nossa tradição”<sup>17</sup>, que ele é elogiado por seus pares.

Quanto às suas crônicas urbanas, as referências são bem menos grandiloquentes. A mais representativa delas foi publicada em *A Cidade* no dia seguinte a sua morte, em uma crônica não assinada em que Callage foi definido como “um colaborador eficiente da remodelação urbana de Porto Alegre, empreendida pela férrea tenacidade de Otávio Rocha” (24/05/1931).<sup>18</sup> O escritor certamente se sentiria lisonjeado ao ver seu nome associado ao do “grande remodelador”. Não por acaso, em alguns momentos Callage havia se referido à sua coluna como uma outra cidade: “Outono, delicioso outono! Ainda és o único encanto desta desenxabida cidade, desta, que aqui diariamente escrevemos e da outra, sobre a qual diariamente falamos...” (24/04/1926). O artifício retórico do cronista revela que ambas, a cidade real e a cidade da crônica são, igualmente, textos que iam sendo escritos e lidos no cotidiano de Porto Alegre.

“Todos os dias são bons e todos os dias são maus. Tudo depende daquele mero estado de alma que o poeta sentiu primeiro para cantar depois”, escreve Roque Callage n’*A Cidade* de 22 de maio de 1928, refletindo sobre a retomada do ciclo semanal em uma sonolenta segunda-feira de nevoeiro em que a preguiça de recomeçar e a expectativa de realização revezam-se na tomada de consciência do retorno à rotina. A recorrência da temática do clima nas páginas de *A Cidade* é a mais eloquente demonstração da busca pelo cronista de criar o sentimento de um espaço cotidiano partilhado entre e com seus leitores. Sem dúvida, trata-se do

<sup>17</sup> Expressão cunhada por um editorial do *Estado do Rio Grande*, e citada pelo *Correio do Povo* em sua edição de 28/05/1931, p. 5.

<sup>18</sup> CALLAGE, Roque. A solidariedade de seus colegas de imprensa e de seus amigos. *Correio do Povo*, Porto Alegre, ano XXXVII, n. 123, p. 5, 24 maio 1931.

assunto que, mais explicitamente, define as circunstâncias ambientais que conformam a vida cotidiana – embora as possibilidades de resposta a estas circunstâncias possam ser bastante diversas. O clima pode ser também o objeto por excelência para representar a sucessão temporal no cotidiano, uma vez que descrevê-lo permite definir como se passou um dia e como este pôde ser vivido, individual ou coletivamente, tanto em termos das condições objetivas da experiência quanto das sensações e estados de espírito inspirados pelo ambiente. Falar do clima é, além disto, o expediente por excelência da abertura de um espaço de diálogo independente de vínculos pessoais e um bom pretexto para dar início a uma conversa que pode, a partir daí, afluír para os mais diversos temas.

No cotidiano da cidade, os rituais da rotina organizam a multiplicidade de trajetórias individuais, dinâmicas corporais e estímulos externos que convergem nos lugares públicos, imprimindo ao tempo-espaço moderno uma aparente previsibilidade. Naturalizando a vivência coletiva, a repetição automática dos gestos e condutas que tornam possível a assimilação do meio urbano ao dia a dia de cada cidadão atua no sentido da manutenção dos arranjos que conformam uma determinada ordem social. Reiterando o comportamento aprendido, a rotina permite renunciar ao pensamento e ao esforço de decisão, e lidar sem (muitos) sobressaltos com a reiterada sucessão de imagens e estímulos sensoriais que permeiam a experiência urbana. Cabe à subjetividade, entretanto, a significação positiva ou negativa, ou, alternativamente, a indiferença em relação aos inúmeros convites que o meio urbano oferece à excitação dos sentidos.

Neste contexto, a passagem dos dias do calendário é preenchida de significados, de maneira que as unidades de tempo – dias, meses, anos, estações – definem-se por meio da reflexão sobre o vivido, de referências culturais e de tradições passadas em revista. Segundo Callage, por exemplo, o mês de maio desvestia-se de toda a mística do passado à medida que entrava em decadência a festa do Divino, enquanto a linguagem poética que havia consagrado suas qualidades perdia o antigo

lirismo. Observa-se, assim, a emergência de uma percepção de que a modernidade teria invadido a própria natureza, perturbando os ciclos climáticos. Nada tem de nova, portanto, a sensação de que não há mais inverno e de que o ciclo natural das estações está irrevogavelmente perturbado em relação a um “antigamente” ideal em que ainda havia constância e previsibilidade – os tempos da modernidade são, de fato, tempos de perturbação de nossa capacidade de ordenamento do mundo tal como até então o compreendíamos.

Oferecemos, através desta coletânea, um mosaico da vida de Porto Alegre em um dos períodos mais dinâmicos de seu processo de atualização. Isto diz respeito, certamente, à remodelação urbana que conferiu à cidade alguns de seus mais característicos espaços, mas também compreende a observação das possibilidades oferecidas por ela, como um lugar onde se exercitam novas formas de viver em grupo, de experimentar a liberdade e de criar, cotidianamente, um sentido moderno de comunidade. Este sentido depende não apenas de aprender a compartilhar um espaço, mas também envolve a tarefa de escrever, cotidianamente, a narrativa das repetições automáticas e das peripécias semi-heroicas de seus cidadãos, que encontraram em *A Cidade* um paradoxal diário íntimo, tão pessoal quanto coletivo.

No capítulo 4, o primeiro deste volume, Roque Callage demonstra seu entusiasmo pelos trabalhos de reforma urbana empreendidos pela Intendência Municipal. Depois de décadas em que a manutenção do orçamento equilibrado tivera precedência sobre a contratação de grandes obras públicas, a capital passava por transformações que pareciam, finalmente, inseri-la no movimento de reorganização do espaço urbano experimentado pelas cidades latino-americanas, em diferentes graus de intensidade, sobretudo a partir do final do século XIX. No que diz respeito às reformas urbanas, Callage foi um entusiasta de primeira hora, acompanhando com ansiedade os projetos do poder público, apresentando sugestões e críticas, e in-

terpondo-se à ação dos agentes públicos e privados. Nesse processo de sincronização da capital gaúcha com a modernidade urbana, o cronista mostra-se firmemente engajado na formação de uma opinião pública participante e exigente. Apesar do sentimento de que algo importante havia sido conquistado, essa modernização encontrava, entretanto, diversas limitações. O desejo de ampliação de seu escopo, manifestado pela coluna, contribuía para comprometer os cidadãos com a imaginação de uma Porto Alegre afinal “moderna”.

As crônicas do capítulo 5 tratam da sociabilidade urbana, da vida cultural e artística, do esporte e do lazer. Os momentos de ócio proporcionavam aos moradores da cidade o desejado refrigério na “luta pela vida”, abrindo espaço para novas formas de viver coletivamente o ambiente urbano. Naquele momento em que os inocentes entretenimentos promovidos no âmbito da família e da vida religiosa cediam um espaço cada vez maior para a experiência da esfera pública, duas grandes paixões coletivas eletrizavam o grande público: o cinema e o futebol. O cronista, embora tocado por elas, mantinha seus deveres de membro da elite cultural, oferecendo espaço generoso em sua coluna para promover manifestações artísticas eruditas, como o teatro clássico e a música de concerto. Ao mesmo tempo, assumia os deveres de educar a população e de incentivar sua participação na vida artística de Porto Alegre. Em comum, a arte, o esporte e a cultura de massa forneciam aos habitantes da cidade prazer, alegria, sedução e drama, ou seja, o necessário alimento para o sonho naquela turbulenta segunda metade da década de 1920.



#### 4. A ALDEIA SE FEZ CIDADE, E A CAPITAL SE FEZ METRÓPOLE: ATUALIZAÇÃO, REMODELAÇÃO E EMBELEZAMENTO URBANO

Opondo-se abertamente, como escritor, ao modernismo das vanguardas literárias “futuristas” de São Paulo, Callage definiu-se muitas vezes como um “passadista”, mas seu entusiasmo pela atualização urbana de Porto Alegre consagrava-o como um arauto da modernização da cidade. O sonho de uma capital moderna foi acalentado por Roque Callage durante todo o período em que assinou *A Cidade*, de forma que o escritor se tornou um porta-voz do espírito reformador que alimentava o projeto de conversão de uma “aldeia” em “metrópole”. A coluna acompanhou as reformas urbanas em curso no cotidiano das expectativas nutridas pelos cidadãos, de seus embaraços técnicos e financeiros, das perturbações da rotina e do impacto das transformações infraestruturais no dia a dia da cidade.

A ideia do “moderno” não representava, naquele contexto, apenas a criação de um espaço urbano tecnologicamente atualizado e modelado de acordo com os traços amplos e racionalizados das grandes cidades paradigmáticas, mas também o veículo de um ideal estético. A velha cidade é acanhada, tortuosa e anti-higiênica, e constitui a antítese de um modelo de beleza capaz de acolher um sentido do “novo” que incorpora significados culturais, mas privilegia o harmônico, o racional e o utilitário. Nesse sentido, *A Cidade* alimenta muitas expectativas sobre o parque da Redenção, localizado na antiga Várzea, campo onde eram estacionadas as carretas que chegavam à capital

e que nela reproduziam constrangedoras cenas pampeanas. A transformação, ainda que não atendesse inteiramente aos propósitos do cronista – que privilegia a função das árvores de amenizar o calor do verão em detrimento do luxo das formas ajardinadas – era, de qualquer maneira, um marco na criação de um espaço público capaz de dar suporte à sociabilidade moderna e criar novas gerações mais afeitas ao ar livre, ao esporte e ao convívio civilizado.

As crônicas de Callage podem ser lidas como um diário das reformas urbanas empreendidas na capital entre 1925 e 1930. Logo de início, o cronista exercita seu “passadismo” ao anotar o quanto esse processo tinha de destrutivo, não apenas em função da transformação dos espaços tradicionais – como a praça 15 de Novembro, outrora um refúgio no coração da cidade –, mas também porque os modos de vida haviam sido de tal forma modificados que os espaços públicos assumiram novas formas e funções. A postura nostálgica em relação à Porto Alegre antiga não implica, entretanto, qualquer questionamento das diretrizes do progresso urbano, visto como uma força superior e um imperativo de sobrevivência. Exceto quando em questão estava uma suposta deterioração moral, o lamento pela perda de um passado cada vez mais distante conduz o cronista a uma curiosa combinação em que o saudosismo parece ser veículo do entusiasmo modernizador, ao reafirmar e consagrar a distância em relação aos velhos tempos. Resquícios do passado poderiam ser cultuados e realocados dentro dessa nova ordem, mas não possuíam precedência.

Com a passagem dos anos, intensifica-se o sentimento de que as mudanças no ambiente urbano haviam sido de fato radicais: a instalação do sistema de iluminação elétrica, a ampliação e o aperfeiçoamento da pavimentação de ruas, o abastecimento de água tratada e abundante. Essa perspectiva alvissareira é, em geral, despertada pela comparação entre a cidade do início dos anos 1920 e a do fim da década. A primeira não podia exibir ao forasteiro mais

do que constrangedoras visitas aos espaços públicos mais célebres, que, quando não totalmente repulsivos, não contavam com nenhum atrativo. Ao final, na ausência de qualquer símbolo de civilização, restava apenas expor a paisagem natural do Guaíba e das ilhas, ou seja, voltar as costas para a cidade. A capital remodelada, esta sim era digna de ser ostentada como uma conquista humana. No entanto, o balanço dos projetos e a comparação com outras capitais alimenta, até as últimas crônicas, uma inegável frustração. Afinal, o ritmo de concretização da cidade moderna imaginada era muito lento, e a multiplicidade de projetos alimentava o sentimento de que, por muito que se tenha feito, faltava ainda mais a conquistar, levando-se em conta que grande parte dessas mudanças limitava-se, de início, à região central da cidade, e, secundariamente, à rua Independência e à avenida Redenção.

Ali, onde mais visível era a intervenção governamental na transformação do espaço, um processo ainda lento e incipiente de verticalização parecia modificar radicalmente a paisagem urbana, ainda que esse modelo de desenvolvimento predial fosse tido pelo cronista como incoerente com as características espaciais de uma cidade como Porto Alegre. A observação dos modestos “arranha-céus” da cidade evidencia, entretanto, que o próprio escritor deixou-se seduzir pelo fascínio dessa inserção urbana no ritmo acelerado das transformações da vida moderna, sobretudo daquelas que garantiam aos moradores da cidade confortos até então acessíveis a poucos, como a iluminação pública, o abastecimento de água potável e a disponibilidade de energia elétrica, benefícios da modernidade que proporcionavam experiências simplesmente mesmerizantes.

Grande parte dessa remodelação estava ligada à realização de mudanças na rede viária da capital de maneira a favorecer o ritmo intenso de circulação de pessoas e mercadorias característico de uma sociedade capitalista. Nesse contexto, as pessoas se transformavam, e passavam a ter uma relação mais próxima com a máquina, notavel-

mente com os automóveis particulares e os veículos de transporte público, ingredientes indispensáveis à vida da cidade, e um de seus maiores fatores de perturbação. A intensificação do trânsito demandava um gerenciamento rotineiro dos fluxos urbanos, mas também projetos de longo prazo capazes de ampliar o espaço de circulação, vencendo o afunilamento do trânsito no centro da cidade. No caso de Porto Alegre, a obra mais emblemática desses grandes esforços de transformação foi certamente a atribulada construção do viaduto Otávio Rocha e da avenida Borges de Medeiros, temas recorrentes nas crônicas de Callage, observador cotidiano dos progressos e das interrupções da obra, aparentemente malfadada desde o batismo, em sua leitura de opositorista.

Compreende-se, por outro lado, que num momento de intensa demanda de atualização do espaço urbano a expectativa do cronista fosse o desdobramento do processo de remodelação para além dos estreitos limites do centro da cidade, alcançando os bairros que, segundo ele, haviam se desenvolvido exclusivamente pelo espírito empreendedor dos cidadãos. Naquele momento, mesmo bairros da elite padeciam com a falta de saneamento básico e iluminação pública. O processo de expansão e aprimoramento dos melhoramentos urbanos seria bastante lento, e mais ainda sobretudo nos arrabaldes, nessa “outra Porto Alegre” que o cronista se esforça para inserir no debate público. Torna-se, assim, porta-voz das demandas de atualização dos bairros industriais da zona Norte, observados em suas dinâmicas, particularidades e padecimentos representados, principalmente, pelo elevado risco de alagamentos.

Apesar do espírito crítico e do tom tantas vezes sarcástico com que interagia com o cenário porto-alegrense, Callage deixa-se contaminar pelo entusiasmo pelas reformas urbanas que, afinal, teriam convertido o arraial em metrópole, em um processo atribulado e acidentado, mas que parecia ter revolucionado o espaço urbano naquela segunda metade dos anos 1920. Essa transformação do

espaço urbano de Porto Alegre teve por “patrono” o intendente Otávio Rocha, cuja morte precoce contribuiu para a fixação de seu título de “grande remodelador”, a quem a coluna constantemente prestou tributo, reconhecendo o erro de ter anteriormente dedicado a ele palavras de censura e descrença. A celebração da figura do intendente potencializava uma reiterada percepção de que a oportunidade de mudança dependia, acima de tudo, de um espírito resoluto e enérgico. Testemunha e ator desse processo, o cronista apresenta um saboroso registro do impacto emocional e sensorial das inovações modernas sobre aqueles que testemunharam, em curto espaço de tempo, transformações tão significativas, que pareciam ter despertado definitivamente a cidade de seu sono provinciano de memória ainda tão recente.

#### *1º de março de 1925*

A transformação por que vai passando pouco a pouco Porto Alegre tem feito desaparecer do coração da *urbs* alguns de seus antigos aspectos tradicionais.

Um deles, por exemplo, a velha praça da Harmonia<sup>1</sup>, agora destruída pelos blocos de pedra, pela atividade civilizadora das obras do cais do porto.

Há quem recorra à enternecedora poesia melancólica daquele recanto, onde a sombra de suas árvores, debruçadas sobre o rio, se refletia, por noites de luar, no espelho tranquilo do Guaíba.

Sob a carícia dos velhos plátanos e das velhas figueiras esguedelhadas, quantos segredos, quantos mistérios, quanta coisa se disse; quanto plano se tramou... Era ali então que muitos dramas da vida tinham o seu início ou o seu desfecho, idílios inocentes, cenas de

---

<sup>1</sup> Praça da Harmonia: atual praça Brigadeiro Sampaio, localizada no Centro Histórico, entre as ruas dos Andradas, Siqueira Campos, General Portinho e Presidente João Goulart.

amor, aventuras perigosas, algumas perigosíssimas, todos os pequenos arrebatamentos das paixões humanas encontravam por entre o sombreado das árvores, sobre o recosto do gradil do pequeno cais primitivo, um ponto romanticamente aprazível, propiciatório, por certo, dos escaldamentos impetuosos do coração.

Não só por aqueles emprestava a sua solidariedade o velho passeio público já extinto.

Também os desiludidos do amor e da existência encontravam no local o seu refúgio, a sua renúncia definitiva. Assim, não eram raros ali os suicídios. Alta noite, quando a bulha da cidade diminuía, quando se extinguiu por completo o movimento das ruas, os desesperados da vida, munidos de competente frasco de veneno ou de corda, iam pedir à velha praça erma a paz imperturbável que lhes faltava.

Alguns faziam “fita”; outros, porém, se matavam de verdade, o que não é difícil quando a disposição é firme e a arma não nega fogo.

Árvores e bancos, amores e suicídios, tudo isso agora desapareceu.

Já não mais a alavanca, mas o desanimado machado do progresso vai golpeando, destruindo e derrubando com tudo, deixando que apenas sobreviva na ternura dos espíritos emotivos – a reminiscência e a saudade...

#### *4 de março de 1925*

Durante algum tempo os nossos chafarizes abandonados foram alvo da atenção pública. Tão grande e tão momentoso foi esse acontecimento, que por vezes tivemos a impressão de que o ato ia alterar radicalmente os destinos da cidade.

Mais do que uma questão local, a questão dos chafarizes tomou proporções maiores e escapou por um triz de ser um episódio nacional.

Sobre suas bacias e piscinas, sobre seus encanamentos e torneiras, sobre seus lavores e entalhadoras de arte, choveram ideias e comentários, choveram opiniões torrenciais. Só eles permaneceram

secos e emperrados, sem uma gota d'água, secos como a própria seca que então se sobressaltava.

O rebuliço, entretanto, continuou por alguns dias. Era um sério problema que a municipalidade tinha a resolver na sua nova fase de melhoramento e de impostos...

Depois a questão morreu. Os chafarizes ficaram, de novo, esquecidos e sem água. Ali mesmo, ao lado da Intendência, na praça 15 de Novembro, existe um dos ditos, que há vinte e cinco anos pede os cuidados de quem tiver o bom gosto de fazê-lo funcionar. É o único, a nosso ver, que tem algum mérito. Pela sua instalação já pronta, pelo local em que está situado, pelas suas figuras e relevos, por tudo, enfim, que o trabalho apresenta, em conjunto, merecia as honras de entrar na sua verdadeira função de chafariz: gotejar água. O governo municipal não se desinteressou pelo caso e mandou submetê-lo a um estudo demorado e sério. Lá esteve então um engenheiro das obras públicas vendo-o e observando-o, e, depois de observar e ver, concluiu por condená-lo à *secura eterna*, sob pretexto de que o monstro, como aquele famoso gigante aquático do Peloponeso<sup>2</sup>, absorvia muita água e seria capaz de secar o Guaíba.

E assim os míseros chafarizes da cidade retornaram à sua inutilidade habitual.

*22 de abril de 1925*

Em matéria de construção predial, Porto Alegre tem avançado bastante. A sua edificação vai aos poucos perdendo o antigo estilo da época antediluviana, aquele horrível aspecto das construções chamado de "estilo colonial", que de resto era o feito característico, o traço arquitetado predominante em todo o Brasil, com exceção

---

<sup>2</sup> Alusão a Caribde, monstro marinho da mitologia grega que absorvia água durante o dia, devolvendo-a na forma de um turbilhão que mantinha o mar agitado.

apenas do Recife, onde o período áureo de Maurício de Nassau<sup>3</sup> acentuou, através das residências principescas da sua corte, um pouco de singela graça da arquitetura holandesa.

Fora disso, o modelo obedecia a um tipo único, do qual nós aqui usamos e abusamos até bem pouco, chegando mesmo às raíais da monotonia.

Se bem que no estilo das nossas construções haja uma farta mistura de todos os estilos, desde o petulante capacete do ex-Kaiser<sup>4</sup> até o conhecido charivari<sup>5</sup> arquitetural do *Petit-Casino*<sup>6</sup>, desde o arremedo mourisco até as linhas berrantes do gótico falsificado – se bem que se note em tudo isso uma empulhada<sup>7</sup> dos mil demônios, ainda assim temos adiantado alguma coisa em matéria de gosto, se compararmos, pelo menos, a época de hoje com a de 20 anos atrás.

Alterosos e belos edifícios, quer públicos, quer particulares, já se erguem pelo centro da cidade, mostrando o nosso avanço na arte do bom gosto, sem falar nas linhas impecáveis e majestosas do palácio presidencial<sup>8</sup>, indiscutivelmente a mais bela construção do estado e uma das melhores do Brasil, pela sua sobriedade e austeridade.

---

<sup>3</sup> Maurício de Nassau (1604-1679): nobre de origem germânica e holandesa que governou a colônia holandesa no Recife entre 1637 e 1644.

<sup>4</sup> Formato de cúpula arquitetônica assimilado ao capacete militar característico do exército alemão nos séculos XIX e XX, e que simbolizou a figura do Kaiser Guilherme II durante a Primeira Guerra Mundial.

<sup>5</sup> Charivari: do francês, barulho, confusão, desordem, tumulto.

<sup>6</sup> *Petit-Casino*: cineteatro localizado na rua dos Andradas, em frente à praça da Alfândega, construído entre 1912 e 1916 por seu proprietário e arquiteto, Antônio Ferreira Tavares. A particularidade da construção estava nos conjuntos escultóricos que decoravam sua fachada, que davam a ela um aspecto excêntrico. In: SIMÕES, Júlia. *A Sala Beethoven* (1931-32): música e cultura em Porto Alegre. 2008. 116 p. Monografia (Graduação em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2008. Disponível em: [https://www.academia.edu/717375/A\\_Sala\\_Beethoven\\_1931\\_32\\_m%C3%BAsica\\_e\\_cultura\\_em\\_Porto\\_Alegre](https://www.academia.edu/717375/A_Sala_Beethoven_1931_32_m%C3%BAsica_e_cultura_em_Porto_Alegre). Acesso em: 10 fev. 2021.

<sup>7</sup> Empulhada: enganação.

<sup>8</sup> Palácio Piratini: edifício-sede do governo estadual, projetado pelo arquiteto francês Maurice Gras. Sua construção foi iniciada em 1909, e, a rigor, apenas integralmente concluída nos anos 1970. In: LACAVA, Adriana. *Palácio Piratini*: dos projetos à concretização do sonho

Onde, porém, se observa maior número de belas construções é fora da zona central da cidade. Nos arrabaldes, principalmente, é que se apresentam magníficos prédios, lindas vivendas de estilo, elegantes palacetes reveladores de um grande progresso na arte, de uma delicadeza de linhas que admira e impressiona.

Como é natural, nem todas as edificações seguem a mesma plana em que se colocam as mais belas.

Há edifícios feíssimos, verdadeiros aleijões e monstrenços, que tudo devem à arte e ao gosto. Mas são poucos, felizmente. O que se observa é uma sensível melhora nas construções em geral.

Dos muitos defeitos que se notam nos edifícios construídos ou em vias de construção no centro da cidade, alguns devem ser apontados neste reparo desprezioso e ligeiro, o que faremos em *A Cidade* de amanhã.<sup>9</sup>

#### *24 de maio de 1925*

Como sabem os leitores, a nova administração municipal<sup>10</sup> tem em mira executar vários projetos que dizem respeito aos melhoramentos da cidade, coisas de que ela está realmente necessitando em abono do seu próprio nome, de seus foros de capital de um estado grande e próspero como é o Rio Grande.

Se se tornarem de fato uma realidade esses projetos, já não queremos todos, mas uma parte deles, Porto Alegre tomará outro

---

republicano. 2002. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2002.

<sup>9</sup> *A Cidade* de 23 de abril de 1925 não trata, no entanto, dos padrões arquitetônicos em vigor, mas sim da conservação dos prédios públicos.

<sup>10</sup> Alusão à gestão do intendente Otávio Rocha, militar, engenheiro e jornalista nascido em 1877. Faleceu em 27 de fevereiro de 1928, ainda durante seu mandato como intendente municipal de Porto Alegre, iniciado em 1924.

impulso, outra vida, outro aspecto, será, enfim, uma cidade como merece ser.

Não temos dúvida sobre as boas intenções do poder municipal. Concordamos mesmo que ele está animado por uma energia decidida capaz de levar o bom termo de tudo o que se prometeu para Porto Alegre. Entretanto, notamos, através das próprias informações oficiais divulgadas pela imprensa a propósito do que se pretende fazer, um fato deveras curioso: a Companhia Força e Luz<sup>11</sup> (sempre ela!) é o maior entrave à execução desses melhoramentos. Cada pedra que se quer mover, cada trilho que se quer arrear ou cada rua que se quer abrir, está a Força e Luz de permeio, opondo os mais sérios embaraços e as maiores dificuldades. Ela! Sempre ela! Nada se pode fazer aqui que de pronto não surjam os obstáculos criados pela maldita e desconjuntada Companhia.

Completamente inútil nos seus fins de bem servir o povo, por intermédio do seu chefe principal, procura ainda por cima retardar o progresso da cidade, embaraçando, dificultando tudo o que aqui se pretende fazer.

Entendemos nós que a Intendência não tem, porém, de dar contas à Força e Luz daquilo que deseja realizar em benefício da cidade. Recuar diante de seus melindres seria pactuar com todas as vergonheiras de que ela é capaz em matéria de retrocesso, de atraso, de ciganice e de avareza.

Acreditamos que a Intendência não levará em conta os seus amuos suspeitos e prosseguirá nos seus planos de melhoramentos,

---

<sup>11</sup> A Companhia Força e Luz Porto-alegrense passou a atuar a partir de 1906, quando assinou contrato com a Intendência Municipal para a operação dos serviços de transporte por tração elétrica na capital. Originou-se da fusão das duas companhias que até então operavam o transporte por bondes na cidade: a Companhia Carris Porto-alegrense, fundada em 1872, e a Carris Urbanos de Porto Alegre, fundada em 1891. Em 1926, teve seus ativos adquiridos pela Ceerg (Companhia de Energia Elétrica Rio-grandense, criada em 1923), e passou a se chamar Companhia Carris Porto-alegrense. In: AXT, Gunter. Panorama da participação da iniciativa privada nacional no setor elétrico do interior gaúcho (1889-1947): contribuições para o estudo do patrimônio industrial urbano. *História em Revista*, Pelotas, v. 4, p. 63-94, 1998.

realizando-os em benefício de toda uma população cansada de esperar.

Se o futuro de Porto Alegre depender da Força e Luz, estamos desgraçados! Não pode haver considerações com quem não é digno de merecê-las. Qualquer condescendência para com a horrível companhia colocaria a nossa edilidade numa situação desagradável, tornando-se até suspeita perante o público.

Tranquilos, nesse ponto, esperamos que o poder municipal leve a cabo as suas promessas de melhoramentos, com a Força e Luz ou sem a Força e Luz.

### *28 de maio de 1925*

A praça 15 de Novembro<sup>12</sup> está finalmente condenada a desaparecer, e com ela estão finalmente condenadas as lindas árvores que a ornamentam e que a enchem de sombras e suavidade no verão. Reclamamos insistentes de um novo plano de remodelação da cidade impõem essa medida extrema, que vem roubar de Porto Alegre um dos mais atraentes e um dos poucos logradouros públicos que a capital possui. Em substituição, ali teremos um pequeno largo ajardinado e um jardim à inglesa no terreno lateral ao Mercado, onde foi noutros tempos a doca. Lucrará com isso a população? Não o sabemos. Talvez lucre, talvez não. O fato é que as árvores serão em breve derrubadas e nunca mais substituídas. Impossível seria transplantá-las e integrá-las noutro ponto, com a mesma formosura e viço que, de agora, representam dezenas de anos de cuidado e de crescimento.

Vão abaixo, portanto, a poder do machado, com aquela mesma fúria destruidora que dizimou as outras companheiras tradicionais

---

<sup>12</sup> Praça 15 de Novembro: praça fronteira ao Paço Municipal, atualmente delimitada pelas ruas Sete de Setembro e Uruguai, e pela avenida Borges de Medeiros.

da antiga praça da Harmonia. Mas não temos feito outra coisa senão destruir as poucas árvores que possuímos. De várias praças, na administração passada, foi uma parte abaixo. Vai outra agora: irão todas depois, e assim, pouco a pouco, irão desaparecendo todas as árvores de Porto Alegre.

Em qualquer outro lugar, a árvore é um símbolo quase sagrado da vida; aqui, pelo contrário, é uma dádiva única que se cultiva para o fogo. As paineiras da praça 15 de Novembro, os próprios plátanos, as lindas timbaúvas, os pinheiros-da-índia, as acácias, além de outros exemplares de essências ornamentais que ali existem, levaram anos e anos a crescer, a se desenvolver, alguns mesmos plantados ao tempo que aquele local era a praça Conde d'Eu<sup>13</sup>, de saudosa lembrança.

Agora, rapidamente, a golpes certos de machado vai tudo abaixo, tudo por terra!...

Como um ente querido que se perde para sempre, assim, daquele local ficará apenas a lembrança, lembrança viva, saudade profunda, quando o calor abrasador do verão nos der a certeza que não teremos mais ali sob aquelas belas e copadas ramarias a frescura e o refrigério das sombras protetoras. Em compensação, se o projeto não falhar, teremos jardins à inglesa que vão ser mesmo uma delícia nas horas intensas de calor...

Depois, que diabo! O nosso clima no verão é tão parecido com o da Inglaterra... Por conseguinte, pra que árvores?

### *14 de junho de 1925*

Amparados na forte celeuma que há tempos se levantou com o nome de “questão dos chafarizes”, é que ousamos lembrar aqui uma

---

<sup>13</sup> Praça Conde d'Eu: antiga praça do Paraíso. Recebeu essa denominação em 1869, após a inauguração do novo edifício do Mercado Público. Com a Proclamação da República, seu nome foi alterado para praça 15 de Novembro.

ideia à municipalidade, preocupada como parece estar esta, agora, em dotar a cidade de alguns merecidos embelezamentos, como nalguns pontos já se observa, inclusive à frente do Paço Municipal.

Ali está, por exemplo, na praça 15 de Novembro, um belo chafariz. Já de uma feita, por esta mesma seção, escrevêramos algumas linhas exaltando o trabalho de arte que ele realmente representa no seu conjunto e lamentando o seu completo abandono através dos anos.

Nada mais justo agora do que fazê-lo funcionar. Ele está mesmo a pedir um pouquinho de cuidado e de despesa, quase insignificante, em relação apenas à desobstrução e desenferrujamento dos seus canos condutores d'água. Deixá-lo tal como está é contribuir para que aquela obra se estrague por completo, ali ficando como um trambolho inútil ao lado de outro trambolho ainda maior, que é o quiosque<sup>14</sup> e que, como se sabe, ocupa grande extensão da praça, já por si só muito acanhada.

Poderão os bons amigos do chope, dentre os quais se conta quem escreve estas linhas, entender que, a ter que sair dali por inútil, que saia então o velho chafariz. É verdade que o primeiro nos dá líquido, embora a preço pouco amável, e este último nem mesmo uma gota d'água para regalo<sup>15</sup> de sua piscina ressequida pelos anos. Mas, a escolher entre os dois, ninguém por certo deixará de votar pela permanência do chafariz. Claro está que, a ter esse que ficar seco, muito mais útil então será o quiosque. Assim entendem os seus numerosos amigos, que H. C. teve há dias a gentileza de nos apontar em carta, e cujos nomes aqui, mais uma vez, omitimos.<sup>16</sup> A municipalidade, porém, é que não pode vacilar na escolha, se é que para não fazer funcionar o chafariz ela encontra justificativa no tamanho acanhado da praça.

---

<sup>14</sup> O cronista se refere ao Chalé da Praça XV, localizado no Centro Histórico de Porto Alegre, ainda em funcionamento. Foi fundado em 1885 como um quiosque de venda de sorvetes, tendo passado por várias reformas.

<sup>15</sup> Regalo: presente, mimo, donativo.

<sup>16</sup> Carta publicada na coluna de 9 de junho de 1925, em defesa do barateamento do chope.

Assim como têm permanecido ali, até agora, duas coisas, sendo uma útil e outra inútil, pode a Intendência também tornar ambas úteis, uma embora sob um ponto de vista restrito, outra sob um ponto de vista geral.

E, com isso, lucram os amigos do chope, e os que, não querendo gozar o chope, desejam, entretanto, gozar o embelezamento da cidade.

Podem, perfeitamente, os dois continuarem no mesmo local, desde que o chafariz funcione. Do contrário, teremos ali o permanente protesto da água, que não vem, contra a cerveja que vem, muito embora custando mais caro...

### *8 de agosto de 1925*

O alto existente entre o extremo da rua Independência e a Floresta<sup>17</sup>, ali pelas proximidades onde está situada a Caixa d'Água<sup>18</sup>, era há bem pouco um árido coxilhão com barranqueiras enormes que ofereciam caídas para dois pontos diferentes da cidade: para a rua Cristóvão Colombo, de um lado, e para a zona próxima à rua Mostardeiro, do outro.

Nada de prometedor e nada de extraordinário tinha o local. Apenas uma linda paisagem se descortinava do alto: era o espelho líquido do Guaíba, faiscando ao sol, com o seu amontoado de ilhas maravilhosas e verdejantes. Afora isso, nada mais chamava atenção naquele morro a não ser os conflitos e desordens que ali eram constantemente registrados altas horas da noite, isso porque o ponto, pelo seu deserto e abandono, tornava-se aprazível e propício ao exercício das desordens e badernas.

<sup>17</sup> Referência ao bairro Floresta ou à rua da Floresta, nomeada a partir de 1892 rua Cristóvão Colombo.

<sup>18</sup> Caixa d'Água: nome pelo qual eram conhecidas as instalações da Companhia Hidráulica Porto-alegrense, instalada no bairro Moinhos de Vento a partir de 1904, depois da aquisição da Companhia Hidráulica Guaibense pela Intendência Municipal.

O tempo, porém, foi-se passando. Começaram a se construir as primeiras casas no morro de São Manuel (este é o nome tradicional daquele local)<sup>19</sup>, enquanto outras e outras mais se projetavam. Rasgaram-se, então, as primeiras ruas, e, dentro de pouco, todos os terrenos já estavam divididos em lotes. Foi rápida e surpreendente a transformação.

Hoje, o morro de São Manuel é um dos bairros mais aristocratas da cidade, vendo-se ali ricos e elegantes edifícios, vivendas admiráveis, instaladas com o cuidado e o conforto estrangeiros dos seus abonados proprietários. Não são dois nem três, mas uma infinidade de vistosos prédios particulares que ali vão surgindo com acentuado gosto, em pontos vários do local. À maneira que essas construções se prontificam, as ruas vão surgindo também perfeitamente alinhadas e calçadas, tornando, portanto, mais aprazível, mais visitado, mais valorizado o novo bairro da cidade, e onde se tem, para completar a boa impressão que de tudo ali se recebe, o quadro pitoresco de uma encantadora paisagem.

E, se a municipalidade quiser completar a obra da iniciativa particular, é só mandar policiar e iluminar convenientemente como merece o lindo bairro.

É só, por enquanto, o que falta. E é tudo.

*18 de outubro de 1925*<sup>20</sup>

É curioso notar como vão pouco a pouco os carros<sup>21</sup> particulares e de praça desaparecendo da circulação da cidade.

Há dezoito anos, se tanto, eram os únicos veículos que tínhamos na capital. Daí para cá, à maneira que os automóveis começaram a surgir, matando gente como ainda matam – e matam cada vez mais –, os carros começaram a diminuir, quase que a

<sup>19</sup> Região onde se localizavam a igreja e o antigo arraial de São Manuel.

<sup>20</sup> Esta crônica foi parcialmente reescrita e republicada na coluna de 29 de julho de 1927.

<sup>21</sup> Carro: no contexto, coche, carruagem ou veículo assemelhado, de tração animal.

desaparecer por completo. Foram-se assim os coches de luxo, as “vitórias” e “landaus”, finamente cuidados. E com eles foram-se também as finas parelhas puxadoras, animais de sangue e raça, que de ordinário mostravam, pelas ruas acidentadas e mal calçadas, o garbo impressionante de suas andaduras.

Todo o prazer do proprietário cuidadoso, do bom e amável burguês apatacado, era possuir um vistoso carro, puxado por ótima parelha. Porto Alegre inteira tinha nesses veículos o seu único meio de transporte. Somente carro era o que se via por toda a parte, cruzando em todas as direções.

Quando surgiram depois os dois ou três primeiros autos da cidade, houve por tudo um momento de espanto, uma grave ameaça à tranquilidade da *urbs*. Outros vieram depois, e mais outros e outros surgiram, até chegar ao estado a que chegou a locomoção entre nós: mais de mil autos correm agora por toda a cidade, uns guiados por choferes prudentes e cuidadosos, outros por habituais atropeladores de transeuntes descuidados.

Com isso, como era de se esperar, quase que desapareceram da praça os carros. Poucos são os que ainda se veem em determinados pontos. O requinte da civilização atual, o triunfo admirável do *Dodge*, do *Fiat*, do *Ford*, que por toda parte se esgueira barulhento, estão por dar a última pá de cal ao carro de tração animal, à mísera aranha<sup>22</sup> que, nos domingos como o de hoje, levava a gente da cidade para as chácaras, para os passeios fora, para a quietude convidativa dos arrabaldes.

Tão grande e tão forte foi a mudança que os boleiros de ontem são hoje os choferes.

Não os venceu o meio, entretanto: adaptaram-se a ele por contingências naturais da própria vida.

---

<sup>22</sup> Aranha: pequena carruagem, puxada por uma parelha de cavalos.

3 de março de 1926

Pedras Brancas<sup>23</sup>, o alegre povoado que se debruça à outra margem deste formoso Guaíba dos catraieiros<sup>24</sup> e dos futuristas<sup>25</sup>, e que lá onde está, permanentemente, alveja, como um aceno de lenço, à distância, convidando-nos a gozar a paz e o bucolismo de sua vida tranquila, está agora a festejar as delícias de um melhoramento.

Ele, que até há pouco vivera na escuridão, amargando na imensa treva das noites sem lua a culpa de ser tão branco de dia, já possui iluminação à luz elétrica. Já não é só pela manhã ou à tarde que ele nos seduz agora. É à noite também.

Daqui deste lado, postados nos passeios da grande avenida Praia de Belas (em projeto apenas), começamos a sentir o encanto novo que nos vem lá de longe. O brilho da sua pequena iluminação já se destaca à noite. São pequenos pontos luminosos que tremem como pisca-pisca de estrelas, que dir-se-iam caídas lá na outra margem do rio sereno. Olhando de perto o quadro, percebe-se que a luz é clara e boa, gerada com força suficiente para iluminar todo o povoado de Pedras Brancas.

Foi, não há dúvida, um grande melhoramento que, de há muito, carecia a vizinha povoação. Ganhou de valor aquele distrito o que tem perdido de importância a sede – a capital.<sup>26</sup>

<sup>23</sup> Pedras Brancas foi distrito de Porto Alegre até 14 de outubro de 1926, quando foi criado o município de Guaíba, agregando-se o seu território ao dos distritos de Barra do Ribeiro e Mariana Pimentel.

<sup>24</sup> Catraieiro: piloto de pequena embarcação fluvial.

<sup>25</sup> Futurismo: movimento artístico lançado em 1909 na Itália por Filippo Marinetti. No Brasil, o termo foi inicialmente utilizado para designar os participantes da Semana de Arte Moderna de São Paulo, de 1922.

<sup>26</sup> A divisão administrativa de Porto Alegre passou por várias alterações desde a Lei Orgânica de 1892, que organizou o município em seis distritos. Durante o período da publicação das crônicas de Callage, o município possuía cinco distritos urbanos, e a definição dos distritos suburbanos passou por várias alterações.

Enquanto eles, do lado de lá, usufruem o prazer do seu primeiro melhoramento, ora realizado entre festas, nós, do lado de cá, vivemos exclusivamente a saborear a delícia dos projetos. Do lado de lá há agora uma dupla claridade: claridade de dia e claridade à noite; claridade do seu casario branco e claridade da sua iluminação. Do lado de cá, ao contrário do lado de lá, predomina uma dupla escuridão: de dia, a escuridão da poeira e da sujeira que paira por tudo; de noite, a escuridão tenebrosa das ruas.

Se o Riacho<sup>27</sup> "é a alma graciosa da sujeira", Porto Alegre é o corpo desajeitado da imundície...

#### *4 de abril de 1926*

O estado de completo abandono que, de algum tempo para cá, se vem notando na praça 15 de Novembro, dava a perceber, claramente, que algo de trágico se estava premeditando contra aquele aprazível logradouro público da capital. Chegou-se mesmo a murmurar que o arrasamento da velha praça estava por poucos dias.

Tudo, porém, agora, está explicado. A seção encarregada de zelar pelas praças e jardins, criada pela municipalidade, teve a gentileza e a oportunidade de nos informar que a praça 15 de Novembro não sofrerá a mais leve mutilação, nem suas belas árvores serão de forma alguma destruídas. Apenas os passeios laterais das quatro faces serão estreitados um pouco de forma a oferecer mais largura à rua, principalmente no lado fronteiro à rua Marechal Floriano. Feito esse serviço indispensável ao trânsito, a Intendência reconstituirá em seguida os canteiros daquele logradouro, plantando, ali, flores escolhidas, novas essências ornamentais, substituindo ao mesmo tempo todas as árvores mortas ou estragadas por outras já em vias

---

<sup>27</sup> Riacho: nome pelo qual era conhecido o arroio Dilúvio, que tem sua nascente no parque natural municipal Saint-Hilaire, em Viamão, e sua foz no lago Guaíba.

de desenvolvimento, existentes nos dois hortos que a municipalidade possui na rua Sans Souci<sup>28</sup> e estrada do Mato Grosso<sup>29</sup>. Com essa boa nova, que a todos com certeza encherá de prazer, principalmente aos que amam as árvores, desaparecem as apreensões que nos dominavam, e ao público também, em relação ao futuro daquele tradicional passeio de Porto Alegre.

Assim, a praça 15 de Novembro tomará de novo o seu velho esplendor, enchendo de vida, de animação e de encanto um dos pontos mais procurados da cidade. Cumprindo isso, o poder municipal presta um inestimável serviço à nossa população.

É com prazer que aqui registramos essa nova.

### *6 de abril de 1926*

A municipalidade vai iniciar, ainda, esta semana, os trabalhos do futuro parque do campo do Bom Fim<sup>30</sup>. Não podendo a Intendência atacar tudo de vez, devido à enorme extensão daquele logradouro público, o serviço vai ser começado, por enquanto, na parte fronteira à avenida Redenção<sup>31</sup>. Daí se estenderá ele por outros quarteirões. O essencial, porém, é saber-se que os trabalhos vão, finalmente, ter início agora. Isso vale por uma boa nova, que com prazer transmitimos aos nossos leitores, com satisfação idêntica à da nova que anunciamos em nossa edição de domingo, em relação à praça 15 de Novembro.

<sup>28</sup> Rua Sans Souci: equivalente à atual rua Professor Freitas e Castro. A antiga rua Cabo Rocha incorporava a antiga rua Sans Souci e a rua São João.

<sup>29</sup> Estrada do Mato Grosso: caminho para Viamão, equivalente à atual avenida Bento Gonçalves.

<sup>30</sup> Campo do Bom Fim: região também conhecida como Várzea, adquiriu esse nome em função da construção da capela Nosso Senhor Jesus do Bom Fim, nas últimas décadas do século XIX. Em 1884, seria nomeado oficialmente campo da Redenção, uma vez que nele se estabeleceram ex-escravos libertados naquele ano. No local estava planejada a construção do futuro grande parque da cidade, o qual foi inaugurado em 1935, com o nome de parque Farroupilha, mais conhecido como parque da Redenção

<sup>31</sup> Avenida Redenção: atual avenida João Pessoa.

Mais uma vez, declaramos que não exercemos aqui a crítica sistemática contra todos os atos da nossa edilidade. Da mesma maneira com que censuramos atos que nos parecem dignos de censura, estamos prontos, também, a louvar e exaltar, com prazer ainda maior, tudo o que é feito em benefício da população e da nossa vida urbana.

Nesse número está o melhoramento que vai ser iniciado agora naquele imenso e abandonado logradouro de Porto Alegre. De há muito tempo que a invernada do campo do Bom Fim reclamava a indispensável construção de um parque. Aquele local não podia continuar no abandono em que se achava. Era uma falha lamentável, que precisava, o quanto antes, ser reparada em nome da estética, do bom gosto e da cultura da própria cidade.

Tal melhoramento servirá não só para recreio dos nossos habitantes, como para melhorar, até mesmo, as nossas condições de salubridade. O maior número possível de parques públicos é condição obrigada de todas as cidades modernas e mais ou menos populosas.

Porto Alegre está nessas condições. Foi, certamente, compreendendo isso que a Intendência resolveu meter mãos à obra e iniciar a construção do futuro parque.

Com os seus dois belos hortos florestais, cujo desenvolvimento, como tivemos ocasião de ver, já é deveras notável, ela está aparelhada para realizar aquele útil e verdadeiro embelezamento da cidade.

Aqui registramos, com aplausos, essa iniciativa.

*30 de abril de 1926*

Vai dia a dia passando por sensíveis transformações a parte da cidade compreendida entre o Mercado e o Cais do Porto.

Se notável já era essa transformação há alguns meses atrás, muito mais é a mesma agora. Tudo aquilo ali está em constante movimento, em crescente alteração. Nivelamento e calçamento de

avenidas e ruas, novos logradouros que surgem, conquistados ao próprio Guaíba, dão ao local um aspecto novo. Dir-se-ia uma nova cidade que vai, aos poucos, surgindo à margem da nossa bela baía fluvial. A construção da doca, que é realmente uma obra de arte admirável pela sua perfeição e solidez; o moderno jardim da praça ao lado do Mercado Público, construído com todos os cuidados de um logradouro de luxo; o novo desvio dos bondes das linhas de São João e Navegantes, além de outros melhoramentos que ali vão aparecendo, fazem-nos crer que dentro de um ano aquela parte de Porto Alegre estará completamente modificada.

Pena é que se continue a observar ali perto um verdadeiro e lamentável contraste. Queremo-nos referir à horrorosa situação a que chegou a rua Voluntários da Pátria, o popular Caminho Novo<sup>32</sup>, a mais movimentada artéria da cidade. Quando tudo em roda melhora, aquela via pública, pelo abandono em que se acha, pelo estado deplorável em certas ocasiões, principalmente em dias de chuva ou de vento, em consequência da lama ou da poeira. Os próprios veículos de tração já ali andam com grande dificuldade. Urge, o quanto antes, um novo calçamento naquela rua, bem como medidas imediatas que regulem o tráfego na mesma, principalmente a certas horas do dia.

O mau estado da rua Voluntários da Pátria já não permite maiores delongas em prol dos indispensáveis melhoramentos que ela reclama.

### *2 de maio de 1926*

Quando toda a cidade de Porto Alegre possuir a iluminação que agora foi instalada numa parte da rua Duque de Caxias, na quadra compreendida entre as ruas Espírito Santo e General Paranhos<sup>33</sup>,

---

<sup>32</sup> Caminho Novo: via construída a partir dos primeiros anos do século XIX às margens do Guaíba, e desde 1870 oficialmente nomeada rua Voluntários da Pátria.

<sup>33</sup> Rua General Paranhos: antiga rua do Poço, percorria o centro em sentido transversal, da rua General Andrade Neves à rua Coronel Genuíno. Deu origem à avenida Borges de Medeiros, então em construção.

será então, indiscutivelmente, uma das cidades mais bem iluminadas do país.

Dá gosto ver-se agora a nova iluminação, comparada com a que existe no resto da cidade. Não se trata no caso de louvar o que o trecho atualmente representa para a estética da *urbs*, com os seus belos focos opacos, servidos por corrente subterrânea, sem essa formidável complicação de fios que se veem por toda a cidade. É que a própria luz é, de fato, excelente, distribuindo farta claridade num largo trecho da vizinhança.

Quem por ali passar terá certamente a impressão de estar vendo a iluminação da capital da República, que é uma das melhores que se conhece. Tal como está, o trecho iluminado da rua Duque de Caxias constitui um verdadeiro contraste com as mesquinhas lamparinas penduradas em alguns postes das nossas ruas mais afastadas e até mesmo mais centrais.

Talvez não haja em todo o estado uma cidade tão mal iluminada como a de Porto Alegre. As noites, aqui, são realmente tenebrosas, envoltas na mais profunda escuridão.

Em certos pontos, há mesmo completa ausência de iluminação pública. Não há necessidade de se andar pelas ruas da Várzea<sup>34</sup> ou da profunda treva que envolve as nossas ruas. Aqui mesmo pelo centro, temos igual aspecto desolador. Basta para tanto sair-se da rua dos Andradas, onde a luz das vitrines auxilia eficazmente a iluminação dos passeios.

Esse é um dos motivos por que o trecho agora iluminado da rua Duque de Caxias está constituindo um verdadeiro acontecimento nos anais da história da cidade...

Por isso mesmo, não podíamos deixar de registrar aqui o fato.

---

<sup>34</sup> Várzea: região também conhecida como campo do Bom Fim, atual parque Farroupilha, mais conhecido como parque da Redenção.

28 de julho de 1926

Inegavelmente, a nova praça Parobé<sup>35</sup>, ali ao lado do Mercado, está se tornando um logradouro encantador. Ninguém jamais adivinharia que aquele trecho da cidade, roubado à sujeira da velha doca tradicional, pudesse um dia se transformar num pedaço de terra firme e apresentar o lindo aspecto que hoje apresenta. Vai surgindo, aos poucos, ali um custoso jardim de inverno, com geométricos canteiros, renques alinhados, e vistosas pérgulas, por onde as roseiras vão rapidamente subindo como heras em muros. Todo o local agora se modifica, passando por uma transformação há muito desejada. Ao redor da nova pracinha, para compensar naturalmente a brutal destruição que tem sido feita em pontos vários da cidade, já foram plantadas as primeiras mudas de árvores, que daqui a alguns anos deverão encher de sombra e frescura o futuro logradouro citadino.

Será então uma delícia, um verdadeiro regalo paradisíaco aos nossos felizardos vindouros.

Valha a verdade que nós também já começamos a gozar um pouco do novo embelezamento de Porto Alegre. Já há ali alguma coisa para se admirar. Além da rápida transformação por que passou aquele imundíssimo ponto da *urbs*, uma outra novidade ali já chama atenção do público. Trata-se do velho chafariz da praça 15 de Novembro, que, por tanto tempo abandonado no seu primitivo ponto de permanência, resolveu mudar-se para um novo local fronteiro.<sup>36</sup> E valeu a pena a mudança. O monstro que estava condenado a seco, a fim de não tragar toda a puríssima e

---

<sup>35</sup> A construção da praça Pereira Parobé iniciou-se em 1925, oficialmente inaugurada em 1927, no local onde atualmente está localizado o terminal Pereira Parobé.

<sup>36</sup> O chafariz da praça 15 de Novembro, conhecido como Fonte Francesa ou Chafariz Imperial, foi transferido em 1925 para a praça Pereira Parobé e desde 1941 foi alocado no Recanto Europeu do parque Farroupilha.

cristalina água do Guaíba, começou agora a nos mostrar os seus jorros e esguichos abundantes, saindo das bocas escancaradas dos animais que o cercam.

As experiências feitas deram os melhores resultados. À noite, com boa e abundante iluminação, fartamente distribuída naquele novo ponto da capital, o funcionamento do artístico chafariz será certamente de um belo efeito, e maiores atrativos dará à praça Parobé.

### *19 de agosto de 1926*

Um dos dedicados noticiaristas desta folha, naturalmente com acentuadas simpatias pelo “futurismo”, afirmou num local de ontem que “Porto Alegre caminha para os arranha-céus”. Isso foi dito e escrito em relação ao alteroso edifício que será construído à rua dos Andradas com a Marechal Floriano.

Parece, entretanto, não haver muito exagero na afirmativa do simpático e esgalgo futurista cá da casa, que é também da *Vida Social* do *Diário*, um adorador extremado das mulheres e um dançarino de primeira ordem...

De fato, de um certo tempo para cá, as construções prediais da nossa provinciana metrópole têm melhorado sensivelmente. As edificações vão tomando outro aspecto, outras proporções, outras linhas estéticas reveladoras de um progressivo bom gosto. Além disso, as nossas construções começam a subir, demandando as alturas. Há poucos anos atrás, os nossos mais altos edifícios não iam além do tradicional e histórico Malakoff<sup>37</sup>, com dois ou três andares quando muito. Hoje, não. Já são muitos os edifícios de mais de três andares. Agora mesmo, dois grandes prédios

---

<sup>37</sup> Malakoff: edifício localizado na rua Sete de Setembro, entre a rua Montevidéu e a praça 15 de Novembro. Inaugurado em 1860, tornou-se então a construção mais alta da cidade, com quatro andares (incluindo o térreo).

começam a surgir na rua dos Andradas, um quase concluído e outro recém-começado. Em breve, porém, o que vai ser levantado na mesma rua, à esquina da Marechal Floriano, cuja planta tivemos a oportunidade de ver na Sorveteria Rosicler, promete sobrepujar os demais.

Não se trata, entretanto, aqui, de exaltar esses pequenos arranha-céus. O progresso de uma cidade, a sua grandeza e o seu desenvolvimento não se medem pela altura dos seus edifícios. Esses são regulados pelas suas linhas, pela sua distribuição harmônica, por todo um conjunto de circunstâncias onde a altura é o que menos vale e o que menos entra em linha de conta.

Felizmente, a nossa capital já começa a revelar nas suas novas construções prediais uma apreciável tendência artística. Fora do centro da cidade, já existem edificações admiráveis e que vão dia a dia aumentando num crescente desenvolvimento.

Dentro de poucos anos teremos mudado o feitio e o aspecto primitivo da cidade.

#### *11 de setembro de 1926*

Embora com muito esforço, com muita despesa, com muito dinheiro, embora mesmo à custa de muito imposto, Porto Alegre vai pouco a pouco limpando a sua cara, tomando certos aspectos de verdadeira capital.

Isso é um fato que ninguém pode negar. Já há uma grande diferença entre a cidade de hoje e a de alguns anos atrás.

No tocante à sua vida e ao seu grande desenvolvimento, é coisa que não se fala. Ela se vai tornando dia a dia agitada e intensa. Suas ruas representam aspecto bulhento, de um movimento constante, como só se vê em capitais de grande população, sobretudo de grande atividade comercial e industrial.

Paralela a essa animação das nossas fontes de trabalho, hoje em luta com a mais apavorante das crises,<sup>38</sup> segue a vida social da cidade, a sua elegante vida mundana, a delícia da futilidade que se corteja, da futilidade que é a sólida razão de ser da sociedade presente. Por esse lado também o nosso progresso não tem sido menos notável, nem menos digno de especial registro.

Porto Alegre se vai distanciando rapidamente de todo o respeitável pacatismo de outros tempos. Isso não quer dizer, absolutamente, que ela já se tenha emancipado de hábitos e costumes de um provincianismo lamentável. Nota-se isso até mesmo nos serviços públicos. A vida noturna aqui ainda é bem semelhante à das nossas localidades do interior. Basta dizer que a uma certa hora cessa por completo o serviço de bondes; basta dizer (e isso é tudo) que às 9 ½ horas da noite os gabinetes higiênicos<sup>39</sup> das nossas praças públicas são trancadas a cadeado!... Até de dia eles têm horário, tal qual como no cafundó!... Nem mesmo ao som da magnífica Banda Municipal italiana<sup>40</sup> eles são capazes de modificar os seus prejudiciais intuítos.

Ora, tudo isso ainda dá uma viva ideia do nosso provincianismo.

Todavia, isso não encobre o florescente desenvolvimento da capital.

---

<sup>38</sup> Em face de um desajuste crônico das contas do governo, o presidente Artur Bernardes adotou uma política econômica rigorosa, que teve efeitos recessivos como a queda da taxa de crescimento econômico, a retração do investimento na indústria e uma grave crise de numerário. In: FRITSCH, Winston. 1924. **Pesquisa e planejamento econômico**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 3, p. 713-774, 1980. Disponível em: <http://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/7091>. Acesso em: 13 ago. 2019.

<sup>39</sup> Gabinete higiênico ou gabinete reservado: banheiro.

<sup>40</sup> Referência à Banda Municipal, conjunto musical fundado em 1925, inicialmente composto de sessenta instrumentistas. Estreou no Teatro São Pedro em 13 de junho de 1926. Seu regente, José Leonardi e muitos dos músicos contratados por concurso eram de origem italiana. In: BOHRER, Felipe Rodrigues. *Identidade e cultura em Porto Alegre no Pós-abolição. A criação da Banda Municipal de Porto Alegre (1925)*. **Angelus Novus**, São Paulo, v. 9, p. 81-108, 2015. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ran/article/view/90191>. Acesso em: 13 ago. 2019.

*23 de setembro de 1926*

Já há tempos afirmamos que Porto Alegre não tem o culto da árvore, nem o culto da flor.

Não exageramos daquela feita, como não exageramos agora, a desagradável afirmativa.

Ela é absolutamente verdadeira. Para se ter a prova disso basta se saber como são tratadas as flores e os canteiros das nossas paupérrimas praças públicas.

Queixa-se a municipalidade que, seguidamente, não só flores como mudas de árvores ornamentais são arrancadas dos nossos logradouros, enquanto que os canteiros são, por sua vez, destruídos de tanto o público pisar em cima.

Culpa, em parte, cabe, também, à Intendência, que, além de ser uma temível destruidora de árvores, vai deixando as nossas praças em completo abandono, a título de futuras remodelações por que as mesmas deverão passar.

Veja-se o estado em que está a praça da Alfândega<sup>41</sup>;

Veja-se a situação da desventurada praça 15 de Novembro;

Veja-se o abandono da outrora ridente praça da Conceição<sup>42</sup>;

Nem mesmo a praça Júlio de Castilhos, lá no alto da Independência, escapou dessa devassa.

É verdade que a municipalidade promete melhorá-las, fazendo-as de novo. Mas, até lá, elas podiam ficar como estavam, ostentando a graça e o encanto de outros tempos.

Claro está, com esses exemplos, que dificilmente se educará o público, fazendo com que ele ame e respeite tanto as flores como as árvores. É preciso que o cuidado venha de cima, que a Intendência seja a primeira a cultivar esses delicados sentimentos, zelando com

<sup>41</sup> Praça da Alfândega: à época, denominada oficialmente praça Senador Florêncio.

<sup>42</sup> Praça da Conceição: oficialmente, praça Dom Sebastião.

absoluto cuidado as nossas praças, jardins e outros logradouros, colocando cartazes nesses pontos da cidade com expressivos dizeres, chamando a atenção do público, despertando-lhe amor e o culto pela flor e pela árvore, tal qual se faz em todas as cidades de São Paulo, não só em relação à árvore e à flor, como em relação aos cuidados que devemos ter pelos animais, não lhes infringindo maus-tratos, como é tão de hábito em Porto Alegre.

Só assim, por meio de uma propaganda educativa e intensa, teremos conseguido o nosso desejo – o absoluto respeito pelo que vai de graça e de encanto no ornamento das nossas praças e jardins públicos.

Dê a municipalidade o primeiro exemplo nessa obra magnífica de cuidado e de educação, e verá como tudo correrá depois às mil maravilhas.

### *9 de outubro de 1926*

Quando desejamos fazer muita coisa ao mesmo tempo acabamos por não fazer coisa alguma, ou, então, tudo sai mal-acabado, o que por certo é muito pior.

Não queremos com isso dizer que a Intendência esteja incidindo no mesmo erro, metendo as mãos em grande número de obras iniciadas ao mesmo tempo, para depois tudo ficar abandonado. É provável que ela deixe realizados e concluídos todos os seus projetos. Porém, muito melhor seria que ela houvesse começado por partes. Em primeiro lugar, o saneamento da cidade, o serviço de águas e esgotos; depois, o calçamento e a iluminação; em seguida, a abertura e alargamento de ruas, o melhoramento do tráfego, a fiscalização, o policiamento da cidade; e, por fim, o embelezamento dos nossos acanhados logradouros públicos. Estes, que deviam ser os últimos retoques a dar à cidade, foram, pelo contrário, os primeiros, com a agravante de todos eles terem sido começados ao mesmo tempo,

quando a capital está ainda de pés descalços, completamente desasseada. Podemos citar como exemplo o caso dos jardins e passeios públicos. Tem havido uma verdadeira febre nesse plano de remodelações. Em todos eles houve uma atividade intensa, dando-nos a impressão de que do dia para a noite tudo se transformaria.

Resultado: a praça da Conceição está abandonada, atulhada de pedras e lajes nos seus estreitos passeios; as obras do futuro parque da Várzea, começadas no ano passado, estão ainda em princípio; a infeliz e mutilada praça 15 de Novembro, que tantas operações acaba de sofrer, encontra-se completamente atirada ao abandono. E quando tudo isso ainda está por se concluir, já começa a Intendência a mexer nas árvores e nos canteiros da praça da Alfândega.

Não seria mais prático e, ao mesmo tempo, mais útil concluir primeiro as obras de uma praça para depois se começar as de outras?

Quer nos parecer que sim. E com isso a população de Porto Alegre não seria prejudicada como será fatalmente agora, no próximo verão, por não ter um único ponto de abrigo e de refrigério à canícula que terrivelmente nos castiga durante três meses consecutivos.

#### *4 de dezembro de 1926*

O último boato verdadeiro:

– Foi iniciado o calçamento do Caminho Novo!!!

Viva!

Parabéns aos seus moradores.

Parabéns a quantos por ali passam.

Parabéns à cidade inteira.

Glória. Hosanas<sup>43</sup>!

---

<sup>43</sup> Hosana: exclamação de júbilo e triunfo, salve; cântico das cerimônias católicas no Domingo de Ramos.

Ontem, pela manhã, a esquina da Voluntários com a praça 15 de Novembro estava transformada em verdadeira sala de congresso. Parecia a Câmara dos Deputados. A cada momento, entre os circunstâncias, surgiam discussões e diálogos sobre o palpitante problema urbano de Porto Alegre.

Um velho – Há trinta anos que se reclama esse melhoramento. Eu era, então, menino.

Um médico – Era uma necessidade...

Um engenheiro – ... reclamado pela própria topografia do terreno.

Um romântico – Quantas vezes a minha bem-amada se maculou ao pó e à lama desta rua maldita!

Um futurista – Isso é besteira. A beleza da cidade está na sua sujeira.

Um realista – Hospício pra um!...

(Gritos, apitos, baderna, confusão).

Na rua ameaçada de tão grande melhoramento, o serviço prosseguia com certa atividade: pedras arrancadas, terra revolvida, vaivém de trabalhadores, pás, picaretas, carrinhos de mão, burros e carroças, tudo enfim se agitava, saudando a manhã com o “hino festivo do trabalho”.

Nunca se viu coisa igual; nunca melhoramento algum da cidade chamou tanta atenção, reuniu tantos curiosos, congregou tantos basbaques.

Enquanto aquela pobre gente trabalhava, suando barbaramente no seu rude e honesto ganha-pão diário, a curiosidade pública estatelada à boca da monstruosa rua dava a impressão de assistir a um espetáculo inédito na vida da capital, tal a grandiosa novidade daquele serviço reclamado permanentemente por toda a população de Porto Alegre.

Ele agora vai ser de fato uma realidade.

Até que enfim!

Parabéns aos seus moradores.  
 Parabéns a quantos por ali passam.  
 Parabéns à cidade inteira.  
 Glória!  
 Hosanas!  
 Viva!  
 Vivaaa!...

### *12 de dezembro de 1926*

Embora vagorosamente, recomeçou o serviço de demolição de prédios e desaterramento da rua General Paranhos, que, pelo projeto municipal, já conhecido do público, será transformada numa larga e moderna avenida, que ligará a Cidade Baixa com a rua 15 de Novembro, junto à praça do mesmo nome.

Essas obras, há mais de quatro meses, estão completamente paralisadas, em virtude de uma série de complicações surgidas no decorrer dos seus trabalhos iniciais.

Assinalaram-se como principais entraves ao seu prosseguimento a modificação do traçado da avenida, que tem oscilado de um lado para o outro, numa incerteza lamentável, e a situação do prédio à rua Duque de Caxias, esquina da nova artéria, que, com as escavações para o viaduto<sup>44</sup> que ali se pretende construir, ficou com a sua estabilidade se não ofendida, pelo menos ameaçada.

Não sabemos com segurança absoluta dos novos planos e projetos da Intendência em relação a essa obra de grande vulto e de grande importância para a vida de Porto Alegre. Tal estudo não se pode prolongar indefinidamente. A cidade tem necessidade daquele respiradouro, que virá não só modificar em grande parte o próprio

---

<sup>44</sup> Referência à construção do viaduto Otávio Rocha, na avenida Borges de Medeiros, que se estendeu de 1928 a 1932.

tráfego urbano, como abrandar a violência senegalesca da nossa temperatura estival. Já que os trabalhos foram iniciados e a totalidade dos prédios desapropriados e demolidos, não há razão para se deixar de prosseguir na abertura daquela avenida, pelo menos em rasgá-la e prontificá-la até a rua dos Andradas.

Quanto ao tomar uma linha reta ou uma linha quebrada dessa rua em diante, até o seu ponto terminal, na praça 15 de Novembro, é assunto que bem pode ser resolvido depois. O longo trecho começado é que nada devia sofrer com as ulteriores modificações do projeto. Não se compreende mesmo que, depois de já estarem as obras em meio, mandasse a Intendência sustar o serviço para estudar um novo projeto. Não há tempo a perder no caso. Urge o prosseguimento das obras. Quatro meses de completa paralisação dos trabalhos, cremos, foram o suficiente para a engenharia municipal resolver o problema.

Felizmente, já vimos, ontem, na parte que dá para a rua da Varzinha<sup>45</sup>, grande atividade no serviço de demolições e desateramento.

Oxalá seja isso um bom prenúncio de que as obras vão finalmente prosseguir.

#### *14 de dezembro de 1926*

Malgrado as queixas e reclamações que nesta coluna seguidamente fazemos, sempre com os mais elevados intuitos, a cidade, verdade seja dita, vai se transformando pouco a pouco, tomando por todos os cantos aspectos e feições novas.

Um dos pontos que mais rapidamente se tem modificado, perdendo por completo a sua fisionomia primitiva, é, sem dúvida, o local

---

<sup>45</sup> Rua da Varzinha: atual rua Demétrio Ribeiro.

próximo do Mercado Público, na parte compreendida entre as obras do Porto e os fundos do Caminho Novo.

Tudo hoje, ali, está mudado.

A velha doca, que beirava a tradicional praça 15 de Novembro, correndo paralela à parte fronteira desta, já desapareceu. Desapareceu para dar lugar à nova doca, feita no prolongamento do cais. É uma obra perfeita, não só pela sua construção, como pela sua disposição. E, no terreno fronteiro, conquistado palmo a palmo ao Guaíba, estão sendo plantadas, agora, as primeiras árvores de um novo refúgio da cidade, *vis-à-vis* ao elegante jardim Dr. Parobé, feito, como se sabe, exatamente no local onde esteve a doca primitiva.

Por sua vez, dos fundos do Mercado já desapareceu também, levada pela transformação do local, a velha e imunda banca do peixe.<sup>46</sup> Erguer-se-á em breve ali um novo, próprio municipal, fronteiro à estação central da estrada de ferro do Riacho<sup>47</sup>, estação essa que já está concluída.

Como se vê, a transformação é grande. Mas ainda não é tudo. Ela vai aumentando extraordinariamente no referido trecho, bastando dizer-se que a futura avenida Júlio de Castilhos<sup>48</sup>, nascida da desapropriação dos terrenos do Caminho Novo com fundos para o rio, apesar de não estar pronta ainda, já começa a dar passagem aos bondes e outros veículos, enquanto não estiver concluído o calçamento da rua Voluntários, há tantos anos reclamado.

Assim vai crescendo e se transformando a cidade. Em breve, toda aquela vasta zona estará completamente modificada, de acordo com naturais exigências de uma capital como a nossa, que nada tinha, que

---

<sup>46</sup> Uma nova banca do peixe, de propriedade da Sociedade Rio-grandense do Peixe, foi construída na praça 15 de Novembro e inaugurada em 1932.

<sup>47</sup> Estrada de Ferro do Riacho à Tristeza: linha férrea que percorria os bairros da zona sul de Porto Alegre a partir da estação localizada à beira do arroio Dilúvio, na Cidade Baixa.

<sup>48</sup> A avenida Júlio de Castilhos foi inaugurada em 1928.

nada possuía, e que, apesar dos pesares, já está com a sua população deveras aumentada, calculada hoje em cerca de 250 mil habitantes.

É de esperar que o atual administrador de Porto Alegre não esmoreça na sua obra de remodelação, realizando com a urgência requerida outros melhoramentos de capital necessidade para a nossa vida urbana, como sejam, o alargamento da rua General Paranhos, a construção do viaduto à rua Duque de Caxias, e, sobretudo, o indispensável parque da Várzea.

Em verdade, todas essas obras estão começadas. Mas algumas prosseguem morosamente, enquanto outras, por este ou aquele motivo, se encontram paralisadas.

Ninguém mais do que o operoso administrador da capital conhece as urgentes necessidades da *urbs*, para não sustar ou não permitir, sob hipótese alguma, que esses serviços prossigam lentamente.

### *17 de dezembro de 1926*

O caso do alargamento da rua General Paranhos continua dando que fazer à municipalidade.

A futura avenida, ao contrário do que esperávamos, ainda é duvidosa e incerta, pelo menos para os nossos dias. Mais do que um caso encruado, é um verdadeiro caso “encrencado”.

Feitos os necessários estudos, elaborado calma e pacientemente o necessário projeto pela seção de obras da Intendência, o utilíssimo melhoramento da cidade foi então atacado com relativa atividade.

Quando o referido trabalho já estava bastante adiantado, com prédios demolidos, com terrenos escavados, com forte serviço de desaterramento, principalmente nas proximidades do eixo da futura avenida; quando tudo parecia correr às mil maravilhas, sem o menor embaraço, sem o menor obstáculo ao projeto

ideado e planejado pela municipalidade – eis que as obras são bruscamente sustadas.

Ao princípio imaginávamos que dera motivo à paralisação dos trabalhos o prédio construído às esquinas da rua Duque de Caxias, ameaçado na sua estabilidade em face das escavações feitas para a construção do viaduto.

A causa, porém, está agora explicada. Ela é outra, muito diferente. A Intendência resolveu de um momento para outro modificar o traçado, embora grande parte do serviço já estivesse pronto, inclusive a desapropriação de grande número de prédios nas duas faces da rua dos Andradas, desapropriações essas já indenizadas pelos cofres do município.

Depois de tudo isso, começaram novos estudos, começou a análise de novos projetos e de novos traçados. Ora a nova avenida obedeceria uma linha reta, ora uma linha quebrada, ora uma linha mista... E nem a própria Intendência sabe a quantas anda. Tanto que não sabe, ou pelo menos mostra não ter autonomia para resolver o caso, que ainda anteontem estiveram reunidos, na Secretaria das Obras Públicas, para tratar dessa encrocada questão urbana, todos os engenheiros, todos os chefes de serviço daquela repartição.

Nessa reunião foram estudados os novos traçados, com o primitivo inclusive, ficando todos eles em poder do ilustre Sr. secretário das Obras Públicas, para emitir o competente parecer.

Mas tudo isso ainda não resolve o caso. Após o seu parecer, o traçado que for aceito será submetido à apreciação do Sr. presidente do Estado, que deverá decidir, então, qual o que deverá ser adotado.

Para chegar-se a esse ponto sobre a projetada avenida, não precisava tanto trabalho com o início das obras, que já estavam bastante adiantadas.

Isso só poderá dar motivos justificados ou não para comentários do público.

Infelizmente, desse mal a autonomia de ação da Intendência não se livra.

### *16 de janeiro de 1927*

Graças à iniciativa da firma Koch & Montauray<sup>49</sup>, esta capital vai possuir mais um futuro bairro.

Referimo-nos ao arrabalde de Santa Tereza, localizado entre o Asilo Padre Cacique<sup>50</sup> e o Cristal. Possuindo ali aquela empresa grande quantidade de terrenos, os mesmos foram divididos e demarcados em lotes e estão sendo vendidos em módicas prestações às pessoas que desejarem construir no referido local.

Já várias ruas ali se encontram delineadas e traçadas e irão constituir um futuro bairro da capital. Diversas edificações começam agora a surgir em Santa Tereza.

Pelo grande número de terrenos que já sabemos vendidos, é de se presumir que muito em breve tenhamos ali um verdadeiro povoado. O local, por sua vez, é um dos pontos mais belos de Porto Alegre, prestando-se admiravelmente para moradia de verão de pessoas que tenham suas atividades aqui no centro da capital. Além

---

<sup>49</sup> Montauray, Koch e Companhia: empresa voltada ao loteamento e comercialização de terrenos urbanos, constituída em sociedade pelo comerciante e militar Henrique Augusto Koch, que foi membro do Conselho Municipal entre 1920 e 1924, e por José Montauray de Aguiar Leitão, intendente de Porto Alegre entre 1897 e 1924. Ainda há terrenos registrados em nome da empresa em Porto Alegre, como se pode constatar através dos processos judiciais em que se encontra envolvida. Um desses terrenos, por exemplo, foi há alguns anos declarado de utilidade pública e desapropriado pelo poder público municipal. In: PORTO ALEGRE. **Decreto nº 17.464, de 21 de novembro de 2011.** Declara de utilidade pública, para fins de desapropriação, o imóvel localizado na Av. Jacuí, s/n, nesta Capital. Porto Alegre: Prefeitura Municipal, 2011. Disponível em: [http://dopaonlineupload.procempa.com.br/dopaonlineupload/383\\_ce\\_29005\\_1.pdf](http://dopaonlineupload.procempa.com.br/dopaonlineupload/383_ce_29005_1.pdf). Acesso em: 13 ago. 2019.

<sup>50</sup> Asilo Padre Cacique: instituição fundada pelo padre baiano Joaquim Cacique de Barros (1831-1907) em 1898, como abrigo para mendigos.

disso, como os meios de transportes vão dia a dia aumentando para aquela aprazível zona, em virtude do rápido crescimento da cidade e pelo enorme desenvolvimento que vão tendo os arrabaldes da Tristeza, Vila Nova e Pedra Redonda, fácil se torna a qualquer pessoa ter residência fixa em Santa Tereza.

Como acima dissemos, a empresa proprietária de terrenos tudo facilita aos interessados para entrarem na posse do imóvel adquirido, facilitando, sobretudo, os meios de pagamento. Assim é que qualquer pessoa, por mais modestos que sejam os seus meios de vida, poderá possuir ali uma propriedade. Esse meio de vendas em prestações, usado, aliás, em todos os centros populosos do país, notadamente na capital de São Paulo, muito irá contribuir para o crescente desenvolvimento predial de Porto Alegre, transformando aquela zona baldia da cidade num verdadeiro bairro. Graças a esse processo de vendas de terrenos, a capital paulista deve a colossal edificação predial que hoje se vê em todos os seus subúrbios.

Santa Tereza, dentro de pouco tempo, será também um dos mais populosos bairros. As primeiras edificações já vão aparecendo no aprazível local. É o início da transformação próxima por que vai passar o formoso e saudável arrabalde – um dos mais belos e pitorescos trechos de Porto Alegre. Em verdade, tudo ali nos encanta, desde a bacia tranquila do Guaíba que se estende à frente até a doce vegetação dos acidentados terrenos que se vê do lado de cá.

É um recanto delicioso da cidade.

*22 de janeiro de 1927*

Com a chegada do verão, com a intensidade do calor que sempre, por esta época, se faz sentir nesta capital, é que mais uma vez nos lembramos da urgente necessidade de transformar a Praia de Belas, a partir da Casa

de Correção<sup>51</sup>, até além do Asilo Padre Cacique, numa larga e maravilhosa avenida beira-rio – a avenida Guaíba.

Não se perca a ideia pelo nome, que é, de fato, sugestivo e expressivo. Não se perca também a ideia da construção dessa artéria da cidade, porque bem a merece a população de Porto Alegre. A Praia de Belas, há muitos anos, desde que a cidade é cidade, que está pedindo um melhoramento desse vulto. Esse abandonado trecho da nossa capital foi talhado pela própria natureza, tão pródiga entre nós em aspectos pitorescos, para ser um dia um dos nossos mais belos logradouros.

As necessidades palpitantes da *urbs*, hoje consideravelmente aumentada, reclamam tal melhoramento. Não é possível que Porto Alegre, possuindo, como possui, um local tão aprazível, tocado de tons de incomparável beleza, serpeando numa enorme distância a tranquila bacia do majestoso rio, não é possível que tão formoso trecho da cidade continue por mais tempo abandonado. Faça-se ali a desejada avenida, que seria, para nós, idêntica à Beira-Mar do Rio, sem nada lhe dever em formosura, graça e encanto, tão bizarro é aquele trecho da nossa capital. Aterrada uma pequena extensão da rasa costa guaiabense, a municipalidade, para ter uma avenida em condições, nem precisava fazer recuar o alinhamento das moradias particulares. Retirados os trambolhos ali existentes (Correção, Gasômetro e estação do Riacho<sup>52</sup>), canalizado o pestilento córrego que deságua no Guaíba,<sup>53</sup> a grande e pitoresca artéria surgiria rapidamente. Se a Intendência não tem forças para mexer com a Casa de Correção, retirando-a do local em que se acha, fazendo, assim, desaparecer para outro local aquela nota triste e dolorosa da cidade,

<sup>51</sup> Casa de Correção: presídio inaugurado na ponta da península central de Porto Alegre em 1855, e fechado em 1961. Foi inteiramente demolido em 1967.

<sup>52</sup> Estação do Riacho: estação ferroviária de onde partia o chamado Trenzinho da Tristeza.

<sup>53</sup> Referência ao arroio Dilúvio, o Riacho, que tem sua nascente no parque natural municipal Saint-Hilaire, em Viamão, e sua foz no lago Guaíba.

que comece, então, o trabalho ali pelo miasmático Gasômetro. Assim, se aproveitaria ainda uma boa parte da rua Pantaleão Teles<sup>54</sup> para começo da referida artéria.

A ideia é viabilíssima, tanto mais agora que a nova administração municipal tem tantos projetos em mão, sendo de notar que este já está compreendido nos planos de remodelação e embelezamento de Porto Alegre.

Construída que fosse essa avenida, a nossa capital poderia se orgulhar de possuir uma das mais belas de quantas conhecemos no país, e a nossa população só teria que louvar, incondicionalmente, o administrador que a executasse.

#### *2 de fevereiro de 1927*

A iluminação pública de Porto Alegre, contra a qual tantas reclamações temos feito, já começou a melhorar.

Não era sem tempo. Uma capital como a nossa, que se honra em ocupar um lugar de destaque entre as demais capitais do país, não podia de modo algum continuar na treva em que tem permanecido até hoje.

Felizmente, sobre esse descuido administrativo já se principiou a fazer luz... Algumas ruas da capital começam assim a sair da profunda penumbra em que até agora têm permanecido. Não são todas de vez, nem tampouco as mais centrais, que tiveram a ventura de receber o resplendor municipal.

São algumas, apenas. Mas é o começo, é o princípio, é o início.

*Fiat lux!*<sup>55</sup>

<sup>54</sup> Rua Pantaleão Teles: atual rua Washington Luís.

<sup>55</sup> *Fiat Lux*: “faça-se a luz”, expressão latina. É também o nome de uma das companhias fornecedoras de energia elétrica de Porto Alegre, juntamente com a Força e Luz e a Usina Municipal.

E a luz começa a surgir, mais viva, mais clara, mais bem distribuída. Com esse melhoramento vão desaparecendo os imperceptíveis biquinhos de vela que, hesitantes no seu pisca-pisca, davam à escuridão das ruas uma impressão verdadeiramente tenebrosa.

O caos vai deixando de ser o não ser, o invisível vai dando lugar ao visível, o domínio das trevas vai sendo substituído pelo reinado da luz..., nas ruas somente, porque o resto, em tudo por aí afora, é uma escuridão de breu!...

O fato é que a iluminação das ruas está melhorando e isso é o que convém registrar. Nalguns pontos da capital a diferença já é notável. Podemos citar a praça da Alfândega, algumas quadras da Duque de Caxias, parte da praça da Matriz<sup>56</sup>, a rua Venâncio Aires e a avenida 13 de Maio<sup>57</sup>, que, apesar de ser um bairro aristocrático e populoso, sempre viveu esquecido de qualquer favor municipal. E, para dar um aspecto mais belo ao local que dia a dia se vai aformosando, a Intendência aumentou a iluminação no futuro parque da Várzea, substituindo os pequenos bicos de luz elétrica que existiam naquele logradouro por elegantes e intensos combustores colocados ao redor do lago ali construído.

O aspecto é de fato excelente. Mais completa, mais perfeita, porém, será essa impressão, quando não só o campo da Redenção, mas toda a avenida do mesmo nome estiver com a sua iluminação melhorada, ou, melhor, – quando tiver iluminação, pois foi coisa que ali nunca existiu.

Pontos há, no centro da *urbs*, que reclamam uma iluminação à altura das suas necessidades. Em relação ao caso, a municipalidade bem podia ter instalado um serviço de luz em definitivo na praça Dr. Parobé e adjacências do Mercado Público. E, já que iniciou o calçamento do Caminho Novo, devia aproveitar também a ocasião

<sup>56</sup> Praça da Matriz: oficialmente, praça Marechal Deodoro.

<sup>57</sup> Avenida 13 de Maio: atual avenida Getúlio Vargas, bairro Menino Deus.

para fazer ali uma instalação completa de luz, substituindo os seus minúsculos bicos atuais por focos grandes colocados nas esquinas e no meio das quadras.

Nas ruas em que o calçamento vai sendo substituído, a iluminação também devia ser melhorada. Um melhoramento completaria o outro.

### *23 de fevereiro de 1927*

O popular e abandonado arrabalde de São João tem, agora, uma praça pública, já oficialmente inaugurada.

É o primeiro melhoramento que ali se faz. Bairro dos mais populosos, se não o mais populoso da cidade, o de São João tem tido uma existência de lutas e sacrifícios ingentes. Malgrado a densidade de uma população e o grande número de ruas que cortam aquela zona em todas as direções, tudo ali está ainda por se fazer. Adensou-se naquele local o laborioso operário de Porto Alegre – o braço e a alma de nossas fábricas e das nossas oficinas de atividade. Em seu favor, entretanto, nada se fez até agora, principalmente no que diz respeito ao urgente saneamento do local. O problema da água e dos esgotos, que devia ser o ponto de partida dos melhoramentos que ali deviam ser iniciados pela administração municipal, está até agora sem solução, à espera de quem se anime a prestar esse grande e incalculável benefício a uma população digna de todos os cuidados por parte dos poderes públicos.

A municipalidade começa agora a olhar para o populoso arrabalde. Começa, infelizmente, pelo fim. Se construiu e inaugurou ali um jardim – que sempre é um melhoramento digno de nota – esqueceu outro, cuja necessidade e importância devem preterir imediatamente aquele.

Em primeiro lugar, São João precisa da drenagem dos seus terrenos, que são verdadeiros banhados, em chegando à estação invernosa. É o saneamento inicial a se executar ali. Logo depois, devia vir

o serviço de águas, conjuntamente com o escoadouro dos esgotos. Um a um são de imperiosa necessidade para equilíbrio da vida e da saúde de sua população, contada por muitos milhares de almas. Em seguida, devia vir a limpeza das ruas, a eliminação das águas apodrecidas nos esburacamentos e nas sarjetas, foco permanente de mosquitos e das mais perigosas epidemias, algumas das quais já com caráter endêmico, hoje, exatamente pela falta de higiene e de saneamento do local. E, por fim, o calçamento, a iluminação, a arborização das ruas – os jardins. Seria o retoque, o ponto final de uma verdadeira obra de utilidade pública que perpetuaria, por certo, para todo o sempre, o nome daquele que a executasse.

A municipalidade, entretanto, achou mais fácil começar por uma praça, por um jardim público.

Sempre é uma manifestação de bom gosto.

Na falta de outros, louvemos esse.

*26 de fevereiro de 1927*

Ao que estamos informados, a municipalidade está resolvida a prosseguir nas obras de embelezamento do campo da Redenção, cujos trabalhos foram há tempos iniciados.

Nota-se já naquele local uma sensível diferença.

Quem, agora, por ali andar, logo verá a transformação por que tem passado o maior logradouro público da cidade.

E, de fato, com o que ali se vê já dá para fazer uma ideia do que vai ser de futuro o grande parque de Porto Alegre. Ele vai surgindo aos poucos, com certo gosto de arte, que muito recomenda o espírito de quem o está dirigindo.

Basta, para tanto, que se admire o ajardinamento de sua larga frente, desde a esquina fronteira à rua 1º de Março até a esquina da rua Venâncio Aires.

Esse trecho, com seus lindos canteiros traçados em belo estilo, já oferece uma magnífica perspectiva, enquanto no interior do referido logradouro outros quarteirões vão surgindo, embelezados com plantações de árvores, arbustos e flores, com um pequeno lago já concluído, além de vários canteiros artisticamente gramados, construídos em terrenos de forma acidentada.

A municipalidade quer agora prosseguir nesse plano, iniciando a construção de mais uma parte do parque, no qual serão formados pequenos bosques de várias essências ornamentais, principalmente eucaliptos; será também construído um grande lago apropriado para passeios e botes e outros gêneros de diversões que tornarão por certo mais agradável aquele logradouro, que é o maior e será o mais belo da capital.

Como se vê, desta feita vai ser uma realidade a velha aspiração da nossa população urbana, em possuir um verdadeiro parque com todos os atrativos que ele possa oferecer a uma capital como a nossa, que na realidade não possuía um logradouro público que fosse de fato um ponto de recreio digno do desenvolvimento de Porto Alegre. Tudo o que aqui existe é insignificante. As nossas poucas praças e jardins são pontos deveras acanhados, sem ar, sem árvores, sem alamedas e ruas amplas, onde se possa caminhar e respirar livremente.

O embelezamento do parque da Redenção vai, felizmente, sanar essa falta, tornando mais bela e mais alegre a cidade.

*15 de março de 1927*

E o alargamento da rua General Paranhos?

Há certos assuntos municipais que a gente deles se esquece meses e meses, como se fosse um caso liquidado ou passado em julgamento, sobre o qual nada mais há a dizer.

Lá vem um dia, porém, em que ele de novo aparece, reclamando um lembrete para que não fique tão só no abandono a que foi condenado.

Nessas condições está o alargamento da antiga rua General Paranhos, que, pelos novos planos municipais, deverá ser transformada numa grande avenida, que, partindo da praça 15 de Novembro, em linha reta (pois o 15º projeto acabou com as linhas curvas), irá morrer defronte ao Guaíba, ali pelas proximidades da estação do Riacho.

Não há futuro melhoramento municipal que tenha sofrido, mais do que esse, tantas modificações no modo pelo qual deverá ser executado.

Como os leitores sabem, já vai para dois anos que essa obra foi iniciada. Entretanto, nada de notável ali foi feito nesse longo espaço de tempo, a não ser a derrubada das casas desapropriadas e o desaterramento de uma pequena extensão de terreno, serviço esse que continua a ser feito, de dia, apenas por meia dúzia de operários.

Quem percorrer aquele projeto de avenida logo notará o grande atraso em que o mesmo se acha.

Por infinitas vezes essa obra tem sido sustada, sempre sob alegação de novas alterações no plano municipal, que já não é mais o primitivo e sim outro que há oito meses está em estudos, dependendo da aprovação superior. Continuamos, assim, sem saber em que ficamos, se a projetada avenida se fará em linha reta, ou em linha curva ou quebrada.

Com essa indecisão, o tempo se vai passando sem que nada absolutamente de notável ali se fizesse até agora. Nem mesmo as obras do já celebrado viaduto foram começadas, visto que a sua construção, segundo se diz, ameaça a segurança do prédio recentemente construído na esquina da rua Duque de Caxias com

a General Paranhos. Como se vê, é uma situação muito pouco agradável, não só para a municipalidade como para a própria vida da capital, que continua sem aquele ponto de ligação, tão necessário entre o centro e a chamada Cidade Baixa. Pelo tempo em que foi iniciada, essa obra já era para estar em vias de conclusão, se não concluída.

Transformada, porém, em obra de Santa Engrácia<sup>58</sup>, tão cedo não teremos a celebrada avenida.

Depois de iniciada, ela acabou tornando-se uma vítima do excesso de novos projetos.

### *29 de março de 1927*

Devemos à atual administração municipal mais um melhoramento digno de nota, que se vem naturalmente juntar aos outros já realizados ou em vias de realização.

Referimo-nos ao largo existente ali quase à entrada da velha e tradicional praça do Portão, ao largo da Independência<sup>59</sup>. Em outros tempos, aquele ponto foi um dos tantos trechos tenebrosos da cidade. Hoje está ele completamente modificado, constituindo mesmo um dos mais belos pontos da nossa capital, ao lado do qual, olhando-se na direção da Várzea e da Azenha, se descortina um soberbo quadro com bela perspectiva, apenas interceptada por dois plátanos

<sup>58</sup> Obra de Santa Engrácia: diz-se de obra que demora muito a ser concluída. É uma referência à igreja localizada na Freguesia de São Vicente de Fora, em Lisboa, cujos trabalhos de reconstrução, motivados pelos danos causados por uma tempestade, começaram em 1682 e foram concluídos em 1966, ou seja, 284 anos depois. In: MITOLOGIA EM PORTUGUÊS. "Obras de Santa Engrácia", origem e significado. 1º dez. 2020. Blog: @Mitologia em Português. Disponível em: <https://www.mitologia.pt/obras-de-santa-engracia-origem-e-360940>. Acesso em: 13 ago. 2019.

<sup>59</sup> Largo da Independência: praça da Independência, desde 1921 denominada oficialmente praça Argentina.

existentes no alto da escadaria construída ao lado do quartel do 7º Batalhão de Caçadores<sup>60</sup>.

Não fora isso, a visão que se teria cá de cima seria simplesmente maravilhosa, vendo-se correr, embaixo, a avenida Redenção e o vasto e futuroso parque que lhe fica contínuo e que começa agora a surgir belo e atraente do abandonado campo do Bom Fim.

Voltando, porém, do largo da Independência, necessário se torna acentuar os melhoramentos por que o mesmo passou. Além das novas escadarias ali feitas, há a registrar ainda a bela murada construída nos seus dois extremos, artisticamente ornamentada com canteiros de grama, circundando lindos arbustos já ali plantados.

E não é só isso. Sob a murada fronteira ao edifício da Escola de Engenharia, a Intendência construiu, em forma de subterrâneo, dois gabinetes reservados para homens e senhoras, que rivalizam com o que há de mais perfeito e higiênico nas grandes e adiantadas capitais americanas.

Com outros melhoramentos introduzidos no largo da Independência, temos agora aquele logradouro fartamente iluminado por poderosos focos de luz elétrica, idênticos aos já existentes na rua Duque de Caxias e praça da Matriz, com os respectivos fios condutores colocados no subsolo.

Para completar esse novo embelezamento da cidade, só falta agora ser substituído o seu horrível empedramento irregular por um calçamento de paralelepípedos. O que ali existe atualmente constitui um verdadeiro suplício não só para o trânsito de veículos como para o próprio trânsito de pedestres. Feita a sua substituição e eliminados os dois plátanos que escondem quase que por completo a avenida Redenção, tirando assim uma linda perspectiva que se

---

<sup>60</sup> O quartel do 7º Batalhão de Caçadores localizava-se na esquina da avenida Bom Fim, atual avenida João Pessoa, com a rua Professor Annes Dias.

poderia obter do alto, o largo da Independência tornar-se-á um dos mais atraentes trechos da nossa capital.

Tão justa é essa observação que, temos certeza, a Intendência não terá dúvida alguma em aceitá-la em benefício de um dos mais formosos aspectos de Porto Alegre.

### *5 de abril de 1927*

Revelando o seu amor ao Rio Grande e preocupado com o crescente progresso desta capital, alguém, ontem pela manhã, teve a gentileza de nos falar longamente, com entusiasmo e sinceridade, sobre a transformação que está passando o campo da Várzea, onde em breve teremos o grande parque de Porto Alegre, que será um dos maiores e, com o tempo, talvez um dos mais belos do país.

No decorrer dessa palestra, ao contemplarmos os primeiros exemplos das árvores que ali estão sendo plantadas, o nosso visitante manifestou a sua simpatia por tudo o que acabava de ver e admirar.

– Maior, porém, seria essa impressão – disse-nos o arguto observador da cidade – se, em lugar de plantas exóticas, tivéssemos aqui todos os representantes da flora rio-grandense, formando uma espécie de jardim botânico, pelo menos em relação às nossas essências florestais, que ali não são tão numerosas nem tão difíceis de transplantar. Agora que a municipalidade está com mãos à obra, a ocasião era mais do que propícia para reunir nessa vasta área, que com tanto carinho está sendo cultivada, os indivíduos mais representativos da flora gaúcha. E seria uma bela escola de botânica rio-grandense à nossa infância ou à nossa mocidade estudiosa. Que serviço inestimável não prestaria o município à população da capital, transformando isso num verdadeiro horto educativo, sem, todavia, tirar as atrações e os fins a que o local se destina? Para tanto bastava que, em lugar de plantas exóticas de arbustos de estufa, produtos de outros climas e de outras terras, se plantassem

aqui árvores genuinamente nossas. Não precisava formar bosques; bastava disseminá-las por todos os quarteirões do parque, entre as suas avenidas e alamedas, tal qual estão fazendo com outras plantas estranhas.

– Pugne por essa ideia – rematou o nosso patrício – e não perderá o seu tempo. Para um caso, entretanto, quero chamar a sua atenção. Será um verdadeiro atentado à estética se se fizer aqui um bosque de eucaliptos, como se propala. Essa grande árvore hoje espalhada pelo mundo inteiro se presta admiravelmente para vastas plantações isoladas, como se vem fazendo por toda parte. Nunca, porém, para um parque ou um bosque dentro da cidade. A se fazer isso, que se faça então da maior variedade possível de outras essências. Como aqui tudo está surgindo tão belo, causando já tão agradável impressão, é bem possível que ainda tenhamos o prazer de ver a flora rio-grandense representada aqui por maior número possível de indivíduos. Que orgulho, então, para todos nós!

\* \* \*

Com prazer aqui registramos esses comentários surgidos de uma visita ao futuroso parque da Várzea.

*17 de abril de 1927*

Certa vez, aqui acentuamos que, em matéria de construções prediais, Porto Alegre perpetra, contra a estética, os mais lamentáveis delitos.

É um assunto que convém de quando em quando bater e repisar, unicamente em benefício da harmonia arquitetônica da *urbs*. O descortino que se tem das nossas edificações, em conjunto ou isoladamente, não é dos que melhor impressione. Não há rua, não há praça, não há avenida, trecho velho ou novo da cidade que não mostre um lamentável aleijão. Todas as artérias da capital apresentam aqui, ali

esses desagradáveis aspectos, que são, de fato, verdadeiros atentados contra o urbanismo, principalmente quando se trata da reconstrução de um determinado edifício. Veja-se, por exemplo, o que aconteceu com o *Petit-Casino*, com o sobrado Malakoff, e muitos outros. Agora mesmo, há a registrar, na bela e futura avenida Redenção, uma verdadeira monstruosidade. Trata-se da reconstrução que se está fazendo no prédio onde funciona o armazém Minas Gerais, ali logo na entrada do *boulevard*. Se esse horrível delito estético encontra proteção e amparo no velhíssimo e feíssimo quartel que lhe fica quase em cima, em compensação deve encontrar condenação formal no belo e moderno palacete que lhe fica embaixo, um dos bons edifícios daquela avenida.

É de lamentar sinceramente essa falta de gosto que se observa em inúmeras construções e reconstruções que estão sendo feitas em toda a cidade.

Não condenamos, todavia, os senhores proprietários; condenamos, sim, a municipalidade, que não olha para essas coisas, que não procura evitar semelhantes atentados praticados em todas as ruas. De que serve o bom gosto revelado, a enorme despesa feita pelo proprietário do palacete da avenida Redenção, a que acima nos referimos, se a reconstrução do edifício junto é de uma horripilância de tal ordem, que lhe tira toda a atenção do público? Em relação a um grupo de edificações prediais, a impressão que se tem é completamente diversa da que se recebe de um grupo de mulheres. Destas, a que se destaca é imediatamente a mais bela, ao passo que nas edificações é sempre o prédio mais feio e defeituoso.

Para tudo isso há, entretanto, remédio. A Intendência deve ter disposições severas, pelo menos dentro de uma certa área da cidade, que não permitam a construção ou reconstrução de certos aleijões. Tudo deve estar obrigado a umas tantas regras, de uma determinada harmonia de linhas, exatamente para evitar-se esses flagrantes atentados à estética.

Se a municipalidade der plena liberdade aos senhores proprietários para construir suas casas como bem entendem, dentro de pouco a cidade apresentará, em matéria de construções, um verdadeiro charivari.

*27 de abril de 1927*

Quem viu a iluminação de Porto Alegre e quem a vê agora notará, certamente, uma sensível diferença. Ela vai melhorando e aumentando gradativamente.

Ruas e logradouros da cidade que até bem pouco permaneciam na mais profunda escuridão estão, agora, inundados de luz, transformados por completo. Basta citar-se uma grande parte da rua Duque de Caxias, toda a praça da Matriz e o largo da Independência. Todos esses pontos estão servidos, agora, por belos e poderosos focos, com condutores subterrâneos, que é também um outro melhoramento de capital importância para Porto Alegre, tal a quantidade de fios e de postes que se veem por todos os pontos.

Enquanto isso se observa, outras ruas, como a aristocrática e elegante Independência, se preparam também para receber o mesmo melhoramento. A própria avenida Redenção já está com sua iluminação melhorada, apesar de ser essa ainda insignificante e ao molde primitivo. O mesmo se observa à rua Venâncio Aires, que era, até bem pouco, como é ainda na rua da República, uma treva profunda e densa. A escuridão era tal que à noite as pessoas se falavam na rua, de fósforo aceso, na mão. Quem era mais prevenido, ao sair de casa, levava um toco de vela para, ao voltar, não errar a porta...

Em relação aos melhoramentos que se vem notando na iluminação pública, há, entretanto, um fato lamentável a registrar. Referimo-nos à avenida 13 de Maio e rua Silvério, que, depois

de terem sido fartamente iluminadas, deram agora para voltar à primitiva treva, sendo que, na primeira, a maioria dos focos ali instalados já não se acendem, há muitos, há várias semanas, talvez. Com a escuridão que, em parte, ali voltou a reinar, já tem resultado um grande número de desastres, mesmo por que o estado dos passeios e principalmente do calçamento daquela avenida é simplesmente deplorável.

Não sabemos que perseguição há contra a bela artéria porto-alegrense, mas o fato é que tudo, ali, está a pedir maior atenção do poder municipal. Calçamento, iluminação, arborização, águas e esgotos são melhoramentos indispensáveis ao desenvolvimento da avenida 13 de Maio. Entretanto, tudo isso, naquela avenida, é deficiente e mal cuidado por parte da Intendência. Quanto ao serviço de policiamento, já nem ousamos falar. Seria quase absurdo reclamar para aquele local o que não existe em toda a cidade.

Mas, voltando ao caso da iluminação pública, que, como acima dissemos, vai melhorando sensivelmente, por vários pontos da zona urbana, resta-nos a esperança de que a municipalidade restabeleça, quanto antes, o serviço já feito no Menino Deus, sob pena das mais justas queixas por parte dos seus moradores.

*29 de abril de 1927*

Em sua edição de ontem, esta folha publicou uma notícia de grande importância para a vida e o progresso de Porto Alegre. Trata-se do aproveitamento de uma queda d'água no rio das Antas para instalação de uma grande usina hidroelétrica que deverá fornecer luz e energia à capital.

Essa nova é para nós de grande importância, principalmente se a ideia se tornar de fato realidade. E há razão para crer que assim aconteça, tanto mais que o próprio governo parece estar vivamente empenhado em amparar essa iniciativa de caráter particular.

Segundo as informações já divulgadas, uma vez fundada essa usina, que terá a força de 30 a 40 mil H. P.<sup>61</sup>, o fornecimento de luz e força à população e às indústrias de Porto Alegre será feito por preço extraordinariamente reduzido, o que não acontece até agora, pois o preço da luz desta capital é, como se sabe, de 1\$200 o quilowatt<sup>62</sup>.

Com tal iniciativa o público só terá a lucrar. A concorrência, além de ser uma fonte benéfica de estímulos, é um freio de exageros de preços a que não raro ficam sujeitos os consumidores. Tornado que seja, em realidade, o plano ora esboçado, da fundação de uma nova usina elétrica, a baixa do preço da energia e da luz dar-se-ia imediatamente, porque seria uma empresa a mais a explorar o mesmo ramo industrial, oferecendo, talvez, outras vantagens que as atuais não oferecem.

A falta de concorrência no comércio, nas indústrias, nos diversos ramos de atividade etc., foi sempre um malefício às populações urbanas, que ficam, assim, à mercê do abuso ou do arbítrio de um só. A frase é um tanto acaciana<sup>63</sup>, valha a verdade. Mas, infelizmente, dela não podemos fugir, para acentuar a situação a que ficam sujeitos aqueles que, pela força de circunstâncias, são obrigados a recorrer à mesma e única fonte exploradora ou monopolizadora.

Tudo isso, porém, desaparece quando surgem novos concorrentes no campo. É o que se dará fatalmente quando Porto Alegre tiver uma nova e poderosa usina elétrica, capaz de atender todas as necessidades da nossa crescente população. A própria origem da

<sup>61</sup> *Horse-power*, medida de potência.

<sup>62</sup> A título de comparação, o preço do quilowatt no Rio de Janeiro, em janeiro de 1927, era 500 réis e 1\$000 (um conto de réis) em Belo Horizonte. In: O PROBLEMA da electricidade em Bello Horizonte: Uma carta de um leitor. *O Jornal*, Rio de Janeiro, ed. 5458, p. 5, 31 de janeiro de 1927.

<sup>63</sup> Acaciana: referente ao Conselheiro Acácio, personagem do romance *O Primo Basílio*, de Eça de Queiroz, publicado em 1878. Suas sentenças pretensiosas, solenes e inócuas deram origem aos termos "acaciano", "acacista" e "acacianismo".

futura usina, aproveitando elementos naturais, como seja, as quedas d'água do rio das Antas, permite que a sua empresa forneça não só a luz como a energia, em condições muito mais vantajosas que qualquer outra. Por essas e outras razões é de se desejar ardentemente a organização dessa nova empresa que muito virá contribuir para o desenvolvimento, progresso e expansão industrial da capital rio-grandense.

É verdade que a Energia Elétrica<sup>64</sup> vai aumentar o seu potencial gerador, já estando bastante adiantadas as obras da sua nova usina, onde serão feitas novas e importantes instalações. Contudo, não é demais que surja outra empresa para explorar o mesmo ramo. Todos lucrarão com isso, principalmente a nossa população, que é a parte mais interessada no assunto e que atualmente está consumindo luz por preço deveras elevado.

Oxalá a ideia da formação de uma nova usina se transforme, em breve, em palpitante atualidade.<sup>65</sup>

### *1º de maio de 1927*

Em o nosso comentário de ontem, deixamos ver que, além do abandono do serviço do tráfego, em Porto Alegre, há ainda outros problemas urbanos a serem resolvidos, como seja, o problema da água e do saneamento geral.

De fato, esses melhoramentos se apresentam como sendo, na realidade, de capital importância para a vida da população. Claro está que a municipalidade não pode resolver tudo de vez, tal a quantidade de projetos que tem em mãos; nem aqui estamos a exigir que ela

---

<sup>64</sup> Energia Elétrica ou Energia: Companhia Energia Elétrica Rio-grandense (CEERG), empresa criada em 1923.

<sup>65</sup> Tal empreendimento não chegou a se concretizar. Em 1928, a Companhia de Energia Elétrica Rio-grandense (CEERG) inaugurou a usina termelétrica do Gasômetro e assumiu o monopólio na produção e no abastecimento de gás e energia elétrica na capital.

faça num espaço de tempo relativamente curto (pouco mais de dois anos de nova administração) uma transformação radical e maravilhosa. Isso seria quase que humanamente impossível, mesmo com o fantástico aumento de impostos que se vem observando malgrado a grita geral de todos os comunicipes.

Verdade é que os contribuintes já começaram a usufruir de muitos benefícios realizados na cidade.

Isso, porém, não é tudo, porque os principais melhoramentos de capital importância estão por serem feitos. Pondo de lado a falta de um departamento de Inspetoria de Veículos, a falta de um policiamento à altura das nossas prementes necessidades, outros problemas aí estão, de mais vulto, de maior importância, que deviam ser resolvidos primeiro que quaisquer outros, atendendo-se à própria situação da capital. Nessas condições estão o problema da água e o saneamento geral de Porto Alegre. Basta dizer que uma vasta zona da cidade, a maior de todas, ainda não possui água nem esgotos. As suas zonas baixas, como acontece com os bairros Navegantes, São João e parte do Menino Deus, são focos permanentes de moléstias dizimadoras, de caráter quase que endêmico, em consequência da falta de escoadouro e indispensável drenagem dessas zonas. É indispensável o mais breve possível esse saneamento, antes mesmo de qualquer outro. Que serve a cidade apresentar vários embelezamentos nas ruas e logradouros públicos, se os melhoramentos mais necessários e urgentes ainda estão por se fazer?

O problema da água e dos esgotos, pelo menos, precisa ser resolvido quanto antes. Já que se deixou de lado o policiamento e o tráfego, cuide-se ao menos daqueles que afetam diretamente a vida da nossa população. Se a municipalidade metesse, com afinco, mãos à obra, já teríamos agora a nossa capital numa situação invejável e pronta, portanto, a receber os retoques de ornamentação, que infelizmente estão sendo feitos antes da indispensável limpeza por que ela deverá passar.

Como já dissemos, não condenamos de modo algum o que até agora se tem feito em prol da cidade. Cansados já estamos de louvar esses melhoramentos. O que apenas lamentamos é que se não tenha cuidado ainda dos principais, dos mais indispensáveis, que tanto afetam o próprio desenvolvimento e progresso da *urbs*.

Porto Alegre reclama com urgência a execução de tais obras. São problemas palpitantes, cuja necessidade, repetimos, ocioso seria encarecer, principalmente o que diz respeito ao saneamento. Sob esse aspecto, a nossa capital ainda muito deixa a desejar.

#### *4 de maio de 1927*

Com o sucesso já esperado, a nossa capital assistiu, ontem, à inauguração da 1ª Exposição Rio-Grandense de Automóveis.

Foi uma nota nova para a cidade; nova, e expressiva, sobretudo, pelo muito que a razão de ser desse certame diz do nosso progresso, do nosso extraordinário grau de desenvolvimento em relação ao automobilismo.

Porto Alegre já conta hoje com mais de 3.000 automóveis, incluindo tipos de toda a espécie. Nenhuma outra cidade do Brasil, com exceção do Rio e São Paulo, possui tão avultado número de veículos delirantes, que são de fato a imagem simbólica da época acelerada que atravessamos. Há três ou quatro anos atrás, esta capital contava escassamente com mil autos. Talvez nem mesmo chegasse a esse número. Daí para cá então é que começou a aumentar extraordinariamente, numa proporção superior ao próprio aumento da população, isso por uma razão muito simples: à maneira que os autos vão aumentando a população vai acabando...

O que não resta dúvida é que o automóvel, hoje, malgrado a sua fúnebre fúria dizimante, é um fator de primeira ordem na atividade e no progresso de Porto Alegre. Quando ele aqui não existia, quando os poucos exemplares que então possuíamos eram apenas objeto de

curiosidade dos basbaques e instrumento de suplício dos cachorros sem dono, a nossa capital não tinha também o progresso que tem hoje, os meios rápidos e cômodos de transporte que os referidos veículos oferecem aos que deles se servem. É verdade que a mortalidade era menor e insignificante, se quiserem, ao ser comparada com a de hoje. Mas não é menos verdade que o aspecto da *urbs* era, naquele tempo, o de uma verdadeira aldeia, modorrenta, sem a menor expressão de vitalidade.

Veio então o automóvel, ao princípio carros esquisitos, no feitio e no aspecto, hoje apenas conservados nos museus como raridades idênticas às da época antediluviana. Depois surgiram outros e outros, mais completos, e à maneira que eles foram surgindo, a cidade se foi também modernizando, embora com todas as falhas e defeitos que ela ainda hoje apresenta. O automóvel tudo alterou, tudo transformou: hábitos e costumes, comércio e indústria, trabalhos e passeios; tudo, enfim, o que aí está sofreu a sua decisiva e poderosa influência nesse curto espaço de tempo que vem do coche de praça de tração animal ao Fiat possante e moderno, ao Packard, ao Fontine, ao Cadillac, ao Oldsmobile, ao Lincoln, ao Dodge, ao Chevrolet, ao Studebaker, ao Buick, ao Chandler, ao popularíssimo Ford, já de aspecto mundano, sempre pronto, porém, a vencer os tremendos sacrifícios das nossas miseráveis estradas de rodagem.

Graças ao automóvel, Porto Alegre se vai civilizando e modernizando.

Ele tem matado muita gente, é verdade, mas está transformando a capital, tornando-a mais tolerável, mais habitável, mais confortável, mais digna do seu nome.

### *10 de maio de 1927*

Muito já se tem falado dos melhoramentos que em boa hora estão sendo introduzidos nesta capital pela atual administração do município. Eles não têm passado despercebidos aos olhos do público, nem esquecidos dos comentários e louvores da imprensa.

Por todos os pontos da cidade há de se assinalar a iniciativa deste ou daquele trabalho novo. Se muitos desses melhoramentos podiam ser dispensados a favor de outros de mais relevância e de mais urgência; se muitos podiam ser executados com maior presteza em benefício dos próprios cofres do município, nem por isso se pode deixar de louvar a administração local pelo muito que ela vem fazendo ou procura fazer em benefício da *urbs*.

Ainda ontem tivemos ocasião de ver as obras de embelezamento por que está passando a avenida Bom Fim<sup>66</sup>, na extensão compreendida desde a rua Conceição<sup>67</sup> até a entrada do Caminho do Meio<sup>68</sup>. Além de uma parte do calçamento ter sido construída com o moderno sistema de cimento armado, está sendo duplicada a linha do bonde Escola<sup>69</sup>, com canteiros e refúgios de permeio, tal qual o que se vê na rua Independência. Diminuída a grande quantidade de postes laterais, estão sendo colocados no centro da avenida apenas os indispensáveis à instalação dos fios condutores. Ainda no centro daquela larga artéria pensa a municipalidade colocar os novos combustores da iluminação pública. Se forem ativados os trabalhos de embelezamento que ali estão sendo feitos, dentro de pouco a avenida Bom Fim apresentará aspecto verdadeiramente belíssimo, como muito poucas ruas de Porto Alegre apresentam.

Idênticos melhoramentos se vão fazendo lentamente, morosamente, preguiçosamente, no lindo trecho da rua Venâncio Aires,

---

<sup>66</sup> Avenida Bom Fim: atual avenida Osvaldo Aranha.

<sup>67</sup> Rua da Conceição: em 1935, o prolongamento da rua da Conceição até a avenida Flores da Cunha recebeu o nome de rua Sarmento Leite, mantendo o antigo nome no trecho entre a avenida Flores da Cunha e a avenida Mauá. No início da década de 1970, perdeu grande parte de sua extensão, com a construção de um túnel e uma pista elevada.

<sup>68</sup> Caminho do Meio: também conhecido como estrada de Viamão, Caminho das Capelas e estrada do Capitão Montanha, corresponde às atuais avenidas Osvaldo Aranha e Protásio Alves, em Porto Alegre. A via atualmente conhecida como estrada do Caminho do Meio faz a ligação entre os municípios de Porto Alegre, Viamão e Alvorada.

<sup>69</sup> Linha de bonde Escola de Guerra: atendia os moradores das imediações do campo da Redenção.

fronteiro à Escola Militar. Esgotos, calçamento, iluminação e canteiros ao centro da rua são serviços que a municipalidade ali está executando já vai para mais de um ano. Ao que ouvimos, a culpa de tão grande morosidade não cabe à municipalidade, e sim à Companhia Carris, que só agora concluiu o assentamento dos trilhos da respectiva linha de bondes que passa naquela rua.

Examinados, porém, esses entraves, é de se esperar que dentro de pouco todos os logradouros daquela zona – o parque da Várzea, as avenidas Redenção e Bom Fim e, finalmente, a rua Venâncio Aires – apresentem em conjunto já concluídos os melhoramentos ora iniciados. Então, sim, a nossa capital terá de se ufanar por possuir uma das zonas mais belas, aquela que com mais carinho é cuidada pela municipalidade. Basta, apenas, que se concluam os melhoramentos em mão.

Será uma obra de legítimo orgulho, não só para a administração, como para a própria população de Porto Alegre.

### *15 de maio de 1927*

Constituiu um acontecimento tão grande como o Quarteto Zika<sup>70</sup>, como as corridas automobilísticas ou como uma partida entre o Internacional e o Grêmio a inauguração anteontem da nova iluminação da rua Independência.

Foi realmente um deslumbramento. A elegante artéria porto-alegrense pode se considerar hoje, sem favor, uma das ruas mais bem iluminadas do Brasil, tendo a se acentuar ainda a artística disposição dos focos, colocados em pares ao centro da rua, independentes dos poderosos combustores isolados.

Nunca Porto Alegre assistiu a espetáculo igual.

---

<sup>70</sup> Quarteto Zika: conjunto de cordas dedicado à música erudita, de origem checa.

Acostumada ao bico de vela, ao lampião de gás, ao pisca-pisca da hipotética luz elétrica dos arrabaldes, diante daquilo que a municipalidade acaba de inaugurar na rua Independência, ela tinha naturalmente que ficar estonteada.

Não era para menos. Sair da negridão apavorante para uma iluminação *a giorno*<sup>71</sup>, é uma diferença tão grande como a da noite para o dia.

Em relação a esse extraordinário acontecimento urbano, um basbaque inteligente, que ali do Teatro Apolo<sup>72</sup> contemplava o inédito espetáculo, monologava:

– Sim, Senhor! Quem te viu e quem te vê! A princípio eras o nada, a profunda treva e a escuridão profunda. Quando surgiste a cidade já era velha lá em baixo. Toda a intensidade da *urbs* lá estava na zona do Riacho, do Caminho Novo, da rua da Praia<sup>73</sup> e da praça da Alfândega. Quem subisse a ladeira que vai dar na praça da Caridade tinha a sensação de penetrar em terra estranha, pela completa diferença entre uma zona e outra da capital. Entretanto, malgrado o abandono em que ficara essa parte, tu e outras ruas iam-se povoando e desenvolvendo por esforço próprio, por exclusiva iniciativa particular, como acontece ainda hoje com a linda zona abandonada do Menino Deus.

Ao princípio, como dizia, eras a treva profunda. Meses e anos dominou-te a densa escuridão impenetrável. Ladrão por aqui abundava como cisco. Reclamaram os teus moradores, apelaram para o poder municipal os teus aristocráticos habitantes. Tudo, porém, foi

<sup>71</sup> *A giorno*: do italiano, como se fosse dia. Expressão usada para indicar que uma iluminação possui grande esplendor.

<sup>72</sup> Cineteatro Apolo: sala inaugurada em abril de 1914 pelos irmãos Hirtz, na rua Independência, junto à praça Dom Feliciano, com lotação aproximada de duas mil pessoas. In: SILVEIRA NETO, Olavo Amaro da. **Cinemas de rua em Porto Alegre**: do recreio ideal (1908) ao Açores (1974). 2001. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

<sup>73</sup> Rua da Praia: oficialmente, rua dos Andradas.

em vão. Assim meses e anos permaneceste amortalhada no escuro. Depois de muito tempo tiveste um ligeiro melhoramento. Vieram então os pequenos bicos a gás – pálida luz indecisa de certos ambientes suspeitos... Mas era a “luz”, era o fiat de formais promessas para o futuro. O tempo passou-se; passaram-se anos. Progredias extraordinariamente. Já passavas por ser a rua mais elegante da capital quando a descuidada Intendência lembrou-se de estender até cá a iluminação elétrica para, de comum acordo com a iluminação a gás, agir contra a tua negrura assustadora. Foi, entretanto, um desapontamento geral de todos, pois permanecias na mesma treva e na mesma escuridão, embora passando por ser a rua mais bela de Porto Alegre.

E trinta anos permaneceste assim; e trinta anos foste a noite profunda; e trinta anos ficaste no mais completo abandono! Foi preciso uma revolução (tremenda ironia!) para trocares o teu luto fechado pela toailete brilhante e fosforescente que hoje apresentas – ó rua formosa da Independência, morada da graça, da sedução e dos encantos femininos da cidade...

E mais não disse o basbaque, ao contemplar o lindo espetáculo.

### *29 de junho de 1927*

Há certos arredores de Porto Alegre que se estão modificando radicalmente. Entre esses, deve ser apontado como um dos primeiros na transformação por que está passando o arrabalde de Mont’Serrat, que, pela natureza de seus terrenos, pela sua situação topográfica, é um dos pontos mais agradáveis e mais pitorescos da cidade. Notam-se ali não só inúmeras ruas novas, recentemente abertas, como também grande número de modernas construções estilo bangalô<sup>74</sup>,

---

<sup>74</sup> Bangalô: casa de andar único.

o que denota o bom gosto com que vão sendo norteadas as novas construções prediais de Porto Alegre.

Quem conheceu aquela zona há cinco anos atrás e a visitar agora não deixará, certamente, de manifestar a sua enorme surpresa diante da transformação radical por que passou aquele trecho até então deserto da cidade. Belas construções, ruas perfeitamente alinhadas, calçadas já arborizadas dão-nos a impressão de um local que caminha para ser, dentro de pouco, um dos bairros mais aristocráticos e um dos passeios mais preferidos da nossa capital. A única falta de que ainda se ressentia aquele ponto suburbano é a da iluminação. A escuridão ali durante a noite ainda é tenebrosa. No dia em que a municipalidade resolver fazer uma farta distribuição de luz nas novas ruas de Mont'Serrat, o futuro local se tornará, realmente, encantador sob todos os pontos de vista.

Nas mesmas condições desse arrabalde, a zona chamada Moinhos de Vento também se desenvolve a olhos vistos, com uma rapidez verdadeiramente prodigiosa, como fácil é de verificar em todas as novas ruas e travessas fronteiras à Protetora do Turfe<sup>75</sup>. São edificações riquíssimas e, sobretudo, de esmerado bom gosto arquitetônico, podendo citar-se, entre outros, o belíssimo palacete do Dr. José Ricaldone<sup>76</sup>, construído por trás da Caixa d'Água, que é, indiscutivelmente, uma verdadeira obra de arte, tanto em arquitetura quanto em entalhamento, que se observam nessa vivenda colocada num dos pontos mais interessantes e pitorescos de Porto Alegre.

Ainda não perdemos a esperança de que a municipalidade, num louvável gesto de requintado bom gosto e de verdadeiro amor aos

---

<sup>75</sup> Sociedade Protetora do Turfe: fundada em Porto Alegre em 1905, promovia corridas no chamado prado Independência, no bairro Moinhos de Vento. O último páreo neste hipódromo só ocorreu em 1959, quando foi inaugurado o Hipódromo do Cristal, e a área do antigo prado deu origem ao parque Moinhos de Vento.

<sup>76</sup> José (Giuseppe) Ricaldone: médico nascido na Itália, formado na Faculdade de Medicina de Porto Alegre em 1909, e proprietário do palacete que deu origem ao nome "morro Ricaldone".

encantos topográficos da capital, transforme o pequeno morro campestre existente ao lado do palacete Ricaldone numa verdadeira joia de recreio, organizando ali o belvedere de Porto Alegre. Para tanto, basta que ela não permita a destruição que lentamente vai-se fazendo do referido morro, na parte que dá fundos para a rua Cristóvão Colombo. Cessada a sua mutilação, aproveitando-se os seus parapeitos para a construção de ladeiras com escadarias e pequenas alamedas, como já vimos em São Paulo, aquele local será, então, o mais atraente e pitoresco de Porto Alegre.

Tudo, porém, depende da boa vontade da Intendência. Está nas suas mãos destruir aquele sítio ou fazer dele uma das maravilhas da capital.

### *10 de julho de 1927*

Com a paralisação das obras municipais, quem agora percorre os principais pontos da cidade tem a impressão de andar caminhando entre ruínas, tal o lamentável abandono em que ficaram tantos projetos, tantas promessas e tantos trabalhos mal começados. Não quer dizer isso que morreram as fagueiras esperanças que nos animavam diante das obras novas, prometidas e iniciadas.

Entretanto, essas esperanças ficam suspensas, como suspensos ficaram esses trabalhos.

Até que eles novamente se iniciem, até que recomece a mesma atividade urbana que se vinha notando em vários pontos da capital, temos ainda muito que andar e que ver.

Alguém, ontem, que observa a sério esses melhoramentos locais, hoje transformados em ruínas, nos declarou formal e convictamente que o “peso”<sup>77</sup> tremendo da municipalidade é proveniente da célebre avenida que

---

<sup>77</sup> Peso: na gíria, azar.

deverá surgir em 1935, da antiga rua General Paranhos. Esse projeto de avenida tem sido, de fato, todo o mal da nossa administração municipal.

Ele deu “peso” desde que as obras foram iniciadas. Como se sabe, uma tremenda fatalidade pesa sobre esse quase irrealizável melhoramento local.

Desde que se delineou o seu traçado, desde que se começou a encher a boca com a nova artéria, exibindo-se croquis de escadarias, desenhos do seu futuro e colossal movimento, pessoas e cachorrinhos (em figuras) palmilhando os seus passeios – desde que se começou a mostrar o que seria o moderno logradouro porto-alegrense, que ele, em lugar de ir para a frente, começou a dar para trás... Há dez anos que estamos nessa luta: ora empaca no viaduto, ora numa desapropriação, ora numa linha reta, ora numa curva, ora num monte de terra... Cada embaraço desses que surgia era um semestre de paralisação dos trabalhos, até que, por fim, esgotados os recursos com que contava a Intendência Municipal para fazer face a todos os belos planos de melhoramento e embelezamento geral da cidade, a sonhada avenida parou definitivamente com uma expressão nítida e perfeita de matadouro remexido.

Quem mais saiu perdendo com isso foi a tradicional rua do Arvoredo<sup>78</sup>, que hoje está em petição de miséria, tudo por causa da malfadada avenida. Ela tem “peso”, realmente. E esse “peso” é tanto que já passou uma grande parte para a municipalidade...

*19 de julho de 1927*

Malgrado a crítica ou a censura que possa merecer a atual administração municipal – e tanto de uma como de outra já nos temos valido, honestamente, nesta mesma seção –, por qualquer ponto da

---

<sup>78</sup> Rua do Arvoredo: atual rua Coronel Fernando Machado.

cidade que se ande sempre se encontra um trabalho novo, um novo melhoramento a registrar e a louvar.

Agora mesmo, para quebrar a longa monotonia do Caminho Novo, a Intendência Municipal, aproveitando o serviço de calçamento que está sendo feito naquela rua, vai ajardinar o pequeno largo fronteiro ao popular Teatro Coliseu<sup>79</sup>, tendo já iniciado o encanteiramento do mesmo local, que será em estilo gracioso, tal qual foi feito em frente ao palácio da municipalidade. Esse embelezamento, como já tivemos ocasião de falar, irá suavizar um pouco aquela monótona artéria, de movimento tão intenso e intensa atividade comercial. Com isso, a nossa edilidade dá uma excelente prova do seu, aliás, já comprovado bom gosto. E não será só aquele a registrar. Na mesma rua vamos ter aformoseamento idêntico ao que será feito no largo Visconde do Rio Branco, onde atualmente está localizado o nosso Corpo de Bombeiros.

Dentro de pouco, se essas obras não cessarem, a abandonada rua Voluntários da Pátria estará completamente transformada. O magnífico serviço de calçamento que ali está sendo feito pela empresa Dahne, Mazzini e Cia.<sup>80</sup> prossegue com grande atividade, já estando próximo da estação da Viação Férrea. Isso quer dizer que dentro de um ano a grande artéria comercial de Porto Alegre, pelo menos numa considerável extensão, terá mudado por completo aquele medonho aspecto primitivo, como já mudou também a avenida Bom Fim, um dos trechos mais belos e pitorescos da cidade. Realmente, essa artéria, com o seu calçamento pelo processo de cimento armado, com a sua nova e dupla linha de bondes e com os

---

<sup>79</sup> Cineteatro Coliseu: auditório localizado na rua Voluntários da Pátria, inaugurado em 1910 no lugar do antigo Polytheama. Era de propriedade da empresa Irmãos Petrelli e tinha capacidade para 2.500 espectadores. In: SILVEIRA NETO, Olavo Amaro da. **Cinemas de rua em Porto Alegre: do recreio ideal (1908) ao Açores (1974)**. 2001. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2001.

<sup>80</sup> Dahne, Mazzini e Cia.: empresa que assumiu o calçamento de 300.000m<sup>2</sup> das ruas em Porto Alegre, e à qual foi arrendada a estrada de ferro do Riacho à Tristeza, de 1926 a 1930.

belos canteiros que estão sendo construídos no seu centro, apresenta hoje o aspecto de um verdadeiro *boulevard*. Todos esses serviços prosseguem com grande atividade, o mesmo acontecendo com o longo trecho da rua Venâncio Aires fronteiro ao Colégio Militar<sup>81</sup>, que além de estar magnífica e solidamente calçada, vai ter o centro da rua convenientemente ajardinado, para o que já foram construídos os respectivos canteiros.

São melhoramentos e embelezamentos esses que devemos à atividade operosa da atual administração.

Valemo-nos, ainda, da oportunidade para fazermos uma retificação de inteira justiça: tendo, há dias, lamentado em *A Cidade* a paralisação das obras de desaterramento da rua General Paranhos, podemos hoje afirmar que esse serviço até agora não cessou, prosseguindo as escavações para a construção do viaduto, na parte que dá para a Cidade Baixa.

*28 de julho de 1927*

As nossas praças, já de si tão tristes, estão ficando mais tristes ainda.

É que as plantas que as ornamentam já estão quase todas desfraldadas. E, realmente, não há árvore que dê, nesta época, impressão tão desagradável como o plátano. Ele representa, de fato, um verdadeiro intruso na existência monótona e sem variada beleza dos nossos jardins e logradouros públicos. Estrangeiro de nascimento, só aqui no Rio Grande o plátano se intromete de uma maneira deveras impertinente nos jardins, praças e avenidas. Por toda a parte, por todo o interior, só se vê o plátano. Já é uma mania.

---

<sup>81</sup> Colégio Militar: instituição de ensino fundada em 1912, funcionando até hoje no prédio inaugurado em 1872 nas imediações do atual parque Farrroupilha.

Entretanto, lindas essências florestais existem por aí nas nossas selvas, que deviam ser aproveitadas para adorno dos nossos logradouros públicos. Algumas representam os mais belos espécimes da nossa riqueza vegetal. Todavia ainda ninguém se lembrou de colocá-las em lugar condigno, como expressão e símbolo dessa mesma riqueza.

Em outros pontos do Brasil já não se dá isso. Cada estado procura ter, nas suas avenidas e praças, árvores nativas, representações da sua verdadeira beleza florestal. Aqui no nosso estado é o contrário. O domínio é do plátano, exclusivamente do plátano. Não se vê uma canelaira, um cedro, ou mesmo um pé de erva-mate, cuja copa e cuja folhagem constituem um verdadeiro encanto.

Não, o que se vê por toda a parte é o plátano. Assim, por esta época, quando em outros lugares do país as praças, os jardins, os passeios públicos, e principalmente os parques estão cheios de viço, conservando o verde luminoso de suas folhagens, entre nós, pelo contrário, esses mesmos passeios começam a cair em desolada melancolia, em face dos plátanos que se desfolham e se desnudam por completo, sujando os passeios e as ruas. Não se diga que somos vítimas do clima, pois lindas árvores existem da flora rio-grandense cuja verde folhagem é permanente. Tudo é questão apenas de procurá-las, adaptando-as aos logradouros públicos da cidade.

Ainda bem que a nova arborização que vai sendo feita pela municipalidade já começa a fugir à monotonia do plátano.

*30 de julho de 1927*

Em matéria de calçamento, como em muitas outras coisas, Porto Alegre passa por uma transformação deveras sensível.

Isso não quer dizer que a administração anterior não cuidou do calçamento da cidade. Pelo contrário, cuidou e cuidou muito bem, deixando mesmo a *urbs* com trechos de calçamento que são verda-

deiros modelos de obra bem-acabada e perfeita. Mas era pouco em relação ao muito que precisava a cidade, pelo menos na sua área mais central.

Só agora a atual gestão do Sr. Otávio Rocha tem cuidado seriamente do problema, desdobrando com grande atividade esse plano de melhoramento. Grande número de ruas já estão elegantemente vestidas, apresentando um aspecto de radical transformação. São, aliás, essas que a municipalidade vai incessantemente continuando.

Depois do calçamento executado na elegante rua da Independência, vamos ter agora a execução do mesmo serviço na praça Júlio de Castilhos, que, como se sabe, esteve até agora entregue ao mais completo abandono. Terminado, também, como já está, o calçamento de cimento armado na avenida Bom Fim, foi iniciado o mesmo serviço na avenida Redenção. O Caminho Novo, por sua vez, prossegue com grande presteza, já estando várias quadras concluídas; e, para alívio dos seus transeuntes, o mesmo melhoramento vai ser iniciado agora na nova artéria que passa por trás da rua Voluntários da Pátria, de sorte que os principais trechos da capital, os mais importantes em movimento, estão hoje, na sua maioria, otimamente calçados de paralelepípedos, enquanto o mesmo serviço se vai fazendo em outros pontos menos centrais da cidade.

Creemos firmemente que, a continuar assim, dentro de dois anos Porto Alegre estará com toda a sua vasta área central completamente transformada, no que diz respeito ao seu calçamento.

É uma necessidade que se impõe; necessidade tão grande como os esgotos, a água e o saneamento geral.

Fazia-se urgente a execução imediata desses melhoramentos. Uma capital como a nossa, com uma população que vai além de 250.000 habitantes, não pode continuar estacionária quanto aos seus melhoramentos mais indispensáveis.

Franco louvores por isso merece a administração, que vai realizando essa obra de capital importância para a vida, para o desenvolvimento e para o próprio progresso de Porto Alegre.

É de esperar, portanto, que essas obras prossigam com a mesma atividade seguida até agora.

### *9 de agosto de 1927*

As construções prediais de Porto Alegre têm tomado um formidável impulso nestes últimos anos.

Por todos os pontos da cidade, tanto no centro como nos bairros mais afastados, as edificações novas são em número deveras considerável. Elas vão surgindo da noite para o dia, rápida e vertiginosamente.

Lugares completamente desertos estão hoje transformados em ruas elegantes, cheias de edifícios modernos, de lindas “vilas”<sup>82</sup> e belos palacetes, onde já há o que admirar, um certo e apurado gosto arquitetônico, coisa que até bem pouco tempo dificilmente se divisava no nosso progresso predial. Já se contam por numerosos os “bangalôs”, os prédios de estilo colonial, as vivendas para moradia particular.

Em alguns arrabaldes predominam exclusivamente essas construções, o que dá um encanto novo e todo especial a certos e determinados trechos da cidade.

Neste nosso comentário de hoje não queremos ressaltar somente esse novo aspecto de Porto Alegre, mas falar das suas construções em geral, da atividade que se vai notando no coração da capital, na verdadeira *city*. Aqui já predominam os edifícios altos, de vários andares. É que a nossa metrópole, como acontece com São Paulo, caminha também para os “elevados domínios dos arranha-céus”.

---

<sup>82</sup> Vila: residência requintada.

Dentro de poucos meses nada menos de cinco edifícios de seis andares erguer-se-ão no quarteirão em que mais estreitas são as nossas ruas, sendo que dois desses prédios já estão concluídos.

O único ponto condenável é exatamente o de estarem sendo feitos em ruas demasiadamente acanhadas, que são verdadeiros becos, que mais se parecem com “esses tubos de escoamento de água que possuem sucção desproporcionada ao escoamento a que se destinam”, segundo a frase do notável urbanista francês que atualmente se encontra em São Paulo<sup>83</sup> estudando o desenvolvimento predial daquela vertiginosa capital.

Agache é contrário também à construção de “arranha-céus” em ruas que não têm largura proporcional ao tamanho desses colossos de aço e de cimento armado.

Os novos edifícios da nossa capital não são em rigor considerados como verdadeiros “arranha-céus”. Ainda lhes falta muita altura para lá chegarem.

Entretanto, eles se desmesuram desproporcionalmente nas nossas ruas, por serem essas demasiado acanhadas para esses gigantes que roubam toda a luz da vizinhança em torno.

E só isso já é um grande mal.

*10 de agosto de 1927*

Com estes lindos dias de forte sol estival que se têm feito sentir, antes que a dura invernoia recomece, as flores e os arbustos que ornamentam um vasto quarteirão da Várzea começam a vice-

---

<sup>83</sup> Alfred Agache (1875-1959): arquiteto francês que realizou o projeto de ajardinamento do parque da Redenção; posteriormente, dos anos 1930 a 1950, idealizou os projetos urbanísticos de algumas capitais brasileiras. In: MOREIRA, Fernando Diniz. **Shaping cities, building a nation: Alfred Agache and the dream of modern urbanism in Brazil (1920-1950)**. 2004. Tese (Doutorado) – University of Pennsylvania, Philadelphia, 2004. Disponível em: <https://repository.upenn.edu/dissertations/AAI3138056/>. Acesso em: 14 ago. 2019.

jar como se já estivessem na apoteose triunfal da primavera, na explosão impetuosa da seiva. E há realmente, naqueles tufos de verdura, naqueles lindos arabescos que margeiam de um extremo a outro o futuro parque, qualquer coisa de luminoso. O lago, as alamedas, os próprios bancos que se vão encordoando de uma ponta a outra do passeio, parece que se sentem tomados agora de uma beleza estranha. Dir-se-ia que o próprio Amor, buliçoso e trêfego, anda a brincar por ali, em idílios bucólicos, em anseios e esperanças palpitando na graça de um sorriso ou na luz de um doce olhar misterioso que vem de em frente, de alguma imagem sedutora e querida reclinada à janela indiscreta... Quem por ali anda já tem ímpetos de amar e sonhar, já sente menos monótona esta monótona desolação da cidade, este enfado diário que a luta intensa pela vida vai acumulando na alma da gente.

Esperanças, esperanças, esperanças...

O novo trecho da capital – velho e abandonado, digamos, mas que a atual administração vai tornando encantadoramente novo – já nos enche a alma de uns certos pruridos de poeta ao feitio modernista. Cada arbusto, cada canteiro, cada banco convidativo, cada visão fugitiva que ora se reclina ou ora foge da janela no casario da avenida, banhado de luz, é uma fonte divinatória de inspiração, é um desafio de exercício da inteligência rude que mal nos auxilia no desenvolver de uma ideia ou no paciente arredondar de uma frase.

Entretanto, para que a ilusão poética se complete e para que a dura realidade não aniquile depois essa ilusão, é necessário que o município prossiga nas obras ali encetadas. Com mais um esforço, com um pouco mais de boa vontade, a Intendência terá deixado à nossa capital um logradouro público de primeira ordem. Se difícil e dispendioso é arborizar e ajardinar todo o parque, com a construção dos recreios ali projetados, que se faça ao menos o quarteirão iniciado, que é toda a parte fronteira com a avenida Redenção.

Os trabalhos principais já estão feitos naquele trecho; basta agora completar o ajardinamento interior, e fazer-se a abertura das novas alamedas.

Se o próprio calçamento da avenida foi iniciado agora com tanta intensidade, é justo que se complete também o embelezamento do parque, pelo menos na parte onde as suas obras já estão começadas.

*3 de setembro de 1927*

Foram exonerados, a pedido, os dois principais engenheiros encarregados do alargamento da antiga rua General Paranhos e construção do respectivo viaduto, obra essa que há três anos vem sendo o assunto palpitante da *urbs*.

A notícia, como se vê, não é nada agradável. Isso significa, nada mais nada menos, que a encrocada obra, já quase paralisada há muitos meses, vai agora parar definitivamente.

Era uma vez a falada avenida... Pelo menos não será tão cedo que vê-la-emos, como no lindo desenho do seu projeto, cheia de vida, animada de extraordinário movimento nos seus amplos passeios laterais, onde se erguem amplos e majestosos edifícios.

A saída daqueles técnicos da comissão a que pertenciam significa claramente que a futura avenida continuará ainda encruada, à semelhança da obra de Santa Engrácia, começada e não acabada.

Não sabemos que formidável "peso" recai sobre a futura e remota artéria porto-alegrense, que não há maneira do projeto tornar-se realidade. O seu alargamento, o deslocamento do seu eixo, os seus passeios, o seu tráfego, a sua moderna edificação, tudo, enfim, que se imaginava ver na portentosa diagonal metropolitana está ainda por fazer-se; o que existe a respeito está apenas no grosso papel de desenho. A fantasia criadora não avançou um centímetro na realidade almejada. Realidade será a obra, mas com o tempo, para

daqui a muitos anos, quando os nascituros de hoje repontarem em rapazelhos e moçoilas com outras vaidades que não as atuais.

E dizer que no alinhamento da grande e buliçosa artéria já se projetava um mundo de coisas extraordinárias nunca vistas em qualquer outro ponto de Porto Alegre! A respeito, vimos plantas e projetos simplesmente fantásticos: um colossal teatro, um colossal cinema, duas grandes casas de chope, dois cabarés-modelo, casas de jogo do bicho exclusivamente para famílias, além de outros e outras admiráveis inovações reclamadas pelos grandes progressos da capital.

E dizer-se que tudo isso vai ser protelado, que tudo isso vai ser transferido para outros tempos futuros, quando for de fato feita a planejada avenida central de Porto Alegre!

É pena!

A nova paralisação de suas obras vai acabar por matar as esperanças daqueles que, como nós, ainda esperavam poder gozar dos encantos e das supremas delícias que o futuro logradouro vem há tanto tempo prometendo à população da nossa leal e valorosa cidade.

### *6 de setembro de 1927*

Vai se tornando simplesmente intolerável a existência do forno do lixo<sup>84</sup> ali na populosa zona da Azenha, que é, por assim dizer, dentro do centro da cidade. A população daquelas imediações já começa a sentir os efeitos desagradáveis de semelhante vizinhança.

Há tempos reclamamos contra o fato, lembrando à municipalidade a necessidade de fazer a mudança do forno do lixo para ponto mais afastado da *urbs*. Fomos então informados que a Intendência ia transferir para a várzea do Gravataí<sup>85</sup> o referido serviço, lá instalando um forno moderno e amplo, de acordo com as necessidades

<sup>84</sup> Forno do lixo: equipamento de incineração localizado à margem do arroio Dilúvio, no bairro da Azenha, rua Sans Souci. Foi demolido em 1938.

<sup>85</sup> Várzea do Gravataí: atual bairro Sarandi.

da capital, tratando ao mesmo tempo do aproveitamento de todo lixo para lá transportado.

Isso já vai para mais de dois anos. Ao que nos consta, nada foi feito nesse sentido, continuando, pelo contrário, em plena atividade o velho forno retardatário. É de tal ordem o lixo que ali se vai acumulando, que dentro de pouco terá ele invadido a rua e interceptado uma parte do Riacho! Quem vai ali passar vê logo aquela montanha de esterqueira e imundície avançando em direção à rua, já dominando uma das margens do pestilento córrego. Este, em dias de chuva, quando suas águas engrossam, vai solapando o lixo e arrastando tudo o que pode rio abaixo, até ao Guaíba, num percurso que é uma verdadeira distribuição de pestilências mortíferas.

Nada há a deter a invasão terrível. Enquanto não se canalizar o miasmático córrego, enquanto não se retirar dali o forno de lixo, que hoje está com a sua atividade duplamente aumentada, aquela zona será sempre das mais perigosas de Porto Alegre. Pelo menos é uma ameaça constante à saúde pública.

Já é tempo de se tomar uma providência segura a esse respeito.

O depósito do lixo vai dia a dia aumentando, e esse aumento é de tal ordem que umas casinhas de madeira existentes ao lado do referido forno, casebres esses pertencentes à Intendência, já estão quase sepultados sob aquele montão de esterqueira. E mora gente ali dentro! E a municipalidade aluga semelhante coisa!...

É de se lamentar que tal aconteça, pois tal fato é uma contribuição pouco recomendável ao asseio e à higiene da capital.

O que se deseja da municipalidade não é que ela transforme tais alfurjas em fonte de renda, mas que retire dali o quanto antes (e é o desenvolvimento da cidade que assim o reclama) o forno e o depósito de lixo que já estão quase dentro da rua da Azenha.

*9 de setembro de 1927*

A remodelação e a ampliação que se estão fazendo na rede hidráulica de Porto Alegre representam uma obra de vulto, extraordinária. Naturalmente, uma grande parte da população desta capital não tem uma ideia exata, como nós também não a tínhamos, do que seria a promessa da atual administração municipal quanto à transformação por que iria passar o serviço de abastecimento d'água.

Duvidamos mais de uma vez da realização desse melhoramento, estranhámos e criticámos a demora na execução das referidas obras; parecia-nos que tal melhoramento de tão grande urgência e de tão grande importância não passaria de conversa ou de simples projeto.

Manda, porém, a verdade dizer que tal não acontece. Penitenciamonos, em tempo, da incredulidade com que encarávamos o magno problema. Tivemos a oportunidade de conhecer *de visu*<sup>86</sup> tudo que está em andamento, tudo o que se está fazendo nesse sentido, nos mínimos detalhes da mão de obra. A instalação dos novos filtros, os vastos tanques de decantação que estão sendo construídos, as novas redes distribuidoras que estão sendo instaladas, os modernos aparelhamentos de que estão sendo dotados os vastos depósitos da Hidráulica Municipal, serviços esses a cargo de uma das maiores e mais importantes firmas norte-americanas, tudo, enfim, que vimos e observamos nos capacitou de uma realidade magnífica. E, segundo nos declarou um representante da firma contratante das novas obras hidráulicas de Porto Alegre, dentro de oito meses a nossa capital estará aparelhada com um serviço de águas dos mais perfeitos existentes no país.

Pelo que já está feito pelos pormenores do projeto em execução, fácil é de se concluir que teremos de fato um trabalho definitivo, de acordo com as exigências e as necessidades da nossa capital. Por sua

---

<sup>86</sup> *De visu*: por ter visto, de vista.

vez, a rede distribuidora começa a ser rapidamente estendida por vários pontos da vasta zona suburbana. Assim é que os extremos dos Navegantes, Gravataí e São João, até a entrada do Passo da Areia já estão abastecidos pelo serviço de águas, o mesmo acontecendo com o arrabalde do Partenon.

Como se vê, já avançamos muito. Em breve, outros pontos da cidade, outras zonas do centro serão também atingidas pelo mesmo melhoramento há tanto tempo reclamado. E logo que começarem a funcionar os novos e modernos filtros, cujas instalações já se acham bastante adiantadas, Porto Alegre terá, então, não só abundância de água, como esse líquido rigorosamente filtrado.

Com isso a nossa capital ficará a dever ao seu atual e operoso administrador um melhoramento de extraordinária valia, de extraordinária importância para nossa população e de cuja realização chegamos por várias vezes a duvidar.

#### *20 de setembro de 1927*

O automóvel é hoje a expressão mais característica da atividade e do progresso. A cidade que não possui esse moderno veículo vertiginoso é porque está à margem da civilização. É uma Itaoca<sup>87</sup> impenetrável e retardatária, segundo a descrição precisa e perfeita que Monteiro Lobato nos deu em um dos seus livros da cidade em tudo e por tudo atrasada.

Porto Alegre, como dezenas de outras cidades, escapou vertiginosamente à desagradável situação que pesa sobre uma infinidade de Itaocas perdidas por este país afora. Adaptou-se imediatamente à civilização; aceitou de bom grado o conceito de Euclides da Cunha,

---

<sup>87</sup> O autor refere-se à fictícia Itaoca, cidade decadente do interior de São Paulo descrita no conto "Cidades Mortas", do livro homônimo de Monteiro Lobato. No conto, a cidade perde seu dinamismo em função do esgotamento das fazendas de café, que se deslocavam rumo a oeste em busca de terras férteis e regiões de floresta virgem.

“ou progredimos, ou desaparecemos”<sup>88</sup>, para não se amarrar à involução golpeante e destruidora.

A nossa capital (valha-nos a chapa<sup>89</sup>) é hoje uma cidade que se civiliza. GANHOU nestes últimos quatro anos o que nunca até então conseguira – os foros de uma verdadeira metrópole.

Vem daí a entrada triunfal do automóvel, que, se já então existia entre nós, era em número relativamente pequeno. Mal, porém, ele percebeu o avanço da *urbs*, o alargamento e calçamento de suas ruas, a abertura de outras, avançou também; avançou vertiginosamente, acompanhando a marcha progressista da aldeia que, de um momento para o outro, se fazia capital. Consequência – nós, que nunca sonhávamos com uma associação beneficente de choferes, vamos ter ainda um Automóvel Clube. É a expressão mais característica, como se vê, do progresso de uma civilização da capital.

Porto Alegre, realmente, já está em condições de ter uma sociedade condigna, que seja de fato uma amostra de seu rápido desenvolvimento em matéria de automobilismo. O avanço tem sido de tal ordem, e o interesse pelo automóvel já é tão elevado, tão expressivo, que não precisamos encarecer a fundação do Automóvel Clube, mesmo que ele derive para outros fins sociais e desportivos. É sempre um ponto de atração, e, mais do que isso, um ponto imediato de referência para assinalar o crescente progresso de Porto Alegre, que hoje conta com apreciáveis elementos para levar avante tal iniciativa.

Em matéria de automobilismo, nada ficamos a dever aos centros mais adiantados do país. Com exceção de um único elemento – as boas estradas – possuímos todos os outros. É empurrar para frente

---

<sup>88</sup> Célebre sentença de Euclides da Cunha (1866-1909), enunciada no capítulo “Complexidade do problema etnológico no Brasil”, localizado em “O Homem”, parte II de *Os Sertões* (1902).

<sup>89</sup> Chapa: clichê, lugar-comum.

a ideia, pois é bem possível que, com a sua realização, as nossas estradas também se resolvam a mudar de fisionomia.

### *9 de outubro de 1927*

Porto Alegre já nos dá a impressão verdadeira de um centro de grande atividade. Quem, por exemplo, demandar a avenida do Cais do Porto, a qualquer hora do dia, verá logo ali uma febre de trabalho desusado, como nunca então se observou nesta capital.

Encostadas ao cais, uma infinidade de embarcações grandes e pequenas, de toda espécie e feitio, dia e noite ali operam, carregando e descarregando mercadorias. Nos armazéns do porto, o mesmo afã, a mesma atividade se verifica de um modo deveras notável, jamais observado entre nós. Por sua vez, na avenida do Porto, um movimento extraordinário de veículos, num vai e vem contínuo, logo denota esse novo aspecto de labor que a nossa capital adquiriu com a construção do cais e suas dependências, como sejam, os armazéns e a nova doca. Esta última se tornou agora um ponto de intenso movimento, como se estivéssemos de fato diante de um grande porto comercial.

Tudo em derredor daquele novo trecho de Porto Alegre revela um progresso notável, digno por certo de especial registro. O que ainda há pouco era abandonado à desolação, num dos mais desagradáveis pedaços da cidade beirando a bacia do Guaíba, é hoje um empório de múltiplas atividades.

A própria avenida, que parecia não querer progredir em matéria de construções, já apresenta hoje grande número de edificações concluídas, enquanto outras vão sendo começadas.

Já se tem realmente o que ver naquela zona nova da nossa capital. A febre do trabalho e a luta pela vida assumem ali um grau verdadeiramente intenso. O único contraste a registrar é a decadência de plo-

rável do edifício que se começou a construir para a Alfândega<sup>90</sup>, que hoje nos dá a impressão de um montão de ruínas. Tentáculo terrível do fisco e da ganância, a Alfândega, que tudo consome e que tudo absorve das energias do comércio, não quis até agora acompanhar o progresso local, preferindo permanecer na alfurja em que está metida a ter que viver em habitação mais decente.

Queixa-se ela, é verdade, da Delegacia, que, embora tendo o crédito a sua disposição para recomeçar as obras, não deu até agora um só passo a favor daquela construção.

Se a Delegacia Fiscal cuida dos outros interesses como cuida em relação ao cais da Alfândega, estamos bem arrançados.

Posto de lado esse senão, tudo o mais naquele novo trecho demonstra o notável desenvolvimento que Porto Alegre atualmente apresenta.

Registramos aqui esse aspecto inteiramente novo da cidade.

#### *14 de outubro de 1927*

Já está concluído há muitos dias, sendo dentro de pouco franqueado ao trânsito de veículos, o calçamento de concreto recentemente construído numa das faces da avenida Redenção.

Esse melhoramento é idêntico ao que já foi feito em toda a extensão da avenida Bom Fim, cujo aspecto magnífico tão agradavelmente impressiona a quantos por ali passam.

Com a introdução desse novo processo de calçamento adotado pela firma contratante de tais obras, muito terá a lucrar a nossa *urbs*, pois tal calçamento, que hoje vem sendo adotado em Buenos Aires e Montevideu, nada fica a dever ao asfalto, sendo mesmo considerado superior a este pela sua resistência e durabilidade. Pena que a nossa prejudicial e lamentável companhia

---

<sup>90</sup> As obras para a construção do novo prédio da Alfândega tiveram início em 1911 e foram finalizadas em 1933.

de bondes, que vive a esburacar toda a cidade, não dê lugar a que a Intendência complete a construção do referido calçamento na avenida a que acima nos referimos, por estar uma grande parte do leito da rua completamente atravancada de trilhos e de linhas que há anos prometem ser modificadas e que, no entanto, continuam até agora no mesmo estado.

Felizmente, a municipalidade não tem perdido tempo. O trabalho de calçamento está sendo ativado em grande número de outras ruas, como se vê nas avenidas São Rafael<sup>91</sup> e Júlio de Castilhos, e ruas Vigário José Inácio, Santa Catarina, Senhor dos Passos e outras mais. Dentro em pouco, a nossa capital terá mudado radicalmente o seu aspecto primitivo de cidade descuidada em matéria de melhoramentos urbanos, para se tornar uma verdadeira e moderna capital. Com três anos apenas de atividade, a atual administração tem feito verdadeiros prodígios, tal a quantidade de obras em andamento. A nossa edilidade poderá ser acusada de produzir demais, realizando empreendimentos superiores às suas próprias forças, nunca, entretanto, por inativa ou por indiferente aos problemas locais. Em relação ao serviço de calçamento, pelo menos, o seu esforço tem sido deveras extraordinário, estando já uma enorme extensão da zona central completamente remodelada, oferecendo bela impressão a todos os que a observam com vivo interesse, preocupados com o seu progresso e desenvolvimento.

Oxalá essa atividade não cesse, pelo menos no que diz respeito à transformação por que vão passando as nossas ruas, que tanto careciam de uma nova e definitiva vestimenta.

---

<sup>91</sup> Avenida São Rafael: antiga travessa 24 de Maio, atualmente dividida entre as avenidas Alberto Bins e Otávio Rocha.

*9 de novembro de 1927*

A célebre avenida<sup>92</sup> tem de fato cabeça de burro. Já ninguém mais duvida do “peso” formidável que lhe cai em cima. Em longo editorial, há dias publicado, esta folha teve oportunidade de salientar os embaraços e dificuldades por que vem passando aquele projetado logradouro público, desde que, há três anos, as suas obras foram iniciadas. *A Cidade*, por várias vezes, também tratou do mesmo assunto, salientando a situação em que até agora permanece a referida avenida, sem avançar nem recuar, riscada entre barranqueiras íngremes numa atitude de obra que está definitivamente abandonada.

Esse melhoramento criou realmente cabeça de burro. Desde que se lhe deu o batismo de um nome de guerra; desde que se lhe começaram a idear coisas maravilhosas e fantásticas com que a nova artéria devia espantar o nosso pacatismo provinciano – desde aí a obra começou a “encrostar” de verdade. E, agora, ela não sai da situação lamentável em que a meteram. Não é preciso, aliás, se enxergar muito longe para logo se concluir que aquilo ainda vai acabar num verdadeiro fracasso. Logo que começaram a modificar o seu traçado, mudando para aqui, recuando para ali, num verdadeiro brinquedo de criança em que o próprio Estado, segundo ouvimos, foi o principal causador – logo que se registrou esse estranho caso de se estudar o traçado depois da obra em andamento, concluímos razoavelmente que tudo isso ainda ia acabar mal.

E acabou mesmo.

Era uma vez a avenida. Era uma vez o viaduto.

Essas obras pararam exatamente quando não deviam parar, no momento em que, prejudicando o acesso para outras ruas, a sua abertura constituía, por isso mesmo, uma necessidade inadiável. Há três anos que a cidade está com esse tremendo obstáculo encravado

---

<sup>92</sup> Trata-se da avenida Borges de Medeiros.

em pleno coração, no local que mais reclama imediato escoadouro para o trânsito público.

Entretanto, a obra não sai. A projetada e celebrada avenida vai passar à posteridade como um monte de ruínas. A cabeça de burro que lhe arranjaram desde que lhe meteram o nome que devia assinalar o grande melhoramento, honrando ao mesmo tempo o nome do seu patrono, fez com que a obra desse com os burros na água.

Na situação em que ela está não há avanço, nem mesmo um passo.

Muita gente não acredita em jetatura<sup>93</sup>.

Pois nós acreditamos.

#### *24 de novembro de 1927*

Com a entrega de várias quadras e de ruas inteiras, recentemente calçadas, nas adjacências do Caminho Novo, e com outras tantas que deverão estar concluídas até o fim do ano, a parte central da cidade, com exceção de muito poucas ruas, já apresenta aspecto de uma radical transformação. Mesmo à sua própria custa, saindo do seu próprio bolso as despesas feitas com tal melhoramento, mesmo assim, a população de Porto Alegre fica devendo um assinalado serviço à atual administração municipal, que tem, em verdade, cuidado desse e de muitos outros melhoramentos locais que, de um certo modo, muito contribuíram para mudar a velha fisionomia da cidade. Entre a Porto Alegre de quatro anos atrás e a Porto Alegre de hoje, há uma formidável diferença que não pode passar despercebida ao olhar menos curioso e observador. Cometeríamos uma profunda injustiça se não assinalássemos a dedicação e o interesse que o ilustre chefe do poder municipal vem demonstrando por tudo que diz respeito ao aformoseamento da capital.

---

<sup>93</sup> Jetatura: mau-olhado.

Se outros serviços não lhe devesse Porto Alegre, bastava que se apontasse o calçamento geral do centro da cidade; a criação da maravilhosa praça de concertos Araújo Vianna, recentemente inaugurada<sup>94</sup>; a abertura de novas ruas; o ampliamiento da rede hidráulica e de esgotos; a transformação por que passou o campo da Várzea e a avenida Bom Fim; a nova diretriz que se imprimiu no serviço de Assistência Pública<sup>95</sup> e no da Inspetoria de Veículos.

A cidade já lhe deve esses e outros melhoramentos de capital importância, mas precisa ainda dever-lhe muito mais, principalmente no que diz respeito ao serviço de policiamento, cuja realidade e eficiência é uma justa aspiração da nossa população laboriosa, desamparada de todas as garantias e de todos os meios de defesa, entregue à sanha de gatunagem infrene e dos crimes de toda ordem, praticados quase sempre à plena luz do dia.

Já que acima falamos no importante serviço de calçamento que, com grande atividade, vem sendo executado nas nossas ruas centrais, convém lembrar que precisamos dever à operosa edilidade a mesma assistência, as mesmas atenções e cuidados às ruas e estradas dos nossos arrabaldes, que são pontos de ligação direta com a *urbs* por onde se escorre também a mesma febril atividade de um progresso intenso e notável. Precisamos sanear e cuidar dos nossos arrabaldes, melhorando incessantemente o mau estado de suas ruas, onde o trânsito de veículos constitui um ingente sacrifício.

---

<sup>94</sup> O auditório Araújo Vianna foi oficialmente inaugurado em 19 de novembro de 1927. Construído a partir de um projeto elaborado por José Wiedersphan e Arnaldo Boni, localizava-se no terreno da atual Assembleia Legislativa. Em 1964, com novo projeto, foi transferido para o parque da Redenção. In: STORCK, Thiago Buzatto; DE BEM, Judite Sanson. A primeira fase do Auditório Araújo Vianna: de 1927 a 1960. In: ISAIA, Artur César (org.) et al. **História, Cultura e Religiosidades Afro-Brasileiras**. v. 3. Canoas (RS): Edilassale, 2020. p. 147-150. Disponível em: <https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/books/issue/viewFile/289/15#page=147>. Acesso em: 8 fev. 2021.

<sup>95</sup> Assistência Pública: serviço de socorro médico de emergência instalado em 1898.

No dia em que a municipalidade tomar a si essa tarefa, terá ela então completado a série de serviços que a população ficará a dever ao seu operoso administrador.

*23 de dezembro de 1927*

Era uma vez a praça 15 de Novembro...

Ela existiu outrora e já mal dá sinal de vida hoje...

Vítima da tremenda fatalidade do progresso, a mais popular das nossas praças vai pouco a pouco desaparecendo. Como é triste a existência dos velhos e tradicionais logradouros públicos nas cidades que se tornam grandes, nas cidades que evoluem e avançam! Morrem aos poucos, morrem aos pedaços, mutilados e esquartejados pelas exigências brutais da Civilização – da Civilização que não tem lembranças, que não guarda saudades, que não respeita o passado, não ama e venera as tradições.

Assim aconteceu com aquele amável recanto de Porto Alegre por onde passaram três gerações de tomadores de cerveja e duas de invejáveis e diuréticos bebedores de chope... Era ali, também, nas tardes de soalheira brava, nas noites de calor intenso, que uma grande parte da população ia buscar o refrigerio, gozando as delícias e os encantos daquele refúgio pitoresco, ao contato de suas árvores farfalhantes, sob cujas copadas protetoras, no tempo em que não havia batedores de carteira, nem os vigaristas do jogo das “tampinhas”, celebravam-se afetos mútuos, ardentes idílios amorosos, que mais escaldantes às vezes se tornavam com a pressão violenta de uma temperatura de 40° graus à sombra...

Um dia, porém, depois de ingentes sacrifícios de sangue, depois de violentas escaramuças coxilhas em fora, o município despertou sob uma nova direção administrativa.

Desde então, a cidade começou a tomar novos rumos, passando por uma transformação radical, abrindo ruas, rasgando avenidas,

criando outros logradouros, iniciando uma série de melhoramentos indispensáveis à circulação da vida, passando, enfim, da aldeia que era à cidade, à capital, à metrópole – verdadeira *city* burburinhante de atividade e de trabalho intenso, a vencer e a domar obstáculos, a criar novas fontes de energia, novos desdobramentos, adaptando-se por todos os meios às necessidades de sua crescente população. E a praça 15, que era então um refúgio, passou a ser um estorvo às passeatas desmedidas do progresso. Era mister feri-la de morte, eliminar o entrave que ela representava para o pronto escoadouro da *urbs*. E não houve tréguas ao sacrifício que o desenvolvimento urbano assim exigia: abateram-se suas lindas árvores, e aquele amplo respiradouro ocupado pela área da praça foi retalhado e reduzido (por enquanto), para desaparecer por completo dentro de pouco tempo, quando novas exigências assim o determinarem.

Eis o fim triste e doloroso que teve a praça 15 de Novembro. Mataram-na as necessidades do progresso que nada respeita e que, pela sua falta de sensibilidade, é um inimigo terrível da conservação do passado tal como ele era: estático, rotineiro e primitivo, mas bem nosso, bem cheio dessa indizível e comovida saudade que tanto bem faz à nossa alma e aos sentimentos do nosso povo...

Era uma vez a praça 15 de Novembro...

### *27 de dezembro de 1927*

Natal, encerramento de aulas, terminação dos cursos, fim de ano, fim de governo...

Nada disso, porém, influiu para dar alegria à capital. Ao contrário do que era de se esperar, os dias se vão transcorrendo sob uma indiferença absoluta, numa pasmaceira de cidade morta. O próprio domingo, assinalado pelo maior e mais belo dia da igreja, foi de uma religiosa tristeza de cemitério. Não se tinha a impressão de que estávamos no dia de Natal. Nem alegria, nem festas, nem crianças,

pois a petizada desapareceu das ruas, deixando-as sem a alacridade festiva de suas incontidas expansões.

À noite, a banda, os cinemas. E depois das 22 horas – o deserto...

A cidade morreu, integralmente, no seu silêncio de túmulo...

Segunda-feira pela manhã a mesma coisa. A mesma pasmaceira, a mesma monotonia, a mesma preguiça lassa dos que retomam a sua atividade por 24 horas suspensa. Nenhum caso, nenhuma novidade digna de nota ou de comentário.

À tarde, a mesma indiferença, sem alteração alguma nos acontecimentos da *urbs*.

Diante disso, diante de tamanha falta de assunto, resolvemos o caso, indo buscar o motivo que nos faltava para completar esta enfadonha crônica diária naquele vasto quadrante que vai do Mercado Público até a estação da Viação Férrea.

É ali, de fato, que se observa a mais expressiva e a mais radical transformação da cidade, onde a operosidade da atual administração municipal afirma-se de maneira a merecer os mais justos louvores. Só mesmo quem conheceu aquela zona secularmente abandonada, sem um único melhoramento digno de nota, será capaz de avaliar os inestimáveis serviços que o ilustre chefe do município vem prestando à população de Porto Alegre com o saneamento e o embelezamento de um dos trechos mais importantes da nossa capital. A própria avenida Júlio de Castilhos vai surgindo bizarra, magnificamente calçada a concreto, onde novos armazéns e construções outras já começam a encher a referida artéria, que dentro de pouco será, comercialmente, uma das mais importantes de quantas possuímos. E não é só isso. Todas as ruas que terminavam no Caminho Novo se prolongam agora até além daquela avenida, indo morrer à beira-rio, por onde deverá passar o cais em construção. E todas perfeitamente revestidas de cimento armado! É uma vida nova que escorre por ali, é uma atividade intensa que surge agora daquele local que era até bem pouco o deserto e o nada.

\* \* \*

Leitor: parecia que não nos restava assunto. Ele, porém, apareceu, e é sempre um belo assunto dizer-se bem de alguma coisa. Ninguém mais com todo o direito e esse respeito de justiça do que quem em três anos de trabalho tenaz soube vencer todos os obstáculos e transformar radicalmente a cidade.

Louvemos mais uma vez essa grande obra da remodelação urbana.

*31 de dezembro de 1927*

A vertigem das construções!... Porto Alegre estará realmente atravessando esse período?

Parece que sim.

Há zonas e bairros inteiros da cidade que revelam uma operosidade infatigável no que toca à edificação predial. Comparado com períodos anteriores, podemos considerar o ano de 1927, que hoje finda, como o verdadeiro ano das construções. Nenhum outro aqui lhe levou vantagem. E não é só isso: as edificações locais, que de ano a ano vêm melhorando quanto ao seu conforto e gosto arquitetônico, atingiram agora um progresso deveras notável. Já há na nossa capital edifícios grandiosos, palácios e palacetes soberbos, “vilas” e vivendas encantadoras que sobremodo honrariam a cidade mais moderna e exigente do país. Isso quanto ao gosto que vem presidindo essas edificações. Quanto ao número das construções em geral, esse é, como já dissemos, extraordinário. Zonas que até bem pouco estavam completamente despovoadas, sem uma casa, sem uma única habitação, aparecem, hoje, como verdadeiros bairros elegantes para onde se deslocou o capitalismo e o luxo abastado da aristocracia burguesa, e, sobretudo, os elementos estrangeiros aqui radicados, pessoas de todo o conforto e gosto, que sabem fazer da casa um ambiente de magnificência e prazer. Com essas caracterís-

ticas expressivas podemos citar todo o quadro que vai da praça Júlio de Castilhos aos Moinhos de Vento, da Caixa d'Água a Mont'Serrat, e daí ao novíssimo bairro denominado Petrópolis.

Tudo isso, que até bem pouco era um latifúndio abandonado, constituído de campestres ermos, de pedreiras e terrenos acidentados, sem nenhuma casa, sem uma rua, é hoje um maravilhoso trecho da cidade, onde ruas vão surgindo de improviso, onde também de improviso vivendas e palacetes riquíssimos se contam às dezenas. Para prova temos as construções feitas nos terrenos que outrora foram a "vila" Porto, até lá em cima, no alto da colina, onde foi construído o Colégio Americano.

E tão surpreendente como esse é também o incomparável belvedere Ricaldoni, onde suntuosos palacetes recentemente construídos falam do notável progresso predial de Porto Alegre.

Tudo, enfim, naquela zona denota um progresso vertiginoso. É por ali afora que se observa agora verdadeira febre de construções, como foi tempos atrás a zona do Menino Deus, principalmente a avenida 13 de Maio, hoje em completa decadência, pois, num espaço de cinco anos, foram, ali, feitos, apenas, dois ou três prédios novos!... Toda a cidade avançou; só o Menino Deus ficou para trás a debater-se com a falta de saneamento, em luta permanente com os mosquitos e outros males da zona.

### *15 de janeiro de 1928*

Parece estar definitivamente assentado que o Sr. Otávio Rocha deixará o governo do município antes da terminação do seu mandato, indo ocupar uma cadeira da representação do Rio Grande na Câmara Federal.

Inimigos que somos, por temperamento, ao elogio pessoal, às manifestações laudatórias aos que têm em suas mãos uma parcela do poder – tanto mais quando esses louvores ou essas homena-

gens podem ser mal interpretadas pelos espíritos prevenidos e acanhados –, não podemos, entretanto, deixar de lamentar, com toda a sinceridade, o afastamento da administração municipal do brilhante remodelador da cidade. Em três anos, apenas, na direção dos negócios do município, o Sr. Otávio Rocha pode orgulhar-se de ter operado em Porto Alegre, nesse curto espaço de tempo, o verdadeiro milagre da metamorfose. A cidade aí está, para quem quiser vê-la, de canto a canto, e admirá-la na transformação prodigiosa por que passou nas mãos desse homem que, com a sua admirável capacidade de trabalho, e tendo, além disso, uma noção exata das nossas necessidades, soube imprimir um novo rumo aos negócios administrativos da comuna. Não houve, realmente, problema urbano que não merecesse a sua detida atenção, procurando ele uma solução imediata para o mesmo, dentro dos recursos com que poderia contar para enfrentá-lo. Proclama-se que foram aumentados todos os impostos, todos os meios de renda do município, criando-se mesmo outras fontes de taxação.

Nem de outro modo podia deixar de ser assim. Não seria, certamente, com a deficiente arrecadação anterior que a municipalidade poderia enfrentar o plano de completa remodelação por que passou a nossa capital. E essa obra de vulto extraordinário, principalmente se se tiver em conta o que era essa triste e abandonada cidade, aí está patente aos olhos de quem quiser ou de quem tiver olhos para ver.

Adversários sinceros e convictos da situação política que domina o Rio Grande, nem por isso estamos presos à crítica de má vontade ou de censura sistemática, a maioria das vezes exercida por um estreito partidarismo. Pelo contrário, aqui proclamamos, com simpatia e entusiasmo, a grande obra iniciada e em grande parte concluída pelo chefe do executivo municipal.

Mesmo os mais arredios aos aplausos à maneira como são aplicados os dinheiros públicos do município não poderão jamais negar os benefícios que o Sr. Otávio Rocha prestou à cidade de

Porto Alegre, transformando a nauseabunda e retardatária aldeia de ontem na moderna e vertiginosa metrópole de hoje. Se nem todos os melhoramentos foram executados, a maioria deles, pelo menos, aí está para atestar o espírito ativo, empreendedor e infatigável de seu administrador atual. Outros que vierem, que prossigam a obra de embelezamento e de remodelação ora iniciada. O caminho está aberto para a sua conclusão definitiva, e isso é o bastante para obrigar a quem lhe suceder – por mais negativas que sejam as suas qualidades de administrador – a prosseguir no mesmo plano administrativo encetado com tanta atividade e com tanto brilho. O pior pedaço quem passou foi o próprio Sr. Otávio Rocha. Agora, felizmente, as barreiras estão rompidas para o futuro administrador que vier. Esse, seja quem for, terá que prosseguir nessa obra ou dar lugar a outro que tenha espírito de iniciativa para completá-la.

Até nisso ficamos devendo ao ilustre edil atual um grande e inestimável serviço.

### *29 de janeiro de 1928*

A cidade volta à sua calma habitual. Depois de uma série de dias de uma atividade intensa e vibrante animação, em que a *urbs* se sentiu sacudida por um sopro de vida nova que lhe emprestou um grande número de forasteiros, de visitantes ilustres, retoma ela a sua atitude habitual.<sup>96</sup> A esta hora, grande parte da caravana já está em viagem, em caminho direto do Rio e São Paulo, ou percorrendo parte do estado, no desejo de conhecer outros aspectos da nossa terra e da nossa gente.

Que impressão teria tido a caravana do que viu e observou em Porto Alegre? Seria interessante conhecermos a sua opinião. Da nossa capital, temos certeza que, se não foi das melhores, não foi também

---

<sup>96</sup> A crônica se refere aos visitantes que vieram assistir à posse do novo Presidente do Estado, Getúlio Vargas.

das piores. Antigamente, quando aqui aportava um forasteiro mais ou menos ilustre, a primeira coisa que se fazia ao mostrar a cidade ao abnegado visitante era levá-lo à Caixa d'Água, à estradinha do Riacho, à Ponta do Dionísio<sup>97</sup> e ao Hospício São Pedro... Não podia haver maior martírio para o forasteiro nem maior vergonha para nós. Hoje, não. Tudo mudou. A nossa capital está com outra cara, com outro aspecto, com outro feitio. Já há aqui muitas coisas para ver, e todas elas dignas de nota. Porto Alegre dá, de fato, a impressão de um grande centro que está em permanente atividade, quer na sua vida administrativa, quer na sua vida social, comercial e industrial.

Por esse lado, temos certeza, a impressão recebida pelos membros da caravana não foi das piores. Resta saber se idêntica foi a impressão quanto aos nossos políticos e intelectuais, quanto aos oradores, que, por toda a parte, no palácio, na Assembleia, nos teatros, à sobremesa dos banquetes, fizeram-se ouvir em verdadeiro enxame, não se dando a menor trégua à retórica, à loquela<sup>98</sup> assanhada e fluente, brotando em ondas, em catadupas ameaçadoras... Houve, de parte a parte, muita coisa aproveitável, assim como houve desastres, de parte a parte. Convém, porém, passarmos de largo em relação a tão desagradável assunto.<sup>99</sup> Não falemos, portanto, da completa decadência da oratória nacional. Busquemos outro fato.

Que impressão teriam recebido os visitantes de Porto Alegre do nosso eterno feminino?

Boa?

Má?

Naturalmente, essa impressão foi boa, muito boa, excessivamente boa.

---

<sup>97</sup> Ponta do Dionísio: local de onde, até 1899, eram despejados no Guaíba os chamados "cubos", ou seja, os recipientes em que se carregavam os dejetos fecais recolhidos na cidade. Atualmente, o local pertence ao bairro Assunção.

<sup>98</sup> Loquela: eloquência.

<sup>99</sup> A esse respeito, ver a crônica de 27 de janeiro de 1928.

Nesse particular, temos muita coisa que mostrar. Há, de fato, aqui, criaturas admiráveis feitas para todos os gostos, altas e baixas, gordas e magras, louras e morenas. O mostruário é abundante e riquíssimo. Cada exemplar que se nos depara na rua ou na frívola atmosfera de um salão de festas é uma expressão radiosa da perfeita e invejada beleza gaúcha. É uma tentação. A gente fica sem saber qual escolher, no meio de tantas formosuras. De muitos forasteiros sabemos terem partido de água na boca, com a firme promessa, porém, de voltarem e... ficarem.

Pois que fiquem, caramba! A terra é boa, os homens também, as mulheres *idem*, e o solo glorioso e ultriz precisa de braços.

*11 de abril de 1928*

Um ou dois meses, apenas, é o bastante para quem volta ter uma impressão nítida da grande transformação por que vem passando a leal e valorosa cidade do Porto dos Casais<sup>100</sup>.

Realmente, talvez não haja centro urbano no país que, nestes dois últimos dois anos, tenha alterado tanto a sua fisionomia primitiva como a nossa capital, isso graças à iniciativa do grande administrador desaparecido<sup>101</sup>, que deixou seu nome definitivamente ligado aos destinos da nossa terra.

Pode-se mesmo dizer que Porto Alegre sofre o mal da transformação. Tudo aqui está se fazendo quase que a um tempo só, brusca e violentamente. Acostumados ao marasmo da sua vida administrativa anterior, que corria pacatamente, mansamente, sem um grande plano de atividade, estranhamos, agora, o milagre da metamorfose que nela se vem operando. É verdade que

<sup>100</sup> Porto dos Casais: um dos nomes atribuídos a Porto Alegre em suas origens, em referência à chegada dos casais de imigrantes açorianos em 1752.

<sup>101</sup> Alusão ao intendente Otávio Rocha.

tudo isso se verifica somente no centro da *urbs*, pois a situação dos arrabaldes e das estradas, que são o escoadouro da capital e dos pontos de ligação com os municípios vizinhos, continua em verdadeira petição de miséria. Entretanto, isso não é para desesperar. Há fundadas esperanças de que, com o tempo e à força de insistentes reclamações, se venha em breve fazer alguma coisa em benefício não só da cidade, mas também das artérias abandonadas do município, que são, no momento, as que mais necessitam dos cuidados da administração pública. Enquanto, porém, isso não se verificar, enquanto esses melhoramentos não se fizerem, falemos nos que se vão realizando no centro da capital, que são, em verdade, em grande número, obedecendo ao plano de remodelação posto em prática pelo saudoso Dr. Otávio Rocha e seguido à risca pelo seu atual continuador.

Essa é a parte que de fato impressiona não só a quem aqui chega pela primeira vez, como aos próprios habitantes da provinciana metrópole que se civiliza. Certo, ninguém como nós poderá fugir à impressão de atravancamento que se observa por toda a parte. Não há rua ou canto da cidade que não esteja sofrendo desse mal – mal que será futuramente em benefício, quando todas essas obras de embelezamento estiverem definitivamente realizadas.

Até lá, porém, temos muito que andar. Numa capital como a nossa, onde tudo estava por fazer, é natural que se verifique agora o fenômeno do atravancamento. Se, por um lado, isso irrita e dificulta o trânsito público, dando ao transeunte a impressão de andar caminhando sobre escombros, sobre montões de ruínas, por outro, faz ver que Porto Alegre passa, no momento, por uma transformação radical, que a tornará em breve uma cidade asseada e moderna, digna dos ingentes sacrifícios de sua laboriosa população.

14 de abril de 1928

A avenida Borges de Medeiros!...

*To be or not to be...*<sup>102</sup>

Sempre sustentamos que a projetada artéria, que há mais de três anos começou a ser rasgada no coração da capital, tinha caveira de burro<sup>103</sup> ou qualquer coisa que no caso vem a ser uma espécie de jetatura... Desde que aquela obra foi iniciada, o “peso” que sobre ela caiu foi um fato. De todos os grandes empreendimentos municipais, o da abertura da referida avenida foi sempre o mais complicado e tormentoso. Assim como os trabalhos se iniciavam com relativa atividade, paravam subitamente. Mal se desapropriava e se derrubava um pardieiro daquele beco infecto e perigoso, logo vinha uma ordem para serem sustadas as obras. E assim levaram-se anos até que os trabalhos pararam definitivamente, por falta de verba. Gente houve que perdeu todas as esperanças de ver o antigo beco do Poço transformado numa bela, larga e moderna avenida, arejando os pulmões da *urbs* e estabelecendo, ao mesmo tempo, a ligação entre a *city*, verdadeiramente, e a chamada Cidade Baixa. A jogatina desenfreada e o lenocínio desenvolto, que sempre foram os dois maiores ramos da indústria de Porto Alegre, viram-se privados de uma localização tão sedutora, pois ali não mais teriam a tentação irresistível dos cabarés, a escadaria das nossas suspeitas, os balcões das casas de “jogo do bicho”, disfarçadas em charutarias e cigarrarias elegantes. Todo um mundo de ilusões e de sonhos provocados pelos vapores do álcool, pela quebreira entorpecente do ópio, da morfina e da cocaína desapareceu, assim, num rápido momento, em face da súbita paralisação da grande obra municipal.

<sup>102</sup> “*To be or not to be*”: “ser ou não ser”, em inglês. Referência ao solilóquio de *Hamlet* (1603), peça teatral de William Shakespeare (1564-1616), ato 3, cena 1.

<sup>103</sup> Caveira de burro: azar. Diz-se, particularmente, que tem “caveira de burro” um determinado lugar no qual nada que ali se estabelece consegue prosperar.

Embora com “peso”, embora com jetatura, mesmo com a sua monumental caveira de burro, a projetada avenida metropolitana não foi, entretanto, posta de lado. Três anos de quietude e de acalmado movimento de terra não tiveram forças para evitar a realização do grande empreendimento urbano. Sustada por falta de verba, vai, agora, a municipalidade aplicar o produto da venda do Gasômetro<sup>104</sup> e da usina elétrica municipal na terminação das obras da referida avenida. Ao que se diz, ela sairá definitivamente desta vez. Em breve, ela será uma magnífica realidade, surgindo grandiosa e bela, não como ponto preferido pelas indústrias da jogatina e do lenocínio para a localização dos vícios que há trinta anos infestaram e empolgaram a cidade, mas como uma verdadeira artéria onde se encontrará um dia toda a grande atividade da capital, escoadouro natural de toda a vida intensa do mais populoso centro urbano do Rio Grande. Ela será, então, um atestado eloquente, incisivo e dominador do nosso progresso, da própria civilização da metrópole.

É isso o que ainda esperamos ver surgir daquele montão infecto de ruínas, daquele monturo miasmático que hoje tanto atenta contra a higiene pública, contra a saúde da população da sua vizinhança.

Avenida Borges de Medeiros!... Será que desta vez vais perder a tua jetatura?

Assim seja.

### *27 de abril de 1928*

Porto Alegre está nos dando a impressão neste momento de um grande centro verdadeiramente metropolitano. Uma cidade que já

---

<sup>104</sup> A usina do Gasômetro, que gerava energia a partir da queima de carvão, foi inaugurada em 11 de novembro de 1928, depois ser de adquirida pela Companhia Brasileira de Força Elétrica, uma subsidiária da companhia norte-americana Bond and Share, então responsável pelo fornecimento de energia elétrica, transporte por bondes, produção e distribuição de gás em Porto Alegre. In: CAPRA FILHO, Luiz Armando Armando *et al.* Usina do Gasômetro: Patrimônio de Porto Alegre. *Mouseion*, Canoas, RS, n. 37, p. 183-189, 2020. Disponível em: <https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Mouseion/article/view/5960>. Acesso em: 8 fev. 2021.

aparece com todos os seus teatros tomados, com todos os seus cinemas funcionando, com conservatórios e escolas de arte assistidas por grande número de alunos, com marcado êxito nas suas últimas exposições de pintura e não menor sucesso de visitantes numa interessante exposição apícola; uma cidade que está, enfim, atraindo inúmeros forasteiros para o seu segundo grande Congresso de Criadores e que está, além disso, com todas as suas fontes de vida em franca atividade burburinhante, já não se considera mais uma simples capital provinciana esquecida e morta no extremo sul do país.

Porto Alegre, de fato, perdeu há muito o aspecto desolador de aldeia retardatária que lhe vinha imprimindo sistematicamente uma longa administração sem horizonte. Hoje, por um lado, ela é a *city* das grandes energias comerciais e industriais, a oficina prodigiosa do trabalho compensador; por outro lado, é a *urbs* ridente da graça e da elegância a encher suas artérias de visões luminosas e maravilhosas, a imprimir, no ambiente festivo e álcere de seus salões mundanos, o indispensável encanto da futilidade, que é toda a razão de ser das cidades que se civilizam. Novo rumo norteia a existência afanosa da capital, que se nos depara uma multiplicidade de aspectos interessantes. Aos poucos ela vai perdendo o seu atrasadismo de aldeia, embora aqui ainda se registrem cenas lamentáveis de vilarejo, como são os reclames<sup>105</sup> escandalosos e gritantes, de todas as maneiras e feitios que se fazem em plena rua. Se o forasteiro viajado e inteligente fosse julgar a nossa terra por essas cenas de propagandas arranjadas pela ambição mercantil, faríamos, por certo, uma figura bem triste. Felizmente, para desmanchar essa péssima impressão dos “reclames” que a cada passo aí surgem atraindo os basbaques, outros aspectos há que nos deixam ver logo que Porto Alegre não é a cidade atrasada nem a aldeia ridícula para a qual os

---

<sup>105</sup> Reclame: propaganda.

propagandistas de rua, aos gritos e aos sopros de cornetins, procuram explorá-la aos olhos dos forasteiros. Não! A cidade é, certamente, outra muito diferente. Acreditamos mesmo que a municipalidade, dentro em pouco, será forçada a acabar com essa ridícula maneira de propaganda que ainda perdura nos nossos hábitos. Doravante, é preciso que tudo aqui corra harmonicamente, de acordo com o seu desenvolvimento e o seu progresso, já tão notáveis ambos sob qualquer ponto de vista que se os encare.

A metrópole já reclama para si os foros de terra civilizada em todo o sentido.

E ela tem todo o direito nessa reclamação.

### *16 de junho de 1928*

A avenida Redenção será em breve uma das mais belas artérias de Porto Alegre. Já pela sua extensão e largura, já pelo grande parque que lhe fica fronteiro, já por ser um ponto de ligação entre o centro da cidade e a enorme zona da Azenha e do Menino Deus, aquela avenida está destinada a um grande papel na vida da capital. Para ela se voltou com especial carinho toda a atenção do saudoso Dr. Otávio Rocha, o grande remodelador da cidade, a quem Porto Alegre deve os novos e largos horizontes que se rasgaram para a sua vida, desenvolvimento e progresso, e que ainda está por ter o seu nome como legenda numa das nossas principais artérias, que poderia ser a própria avenida Redenção, que tanto lhe deve em assinalados serviços de embelezamento.

Como foi feito na avenida Júlio de Castilhos, praças Parobé e Oswaldo Cruz, largo e rua Independência, praça da Matriz e rua Duque de Caxias, era de se esperar que a iluminação a ser instalada em breve na avenida Redenção fosse também pelo sistema *Nova Lux*<sup>106</sup>, com

---

<sup>106</sup> O *Álbum de Porto Alegre*, publicado em 1935, define: "Esse sistema consta essencialmente de postes ornamentados, de aço estampado, encimados por globos de porcelana opalescente

condutor subterrâneo. Assim, porém, não vai ser. Em lugar daquela instalação elegante e moderna que acaba de vez com a antiestética rede de fios aéreos, vamos ter ali o mesmo processo de iluminação que foi feito na avenida Bom Fim, por meio de refletores colocados no extremo dos postes da linha de bondes. Não pode haver maior falta de gosto, tanto mais sabendo a Intendência do mau resultado obtido com a atual iluminação da avenida Bom Fim, não só pela sua absoluta falta de harmonia estética, como por não satisfazer também as necessidades de uma iluminação em condições numa artéria daquela natureza.

A avenida Redenção, pela sua magnífica perspectiva, pelos melhoramentos que está recebendo, bem merecia que fosse farta e elegantemente iluminada com a mesma distribuição da avenida Júlio de Castilhos, isto é, com combustores ao centro e nos passeios laterais. Isso só poderíamos ter com o sistema *Nova Lux*, já adotado em várias ruas e logradouros da capital. Feita, porém, como foi no Bom Fim, essa iluminação será simplesmente horrível, absolutamente condenável. E é isso que a municipalidade ainda pode evitar, agora, que está sendo ultimado ali o calçamento pelo processo de cimento armado. A referida avenida requer uma iluminação à altura da sua importância. Com isso se prestaria uma homenagem à memória de Otávio Rocha, que tanto carinho vinha dedicando à grande artéria da nossa capital.

Com as instalações da *Nova Lux* teríamos resolvido uma questão de estética, independente de ficar melhor iluminado aquele logradouro.

---

ou de cristal estriado. São eles providos de refletores e refratores, que conseguem o máximo aproveitamento da luz; a par de seu aspecto elegante, alcança uma alta eficiência, pois foi realizado em rigoroso acordo com as leis da ótica. A iluminação dos focos é feita por cabos e linhas subterrâneas". In: POSSAMAI, Rita. **Cidade fotografada**: memória e esquecimento nos álbuns fotográficos – Porto Alegre, décadas de 1920 e 1930. 2005. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2005. p. 242.

*23 de junho de 1928*

A formidável carga d'água que caiu sem parar durante todo o dia de ontem veio aumentar de um modo alarmante a situação aflitiva da capital. Aliás, há dois meses que estamos sofrendo as consequências do mau tempo. De maio para cá poucos dias bons tivemos.

Se surgia um dia de sol, seguiam-se logo três ou quatro de chuva torrencial. Isso durante sessenta dias consecutivos.

Se dolorosa é a situação do desventurado interior rio-grandense, que não tem uma única estrada que preste, não menos horrível é o estado de certas zonas baixas da capital, que até agora não foram saneadas e que, por isso mesmo, diante de qualquer chuva sofrem imediato alagamento.

Fácil é, portanto, imaginar-se as consequências da formidável carga d'água que ontem caiu durante o dia inteiro.

Zonas baixas, como o Menino Deus, São João e Navegantes, ficaram completamente alagadas, ameaçadas de uma formidável inundação, como já aqui se verificou em 1926, se não muito pior agora.

Entretanto, essa calamidade podia ser grandemente diminuída se o município já tivesse realizado as obras de saneamento há tanto tempo reclamadas pelas zonas mais ameaçadas de inundação, como são as que acima apontamos. Nada ali foi feito até agora. Além de não contarem com serviço de esgotos, suas ruas não têm sarjetas, nem bueiros, nem escoadouros para as águas da chuva, de maneira que, quando estas se sucedem intensas e contínuas como agora, o alagamento é inevitável, sendo aumentado ainda mais pela situação dos terrenos não drenados. E o espetáculo então que se nos depara diante dos olhos é o de ruas transformadas em rios caudalosos, de bairros inteiros mudados em lagos enormes, onde pequenas e grandes habitações vão sendo invadidas pelas águas. E se as chuvas continuarem, a submersão será fatal. Tudo isso devemos à falta do saneamento daqueles bairros, que, pelo baixo nível dos seus terrenos, já deviam estar aparelhados convenientemente para resistirem a

essas calamidades periódicas do mau tempo, que se serve dessas ocasiões para pôr a nu a situação deplorável não só do interior do estado, mas de uma grande parte da nossa própria capital.

Há duas semanas que a estrada de Canoas não dá trânsito; há vários dias que cessou o tráfego de ônibus para a vila de Gravataí.

Reclamamos isso, ontem, de alguém chegado ao governo, e esse alguém imediatamente nos retrucou:

– Que quer você que se faça com este tempo?

– Mas aí então não é preciso melhorar as estradas porque elas melhoram por si sós!

Diante de tal lógica não há nada que resista...

*3 de julho de 1928*

Parece-nos que a antiga e longa administração passada de Porto Alegre não tinha noção exata do que fosse uma avenida. Quando se fala em avenida, a gente supõe logo tratar-se de uma rua muito larga, perfeitamente iluminada, calçada e arborizada, com amplos passeios de um lado e outro e onde o trânsito é feito sem a menor dificuldade.

Assim são de fato as verdadeiras avenidas.

Entretanto, ou por desconhecer o que seja uma artéria dessa natureza, ou simplesmente por ironia, a administração passada batizou e focalizou com essa denominação uma infinidade de pequenas ruelas no populoso arrabalde de São João. Assim é que temos ali avenida Ceará, avenida Pará, Berlim, Minas Gerais<sup>107</sup>,

---

<sup>107</sup> Avenida Minas Gerais: à época, iniciava na rua Félix da Cunha e terminava na antiga avenida Itália. Foi destruída para a abertura da avenida Farrapos.

Itália<sup>108</sup>, Veneza<sup>109</sup> e avenida Bahia, e uma infinidade de outras, cujos nomes não nos lembramos no momento.

A única que num ponto está com a denominação certa é a avenida Veneza. Com estas chuvas contínuas ela se mostra completamente dominada pela água... As demais são ruas estreitas, sem iluminação e sem calçamento, ruas sujas com buracos e atoladouros, como não há outras na mais abandonada localidade do interior. Só mesmo por muita ignorância ou como remoque ou ironia, podiam tais ruas ser crismadas com aquela falsa denominação. Quem, ao longe, sem conhecer a nossa capital, ler os nomes daquelas inúmeras “avenidas” ficará fazendo por certo um nobre e alto conceito desta mui nobre e valorosa cidade de Porto Alegre. A verdade, porém, é outra, pelo menos com respeito à zona onde estão aquelas ruas que hoje, como ontem, como sempre, refletem uma penosa e deplorável situação, verdadeiro suplício para os que caíram em ir morar em semelhantes betesgas<sup>110</sup>.

E chamam aquilo de avenidas... avenidas da administração passada, é verdade, mas mesmo assim, mesmo como motejo oficial, a nossa atual edilidade não deve permitir que tais nomes continuem a figurar nas respectivas placas, por serem, antes de tudo, um flagrante desrespeito à verdade. Suprima-se o nome de “avenida” pelo de rua, e assim aquelas acanhadas artérias muito ficarão a dever a uma verdadeira rua. Em todo o caso, há sempre aí um ponto qualquer de contato. São pelo menos aberturas de servidão pública, quando o tempo assim o permite.

Mas avenidas...

Só mesmo por pilhéria de mau gosto.

---

<sup>108</sup> Avenida Itália: renomeada avenida Arabutã em 1942, em função dos eventos da Segunda Guerra Mundial.

<sup>109</sup> Avenida Veneza: renomeada avenida Buarque de Macedo em 1942, em função dos eventos da Segunda Guerra Mundial.

<sup>110</sup> Betesga: rua estreita ou beco sem saída.

*6 de julho de 1928*

5 de julho. Grande data histórica do heroísmo nacional.<sup>111</sup> Estamos no cais do porto. É a hora da partida de vários vapores que demandam os portos do Rio e norte do país. Um desusado movimento verifica-se na frente dos armazéns onde os navios prestes a levantar ferros estão atracados. Não se trata de uma nova revolta contra os poderes da República. Trata-se apenas de passageiros que se encaminham a bordo e de gente que se vai despedir dos parentes e amigos que embarcam. E o movimento cresce, e o movimento engrossa, à maneira que os vapores dão o primeiro sinal.

Carrinhos, carroças, guindastes – rolam, rodam, ringem; e roncam, e rugem as caldeiras na ânsia da partida próxima. Aumenta o vai e vem, aumenta o atropelo, aumentam os abraços precipitados. Já os primeiros lenços brancos sacodem lá de cima do convés; o adeus e a saudade antecipada para os que ficam cá em baixo, olhando os que se vão. Há risos, há promessas, e até lágrimas romanticamente furtivas...

Dentro de pouco, com suas caldeiras fumegando, os navios começam lentamente, preguiçosamente, a se afastar do cais. Avivam-se os adeuses; agitam-se os mais numerosos lenços palpitantes de segredos. E já não só os olhos, mas o nariz também de uma anônima criatura bizarra lacrimeja por atacado para alguém que aqui ficou com o seu coração, pelo menos até ela chegar ao porto de desembarque, pois que a saudade de bordo só dura enquanto se viaja...

Afastados os vapores, começa no cais o movimento desconcertante da dispersão em massa, para ceder lugar ao movimento das cargas e descargas dos navios cargueiros, feitas pela rija musculatura dos estivadores de muque.

É a vida.

É a luta pela vida.

---

<sup>111</sup> 5 de julho: aniversário da Revolta dos 18 do Forte de Copacabana, ocorrida em 1922.

É a vitória da vida: é o homem-aço, cotejando esforço com o aço dos guindastes titânicos, com a engrenagem das máquinas de força, abarcando pesos.

E, assim, o cais vai pela noite adentro mostrando a atividade de um grande porto comercial, a atividade de uma terra que se faz grande pela sua energia, pelo seu esforço e pelo seu trabalho.

O leitor que nos desculpe se perceber um pouco de mau cheiro futurista nesta crônica.

Foi sem querer.

### *21 de julho de 1928*

Vai sendo grande e rápida a transformação por que passa a nossa capital nas vizinhanças do cais do porto. Mais do que em qualquer outro ponto de Porto Alegre, é notável o movimento de construções do referido local. Toda vez que percorremos essa longa faixa de terrenos conquistados ao próprio rio, notamos logo uma diferença sobre a impressão anterior. Além da avenida do Cais, onde começaram a surgir as primeiras construções de alvenaria, outros novos logradouros, outras artérias novas, como a avenida Júlio de Castilhos, que vai hoje da praça Parobé aos fundos da estação da Viação Férrea, apresentam notável progresso em matéria de construção predial. A própria avenida de que falamos já apresenta edifícios alterosos que vão sendo ocupados pelo comércio atacadista e exportador. Ela é hoje uma das grandes artérias da cidade, possuindo, além disso, um admirável serviço de iluminação, quer pela abundância de combustores, quer pela sua impecável distribuição estética. Quem por ali passar à noite ficará certamente maravilhado diante do luminoso espetáculo, superior mesmo ao da nova iluminação da rua Independência.

Além da avenida Júlio de Castilhos, outras ruas ali existem, como o prolongamento da rua das Flores<sup>112</sup> em direção à ex-praça da

---

<sup>112</sup> Rua das Flores: atual rua Siqueira Campos.

Harmonia, e os pequenos trechos denominados avenida Sepúlveda e avenida Cassiano do Nascimento, que já apresentam o início de várias construções grandiosas, como o edifício do Banco Nacional do Comércio<sup>113</sup> e da Administração do Porto<sup>114</sup>, sendo que as obras deste último já estão bastante adiantadas.

Entretanto, um edifício existe naquele local que é uma verdadeira obra de Santa Engrácia. Nem poderia deixar de ser assim sendo ele como é, um próprio federal. Esse edifício que está sendo construído, para nele ser instalada a Alfândega<sup>115</sup>, teve agora, pela quinta vez, as suas obras sustadas por falta de verba.

No espaço de doze anos, que é o tempo em que começou a ser feita a referida construção, tivemos no Ministério da Fazenda dois ministros rio-grandenses. Nenhum deles, porém, tomou o menor interesse no sentido da referida obra ser concluída de vez.

E assim continuará naturalmente por muito tempo, até cair em completa ruína como todos os próprios da União, ou como ela própria...

*22 de julho de 1928*

Ainda ontem escrevemos que um dos aspectos novos de Porto Alegre, e dos mais simpáticos, é o Cais do Porto.

Foi um aumento a mais na sua área, que a cidade, não sem algum trabalho, conquistou da belíssima bacia do Guaíba. Esse grande empreendimento público, o maior até agora aqui realizado, veio, como era natural, modificar costumes e hábitos antigos do nosso acanhado porto fluvial. Um deles, por exemplo, dizia respeito à

<sup>113</sup> Banco Nacional do Comércio: banco fundado no Rio Grande do Sul em 1895 como "Banco do Comércio". Sua sede, inaugurada em 1932, localiza-se na praça da Alfândega e atualmente dá lugar ao Santander Cultural.

<sup>114</sup> O edifício da Administração do Porto deveria abrigar, além da própria repartição, a Mesa de Rendas, a Junta Comercial e a Repartição de Higiene. A construção de seu prédio iniciou-se em 1919, mas as obras foram paralisadas diversas vezes, e o prédio só foi oficialmente inaugurado em 1935. O atual edifício da Administração Portuária foi concluído em 1947.

<sup>115</sup> O novo edifício da Alfândega, cuja construção iniciou-se em 1911, foi inaugurado em 1933.

chegada e saída dos vapores. Como os nossos leitores devem estar lembrados, esse serviço era feito pelos fundos dos velhos e imundos trapiches existentes no local onde hoje são grandes extensões de terrenos firmes que dão para a atual avenida do Cais do Porto. Para esses trapiches convergiam, então, todas as pessoas que tinham que embarcar ou levar despedidas a bordo. O local dava bem a impressão de um velho porto abandonado, sem murada, sem cais, sem coisa alguma digna de nota, a não ser a ratazana dos trapiches e os frequentes desastres que ali se verificavam por ocasião da carga e descarga das embarcações atracadas.

Mas com o correr do tempo tudo se foi modificando. O governo do Sr. Carlos Barbosa<sup>116</sup> meteu ali a primeira pedra do futuroso cais. E desde então o serviço intensificou-se, com intermitências, é verdade, mas sempre avançando, até chegar ao estado a que chegou, apresentando agora um longo trecho já concluído com os armazéns correspondentes, além de uma nova e moderna doca para as pequenas embarcações.

Estamos, de fato, diante de uma nova Porto Alegre, comercialmente modernizada. Deslocou-se para ali o mais intenso movimento da cidade. Uma febril atividade diária empolga toda aquela parte nova da capital. Por sua vez, o serviço de chegada e saída dos vapores de passageiros é feito como em todos os grandes portos modernos do país e do estrangeiro. E extraordinário é ali o movimento, o bulício, a agitação humana, principalmente à hora da saída desses navios. Há sete ou oito anos atrás não conhecíamos aqui esse traço, que é característico a todos os grandes portos de embarque.

É um aspecto novo que Porto Alegre adquiriu pela imposição imperiosa do seu natural desenvolvimento e progresso.

---

<sup>116</sup> Carlos Barbosa Gonçalves (1851-1933): governou o estado no período de 1909 a 1913.

*28 de julho de 1928*

Digna de aplauso seria qualquer resolução tomada pelo atual governo do estado, no sentido de retirar do local em que se acha a Casa de Correção desta capital.

Não faz muito, tivemos oportunidade de abordar esse importante problema local, lembrando a necessidade de se construir, em ponto mais afastado do centro da cidade, em área mais espaçosa que a atualmente ocupada por aquele próprio estadual, um estabelecimento modelo, que preencha, como a penitenciária de São Paulo, todas as exigências da reclusão, de acordo com os novos horizontes da moderna escola penal. Aí, então, seria adotado o sistema de celas para cada um dos reclusos, criando-se também uma seção especial para mulheres e uma outra para menores, onde se pudesse ministrar a estes, independente de outros misteres, o ensino agrícola, em terras anexas ao novo estabelecimento correccional, evitando-se, além disso, essa sua imoral promiscuidade com criminosos adultos, da qual resultam, muitas vezes, como ainda hoje se vê do nosso noticiário, inconvenientes tanto mais graves quanto mais conhecidos são os íntimos motivos que, via de regra, os determinam...

Só assim o forasteiro que aporta pela primeira vez a Porto Alegre, por via marítima, não teria a desagradável impressão de ver que o primeiro edifício da nossa capital que se lhe descortina diante dos olhos é o calabouço do Estado, onde vive para mais de meio milhar de reclusos. Essa impressão não é, certamente, das mais agradáveis para o forasteiro. Há certos edifícios que, pelos fins a que se destinam, deviam ficar sempre escondidos das vistas do público, passando para um plano inferior quanto à visão panorâmica da cidade. A Casa de Correção seria um deles, não o primeiro, como é, a se patentear, logo na boca, logo na entrada de Porto Alegre. Além disso, a nossa capital terá futuramente que possuir uma ampla avenida, que, margeando o Guaíba, a partir do local onde está a nossa penitenciária, vá até o

fim da Praia de Belas, conforme projeto já existente, a esse respeito, na municipalidade. A própria construção da usina de Energia Elétrica Rio-Grandense não devia ser permitida no local em que a mesma foi feita. Mais tarde, quando surgirem novas e inevitáveis exigências da cidade que se moderniza, a municipalidade terá que lutar, certamente, com sérias dificuldades na desapropriação do referido edifício.

Entretanto, quanto à Casa de Correção, está no próprio interesse do estado removê-la o quanto antes daquele para outro ponto, onde possa ser construído um estabelecimento em condições, perfeitamente aparelhado para atender aos fins a que se destina, principalmente no que diz respeito aos pavilhões para mulheres e menores, com ampla área interna para locomoção de todos os reclusos, como já se exige hoje, tanto mais depois que as penitenciárias deixaram de ser um sombrio e insalubre estabelecimento de expiação, para ser uma ampla casa de educação e de trabalho.

*31 de julho de 1928*

Está novamente na ordem do dia dos melhoramentos a serem executados pela municipalidade a abertura da avenida Borges de Medeiros, que, em futuro não muito remoto, deverá nascer do alargamento da rua General Paranhos.

Como se sabe, já vai para quatro anos que esse importante trabalho urbano foi iniciado. Entretanto, suas obras foram várias vezes sustadas, sendo que da última vez ela parou demoradamente, parou até a presente data, por falta absoluta de verba.

Tendo, porém, a municipalidade realizado uma ótima transação em metal sonante com a Companhia Brasileira de Energia Elétrica, que aqui já está operando, volta-se agora a falar no prosseguimento das ditas obras, nas quais será aplicada uma boa parte da elevada soma que a Intendência recebeu daquela Companhia.

E o público desta capital, que já estava desesperançado em ver realizado aquele empreendimento de vulto, anima-se, com tal notícia, de novas e justificadas esperanças, mesmo que tal serviço se faça com a nossa habitual morosidade.

A abertura daquela avenida – e desta coluna por várias vezes já o proclamamos – é de inadiável necessidade para o descongestionamento do tráfego desta capital, que dia a dia se complica, tornando-se um sério problema a resolver. Ponto de ligação entre o centro e a chamada Cidade Baixa, a futura grande artéria metropolitana irá facilitar mormente a locomoção para aquela zona, trazendo ao mesmo tempo para Porto Alegre novo surto de alterosas construções de prédios.

Ao que sabemos, a Intendência pretende fazer a sua abertura até a rua dos Andradas, deixando para mais tarde o prosseguimento da mesma até a praça 15 de Novembro, como é do projeto. De qualquer maneira, será um grande passo dado no desenvolvimento da circulação da cidade. Mesmo que a avenida só vá até aquela rua, com isso já se terá conseguido muito. O essencial é que ela saia o quanto antes do estado de entupimento em que se encontra há vários anos, com sério prejuízo para as várias ruas cortadas pelo seu traçado e com prejuízo ainda maior para a higiene pública, em virtude do lixo e de toda a sorte de imundície que são jogados para o seu leito revolvido.

Iniciadas em breve as suas obras, conforme prometeu a municipalidade, é de esperar que desta feita elas possam prosseguir até o fim.

*3 de agosto de 1928*

Logo que surgiu a Assistência Pública, completamente remodelada, tão diferente do que era então esse serviço de socorro de Porto Alegre, tivemos a impressão (e, como nós, muita gente) de que

a sua atividade era mais “fita”<sup>117</sup> do que outra coisa. Aquele vaivém desesperado das suas ambulâncias, nas ruas de maior movimento, o barulho estridente e impertinente de suas campainhas elétricas, mais aquele sistemático e proposital andar contra a mão para escandalizar a atenção do público, tudo isso, finalmente, foi motivo sério para que duvidássemos dos resultados do novo e moderno aparelhamento da Assistência Pública da nossa capital. Era mais barulho do que outra coisa, assim pensávamos, e, como nós, muita gente boa.

Entretanto, com o decorrer do tempo tudo foi mudando. A Assistência começou a entrar nos eixos e a melhorar de atenção e cuidados, tudo executando com menos barulho, com mais serenidade e mais presteza. E, assim, dentro de pouco os seus serviços começaram a aparecer com verdadeira eficiência, quer quanto aos socorros das suas ambulâncias na rua, quer quanto aos cuidados dispensados no seu posto central às vítimas de toda a sorte de desastres, ali atendidas pelos médicos de plantão e respectivos enfermeiros. Hoje, os serviços da Assistência Pública são indispensáveis à população da nossa capital, até mesmo para os enfermos particulares que carecem de remoção de um ponto para outro. Mesmo mediante contribuição, ela tem nesse particular prestado inestimáveis auxílios aos que dela necessitam. Não é, entretanto, por esse lado que queremos louvar os seus serviços.

É de justiça ressaltar também a atividade e a ação que os carros da Assistência vêm desenvolvendo ultimamente, atendendo com absoluta presteza a todos os pontos da capital, onde quer que os mesmos sejam chamados a prestar o seu socorro no transporte de enfermos e feridos, que necessitam de curativos urgentes. Sob esse aspecto, que é a sua verdadeira missão, o fito único com que ela foi fundada, não há, ao que conste, uma única queixa.

---

<sup>117</sup> Fazer “fita”: na gíria, fingir.

Pelo contrário, são inúmeros os louvores que nos tem chegado aos ouvidos sobre o satisfatório desempenho que esse importante departamento municipal vai dando à sua humanitária e benemérita facção.

Dissipadas assim as prevenções que a Assistência criara, a princípio, no nosso espírito, é de justiça reconhecer agora a sua benéfica atividade nos auxílios e socorros que em larga escala ela vem distribuindo onde se faz mister a sua presença.

*4 de agosto de 1928*

Parece-nos que a municipalidade está realmente empenhada em volver suas vistas para o populoso e abandonado arrabalde São João.

Já acaba de contratar a Intendência a execução dos trabalhos de levantamento e confecção da planta topográfica daquele bairro. A seguir será organizada a planta cadastral, com as curvas de nível, a qual, segundo ainda ontem informou a imprensa, será o ponto de partida para o projeto de saneamento, retificação do leito das ruas, esgoto de águas pluviais etc. que a municipalidade ali pretende realizar.

– Quando? – perguntarão, naturalmente, os moradores de São João.

É claro que a populosa zona da capital requer a maior urgência possível na realização de tal empreendimento. A situação em que ela se encontra, sem nenhum dos melhoramentos reclamados pelas suas necessidades prementes, e em luta constante com as águas pluviais que, pela falta de escoadouros, alagam continuamente toda aquela vasta e povoada área suburbana, é de fato calamitosa, tanto mais no inverno, nas épocas de chuva, como agora acontece. De há muito que São João vem lutando com absoluta falta de saneamento, e que mais se agrava quanto mais aumenta sua população.

Na elaboração de estudos e projetos, e no levantamento de plantas, vai sempre um enorme dispêndio de tempo, tanto mais neste terrível e complicado regime do papelório em que vivemos, e que se verifica em todas as esferas da administração pública.

Estamos certos, entretanto, que a Intendência Municipal saberá compreender a situação aflitiva daquele bairro, para não retardar por mais tempo a execução das referidas obras, que deviam ter sido feitas na longa administração passada<sup>118</sup>, quando mais fácil e menos dispendiosa era a solução do problema. Para executar hoje esses trabalhos, terá o município de fazer enormes despesas. O arrabalde de São João, porém, não pode dispensar esse melhoramento público de capital importância para o saneamento e desenvolvimento. Quanto mais se protelar, mais crescerão as suas necessidades e mais dispendiosa tornar-se-á a sua realização.

A obra de transformação por que passa a nossa capital só se completará quando a municipalidade tiver realizado o saneamento de uma grande parte da sua área, na qual estão compreendidos os populosos bairros de São João, Navegantes e Menino Deus.

### *23 de agosto de 1928*

A rua Cristóvão Colombo – popular e tradicional Floresta, de tão estranhas evocações – está neste momento passando por uma reforma em regra.

Aquela via pública, apesar de ser um dos logradouros de maior extensão e um dos de maior movimento da capital, viveu sempre esquecida de qualquer benfeitoria de urgência. Os acidentes do seu leito perpetuaram-se através dos anos, como males sem remédio. Os sulcos, os vales e os buracos mais numerosos se tornavam quanto mais se desdobrava o trânsito pela referida artéria. Em dias de chuva, então, a situação calamitosa dos pedestres e do próprio trânsito de veículos não é inferior aos padecimentos cruéis de quantos são obrigados a viajar pe-

---

<sup>118</sup> Referência à administração de José Montauray de Aguiar Leitão (1858-1939), que foi prefeito de Porto Alegre por 27 anos, de 1897 a 1924.

las miseráveis estradas do interior rio-grandense. E a Floresta, silenciosa, sem uma mágoa, sem uma queixa, veio ao longo do tempo piorando cada vez mais a situação. Alinhava-se a rua, construíam-se casas, erguiam-se belos palacetes e, para compensar o surto admirável do seu progresso, a municipalidade deixara a grande artéria entregue ao mais deplorável dos abandonos, não só quanto ao estado do seu leito como quanto à sua iluminação, que era constituída unicamente de treva profunda. À noite ali é escura como breu, ameaçadora como as noites de tempestade. Depois que o sol entra e que a treva cai, os seus moradores, para transitarem por ela, o fazem de fósforos e velas acesas, a menos que a lua, a pálida lua dos românticos e dos namorados que ainda não conhecem a utilidade da escuridão, não se resolva lá de cima a iluminar o caminho...

Assim tem sido e assim tem transcorrido a vida da rua da Floresta.

Depois de tanto descuido e de tanto abandono, resolveu agora a municipalidade fazer o seu calçamento definitivo, embora em luta com os embaraços e as dificuldades criadas pela fatalidade dos bondes, em não querer retirar dali os trilhos velhos e substituí-los por novos.

O novo calçamento foi, enfim, iniciado com a perfeição e firmeza com que a empresa contratante de tal obra o vem executando em outros pontos da capital. Dentro em pouco a rua da Floresta terá mudado de fisionomia, apresentando outro aspecto de calçamento e outra iluminação, naturalmente mais de acordo com o progresso da cidade.

Parabéns aos seus moradores e aos outros mártires de seu deplorável abandono.

*29 de setembro de 1928*

Quem se der ao trabalho de percorrer e observar as ruas da nossa capital, mesmo em certas zonas afastadas do centro, notará, com

prazer, que as obras de calçamento estão sendo executadas simultaneamente numa infinidade de zonas. Se mais rápido não tem sido atacado esse importante melhoramento público, isso em grande parte devemos ao mau tempo destes dois últimos meses, pois as chuvas contínuas que têm caído vêm interrompendo os referidos trabalhos. O essencial, porém, é saber-se que tanto a municipalidade como a empresa contratante das obras do calçamento da cidade estão vivamente empenhadas em ativar essa construção.

Se já é notável a diferença que Porto Alegre vem apresentando de três anos a esta parte quanto aos melhoramentos das suas ruas e logradouros públicos, mais notável torna-se a diferença agora, quando inúmeros trechos do calçamento já estão concluídos e outros começados. Dentro de um ano ou pouco mais, a fisionomia das ruas locais estará completamente mudada, apresentando um aspecto novo e belo, de acordo com as exigências da cidade ora em vertiginoso progresso.

Não há dúvida que é um melhoramento de custoso preço, com a agravante ainda de sair diretamente da bolsa dos proprietários. Isso, porém, é o de menos. De um modo direto ou indireto, sempre quem marcha na despesa é o público, para quem se inventaram os impostos. Em compensação, Porto Alegre, no que diz respeito ao calçamento de suas ruas, já se nos mostra uma cidade modernizada e elegante, a caminho de grandes e notáveis realizações ao seu urbanismo.

É de desejar que as obras do calçamento prossigam com maior atividade, a fim de que possa depois a municipalidade atender exclusivamente às zonas suburbanas na capital, que estão com suas ruas em deplorável estado de abandono, principalmente com as últimas chuvas. Dado, porém, o grande interesse que preocupa a municipalidade, no que diz respeito ao serviço de calçamento geral, arrancando, assim, a cidade da triste situação de abandono em que ela viveu durante meio século, é de presumir que tudo se faça em benefício desse indispensável melhoramento público.

*23 de setembro de 1928*

A população da capital, que goza dos encanamentos hidráulicos da municipalidade, desde anteontem à tarde que se mostra entre surpresa e apreensiva. É o caso que, toda vez que alguém abre as torneiras do dito encanamento, a água que dela escorre é límpida, transparente, perfeitamente filtrada!!

Diante dessa novidade deveras sensacional, as torneiras se fecham imediatamente e as interrogações se multiplicam.

- Que será?
- Que não será?
- Será possível?
- Não será ilusão de ótica?

E de novo se abrem as torneiras, e de novo a água começa a escorrer tão cristalina como de um filtro alemão.

O espanto aumenta; corre célere a nova por toda a vizinhança; comentários; hipóteses; suposições. Pelas dúvidas, D. Mariazinha toma uma resolução prudente para certificar-se da verdade.

– Vai correndo ali na comadre, Joãozinho, e vê se a água da torneira de lá é igual à nossa. Olha bem. Presta bem atenção.

O Joãozinho sai correndo e volta com a grande nova.

- Tal qual, mamãe; bem igualzinha, bem branquinha...

Dentro de meia hora, toda a vizinhança, alarmada, troca ideias de uma janela para outra.

- Pois é verdade, a daqui está saindo bem clarinha...
- A daqui também.
- Dizem que foi a enchente...
- A enchente?... Como assim, D. Ritoca?
- Sim; a enchente lavou os filtros que há trinta anos não eram lavados!...

Da janela oposta, alguém mais entendido no assunto explica o caso sensacional.

– Nada disso, vizinha; é uma injustiça que a senhora está fazendo à municipalidade. O que se deu foi a inauguração dos filtros novos, mandados construir pela Intendência. A inauguração não é ainda definitiva. É só enquanto perduram os efeitos da enchente. Mas depois será para sempre e a água correrá então mais clara e transparente do que a que está correndo agora. E abundante. E dia e noite. Uma beleza.

Diante da explicação, os ânimos se acalmaram, o sobressalto sossegou.

Eram, entretanto, perfeitamente justificáveis as surpresas causadas por tão estranha ocorrência. Há meio século que as torneiras da rede hidráulica não fazem outra coisa senão fornecer lodo à população.

A mudança tinha fatalmente que causar surpresa.

É a maior obra que ficamos a dever à administração benemerita do saudoso Dr. Otávio Rocha.

### *8 de novembro de 1928*

Nada menos de vinte alterosos edifícios, alguns de grandes proporções, estão sendo construídos na parte mais central da cidade.

Nunca como agora a edificação em Porto Alegre tomou tão forte incremento, tão notável impulso notadamente quanto às grandes edificações.

De um certo tempo para cá, há pouco tempo mesmo, é que estas se vêm verificando. Há cinco anos atrás, a nossa capital não tinha mais que quatro clássicos edifícios em relação à altura: o Grande Hotel<sup>119</sup>, o Café Colombo, a Casa Esteves Barbosa e o

<sup>119</sup> Grande Hotel: estabelecimento inaugurado em 1918, de propriedade de Christino Cuervo e do imigrante francês Jean-Pierre Bourdette. Tradicional ponto de encontro de políticos, localizava-se na rua dos Andradas e funcionou até 1957. Seu prédio foi destruído por um incêndio em 1967. In: LEÃO, Sílvia Lopes Carneiro. Os antigos hotéis de Porto Alegre.

Hotel Lagache. Fora desses, nenhum outro mais, e antes desses, só o horrível e antiestético Malakoff, que pelo seu tamanho e altura serviu de alvo e resistiu impavidamente ao bombardeiro da Marajó, de 1893.<sup>120</sup>

Durante muitos anos a metrópole rio-grandense não mostrou a menor simpatia pelas grandes construções ou, melhor dito, pela construção de edifícios de grande tamanho e altura. Só agora, quando veio à baila a febre dos “arranha-céus” cariocas e paulistas (principalmente estes últimos) é que os nossos grandes proprietários empreendedores se deixaram tomar da mesma volúpia deliciosa das alturas. Em três anos, as construções desse gênero ascenderam a um número considerável.

Já agora não é mais possível deter essa febre intensamente alta pelas edificações alterosas. Onde houver um terreno baldio, onde for derrubado um velho pardieiro, dos tantos que ainda enfeiam a cidade, ali veremos erguer-se, em breve, um grande prédio, se não um verdadeiro “arranha-céu”, pelo menos um edifício fora do comum. A *urbs* já está se enchendo de edificações assim.

Afora as com que já conta, construídas e habitadas, um grande número de outras começa a surgir nos pontos mais centrais, enquanto outras tantas já estão com as suas bases iniciadas.

Porto Alegre está atravessando a fase do cimento armado, a grande fase vitoriosa do poder e da força, tema predileto das bes-teiras futuristas destes últimos tempos.

---

Arqtexto, Porto Alegre, n. 0, p. 4-12, 2000. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/22139/000273968.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 13 ago. 2019.

<sup>120</sup> A canhoneira Marajó bombardeou Porto Alegre nos dias 21 e 24 de junho de 1892, como parte dos movimentos rebeldes federalistas que visavam a deposição de Júlio de Castilhos, e que no ano seguinte dariam origem à Revolução Federalista (1893-1895). In: MARTINS, Hélio Leôncio. **A revolta da Armada**. Brasília: Biblioteca do Exército Editora – BIBLIEx, 1997.

É, contudo, um grande tema. Através dele palpitam as energias e as “massas”<sup>121</sup> do capitalismo progressista, que, mesmo tirando fantásticos resultados do inquilinato submisso e apesar de todas as suas imposições, mesmo assim devemos a ele o grande progresso predial da metrópole.

Com isso, é claro, não queremos fazer o elogio das grandes construções da cidade, deixando de lado as pequenas, as que se vão semeando maravilhosamente por toda a parte, e que são, na verdade, as mais úteis, as que mais beneficiam e alargam a área da cidade.

Queremos apenas ressaltar aqui esse admirável período de construções.

### *17 de novembro de 1928*

Porto Alegre, que já há um mês vinha gozando de água filtrada fornecida pela Hidráulica Municipal, acaba de ver agora oficialmente inauguradas as novas instalações do mais importante serviço público com que conta hoje a nossa cidade.

Ainda bem que a municipalidade, ao fazer essa inauguração, não esqueceu a memória do Dr. Otávio Rocha, perpetuando seu nome numa placa que foi colocada numa das dependências da Hidráulica.

Deve-se a ele, de fato, não só a realização dessa grande obra, há vinte anos reclamada pela população desta capital, como tudo o mais que aqui existe em matéria de remodelação e embelezamento urbanos. Só a ele devemos essa metamorfose maravilhosa, que fez da cidade que foi molambo, durante meio século de abandono – sem água, sem esgotos, sem assistência, sem calçamento, sem higiene, sem iluminação, sem regulamentação do tráfego, sem passeios, sem avenidas, sem melhoramento algum digno de nota –, uma verdadeira capital moderna, que já pode ser vista e admirada pelo mais exigente forasteiro.

---

<sup>121</sup> Massa: na gíria, dinheiro.

É verdade que a transformação de Porto Alegre não está completa; falta-lhe ainda muita coisa para que ela se possa nivelar às duas capitais mais adiantadas do país em matéria de urbanismo. Mas tudo o que ela tem, tudo o que ela hoje possui, deve à inteligência e energia decididas de Otávio Rocha, deve àquela mão operosa que se imobilizou para sempre, antes de se completarem os seus planos de ação.

Contando com a colaboração de auxiliares dedicados para a execução de todos os melhoramentos em vista e com o decidido auxílio de um Conselho Municipal<sup>122</sup> que cumpriu até o fim a sua verdadeira função, interessando-se por todos os grandes problemas da cidade e do município, mais fácil se tornou o grande administrador meter mãos à obra e realizar o milagre.

Porto Alegre aí está para ser vista e para ser examinada. E é examinando e comparando o que ela é com o que ela foi que ressalta a obra grandiosa do administrador desaparecido.

E, por isso, recordamo-la aqui, no momento em que a cidade de Porto Alegre entra no gozo de um melhoramento de capital importância para a saúde, para a própria vida da sua população.

Com esses, outros virão ainda – frutos benéficos de três anos apenas de atividade administrativa.

---

<sup>122</sup> Na Primeira República, de acordo com a Constituição Federal e com a Constituição do Estado do Rio Grande do Sul, de 1891, os municípios possuíam autonomia para gerir seus interesses, sendo o Poder Executivo exercido pelo intendente e por um Conselho Municipal composto por nove conselheiros, representantes do Poder Legislativo. Os ocupantes desses cargos eram eleitos a cada quatro anos. A Revolução de 1930 dissolveu os Conselhos Municipais e as intendências foram substituídas por prefeituras. Com as Constituições Federal e Estadual de 1934 e 1935, respectivamente, as câmaras municipais foram restabelecidas. In: POZZOBON, Regina Maria. **Urbanismo e planejamento urbano: um olhar sobre o processo de constituição de seu lugar institucional.** 2018. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2018. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/188449/001084467.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2019.

18 de novembro de 1928

Em matéria de nudez, Porto Alegre não apresenta a menor novidade. Tudo que por aí aparece é coisa vista, sabida e conhecida. O próprio nu artístico<sup>123</sup>, cujos números tanto sucesso fizeram quando começaram a aparecer para o exame de Raio X<sup>124</sup>, em plena rua dos Andradas, já está caindo na indiferença. Propriamente, não; ninguém de carne e osso, nem mesmo a velhice desamparada que já enxerga muito pouco, ninguém por certo se mostrará indiferente ao primitivismo edênico das formas. Mas tão repetidos e frequentes são esses quadros vivos que a cidade apresenta no verão (e até mesmo no inverno) que já ninguém mais olha esbugalhada, penetrantemente. É que esses quadros já deixaram de ser uma novidade atraente para se tornarem uma perseguição insistente.

O abuso do hábito já não faz a moessa de ninguém.

Entretanto, não é só o “nu artístico” que temos aqui. Possuímos também o “nu patriótico”. E, se o leitor tiver interesse em conhecê-lo, basta olhar o frontispício do edifício do quartel-general da região. Veem-se ali várias figuras de soldados em bronze ou coisa que o valha. Sentados na platibanda, de espada na mão e de quepe na cabeça, estão, entretanto, completamente nus.

O caso é deveras interessante e tem dado lugar a várias interpretações. Na opinião de alguns, trata-se de uma escolta que vai bandear, a nado, algum rio, levando apenas a arma como defesa, na possibilidade de algum ataque ao quepe simbólico da legalidade. Na opinião de outros, aquilo é gente que, tomando parte nalgum recontro, saiu de calças na mão e acabou, depois, por perdê-las. Ali estão agora, descansados da corrida braba que levaram...

<sup>123</sup> Nu artístico: termo cunhado pelo cronista para se referir à moda em vigor na segunda metade dos anos 1920, qual seja, vestidos curtos, de formas soltas, feitos com tecidos leves, formando um visual andrógino que se completava com os cabelos curtos à *la garçonne*.

<sup>124</sup> Raio X: termo utilizado pelo autor para se referir aos raios de sol, que à contraluz permitiam visualizar o corpo feminino sob os trajes leves de verão.

De qualquer maneira, aquele grupo de figuras simbólicas está dando lugar a uma dupla interpretação sobre o valor e a bravura dos nossos soldados.

O ilustre comando do quartel-general da região bem podia acabar com essa dúvida, retirando dali tão suspeitas personagens...

*21 de novembro de 1928*

Está em Porto Alegre o professor Agache. A cidade tem honra e orgulho em receber a visita do notável esteta francês.

Convidado especialmente para conhecer a nossa capital e emitir a sua opinião autorizada e acatada sobre uns quantos problemas que se ligam diretamente à transformação por que passa a metrópole rio-grandense, não será difícil desde logo obter a municipalidade do famoso urbanista uma opinião definitiva. Senhor da beleza, mestre das linhas rigorosas da perfeição de Ruskin<sup>125</sup>, o professor Agache, em qualquer ponto de vista em que se coloque, até mesmo obedecendo injunções de ordem econômica, é sobretudo um artista, verdadeiro enamorado da natureza, e, ao que se diz, um grande amigo das árvores, julgando-as indispensáveis na ornamentação da *urbs* e mais indispensáveis ainda como elementos de suavidade e refúgio nas cidades de climas abrasadores.

Em tais condições, o ilustre urbanista não deixou certamente de ter uma grande decepção ao visitar as ruas e logradouros públicos desta capital, impressão essa agravada ainda mais com o violento calor que se fez sentir no dia da sua chegada e no de ontem, destinado à sua visita a vários pontos da cidade. Referimo-nos à lamentável falta de árvores que se nota em Porto Alegre. Ruas belas e largas como a Redenção, República, Venâncio Aires, Floresta, Bom Fim e muitíssimas outras, que podiam ter hoje árvores perfeitamente desenvolvidas, suavizando ainda os próprios rigores da canícula, só agora começam a ser ornamentadas

---

<sup>125</sup> John Ruskin (1819-1900): escritor, aquarelista e desenhista inglês, notabilizado pelas reflexões e representações da relação entre arte, arquitetura e natureza.

com árvores de acanhado desenvolvimento. A própria rua que tem o nome de Arvoredo, duramente castigada pelo sol que bate em cheio de manhã à tarde, essa própria rua não tem uma única árvore.

Naturalmente essa falta de amor pela árvore, falta tão acentuada entre nós, não passou despercebida ao olhar desolado do professor Agache. Sabemos mesmo que, ao transmitir ao chefe do município as impressões recebidas de tudo o que viu e observou em relação à *urbs*, ele estranhou que Porto Alegre não estivesse cheia de árvores.

E essa impressão também é de toda a gente que conhece um pouco de urbanismo e que sabe do quanto é causticante o verão em Porto Alegre.

### *28 de dezembro de 1928*

É de francos e decididos aplausos a recente fundação, nesta capital, da Sociedade Geral de Imóveis<sup>126</sup>. Destina-se ela, conforme já foi amplamente divulgado pela imprensa, à construção e venda de prédios a prazo, como vêm fazendo outras sociedades congêneres no Rio e São Paulo, muito especialmente nessa última cidade.

Por maiores que sejam os interesses comerciais dos que constituem essa nova e importante sociedade anônima – e esses interesses serão certamente muito grandes – eles serão superiores aos dos que futuramente irão adquirir propriedades imóveis com as facilidades de transação que a Sociedade garantirá, de acordo com o seu plano de operações.

Porto Alegre bem precisa de uma organização, de uma empresa mercantil que se proponha realizar semelhante meio de negócios.

<sup>126</sup> A Sociedade Geral de Imóveis foi constituída como sociedade anônima, visando “executar construções a prazo, de preferência para operários, funcionários públicos e, em geral, para pessoas de poucos recursos”. Foi instalada em 1º de janeiro seguinte, no segundo andar do edifício Hudson, na atual rua Caldas Júnior. *In*: SOCIEDADE geral de imóveis. **A Federação**, Porto Alegre, ano XLV, n. 294, p. 4, 24 dez. 1928.

E, mais do que isso, a nossa capital precisa de uma sociedade para a venda de imóveis em prestações, ao alcance de todas as bolsas, como as existentes em inúmeras cidades e capitais do país e que estão em pleno florescimento, dado o desdobramento e o êxito de todas as suas transações.

Certamente, a Sociedade Geral de Imóveis não deixará de atender esse ponto capital, isto é, de estabelecer condições que facilitem aos interessados a aquisição de prédios por meios suaves, de acordo com as posses de cada um, garantindo-se, ao mesmo tempo, como é de ver, de possíveis e inevitáveis fracassos por parte do comprador.

Com a constituição e venda a prazo de casas baratas, as classes pobres, sempre presas às violências do senhorio que, com a desculpa do aumento dos impostos municipais, vive a elevar frequentemente os aluguéis dos seus prédios, encontrarão, em parte, os meios de se libertarem daquele, adquirindo um prédio, embora modesto, para sua moradia definitiva, que passará, de futuro, à sua legítima propriedade.

Só por esse lado, se outros benefícios não trouxesse a Porto Alegre, já é motivo bastante para ser recebida com grande simpatia a iniciativa ora colimada com a fundação da Sociedade Geral de Imóveis.

Essa iniciativa, entretanto, tem outro aspecto digno de aplausos – o de contribuir para o desenvolvimento e o progresso da cidade.

### *1º de janeiro de 1929*

A obra admirável do embelezamento do campo da Redenção, iniciada na memorável administração Otávio Rocha, vai ter prosseguimento e conclusão definitiva na administração atual.

Segundo o plano elaborado pelo urbanista Agache e aceito pela municipalidade, o embelezamento do campo da Redenção obedecerá a duas formas características e perfeitamente distintas entre si.

Entram aí em ação estilos à francesa e à inglesa. E, bordando fantasias e extravagâncias tão próprias do seu temperamento,

o esteta francês cria, para aquele vasto logradouro público da nossa capital, uma infinidade de coisas interessantes, como sejam espelhos d'água, repuxos, atalhos para passeantes, caminhos tortuosos que vão ter aos ninhos e grutas de Vênus, e, numa face e noutra do jardim, campos de desportos para crianças, entre grandes lagos onde haverá passeios de bote, exercícios de remo etc.

Isso ainda não será tudo. O grande parque terá ainda outros aspectos interessantes que deverão ser observados, com cortes e acidentes de terreno, movimento de terras, efeitos de paisagem, harmonia de traços, tudo, já se vê, de acordo com o estilo francês por dentro e o estilo inglês por fora.

Segundo esse projeto do professor Agache, o campo da Redenção se transformará num grande e belíssimo jardim europeu, com aprimorados efeitos e delicadezas de estética que muito recomendarão, por certo, a arte do urbanista francês.

Encarado, porém, o caso, sob o nosso ponto de vista, bem poderíamos dispensar perfeitamente tudo isso em favor da criação ali de um parque americano, de um verdadeiro parque brasileiro, de acordo com as necessidades de Porto Alegre, que não tem na época do verão, como agora acontece, uma praça em condições, fartamente arborizada, que sirva de refúgio e de refrigério à nossa população.

O que ficaria magnífico no referido local seria um bosque onde todas as essências florestais do Rio Grande ali estivessem representadas.

Em lugar de estilo à francesa por dentro e à inglesa por fora, deveríamos ter ali árvore por fora e por dentro, árvores em abundância, enfim, um verdadeiro parque brasileiro de acordo com a natureza e o clima do Rio Grande.

Para Porto Alegre, que tanto sofre com a impertinente canícula do verão, isso seria muito mais útil do que o ideado pelo ilustre professor Agache.

Não pensarão assim também os leitores?

### *3 de janeiro de 1929*

Se fôssemos balancear os serviços executados pela municipalidade desta capital no ano ora findo de 1928, eles sobremodo avultariam numa expressão de atividade incessante que deve, aliás, o seu início ao momento em que o saudoso Dr. Otávio Rocha quebrou a perpetuidade de um quarto de século de administração vegetativa.

Se extraordinária foi a atividade desenvolvida pelo benemérito remodelador de Porto Alegre, não menos notável é ela agora na administração do Sr. Alberto Bins<sup>127</sup>. É que a obra de remodelação iniciada por aquele está sendo em grande parte continuada pelo seu digno sucessor. De fato, todos os problemas, todos os planos de melhoramento que foram objeto de sérias cogitações por parte do administrador anterior, estão sendo resolvidos e executados agora de acordo com os meios materiais de que dispõe o município para atendê-los, convenientemente. De maneira que, decorridos pouco mais de quatro anos, a nossa capital já apresenta um aspecto completamente diverso daquele com que ela parecia se eternizar através do tempo. Por toda a parte, por todos os cantos da cidade, onde quer que pousemos a vista, muito embora numa contemplação indiferente, aí encontraremos, por mais pequeno que seja, o traço de uma obra, de um melhoramento executado pela municipalidade. Isso, entretanto, não quer dizer que a nossa metrópole já esteja na posse e gozo dos melhoramentos de que tanto ela se ressentia. Falta-lhe ainda muita coisa; vários outros problemas importantíssimos ainda estão à espera de solução. Mas o que já existe, o que aí já está feito, basta, sem dúvida, para dar uma ideia da atividade do poder municipal, para atestar o muito que ele vem fazendo em prol da cidade, aplicando convenientemente em obras úteis os dinheiros

---

<sup>127</sup> Alberto Bins (1869-1957): industrial, comerciante e político, chefe do executivo municipal de Porto Alegre entre 1928 e 1937.

dos seus municípes. Se por um lado há de se ressaltar o aumento dos impostos e a criação de outros, elevando-se assim a receita, por outro lado temos que reconhecer os inúmeros melhoramentos que em troca nos vem dando o poder municipal.

É a lei da compensação.

### *9 de janeiro de 1929*

A atual administração municipal, que, como a anterior, está tão vivamente preocupada com a remodelação da nossa capital, não deve de modo algum votar ao esquecimento o velho plano de construção da avenida Beira-Rio, que deverá passar pela Praia de Belas.

Tanto essa como a projetada avenida Borges de Medeiros são indispensáveis à vida, ao progresso e à modernidade da capital. Porto Alegre sem uma bela avenida marginando o Guaíba, como deverá ser a que, partindo da rua Pantaleão Telles, irá até o Asilo do Padre Cacique, trecho esse atraente, verdadeiramente admirável, nunca será uma capital deveras, assim como, sem a avenida Borges de Medeiros, tal como foi essa delineada, nunca será uma cidade com o problema do tráfego urbano perfeitamente resolvido.

O Guaíba tem que oferecer à metrópole duas impressões distintas: uma do intercâmbio, de toda a grande atividade comercial que se fez por via marítima ou via fluvial, representada na avenida do Cais do Porto, com os seus respectivos armazéns. A outra impressão é a de conforto, de beleza estética, da graça e do encanto mundanos representados num *boulevard* elegante, bem ajardinado e bem iluminado, que seja, enfim, o passeio predileto dos porto-alegrenses e dos forasteiros.

Isso só o teremos com a construção da avenida Praia de Belas. De todos os embelezamentos da metrópole, será esse, sem dúvida, o mais importante, o mais necessário, o mais útil. Além de tudo, ele

resolve um problema de higiene, saneando um grande trecho da cidade que até aqui tem permanecido completamente abandonado.

Em razão disso, entendemos, a municipalidade não deve deixar de lado o projeto da referida construção, tanto mais que ela já teve, do professor Agache, opinião favorável a respeito.

Trata-se, não há dúvida, de uma obra dispendiosa.

Mas a Intendência não precisa atacar tudo de vez. Pode começar aos poucos, devagarinho. Pela natureza do local, nem o trânsito público será prejudicado com a demora da obra.

### *15 de janeiro de 1929*

Atingiu, sem dúvida, a alguns milhares, o número de pessoas que, domingo último, acossadas pela requeima de uma temperatura de 32° à sombra, fugiu da cidade em demanda dos nossos principais arrabaldes, principalmente aqueles que, pelos seus bosques naturais, como Cascata, Vila Nova, Tristeza e Pedra Redonda, oferecem agradável refúgio aos perseguidos da canícula terrível que se fez sentir durante o dia e a noite de anteontem.

Como tantas e tantas vezes já temos acentuado, Porto Alegre é uma cidade simplesmente intolerável. Esse mal-estar da *urbs* se deve em grande parte a sua absoluta falta de árvores, sem praças e parques fortemente arborizados. Não temos, de fato, dentro da capital, esses refúgios indispensáveis à população de uma cidade como a nossa, tão duramente castigada pelo verão abrasador. Tudo aqui está em começo, está no nascedouro, como se diz, pois só de quatro anos a esta parte é que se vem cuidando esse importante problema urbano. Com respeito à arborização e à formação de bosques no centro da cidade, temos, como se sabe, um único projeto, que é o que se refere ao grande parque da Várzea, entre Redenção e Bom Fim. Esse mesmo, pelo projeto Agache, não será bem um parque como Porto Alegre reclama, um parque tropicalmente brasileiro, que

atenda mais às nossas necessidades de verão do que às exigências de inverno, perfeitamente dispensáveis em se tratando de um povo como o nosso, criado ao sopro do minuano, ao frio constante do pampa. Pelo projeto do professor Agache, o futuro parque será mais uma obra de arte, estilizada à maneira francesa, com *japonesia*<sup>128</sup> de jardins exóticos.

Entretanto, se a municipalidade quiser destinar à população um verdadeiro parque com bosque natural, sem tocar no parque da Várzea e sem desvirtuar o plano do ilustre urbanista francês, ela encontrará-lo-á tal qual, já pronto, no coração da cidade. Referimo-nos à chácara do Sr. Cel. Hemetério Mostardeiro, localizada nos Moinhos de Vento, junto ao Prado da Protetora do Turfe. Além da grande extensão dessa vivenda, tudo ali é obra natural, tanto o denso bosque que a cobre, como o regato que a corta, cantando entre pedras. Como trecho vivo da nossa natureza, é, sem lisonja, uma maravilha, que nada fica a dever aos bosques do Trianon, em São Paulo.

E se essa propriedade fosse transformada num parque municipal? Certamente não será difícil a sua aquisição. Tudo depende da boa vontade da municipalidade.

Só assim Porto Alegre ganharia um logradouro público de primeira ordem.<sup>129</sup>

### 31 de janeiro de 1929

Ao passo que se vai perpetuando a velha e deficiente iluminação da rua dos Andradas, vai a municipalidade inaugurando em outros pontos da capital as modernas instalações de combustores *Nova*

<sup>128</sup> Japonesia: ornamentos no estilo japonês.

<sup>129</sup> O citado terreno foi convertido em área pública de lazer, o parque Moinhos de Vento, em 1972, após a transferência do hipódromo da cidade para o bairro Cristal. In: PETERSEN FILHO, Germano. **Porto Alegre**: história e urbanização. Porto Alegre: La Salle, 1985.

*Lux*. Assim, já estamos com esse importante melhoramento público nas ruas Duque de Caxias, Independência, Ladeira<sup>130</sup>, avenida Júlio de Castilhos, praça Parobé, e parte da praça Argentina e da rua Conceição.

Certamente, dentro de pouco estará toda a iluminação da capital na posse de novas instalações, iniciadas, aliás, pelo saudoso Dr. Otávio Rocha. Só a rua dos Andradas, a principal e a mais elegante artéria metropolitana, continua com a iluminação antiga, como a de uma velha aldeia retardatária. Não fosse a luz das vitrines de nossas casas de comércio e a iluminação dos edifícios particulares, a claridade dessa rua não seria superior à treva profunda dos nossos abandonados arrabaldes.

Por falar nisso, é conveniente lembrar a necessidade de a municipalidade fazer alguma coisa em benefício de todos esses bairros que aí permanecem esquecidos de qualquer cuidado por parte da administração pública. É claro que não queremos, nem isso desejam os seus moradores, que a iluminação de suas ruas seja feita pelo sistema *Nova Lux*. Basta que sejam dotados de qualquer iluminação. Seus moradores também são filhos de Deus, também pagam seus impostos e também têm direito a gozar os melhoramentos de que vai sendo dotada esta heroica e valorosa cidade.

A Intendência, perpetuando indefinidamente essa situação de abandono em relação aos arrabaldes da cidade – sem polícia, sem ruas cuidadas, sem água, sem esgoto, sem iluminação e, ainda por cima, com escassos meios de transportes –, a Intendência retarda com isso o desenvolvimento e o progresso dessas zonas, dignas de melhor sorte. Pelo menos quanto à iluminação pública, já é mais do que tempo de se tomar uma providência qualquer. Sem descurar do centro da cidade, bem podia a administração municipal melhorar um pouco mais a luz dos arrabaldes.

Dos arrabaldes e... da rua dos Andradas.

<sup>130</sup> Rua da Ladeira: oficialmente, rua General Câmara.

19 de maio de 1929

Alguém que se mostra vivamente interessado pelas coisas da cidade acaba de nos escrever longa carta, na qual é abordada a questão da iluminação pública.

O ilustre missivista aponta inúmeros pontos centrais da capital que se conservam pessimamente iluminados, citando, dentre outros, a avenida do Cais do Porto. À noite, o viandante que se dirigir àquele local é pelo menos candidato a levar uns tantos tropeços. “A iluminação ali – diz a pessoa que nos escreve – limita-se a meia dúzia de focos, colocados esparsamente: um aqui, outro tão longe quanto o diabo da cruz... Mas há pior. É que esses minguados combustores não acendem todas as lâmpadas, parte dessas conservam-se apagadas. Quanto à parte fronteira aos armazéns, quer para o lado da avenida, quer para o lado do rio, é simplesmente lamentável: em cada armazém há três ou quatro lâmpadas de luz tão fraca que faz lembrar, até, as ‘passadistas’ lamparinas de azeite.”

Tudo isso está muito certo. É a pura verdade. Entretanto, ao que nos parece, não é ocasião agora para fazermos referências à péssima iluminação do centro da capital, porque é exatamente agora que está sendo feita a sua remodelação e melhor distribuição de combustores pelo sistema *Nova Lux*. Naturalmente, não só o local citado pelo missivista, como muitíssimos outros pontos da cidade irão receber o novo melhoramento público, como já está sendo feito na rua dos Andradas. O que é de lamentar em tal substituição é que os postes que estão sendo colocados na nossa principal artéria não estão de acordo com a largura da rua, pois são verdadeiros tram-bolhos, tomando enorme espaço nos passeios. Esses postes seriam muito bonitos em praças ou em avenidas largas. A rua da Praia, por ser uma rua muito estreita, a mais estreita de todas, reclamava coisa mais delicada.

Enfim, o serviço está feito. Agora já não há mais remédio. O fato capital é termos a iluminação grandemente melhorada, e que se verificará dentro de pouco, se assim entender a Energia. Em seguida, ao que sabemos, outras ruas passarão pela mesma fase de melhoramento, inclusive a avenida do Cais do Porto, hoje envolta em profunda treva, como muito bem acentuou o ilustre missivista a que acima nos referimos.

Depois da fase da escuridão e dos buracos, era justo que tivéssemos uma compensaçõzinha. E essa será com a forte iluminação que a municipalidade e a Energia prometem para todo o centro da cidade. Quanto à iluminação dos arrabaldes, é coisa resolvida para 1935, primeiro centenário da Revolução Farroupilha<sup>131</sup>...

#### *24 de maio de 1929*

Floresta!

Quem te viu e quem te vê...

Que eras tu ainda há bem pouco tempo? Uma longa estrada debruada de casario. Nada menos, nada mais. O teu leito era o mais acidentado possível. Evitavam-te os carros e carroças de tração animal, porque sabiam das ameaças e perigos da tua buracama hiante; evitavam-te com mais pavor ainda os automóveis e ônibus, porque ao percorrerem-te não escapavam às más consequências do teu abandono, aos efeitos do teu estado deplorável. À noite, então, a tua escuridão profunda e permanente infundia medo e pavor aos transeuntes, que eram obrigados a transitar pelos teus passeios descalçados e pelo trilho inseguro do teu leito em desalinho. O negror noturno aí era de molde a estabelecer confusões perigosas. Os caminhantes que se movimentavam na treva fumando davam-nos a impressão de “sacis” invisíveis ziguezagueando

---

<sup>131</sup> Revolução Farroupilha: movimento liderado pelas elites estancieiras sul-rio-grandenses contra a centralização política do Império, ocorrido entre 1835 e 1845.

no espaço... Só o movimento da brasa do cigarro anunciava a existência dos transeuntes. Daí a manifesta simpatia da gatunagem pelos teus pacientes moradores. Foi sempre sobre as suas propriedades, graças à situação atraente do teu abandono, os melhores assaltos, as mais proveitosas batidas e arrombamentos por parte dos rapinácios impunes.

Quem te viu e quem te vê – ó Floresta, ó Cristóvão Colombo.

Como num momento mudaste de fisionomia! És hoje uma artéria elegante e moderna, bem calçada, bem vestida, com um movimento intenso de veículos, com um rápido serviço de bondes, que talvez até hoje seja a linha mais bem servida de toda a cidade. Com o novo calçamento que recebeste, com a reforma de teus passeios laterais, com o aumento da tua iluminação, tu, estrada que eras, e estrada intransitável nos dias de chuva ou de ventania, passaste à categoria de rua, de larga e moderna artéria, que honra, sem dúvida, o progresso da capital. E, com tal remodelação, aumenta a febre das construções nas duas faces do teu alinhamento. Vivendas magníficas, palacetes suntuosos, prédios modernos e alterosos se vão erguendo aí, dia a dia, vertiginosamente, como reclama a capital que se moderniza, a cidade que se transforma. Dentro de pouco, a prevalecer a atividade das construções prediais, terás perdido o teu primitivo nome – ó Floresta dos namoros à antiga –, passando a ser, como já és, um verdadeiro *boulevard* – ó moderníssima Cristóvão Colombo –, coetânea dos arranha-céus e dos três antropófagos paulistas<sup>132</sup>, dos três somente de uma tribo que se está extinguindo...

Só polícia te falta – ó rua nova da cidade.

### *25 de maio de 1929*

Ainda a avenida Borges de Medeiros!

Pois ainda?

<sup>132</sup> Referência ao Movimento Antropófago, tematizado em 1928 por Oswald de Andrade (1890-1954) em seu "Manifesto Antropófago" e, em seguida, na *Revista de Antropofagia*, juntamente com Raul Bopp (1898-1984) e Antônio de Alcântara Machado (1901-1935).

Ainda, leitores...

Ainda e sempre.

E a notícia que ora célere circula é sobre o boato corrente de que a municipalidade aplicou em outros melhoramentos locais a verba destinada à realização daquela obra importante e que, em vista disso, será convocado o Conselho, a fim de o mesmo decretar nova verba.

E, como enquanto o pau vai e vem, folgam as costas, as obras terão que ser sustadas até ulterior deliberação.

É o que dizem.

Esse é o boato que corre.

Aliás, sobre essa projetada avenida os boatos pululam. Há cinco anos que aquele malfadado local se vem povoando de lendas e mistérios, e enchendo a cidade de boatos. Dizem mesmo que, desde que por aí se projetou a futura grande artéria metropolitana, aquilo passou a ser um ponto mal-assombrado da *urbs*. À certa hora da noite, ali aparecem lívidas figuras de fantasmas. São pessoas que se metamorfoseiam, uns em lobisomens, outros em caveira de burro, e outros ainda em Santa Engrácia da Eternidade... Esses assombramentos valem como representação simbólica da morosidade da obra. Isso, porém, não é tudo. Há dias, sem que ninguém visse, apareceu ali uma picareta que tinha no cabo esta legenda desanimadora: "Isto aqui, nem para o centenário de 35!" Uma outra apareceu em caracteres vermelhos na folha de uma pá – virada: "Viaduto? Só uma terceira administração municipal". E outras coisas ainda mais graves se têm verificado durante os trabalhos de escavação e desaterramento. Basta dizer que, na semana passada, quando a turma de operários (para um serviço que comporta atividade de 500 só tinha 30 operários) começava o serviço habitual, apareceu nos barrancos laterais este aviso cauteloso: "Cuidado! Não prossigam, porque os dois palacetes construídos na esquina, com expressa autorização da Intendência, vão cair..."

Ora, essa situação, tornada ainda mais grave com a notícia de que, de fato, as obras vão parar por falta de verba, está provocando verdadeiro desânimo na população, muito especialmente entre aqueles que, possuindo prédios demolidos ou por demolir no referido local, estão há quatro anos com seus negócios prejudicados, por não terem até agora recebido as indenizações que lhes cabem.

Quanto à turma de 30 homens que a municipalidade mantém trabalhando, é só para fingir ou iludir o público, para que este veja que as obras não param, que as obras continuam.

Mas, na realidade, elas não estão. Pois não é num tal contingente de operários que se faz uma avenida daquela natureza.

Entretanto, convém ainda esperar. Pode ser que de um momento para outro tudo se modifique.

Pode ser...

### *26 de maio de 1929*

Uma das razões por que a bela avenida 13 de Maio (Menino Deus) se encontra em situação tão calamitosa, em estado tão deplorável, sabe perfeitamente o público, qual seja: é que a municipalidade está fazendo ali o serviço de esgotos e o novo encanamento hidráulico, enquanto que a Energia vai, por sua vez, instalando a rede subterrânea da iluminação particular e pública. Ora, isso tudo, feito a um só tempo, tinha que deixar, como deixou, aquela larga artéria em tal estado, como se fosse atingida por um verdadeiro terremoto. Daí os atoladouros, os sumidouros, os regos, os valos e os buracos que ela apresenta aos olhos do público, independente das densas nuvens de mosquitos, que dia e noite enxameiam no dito local, onde a água pútrida permanece estagnada.

Passada, porém, essa fase terrível de desarranjo, a avenida 13 de Maio reaparecerá completamente transformada, com um novo

calçamento e uma nova e abundante iluminação, se não falharem as promessas da municipalidade.

Quanto a sua arborização, podemos desde já adiantar que começou a derrubada dos plátanos que, entre clareiras e falhas, existiam plantados à beira dos passeios laterais. Essa derrubada não dará certamente muito trabalho à municipalidade, pois poucos são os exemplares existentes, visto que a maioria dos ali plantados há anos morreu a poder de água fervente despejada por alguns moradores que temiam, como Alexandre, o Grande, que a sua sombra tirasse a luz do sol à frente das moradias...<sup>133</sup>

O terrível processo inquisitorial por que passaram aquelas plantas acabou por fulminá-las em quantidade. Os poucos exemplares que resistiram ao martírio da fervura ou que foram esquecidos pela santa condenação estão sendo agora destruídos pelo terrível machado municipal. Naturalmente, a Intendência, em sua substituição, vai plantar ali, não só no cordão das calçadas laterais, como em canteiros no centro da rua, depois que esta estiver corretamente pavimentada, outras árvores, outras essências ornamentais da flora indígena.

É o que todos esperam da seção de praças e jardins criada pelo município com o fim de desdobrar e melhorar esteticamente a ornamentação de todos os logradouros públicos da cidade. Aliás, a avenida 13 de Maio presta-se admiravelmente à arborização de três linhas, e não seria agora, quando ela está passando por uma tão grande transformação, que iria esquecer a Intendência de prestar esse serviço ao embelezamento da capital.

Aqui fazemos ponto, na expectativa de podermos louvar em breve a nova vestimenta da simpática e elegante avenida 13 de Maio.

---

<sup>133</sup> Referência ao encontro entre Alexandre, o Grande (353 a.C.-323 a.C.), rei da Macedônia, e o filósofo Diógenes de Sinope (404 ou 412 a.C.-c. 323 a.C.). O rei oferece ao filósofo todas as riquezas a seu dispor, mas este apenas pede que aquele saia de sua frente, para não mais bloquear a luz do sol.

*4 de junho de 1929*

Dentro em pouco, a julgarmos pela presteza com que prosseguem os trabalhos, a nossa capital contará com dois novos logradouros remodelados. São eles a praça Argentina, ao lado do quartel do 7º Batalhão de Caçadores, e a praça Otávio Rocha, entre a avenida São Rafael e a rua Santa Catarina. Da primeira já se tem uma impressão agradável, pela maneira que foi feito o seu ajardinamento, em canteiros construídos com gosto e profundamente iluminados pelo sistema *Nova Lux*. Além disso, a nova linha de bondes ali feita, permitindo maior espaço para o trânsito de veículos, e mais o recalçamento de paralelepípedos em toda a extensão daquele largo, completam a obra de remodelação por que passou o mesmo.

Quanto à segunda praça, que acaba de surgir de vários prédios desapropriados e demolidos nas ruas Senhor dos Passos e Dr. Flores, desapropriações essas feitas na administração passada para alargamento da avenida São Rafael, ainda não podemos ter uma impressão exata, em vista da obra não estar concluída. É de crer, porém, que a engenharia municipal procure fazer um trabalho digno do patrono do novo logradouro, pois, o que se diz, a nova praça terá o nome de Otávio Rocha, o grande intendente que deixou seu nome definitivamente ligado aos destinos da cidade. A justa homenagem prestada à sua memória devia ser ainda maior: seu nome devia ficar ligado não a uma pequena praça sem significação na vida urbana de Porto Alegre, mas a uma das maiores artérias da capital, à avenida Bom Fim, ao parque ou à avenida Redenção, por exemplo.

Parece-nos que qualquer um desses pontos, onde há traços indeléveis do administrador extinto, são locais naturalmente escolhidos para tal homenagem. E é essa, aliás, a opinião de todos aqueles que acompanharam com interesse a obra de Otávio Rocha, à qual Porto Alegre deve o seu extraordinário desdobramento, a sua vertiginosa atividade de hoje.

Em todo o caso, antes ali do que ficar esquecido. Só esse gesto já é motivo de louvores, que se desdobram ainda pelos dois novos logradouros públicos que ela vai em breve entregar à população porto-alegrense. Oxalá possa ela distribuir um pouco da sua atividade rueira com a avenida Borges de Medeiros.

Mas qual. Aquilo tem mesmo caveira de burro...

### *9 de junho de 1929*

A água que bebemos não pode ser mais clara e nem mais transparente. Talvez muito poucas cidades do país se possam gabar de possuir água que cause tão boa impressão à vista como a atual de Porto Alegre. Não sabemos se quimicamente podemos dizer o mesmo. Provavelmente sim, pois todos os exames químicos e bacteriológicos realizados pelo laboratório da própria hidráulica apresentam excelentes resultados, que muito recomendam ao consumo público o “precioso líquido”.

Tão grande, porém, foi a influência entre os que se habituaram com a água turva e lodosa que durante trinta anos vinha sendo servida à população de Porto Alegre que, em face da límpida e cristalina água atual, gente há que a contempla e recua desconfiada...

Essa clareza, essa limpidez, é bem capaz de ocultar qualquer ingrediente perigoso à saúde, e daí a preferência pelo líquido dos aguadeiros ambulantes, ou pela primitiva água fornecida pelas duas redes hidráulicas<sup>134</sup> com que então contava a nossa capital, cada qual mais ordinária... É o cúmulo, mas é verdade. Gente existe que pensa assim. Acostumou-se por tal forma com a sujeira que hoje não aceita de boa cara essa inovação dos americanos, que vieram

<sup>134</sup> Referência à Companhia Hidráulica Porto-Alegrense e à Companhia Hidráulica Municipal (antiga Companhia Hidráulica Guaibense, adquirida pela Intendência Municipal em 1904). In: COPSTEIN, Gisela. Porto Alegre do final do século XIX ou do início do século XX. **Boletim Gaúcho de Geografia**, Porto Alegre, v. 14, n. 1, 1986.

não só filtrar como meter composições químicas no turvo líquido tradicional do Guaíba...

O fato dispensa por certos inúteis comentários. Ele, entretanto, em parte se explica pela enormidade do salto. Depois de usarmos em todas as nossas necessidades domésticas do lodo que há quase meio século vinha sendo servido à população de Porto Alegre por intermédio de sua rede hidráulica, passamos agora a gozar das delícias do mais belo e claro líquido de que há memória por estas plagas, líquido que tem, aliás, origem na mesma captação de outros tempos.

A impressão que nos causa a água atual é tão grande e tão diversa da anterior, que ainda ontem um cavalheiro, que tem por costume tomar banho uma vez por semana, dizia numa roda de amigos:

– Vocês não imaginam. Quando vejo o banheiro cheio daquela água tão branquinha, tão limpa, sem a menor sujeira, fico com pena, palavra de honra, de me lavar!...

Diante disso, o higiênico cidadão desiste naturalmente do banho, recordando por certo dos bons tempos em que o corpo líquido e o seu corpo sólido estabeleciam sérias confusões no fundo do recipiente...

### *3 de julho de 1929*

A cidade está com uma novidade a mais na série de melhoramentos que para ela traçou Otávio Rocha, o administrador involvidável. A nova iluminação da rua da Praia é em verdade abundante e bem distribuída, com a vantagem de todos os seus combustores se acenderem de uma só vez, e não de um a um, como era feito com a iluminação anterior.

Quanto aos defeitos notados pelo público em relação à grossura e tamanho dos postes colocados nos passeios laterais da rua, devemos declarar que não cabe, no caso, a menor culpa à Energia, pois foram escolhidos de acordo com os engenheiros da municipalidade. Devemos ainda a esta o defeito de estarem quase

todos tortos, fora de prumo, os postes colocados no interior da praça da Alfândega. Tudo isso é o de menos, felizmente. O fato principal é que temos agora uma boa iluminação na primeira artéria da *urbs*.

Com o melhoramento ora inaugurado, desaparece de circulação efetiva o homem da escadinha, a figura clássica do acendedor de lampiões, símbolo admirável da administração com que durante um quarto de século contou Porto Alegre, o acendedor de lampiões... Quem por aí não o conheceu, entregue à faina humanitária e patriótica de dar luz? À hora do lusco-fusco lá vinha ele, de escada à mão, cumprir o nobre mister de iluminar a cidade, espantando, por sua vez, a treva dos espíritos que em idílios suspeitos gozavam a deliciosa escuridão de certos logradouros, naturalmente criados para não serem devassados pela claridade importuna... E lá andava ele, então, empoleirado de poste em poste, num serviço estafante que não raro se prolongava noite adentro, emendando muitas vezes o esforço de acender com o trabalho de apagar...

Pois esse cidadão benemérito, símbolo expressivo de uma capital que viveu sempre dentro da noite, de uma cidade que emperrou em ser aldeia, sem querer mudar de fisionomia – esse benemérito homem que dava à luz, sem ser tocado pelos sofrimentos da maternidade, acaba de desaparecer sob a indiferença desta época vertiginosa, desta época terrível, do “servimo-lo com prazer”<sup>135</sup>, eletricamente, a tantos réis por quilowatt...

Daí a história comovedora para os bebês do futuro:

... Era uma vez um acendedor de lampião...

Ora bolas! Para que prosseguir, pois é uma história igual às outras?...

<sup>135</sup> “Servimo-los com prazer”: lema da Companhia Carris Porto-Alegrense.

*5 de julho de 1929*

Está novamente em foco o caso da projetada avenida Borges de Medeiros, caso esse que a municipalidade houve por bem complicar com uma série de delongas e alterações de projeto, transformando a sua abertura numa verdadeira obra de Santa Engrácia.

Trata-se, porém, agora das propostas apresentadas para a construção do viaduto à rua Duque de Caxias, que é, como se sabe, o pivô da futura grande artéria metropolitana.

Aceita a proposta mais conveniente, a referida obra deverá ser imediatamente atacada, se outras complicações não surgirem para retardar uma vez mais a realização desse importante e hoje já indispensável empreendimento urbano.

Mesmo que seja iniciada a construção do viaduto, com a presteza reclamada, tem ainda a municipalidade inúmeras outras complicações a solucionar, avultando, entre essas, a situação em que ficaram os dois palacetes há pouco construídos à rua Duque de Caxias, esquina com a futura avenida, pertencentes à Sra. Generosa Azeredo e a Romualdo Azeredo.

Tem, além disso, a Intendência várias desapropriações a fazer para o necessário alargamento do novo logradouro, cujas negociações, ao que sabemos, não foram até agora ultimadas, alegando-se, por um lado, que as partes não chegaram a um acordo satisfatório, e dizendo-se, por outro, que a Intendência aplicou em vários outros melhoramentos o dinheiro destinado àquela obra. Se foi ela, porém, que determinou agora a abertura das propostas para a construção do viaduto, é porque está naturalmente aparelhada para atender a tudo que se relaciona com aquele importante melhoramento.

O essencial é que se faça de um jeito ou de outro a abertura da projetada avenida. O estado em que está a obra referida, tantas vezes começada e tantas vezes sustada, e mais a crescente intensidade do tráfego urbano, com o seu congestionamento frequente, já não

permitted maiores delongas. A atual administração do município tem, assim, por dever, levar avante a obra iniciada pela grande administração passada.

Alimentamos a esperança de que desta vez a avenida saia mesmo.

*17 de julho de 1929*

A nossa administração municipal tem primado em gentilezas e atenções para com os intendentes de todos os municípios que aqui se acham reunidos em congresso.<sup>136</sup>

A todos o edil de Porto Alegre tem proporcionado passeios e visitas, mostrando os melhoramentos da cidade, a transformação por que a mesma tem passado, além do grande número de obras em andamento.

É digna dos maiores louvores a atitude do nosso edil. Com esse seu belo gesto em mostrar aos intendentes visitantes o que a nossa capital hoje apresenta, presta o chefe do executivo local uma justa, uma merecida homenagem à memória daquele que foi inegavelmente o maior administrador que tivemos, o grande e inesquecível remodelador da *urbs*, para a qual novos horizontes se rasgaram desde que tomou a si a tarefa gloriosa de fazer de Porto Alegre uma capital verdadeiramente moderna.

A obra de Otávio Rocha vale por um estímulo a todos os administradores que queiram deixar alguma de útil aos seus municípes. Ela deve por isso ser apontada como um belo exemplo a seguir. Ninguém mais do que ele soube desempenhar com tanto amor e dedicação o espinhoso encargo que lhe foi confiado.

A censura dos primeiros dias, quando a cidade parecia vir abaixo sob a influência de um terremoto, terminou na maior e na mais me-

---

<sup>136</sup> O 1º Congresso das Municipalidades Rio-Grandenses ocorreu de 14 a 21 de julho de 1929.

recida das glorificações. Ignorava, então, o público que aquilo que chamávamos de terremoto terminou na maior e na mais merecida das glorificações. Ignorava, então, o público que aquilo que chamávamos de terremoto era o índice do ressurgimento de uma grande e moderna metrópole, e o homem que a transformava colocou-se à altura de Passos<sup>137</sup> na tenacidade e na intrepidez de seu plano de ação.

Bem andou o nosso digno edil em mostrar aos seus não menos dignos colegas, que hoje aqui se encontram, a obra grandiosa de administrador inesquecível. Ela é vasta e complexa: o problema do saneamento, com a ampla reforma do serviço de águas e esgotos; o serviço de calçamento e remodelação completa da Assistência Pública e Inspetoria de Veículos; a abertura e alargamento de ruas; a reforma da iluminação pública; a criação e embelezamento de vários logradouros da cidade; a construção do novo mercado entre a Venâncio Aires e o Caminho do Meio; o embelezamento das avenidas Bom Fim e Redenção; a criação do parque da Várzea, com um quarteirão já concluído e que, com seus passeios, viveiros e lagos, constituem hoje um ponto de recreio admirável; a abertura das avenidas Júlio de Castilhos e São Rafael; a sistematização do serviço de asseio e limpeza pública; a fiscalização da venda de gêneros alimentícios; a defesa e amparo dos interesses do funcionalismo municipal; a criação de novas seções e de novos departamentos municipais, tudo, enfim, que aí aparece é obra do grande benfeitor da capital.

Só o serviço atual de abastecimento d'água à população, se outros tantos não lhe devêssemos, bastaria para perpetuar o seu nome nos destinos da cidade.

---

<sup>137</sup> Francisco Pereira Passos (1836-1913) foi prefeito do Rio de Janeiro entre 1902 e 1906, e empreendeu significativas reformas urbanísticas na cidade.

Por isso, ao traçar estas linhas, na hora em que outros administradores visitam a capital, prestamos esta pequena homenagem à sua memória.

*6 de agosto de 1929*

Parque da Várzea – parque da Redenção – parque do Bom Fim.

Essas três denominações referem-se ao mesmo objeto, isto é, ao mesmo local: ao campo do Bom Fim, assim chamado por uns, ou campo da Várzea, como é denominado por outros.

Esse local, de campo abandonado que é, deverá ser transformado num grande parque metropolitano, de acordo com as exigências da nossa capital. A ideia não é nova. Há trinta anos que existe na municipalidade um projeto para aproveitamento daquele campo, onde, até bem pouco, se faziam caçadas de perdiz e de ratão do banhado, numa grande obra que sirva de atração e de recreio para a população de Porto Alegre. Essa obra foi em parte iniciada pela saudosa administração Otávio Rocha, que conseguiu aprontar um quarteirão, onde já se ostentam belos canteiros de rosas, alamedas, repuxos, viveiros de pássaros, além de um lindo lago, sobre cuja serena superfície desliza um bando vadio de marrecos autênticos, enquanto que, ao redor do aquário, dois salgueiros novos – tão novos e já tão tristes – refletem no espelho os seus braços pendidos...

– Puro “passadismo”<sup>138</sup>... – dirá o leitor. É verdade. Não há menor dúvida. Passadismo puro. Mas, em breve, o “passadismo” daquela extensão deserta da *urbs* transformar-se-á em “futurismo” verdadeiro. É que pensa

---

<sup>138</sup> Passadismo: termo utilizado por Roque Callage como contraponto ao “futurismo”, termo que à época designava genericamente as correntes artísticas da vanguarda modernista. Para o autor, o “passadismo” designa também posicionamentos tradicionalistas, nostálgicos ou conservadores em assuntos econômicos, sociais e políticos.

a municipalidade mandar executar ali, por meio de subscrição popular (!) o belo e ultramoderno plano do professor Agache.

Segundo a maquete que tivemos o prazer de ver exposta na vitrine da Casa Voelcker<sup>139</sup>, a realização do plano Agache constituirá, sem dúvida, uma obra incomparável de formosura estética, muito embora se deixe de representar ali as lindas e variadas essências da flora rio-grandense, que devia ser, a nosso ver, o ponto capital da arborização do parque.

Entretanto, tudo isso agora é o de menos. O principal é a realização daquela obra. Todo o nosso desejo, e talvez mesmo o de toda a população, seria ver concluído o grande parque até 15 de novembro de 1930, dia da posse – o leitor que nos perdoe a força da torcida – do Sr. Getúlio Vargas<sup>140</sup> à alta investidura de presidente da República do Brasil.

Que beleza! Oh! Maravilha! Como a gente, de contente, não havia de pular através das alamedas do parque, e até mesmo, como nos tempos de criança, brincar de se esconder...

Mas qual! A nossa atual administração municipal não dá para essas violetas...

### *8 de outubro de 1929*

Sob o título “*A cidade que se renova*” publicou esta folha, em sua edição de domingo último, a fotografia de um trecho da rua Dr. Valle, no bairro dos Moinhos de Vento, onde se erguem, hoje, belíssimas e confortáveis edificações, na sua maior parte, de estilo bangalô. Aliás, todas as ruas que foram rasgadas naquele bairro, principalmente as existentes nas proximidades da Hidráulica Municipal, apresentam um aristocrático aspecto, não só pelo grande número como pela imponência e bom gosto de seus palacetes e

<sup>139</sup> Casa Voelcker: loja de ferragens e utensílios domésticos localizada na rua dos Andradas.

<sup>140</sup> Getúlio Vargas (1882-1954): então governador do Rio Grande do Sul.

moradias particulares. No espaço de oito anos, aquele local, deserto e abandonado, que então era dominado pela malandragem e pela profunda treva da noite que ali imperava, transformou-se radicalmente, maravilhosamente, num confortável retiro de gente abastada da capital. O único melhoramento que ainda está por ser feito ali, aliás, o principal, pois é uma questão de higiene e de saneamento, é o serviço de esgotos.

Basta dizer que, pela manhã, a rua Formosa<sup>141</sup>, como contraste e ironia ao seu nome, tem um mau cheiro insuportável, devido aos despejos que correm pelas suas sarjetas.

Afora isso, que é culpa exclusiva da municipalidade, tudo mais vai correndo às mil maravilhas no bairro dos Moinhos de Vento, principalmente no que toca a edificações prediais.

Convém, entretanto, frisar que não é só naquele ponto da capital que se observa essa fase intensiva de construções modernas e elegantes, como são quase todas as que ali se veem. Outras zonas há em Porto Alegre, como o bairro Petrópolis, que apresentam o mesmo aspecto surpreendente, pelo grande número de palacetes e vivendas que vão surgindo dia a dia. Isso sem falar na parte mais central da cidade, que é onde mais notável e mais intensa se mostra a atividade construtora dos nossos proprietários. Quem deixou Porto Alegre há cinco ou seis anos e de novo aqui volta é que melhor constatará essa transformação formidável por que passa a metrópole gaúcha.

Justo é confessar que em grande parte isso devemos ao grande administrador desaparecido. Foi ele que, abrindo ruas e rasgando avenidas, deu tamanho impulso a essa fase intensa de construções a que hoje chegamos.

---

<sup>141</sup> Rua Formosa: atual rua Florêncio Ygartua.

*5 de novembro de 1929*

Há tantos anos que vem sendo preterida, há tanto tempo que se discute o caso das desapropriações, que às vezes até nos esquecemos das obras da projetada avenida Borges de Medeiros.

Desta vez, porém, parece que ela vai sair. Pelo menos há muitas probabilidades para a sua realização, avultando, dentre todas elas, o contrato firmado entre a municipalidade e uma firma estrangeira<sup>142</sup> para a construção do viaduto à rua Duque de Caxias, por onde deverá passar a dita avenida.

Esse é, a nosso ver, um dos pontos capitais daquela obra. É verdade que ainda temos de permeio a complicada pendência das desapropriações, que a municipalidade até agora não solucionou.

Entretanto, uma vez iniciada a construção do viaduto, a Intendência terá que agir *incontinenti*<sup>143</sup> no sentido de prosseguir no alargamento da nova grande artéria metropolitana. Já chega o tempo em que ela permaneceu encravada – cinco anos, cremos – com grave prejuízo para o descongestionamento do tráfego no centro da cidade.

À maneira que se desenvolve a cidade – e o seu desenvolvimento nestes últimos três anos tem sido realmente vertiginoso –, mais necessária se torna a abertura da avenida Borges de Medeiros, a fim de facilitar a circulação urbana, ficando aquela avenida como ponto de ligação entre a parte alta e a parte baixa da capital.

Já não podemos mais, hoje, prescindir daquele logradouro, não só em relação ao trânsito pedestre, como principalmente em relação ao tráfego de ônibus, automóveis e bondes. Tudo terá de escoar-se por ali, dado que a maioria de nossas ruas são por demais acanhadas, dificultando, por isso mesmo, o tráfego de veículos.

---

<sup>142</sup> Companhia Construtora Dyckerhoff e Widmann.

<sup>143</sup> *Incontinenti*: do latim, sem demora ou perda de tempo; no mesmo instante.

Em face de tal situação, a municipalidade não pode protelar por mais tempo a referida construção, tanto mais que ela se declara aparelhada financeiramente para atender tão importante qual indispensável empreendimento público.

Mãos à obra, portanto.

É o que a população de Porto Alegre há tanto tempo espera; é o que espera o próprio progresso da *urbs*, ou melhor, todo um conjunto de circunstâncias que se nos depara com o presente desenvolvimento material da cidade.

Certo, a construção do viaduto da rua Duque de Caxias será o primeiro passo de uma iniciativa que não mais será protelada.

*12 de novembro de 1929*

Antigamente – numa época que, apesar de recuada apenas sete anos, poderíamos perfeitamente classificar de época da pedra lascada – quando algum forasteiro aportava à nossa capital, a pobre vítima podia contar como certo que de chegada seria submetida a um suplício inevitável e tremendo. Essa tortura consistia na visita aos pontos pitorescos da cidade, aos seus principais estabelecimentos, bem como às maravilhas particulares e públicas que faziam então o orgulho da metrópole. Dessa fatalidade, o forasteiro incauto não se livrava.

Já no outro dia cedo, após o último gole, às pressas, da apreciada rubiácea do Sr. Júlio Prestes (que, por sinal, naquele tempo só era candidato ao coração empedernido e duro de roer de D. Perpétua)<sup>144</sup>, o infeliz forasteiro começava a via-sacra dos passeios do programa.

<sup>144</sup> Júlio Prestes de Albuquerque (1882-1946), político e advogado brasileiro, então candidato à presidência da República. Na juventude, publicou poemas em jornais, entre eles “D. Perpetua” (“Maldito o teu amor, D. Perpetua! Eu chego/ A pedir, a implorar a Deus que seja

Primeiro que tudo, visita a sujeira e a poeira das principais ruas da cidade. Esse início dos passeios do protocolo começava às nove horas da manhã e ia até meio-dia, quando o desgraçado, suando em bicas e coberto de pó, voltava ao hotel para ter ainda antes da refeição o seu primeiro contato com a lama da banheira, fornecida pelas torneiras das duas hidráulicas em atividade – a Municipal e a Guaibense.

Às duas da tarde, as visitas recomeçavam. Rumo ao Hospício São Pedro. O hóspede tinha ocasião de admirar um espetáculo verdadeiramente inédito naquele agitado casarão no fim da estrada do Mato Grosso. Os loucos, entre gritos, uivos e lamentos, diante de cerimoniosa visita mordiam os gradis das janelas do manicômio, enquanto lá dentro outras cenas terríveis se desenrolavam na imundície das salas e cubículos.

– Sim, senhor. Perfeitamente. Belo! Admirável! Muita limpeza, muita ordem... É um estabelecimento modelo, não há dúvida. Sim, senhor. Muito bem. Perfeitamente...

E o visitante, louco para fugir daquele inferno horroroso, não poupava os elogios da pragmática. Rasgava seda à vontade...

Daí o forasteiro, sempre gentilmente acompanhado, saía para conhecer outra maravilha da Porto Alegre da época – a Ponta do Dionísio –, através da estrada de ferro do Riacho à Tristeza.<sup>145</sup>

Mesmo de lenço no nariz, o mártir não perdia o contato com todos os bons adjetivos da língua. Sorrindo discretamente, ao lado, alguém comovido agradecia.

---

cego/ Só para não te ver! Se durmo sonho logo [...]”). In: PRESTES, Júlio. Maldito o teu amor, D. Perpetua! *Diário Nacional*, São Paulo, ano III, n. 695, p. 1, 5 out. 1929.

<sup>145</sup> A Estrada de ferro do Riacho à Tristeza foi originalmente construída para conduzir os cubos que continham o esgoto cloacal da cidade até a Ponta do Dionísio, mas já a partir de 1900 essa estrada passou a ser utilizada para o transporte de passageiros até a Zona Sul. In: MACHADO, Janete da Rocha. História da via férrea na zona sul de Porto Alegre. *Oficina do Historiador*, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 78-91, 2010.

Mas as visitas não terminavam aí. Era mister conhecer a Caixa d'Água, ponto obrigatório e culminante, para onde eram conduzidos os hóspedes ilustres da cidade.

De embelezamento no local nada havia. Lama, apenas, nos tanques da água distribuída à população. Em compensação, o panorama de uma parte de Porto Alegre, com as ilhas fronteiras, atenuava o sacrifício do visitante.

Era o primeiro alívio do desgraçado.

Depois, com o tempo e com a energia admirável de um administrador de ação, Porto Alegre mudou radicalmente de fisionomia. O forasteiro pode agora aportar aqui sem o menor perigo. As maravilhas da época são hoje tão somente reminiscências históricas...

#### *20 de novembro de 1929*

Multiplica-se, vertiginosamente, em Porto Alegre, o número de construções alterosas. Dia a dia ganha, assim, a cidade aspectos de metrópole que se dispõe a conquistar as alturas pela imponência dos seus arranha-céus. Claro que estes ainda se não podem medir com as grandes edificações do Rio e São Paulo. Mas vamos a caminho de maiores iniciativas. Muito em breve, com a conclusão de várias edificações alterosas que estão sendo atualmente ultimadas, a capital do Rio Grande do Sul poderá se alistar, sem desdouro, entre os grandes centros urbanos da América do Sul que possuem e que ostentam os seus arranha-céus.

A nossa capital deve inegavelmente à família Chaves Barcellos – e aqui fazemos justa e especial menção aos nomes da Ex.<sup>ma</sup> viúva d. Ilza Chaves Barcellos e do Cel. Antônio Chaves Barcellos Filho<sup>146</sup>

<sup>146</sup> Ilza Bastian Pinto Chaves Barcellos era viúva de seu irmão Pedro, e foi responsável pela construção da Pia Instituição Pedro Chaves Barcellos e de outras instituições filantrópicas. Antônio Chaves Barcellos Filho era comerciante e industrial dos ramos de tecelagem, hotelaria e gêneros alimentícios.

– grande parte da imponência com que hoje ela se nos depara em relação a sua edificação predial.

Poderá alguém alegar que esse belo espírito de iniciativa é satisfatoriamente compensado pelos resultados auferidos com a segura e imediata locação dos prédios. Ainda assim, o caso não desmerece de encômios, pois, de qualquer modo, essas construções vêm atender às exigências da cidade, cuja população aumenta extraordinariamente, de ano para ano, ao mesmo tempo que contribuem para elevar o progresso da *urbs*, estimulando outros espíritos progressistas para que se animem também a construir. Pessoas opulentas conhecemos, senhores de grandes fortunas, que, entretanto, nada fizeram até hoje em benefício do progresso da capital. De maneira que, quando alguém toma a si a tarefa de construir entre nós, desenvolvendo febril atividade, só aplausos merece esse espírito de iniciativa, que deve ser amparado e incentivado pelos próprios poderes públicos.

Estão no caso, sem o menor favor, os nomes que acima citamos, e que há muito conquistaram, por esse e muitos outros títulos, a justa benemerência da cidade.

É, de fato, a espíritos inteligentes e empreendedores dessa natureza que Porto Alegre deve, em grande parte, o que hoje realmente é.

Com a usura abastada e farta que amontoa e aferrolha na burra<sup>147</sup> o dinheiro inativo e inútil, não espera a nossa capital a menor iniciativa, o mais leve gesto em favor de seu desenvolvimento material.

*18 de dezembro de 1929*

Se a municipalidade soubesse o quanto anda animado de passe-antes o belíssimo trecho do futuro parque da Várzea, prontificado

---

<sup>147</sup> Aferrolhar na burra: guardar no cofre, poupar dinheiro.

na saudosa administração Otávio Rocha, certamente ela tomaria maior interesse a fim de prosseguir no embelezamento daquele amplo logradouro público da cidade.

Com a canícula que chega, ameaçadora e brutal, não há quem não procure os respiradouros da capital, os seus pontos de suavidade e refrigério.

Assim é que, pela manhã, ou à tarde, é sem conta o número de frequentadores, principalmente de crianças que são levadas para o quarteirão concluído do referido parque.

Os atrativos que uma pequena parte do local já oferece ao público, com suas alamedas arborizadas, com os seus belos canteiros de flores, com o seu desenvolvido roseiral, com seu lago artificial recortado pelas asas brancas dos marrecos que o singram serenamente, com o seu viveiro de garças, com os seus esguichos de água, enfim, fazem desse novo logradouro de Porto Alegre o ponto de passeio preferido de grande parte da nossa população, principalmente das famílias da vizinhança.

A certas horas do dia, de tardezinha, pelo menos, a petizada enche-o de alacridade, correndo pelas suas alamedas, povoando-o de bulício, de ruidosa alegria, sem que isso, no entanto, perturbe os idílios amorosos que se verificam pelos bancos, aliás, sem inconveniência e sem perigo algum, pelo menos aparentemente...

Que local maravilhoso não seria aquele se já estivessem concluídas as obras de embelezamento ali projetadas. Bastava que se terminasse um outro quarteirão na parte lateral, fronteiro à avenida que lhe dá nome.

Já é tempo da Intendência tomar a si esse embelezamento, pelo menos de um trecho igual ao já concluído, sem tocar no centro do campo onde, ao que se parece, ela pretende seguir as determinações do projeto do professor Agache.

Muita coisa se poderia ir fazendo ali, pouco a pouco, sem maiores despesas do que as despendidas com uma turma de bons trabalha-

dores, sob a direção de um engenheiro ou de um técnico competente. Dentro de pouco teríamos assim mais um quarteirão arborizado e ajardinado, sem desviar-se do projeto em questão.

O fato é que a falta de um logradouro em condições como ponto de atração e recreio para o público reclama mais urgência na execução do grande parque da Várzea.

### *31 de dezembro de 1929*

Não desejamos que de nós se despeça este encrocado ano da graça de 1929 sem algo dizermos sobre várias espécies interessantes da cidade. Não faremos, está claro, o elogio incondicional da *urbs*. Na multiplicidade dos seus aspectos, principalmente sob o ponto de vista administrativo, Porto Alegre tem muita coisa censurável. Nesse particular, a nossa modesta seção não se tem descuidado. Toda vez que uma falta vem a pelo, cá estamos observando ou fazendo sugestões que no caso julgamos razoáveis, isso sem má-fé ou sem a menor prevenção contra os atos da nossa edilidade.

Em meio, porém, das necessidades de que a capital se ressentir há uma série enorme de melhoramentos que, sem dúvida, merecem unânimes aplausos da população. A cada ano que passa Porto Alegre vai mudando, portanto, uma grande parte dos seus deploráveis aspectos de aldeia, com que ela até bem pouco ridiculamente se mostrava. Depois da grande administração Otávio Rocha, tudo mudou. Tudo ou quase tudo. E de então para cá, a cada ano que passa, a cidade apresenta mais um melhoramento, mostra mais uma conquista no seu desenvolvimento e no seu progresso.

O ano que hoje finda foi inegavelmente de grande afã não só para a administração municipal, como para várias empresas que aqui exercem a sua atividade. Essas obras aí estão para atestar o quanto já conseguiu Porto Alegre no seu desenvolvimento material. A própria água da Hidráulica Municipal já atingiu hoje a vários arra-

baldes e dentro de pouco estará fartamente distribuída por todos os bairros, mesmo os mais afastados. Ressentem-se eles ainda de policiamento e iluminação. Há, entretanto, promessa de que dentro de pouco tempo tudo estará sanado.

Oxalá.

Quanto ao centro da capital, ninguém poderá se queixar, tais são os melhoramentos e embelezamentos que ele tem recebido e continua a receber por parte da nossa edilidade, sendo o principal a farta e moderna iluminação de todas as ruas e logradouros públicos da zona central, estando também agora em franca atividade as obras do viaduto e alargamento da rua General Paranhos, por onde deverá passar a grande e bela avenida Borges de Medeiros.

Inúmeros outros serviços foram executados durante o ano que hoje finda. Fastidioso seria balanceá-los e examiná-los neste acanhado palmo de coluna. Registramos apenas a grande transformação por que passa a *urbs*, e com isso teremos feito, sem favor, merecido elogio à administração local, certos de que ela completará, em 1930, as obras que ainda estão por se fazer e outras que ainda estão em começo.

### *19 de janeiro de 1930*

Este quadro vertiginoso da capital, formado pela praça Senador Florêncio<sup>148</sup> – a velha e tradicional praça da Alfândega –, está se preparando para ser, em breve, a parte monumental das edificações da *city*.

Além das construções alterosas com que já conta este ponto central de Porto Alegre, outros edifícios novos estão sendo erguidos no referido local. Dois, pelo menos, sendo um pela sua altura e outro pela sua imponência, chamarão desde logo a atenção do

<sup>148</sup> Praça Senador Florêncio: logradouro que, em 1979, juntamente com a praça Barão do Rio Branco, deu origem à atual praça da Alfândega, correspondendo à área das ruas dos Andradas, Capitão Montanha, Siqueira Campos e Cassiano do Nascimento.

forasteiro. Referimo-nos ao arranha-céu que está sendo construído pela Previdência do Sul ao lado do Cinema Guarani e ao imponente palácio destinado à sede do Banco Nacional do Comércio, ao lado do edifício da Administração dos Correios. Este último, pelo menos, será uma admirável obra de arte arquitetônica a embelezar a *urbs*. É um edifício que honrará não só o autor do seu projeto como a acreditadíssima instituição bancária que nele será instalada, instituição essa que goza de grande e merecido prestígio nos meios financeiros, não só do Rio Grande, mas de todo o país.

Uma vez ultimada essa construção, bem como a Previdência do Sul, cujas obras prosseguem com grande atividade, a praça da Alfândega, que já conta com outras grandes edificações de vulto, tornar-se-á o quarteirão verdadeiramente metropolitano, onde as construções alterosas darão, em conjunto, um aspecto de rara imponência. Teremos ali, em breve, uma impressão de grande cidade, a lembrar certamente Buenos Aires, Rio e São Paulo, pelo menos num trecho da cidade.

Entretanto, o que mais se torna digno de nota na capital gaúcha é que a febre das edificações de grandes prédios não se restringe unicamente a um determinado trecho da cidade. Não. Essas construções vão surgindo em pontos diversos, como sejam, a praça da Alfândega, ruas dos Andradas e General Andrade Neves, praça 15 de Novembro, avenidas Júlio de Castilhos e São Rafael, e rua do Rosário<sup>149</sup>. Ultrapassa duas dezenas o número de grandes prédios construídos e em construção nos pontos aí indicados. Por isso, Porto Alegre não só se vai espalhando como se elevando às alturas no delírio dos seus arranha-céus.

O mais alto já aqui erguido, à praça 15 de Novembro, esquina com a avenida São Rafael e de propriedade do coronel Antônio Chaves

---

<sup>149</sup> Rua do Rosário: oficialmente, rua Vigário José Inácio.

Barcellos – um benemérito e um grande amigo da cidade – será em breve suplantado pelo monumental edifício da Previdência.

Com o tempo, outros e outros edifícios irão surgir, dando assim mais vida, mais imponência à nossa capital, que já é a terceira cidade do Brasil e a sexta da América do Sul.

### *30 de janeiro de 1930*

Ainda a avenida Borges de Medeiros!...

É a vigésima vez, se não nos falha a conta, que nesta mesma coluna tratamos do assunto. Mas, da cidade, é, quiçá, o assunto mais palpitante ou pelo menos tão palpitante como todos os palpitanes assuntos que estão na ordem do dia em Porto Alegre.

Daí o dever do cronista de não fugir ao tema, já que a projetada abertura da grande diagonal metropolitana toma agora um novo rumo com a construção do viaduto da rua Duque de Caxias.

Em rápida visita que tivemos oportunidade de fazer àquele local, mais se nos arraigou a certeza de que a importante firma contratante das referidas obras não terá concluído o viaduto no prazo a que se obrigou em contrato com a municipalidade, isso pela formidável barreira formada pela rocha ali existente, sem dúvida, o verdadeiro espinhaço da zona topográfica em que assenta a cidade. Ora, para vencer com relativa presteza o tremendo obstáculo geológico, forçosamente terá a empresa construtora que empregar grandes cargas de dinamite. E o fazendo, o resultado já se sabe: não há transeunte nem casa da vizinhança que resista às consequências inevitáveis do abalo. As desastrosas ocorrências verificadas dias atrás, quando perdeu a vida um cidadão que passava à distância, são a prova de que, pelo processo usado, tudo em derredor corre perigo.

Os arrasadores da rocha têm, entretanto, um meio de seguir, que é o de fazer a dinamitação com carga mais reduzida e mais bem abafada. Esse meio cauteloso vai sem dúvida retardar por mais de

um ano talvez a desobstrução do local. Só depois de livres e desembaraçados do muro de pedra é que os construtores poderão iniciar as obras do viaduto.

Temos, assim, um ano para a livre abertura do caminho; mais um ano para a construção projetada; mais três meses para o exame e experiência do serviço executado pelos contratantes; mais um ano para se fazer as desapropriações que até agora não foram feitas; mais um ano e três meses para ser nivelada, pavimentada e arborizada a artéria, que só depois se chamará avenida.

Resultado: só daqui a quatro anos e meio deverá estar pronta a projetada diagonal.

Já aqui, há tempos, afirmamos e tornamos agora a repetir: antes do centenário da Revolução Farroupilha de 1835, Porto Alegre não terá a avenida Borges de Medeiros.

### *10 de maio de 1930*

Certo ninguém ignora que a avenida Redenção está de cara nova. Dia a dia, a grande artéria metropolitana muda de fisionomia.

Muda para melhor.

Transforma-se.

Embeleza-se.

Temos ali, além de um quarteirão ajardinado e arborizado, no futuro um grande parque da Várzea, um grande trecho pavimentado a concreto, tornando ainda mais belo aquele bonito logradouro de Porto Alegre. No centro da avenida, entre a linha dupla dos bondes da Companhia Carris que por ali correm demandando os arrabaldes do Partenon, Glória e Teresópolis, foram construídos artísticos canteiros, nos quais serão plantados arbustos e flores, tornando-se assim mais formosa e elegante a sua perspectiva.

Tratando de dotá-la dos melhoramentos indispensáveis – requisitos necessários para completar o seu embelezamento geral –,

acaba agora a municipalidade de inaugurar ao longo do parque, na linha fronteira à avenida, a iluminação pelo sistema *Nova Lux*, igual à já existente em outras artérias da capital. O seu efeito, como ainda ontem observou esta folha, é bellissimo, causando, por isso mesmo, vivo contraste com a escuridão que se verifica na face direita do mesmo logradouro. O próprio centro da avenida, destinado a uma imponente iluminação por meio de combustores modernos e estéticos, tal qual os que foram colocados nas avenidas Júlio de Castilhos e Independência – o próprio centro da avenida, dizíamos, apesar de estar há quase dois anos concluído, ainda não recebeu a iluminação prometida, que, uma vez inaugurada, daria, à noite, ao local um surpreendente efeito.

É pena que a Intendência não apresse tão necessário melhoramento, pois é só o que falta para tornar a avenida Redenção uma das mais belas da cidade.

Existe ali, ainda, um trambolho que bem podia já se ter mudado. Referimo-nos à estação e depósito de carros da Companhia Carris. Essa empresa muito tem contribuído para atravancar aquela artéria com a permanente manobra dos carros nos depósitos e oficinas ali existentes. A quadra principal da avenida, compreendida entre as ruas República e 1º de Março, vive constantemente atravancada devido à permanência no local daquele verdadeiro trambolho.

Já era tempo da referida empresa dar o fora dali, mudando-se para ponto mais afastado. Cremos estar no seu próprio interesse escolher a companhia outro local onde possa construir oficinas mais amplas e onde tenha, portanto, mais espaço para manobrar os seus carros.

Falou-se, há tempo, que a Carris iria transferir a sua estação para um vasto terreno existente logo à entrada do Caminho do Meio. O caso parece ter ficado em conversa. Isso não sem grave prejuízo para o trânsito e para a estética da avenida da Redenção.

*10 de junho de 1930*

A Praia de Belas começa, verdadeiramente, ali, daquele desagradável edifício chamado Gasômetro. Gasômetro é um nauseabundo ponto de referência dos bondes que trafegam pelo lado oposto da cidade, isto é, pelos elétricos que cortam uma parte da rua General Pantaleão Telles.

Pois é aí que começa o tradicional logradouro público da capital, que tem o poético nome de Praia de Belas. Por enquanto, só o enorme é poético. Malgrado ter-se diante dos olhos a baía luminosa do Guaíba, cortada a cada momento por embarcações de todo o tamanho; malgrado o incomparável panorama pontilhado de branco, lá longe, pelo casario da vila de Pedras Brancas, como que a surgir, banhado de luz, do fundo líquido do rio; malgrado todos os recortes de paisagem, toda a maravilhosa visão que dali descortinamos, Praia de Belas é um local muito pouco recomendável aos espíritos de inspiração dificultosa e dura como a nossa (salvo seja), e até mesmo aos que têm facilidade de arrancar coisas bonitas da cabeça.

Dizíamos ser aquele um logradouro pouco recomendável, porque não se pode fazer ideia do que seja o seu abandono, o seu estado de sujeira e de imundície. Desde um bom trecho antes da estação do Riacho até lá pelas proximidades do Asilo Padre Cacique, a impressão é sempre a mesma devido ao desasseio em que Praia de Belas permanece. Se o leito da rua conserva-se mais ou menos cuidado, o mesmo não se pode dizer em relação à sua margem beira-rio, ponto de despejos públicos onde são jogados detritos de toda espécie. Cada moita de árvore, cada reboleira de sarandi que, de espaço em espaço, vai debruando de verdade a longa artéria ribeirinha, é um depósito de esterqueira, uma horrível sentina pública.

Essa tem sido sempre a situação de Praia de Belas: um verdadeiro contraste com a delicadeza poética do seu nome.

Já agora nos lembramos de outra coisa. Há um projeto municipal, segundo o qual a Praia de Belas deverá ser transformada numa longa e admirável avenida beira-rio, cimentada, ajardinada, arborizada, iluminada, transformando-se o local em o nosso mais belo passeio metropolitano, ponto natural de atração dos forasteiros e turistas que nos visitarem.

É um projeto, está visto, projeto que já tem largos anos de existência e que continuará como projeto por muito tempo ainda.

A municipalidade, porém, não se mostra indiferente à execução de tão grandiosa obra, tanto assim que já está sendo aterrado o trecho compreendido entre o Gasômetro e a estação do Riacho, estando, portanto, preparadas, com a largura necessária, várias quadras do leito da futura avenida.

A Intendência que construa só esse trecho, e com isso terá prestado ótima contribuição ao aformoseamento de Porto Alegre. Outra administração futura concluirá a referida obra, aliás, de capital importância para a estética da cidade.

### *6 de junho de 1930*

Como é do domínio público, despertou a mais viva simpatia e a mais franca solidariedade a iniciativa do benemérito Rotary Clube de Porto Alegre<sup>150</sup>, promovendo, com auxílio direto da nossa população, a consecução dos necessários meios, para serem os mesmos aplicados no ajardinamento do parque da Várzea, segundo plano da municipalidade, e de acordo com o projeto do notável urbanista francês, professor Agache. Essa obra grandiosa de embelezamento, que vamos em breve realizar, transformando o campo do Bom Fim num parque que seja de fato um dos encantos e uma das maravilhas

---

<sup>150</sup> Rotary Club de Porto Alegre: entidade agremiativa com fins sociais e culturais fundada em Porto Alegre em 10 de outubro de 1928.

da capital, não podia encontrar melhor apoio do que lhe empresta o Rotary Clube, nem melhor auxílio do que o que já lhe começou a dar a coletividade porto-alegrense. A ideia foi realmente acolhida com um entusiasmo digno de nota, com simpatias e aplausos muito além de toda e qualquer expectativa. Todos estão com grande interesse, empenhados na realização do embelezamento daquele logradouro público, que será então transformado num amplo e admirável jardim, de acordo com o desenvolvimento e as necessidades da *urbs*. De fato, uma vez realizada essa obra, Porto Alegre não só verá saneada uma das suas zonas mais movimentadas e populosas, como terá criado um ponto de atração e de recreio para as suas horas de ócio, tanto mais necessário se se tiver em conta que os habitantes da cidade viveram, até bem pouco tempo atrás, apertados e comprimidos em becos e ruelas mal arejadas. Só agora se rasgam ruas novas e amplas artérias, ruas e avenidas abertas de acordo com a estética e os requisitos indispensáveis da higiene.

O parque da Várzea será assim um dos respiradouros da metrópole. A nossa população terá ali um ótimo e formoso ponto de recreio, como bem poucas cidades do país o possuem.

O aformoseamento que se pretende introduzir naquela enorme e abandonada área urbana é de tal vulto que ele reclama o curso direto do povo. Claro é que a municipalidade não conta somente com essa contribuição para realizar tão importante empreendimento público. Ela terá que arcar com a maior despesa, realizando, talvez, uma operação especial de crédito a fim de levar avante o seu grandioso projeto. Mas o auxílio que com tão boa vontade começou a prestar a nossa população, em face do apelo feito pelo Rotary Clube, muito irá contribuir para o completo êxito desse empreendimento. Ele é de tal ordem que podemos adiantar aos leitores que os trabalhos serão em breve iniciados.

O ajardinamento do parque da Várzea, a começar pelo plano admirável que lhe foi ideado, comporta mais comentários e divagações, principalmente em torno do seu principal objetivo, o que faremos oportunamente.

*28 de junho de 1930*

Quem percorre a zona da capital onde está situada a Caixa d'Água recebe da mesma uma impressão maravilhosa.

É um passeio que fica, indelével, gravado na memória do visitante. E há razão para tal. Tudo ali impressiona bem, tudo agrada, a começar pela deslumbrante vista panorâmica que o local oferece, descortinando-se ao norte a chapa líquida do Guaíba, coalhada de ilhas verdes e pequenas embarcações, ora paradas, ora deslizando à superfície prateada da baía.

Dos bairros aristocráticos da cidade, aquele é, sem dúvida, o primeiro: o primeiro pelo ponto pitoresco em que está colocado; o primeiro pelo capricho de suas vilas e palacetes, que são verdadeiros jardins, mostrando-nos a graça de suas flores e a variedade de seus bizarros tapetes de verduras, emoldurando os mais caprichosos canteiros construídos por mãos habilidosas.

No espaço de quatro anos, o local povoou-se extraordinariamente. Toda aquela enorme área, então deserta, semeou-se de luxuosas e confortáveis moradias. Ao redor da Caixa d'Água rasgaram-se inúmeras ruas, hoje cheias, bem calçadas, bem iluminadas, com belos e largos passeios de um lado e doutro, o mesmo se constatando no admirável tabuleiro onde se ergue o palacete Ricaldone, ponto esse que julgamos excelente para a construção de um belvedere e jardim de inverno, consoante o que já tivemos ocasião de sugerir à municipalidade.

Os jardins da Hidráulica Municipal chamam-nos a atenção também pela maneira com que foram reorganizados. Quando Porto Alegre não tinha nada que mostrar ao forasteiro, aquele local já era considerado como um ponto de visitas obrigatórias. Imagine-se o que não será agora, depois da remodelação por que passou, cortado de passeios admiráveis, cheios de formosos e floridos palacetes em derredor.

Muito porto-alegrense há que não conhece ainda esse pitoresco recanto da sua terra. Pois paga a pena vê-lo, agora, pelo menos. É uma maravilha, uma joia perfeita, graças à iniciativa particular, sobretudo.

A nossa capital pode hoje mostrar aquele ponto ao mais exigente forasteiro. A sua impressão será, como a de todos nós, simplesmente magnífica.

### *2 de julho de 1930*

Indiscutivelmente, a zona próxima ao cais do porto é a de maior progresso da nossa capital, aquela que mais notável desenvolvimento predial apresenta.

Dez anos atrás, tudo aquilo era água, era o rio. Nessa enorme extensão, que vai da antiga praça da Harmonia aos fundos da Viação Férrea, só existiam infectos trapiches comerciais, onde atracavam os vapores de passageiros, os cargueiros e todas as demais embarcações que demandavam o nosso porto.

Iniciadas as obras do cais e a construção dos respectivos armazéns, a cidade viu de um momento para outro a sua área avançar rio adentro numa extensão de mais de 300 metros, conquista essa que devemos à engenharia hidráulica e portuária. Dentro de pouco esse enorme espaço de terra firme conquistado à bacia do Guaíba ficou cheio de alterosas edificações. Além da bela avenida Mauá, uma outra, paralela àquela, surgiu, graças à visão admirável daquele que foi o remodelador inolvidável da moderna metrópole de hoje, o saudoso intendente Dr. Otávio Rocha. Referimo-nos à av. Júlio de Castilhos, toda tomada pelo alto comércio de Porto Alegre, por inúmeras firmas atacadistas, que têm no novo local os seus grandes depósitos de amplos edifícios construídos nas duas faces da rua. Entre às 8 horas da manhã e 5 da tarde, quem por ali passa tem, certamente, uma impressão extraordinária da atividade fabril, do movimento intenso que se observa de um extremo a outro da referida artéria. A avenida Júlio de Castilhos, além de ser um novo e belo escoadouro da capital, pavimentado a concreto, com uma iluminação que é a mais deslumbrante, a mais farta de Porto Alegre, ponto magnífico de passeio à noite, depois que cessa o movimento

intenso do seu comércio – a avenida Júlio de Castilhos, dizíamos, veio descongestionar o Caminho Novo, principalmente quanto ao trânsito de veículos durante o dia.

Mas não foram só as avenidas Júlio de Castilhos e Mauá que trouxeram maior desenvolvimento da cidade. A rua das Flores cresceu também, ganhou quadras novas, assim como todas as ruas que iam desembocar na rua 7 de Setembro ficaram aumentadas em mais uma quadra, entre esta última e a avenida Mauá. Todos esses pontos que aí se veem agora cheios de casas, ostentando modernas e alterosas construções, eram trechos da bacia do Guaíba onde então erguiam-se horríveis trapiches de madeira, ninhos de ratazana e focos de mosquitos.

A cidade cresceu, progrediu, desenvolveu-se. Houve necessidade de avançar rio adentro para realizar a construção do seu posto. E aí está burburinhante, entregue ao mais intenso movimento comercial, a zona que acima apontamos.

### 3 de julho de 1930

Menino Deus!

Avenida 13 de Maio.

O elegante bairro citadino apresenta-se agora de cara nova.

Ao darmos essa notícia aos leitores que ainda não conhecem o novo melhoramento, não será demais acentuar as várias fases por que tem passado aquele trecho da capital.

Tempos atrás, o *boulevard* do Menino Deus era uma das artérias mais elegantes e movimentadas de Porto Alegre. Perambular pelo simpático logradouro, a pé, a carro, ou auto, constituía então um passeio obrigatório aos domingos, feriados e dias de festa. O nosso provinciano mundanismo não dispensava esse hábito quase protocolar. O mesmo se verificava em relação aos “corsos” onde os carros “passadistas”, de tração animal, superiores, em número, aos automóveis da época (1910 a 1915), ali surgiam puxados por magníficas

parelhas equinas. Nesses dias, a avenida 13 de Maio tinha aspecto deveras imponente, tornando-se o local um dos mais cobiçados de quantos possuía a metrópole retardatária.

Depois..., depois, pouco a pouco, a bela artéria começou a cair no abandono, no mais completo esquecimento. Mal calçada, mal iluminada, sem esgotos, sem policiamentos, sem nada receber do município. A referida avenida como que entrou em franca decadência, e a tal ponto chegou a sua situação que anos e anos se passaram sem que uma só casa fosse ali construída.

Os bons fados, porém, velavam pelo destino da principal artéria do populoso bairro. Com o advento da administração Otávio Rocha, planejaram-se uns quantos melhoramentos para a avenida 13 de Maio, os quais foram iniciados e ultimados pela administração atual. Independente de haver ou não um perfeito serviço de esgotos, conta agora a elegante e larga artéria com excelente calçamento a concreto, linha dupla de bondes e com abrigos e canteiros ao centro da rua, que será também arborizada.

A perspectiva que ela hoje oferece para quem a olha da ponte existente logo à sua entrada é de rara beleza estética, o mesmo acontecendo se a contemplarmos em sentido contrário, isto é, da praça onde se ergue a igreja do Menino Deus.

Para completar a obra de embelezamento, ao local só falta uma boa iluminação. Essa deverá ser feita pelo sistema *Nova Lux*, com combustores nos passeios laterais e no centro da rua, tal qual a avenida Júlio de Castilhos e como está sendo instalada na avenida Redenção.

Feito isso, nada faltará para que a avenida 13 de Maio se torne um dos mais belos passeios e um dos mais preferidos pontos de moradia da capital.

Não só a valorização de terrenos, como as construções ali aumentam dia a dia.

*8 de julho de 1930*

Porto Alegre, anos atrás, era a treva. Treva densa e profunda. Onde quer que se andasse à noite, tinha-se em torno a escuridão, a negra e tétrica escuridão das caladas povoadas de pavor e de mistério. Não eram só os arrabaldes que nos davam, como ainda hoje, tão assustadora impressão. O próprio centro da cidade, as suas ruas principais, as suas artérias mais movimentadas, eram igualmente escuras e lúgubres, povoadas dos mesmos mistérios e das mesmas sombras indistintas perambulando dentro da noite. Um bico de gás aqui, uma lâmpada fraquinha de luz elétrica mais além constituíam, por assim dizer, toda a iluminação da capital rio-grandense.

Quem quer que fosse que desejasse ficar oculto no anonimato da treva podia caminhar quadras e quadras sem perigo de ser descoberto. Não raro, quando se queria reconhecer alguém, riscava-se um pau de fósforo, ou então fazia-se a pergunta, como sentinela perdida:

– Quem vem lá?

Era assim Porto Alegre até o ano da graça de 1924...

Mas esta terra um dia criou coragem. Surgiu um homem decidido e de ação, e insuflou-lhe no ensino o espírito moderno, o espírito da atividade, do trabalho, do progresso e da civilização. E a aldeia se fez cidade, e a capital se fez metrópole. Tudo isso rapidamente, vertiginosamente. Foi um verdadeiro milagre. Em questão de tempo relativamente curto, abriram-se ruas, rasgaram-se avenidas, aformosearam-se todos ou quase todos os logradouros públicos. E deu-se água a beber à população; e espantou-se a treva que reinava, por toda parte; e fez-se a luz para iluminar a cidade. Assim, dentro de pouco Porto Alegre começou a se mostrar com deslumbrante iluminação por meio de novos e estéticos combustores. Aí estão as avenidas Bom Fim, Júlio de Castilhos, São Rafael e Sepúlveda; aí estão as ruas Independência, Andradas, Duque de Caxias, 7 de Setembro, Riachuelo, parte da Voluntários da Pátria e várias travessas da zona central;

aí estão as praças da Alfândega, Matriz, 15 de Novembro, Parobé, Otávio Rocha, Conde de Porto Alegre e Argentina; e aí está, agora, de ponta a ponta admiravelmente iluminada, a avenida Redenção. Quem assim a contempla do alto do quartel do 7º B. C.<sup>151</sup> não pode deixar de sentir o efeito do imponente espetáculo, não pode deixar de ficar enlevado com a luminosa perspectiva que a grande artéria hoje oferece. Com a imponência dessa nova iluminação jorrando intensa, fosforescente, dir-se-ia estarmos longe, numa terra encantada de magia e sonhos. Que não nos amofine a realidade de outras zonas, de outros pontos escuros da *urbs*...

### *11 de julho de 1930*

Segundo noticiaram os jornais, vai a municipalidade dentro em breve fazer a pavimentação das ruas de diversos arrabaldes, de maneira que essas “faixas” de calçamento, pelo sistema de cimento armado, numa extensão de cerca de cem mil metros quadrados, deverão ligar o arrabalde de Navegantes ao do Cristal, na Tristeza. Para estabelecer tal ligação, a nova “faixa” passará pelos arrabaldes de São João, Floresta, Petrópolis, Partenon, Teresópolis, até entrar na estrada do Cristal, obedecendo, como se vê, a um plano circular, a fim de que possa a mesma servir, sem solução de continuidade, aos principais arrabaldes de Porto Alegre que ficam na direção sudoeste, tomando-se por ponto de partida a dos Navegantes.

Para realizar essa obra, a edilidade, de acordo com a autorização do Conselho Municipal, fará uma emissão de 9 mil apólices no

---

<sup>151</sup> Referência ao quartel do 7º Batalhão de Caçadores da cidade de Porto Alegre.

valor de 500\$000 cada uma, em um total de 4.500 contos<sup>152</sup>, que é quanto deverá custar o serviço completo dessa pavimentação.

Desnecessário seria encarecer o valor de tal melhoramento público, tão grande é o seu alcance para a vida e desenvolvimento do município, deste mesmo município que, possuindo todos os modernos veículos de condução de passageiros, não tinha até bem pouco ruas e estradas em condições ao respectivo tráfego. Só agora Porto Alegre começa a sair do buraco e dos atoleiros, com o calçamento a paralelepípedos e a concreto, feito não só na zona urbana como na suburbana, estando nesta as chamadas “faixas” de cimento armado. O muito que já se fez ainda não é tudo. Muito há ainda que se fazer. Como a execução da pavimentação dos Navegantes à Tristeza, cujo contrato acaba de ser firmado com a mesma empresa que a vem executando com proficiência em outros pontos da capital, todos os arrabaldes de Porto Alegre ficam perfeitamente ligados por logradouros de ótimo acesso para o trânsito de qualquer espécie de veículos.

Levada a efeito a realização de sua obra, a municipalidade contribui também para o desenvolvimento dos bairros e subúrbios mais afastados. Aumentarão possivelmente as linhas de auto-ônibus, já que a Companhia Carris não quis ainda estender a linha dos elétricos para o Caminho do Meio, Petrópolis, Cristal, Tristeza e o bairro São José, arrabalde esse além do Partenon, onde está localizada a Escola de Agronomia (Instituto Borges de Medeiros).

Se não todos, grande parte dos pontos acima citados gozarão o que a futura construção das “faixas” de cimento armado trará para o município de Porto Alegre, principalmente no que diz respeito ao desenvolvimento das construções prediais.

---

<sup>152</sup> Desde o período colonial, a unidade monetária no Brasil era o real, de plural réis. Com a progressiva desvalorização da moeda, tornou-se habitual o uso do mil-réis (\$000). Um conto de réis equivalia a 1 milhão de réis, ou seja, mil mil-réis (1.000\$000).

*24 de julho de 1930*

Os arranha-céus continuam subindo...

Porto Alegre está com a febre das grandes construções, ou, digamos melhor, com a febre das edificações alterosas.

É o delírio das alturas. É o desejo voluptuoso de subir... E quem não gosta de subir na vida? Naturalmente, só os asmáticos e cardíacos. Quanto à edificação predial, é coisa que se não discute. A cidade está cheia de edifícios altos. Erguem-se por toda a parte esses imponentes dominadores de espaço. Na falta de um verdadeiro arranha-céu, desses de quinze ou vinte andares, temos aí os seus suplentes de cinco, de seis, de sete "pisos", que já chamam, portanto, a atenção do forasteiro.

Entretanto, essas edificações alterosas vão aumentando, vão crescendo, vão subindo. Basta dizer que em dois ou três prédios, depois de terem suas construções rematadas, suas obras prosseguiram de novo, com a construção de maior número de andares.

Dentre as grandes edificações metropolitanas, duas já chamam, de fato, atenção, como verdadeiros arranha-céus, notadamente o edifício que está sendo levantado na face principal da praça da Alfândega. Trata-se de um prédio respeitável, de treze ou quatorze andares. Na altura em que ele está, domina, sobranceiro, toda a cidade. Nada há aqui que embarace ou faça sombra à sua formidável aradura de cimento armado.

Os edifícios que lhe ficam ao redor são, comparados a ele, verdadeiros mosquitos perto de um elefante. Apesar de não concluído, esse prédio já é o mais alto da cidade. Provavelmente, dentro de pouco tempo outros edifícios iguais ou melhores surgirão em disputa às alturas. Mas já aí não impressionarão mais o olhar do transeunte, nem mesmo o do forasteiro. O momento que atravessamos, sim, é que impressiona, exatamente pelo salto que estamos realizando. Saímos da fase das edificações baixas, de beira de telhado, quase ao alcance da mão, para a desses gigantes que a todo o transe pretendem escalar as alturas.

No andar em que vamos, dentro de pouco já não haverá mais sol na rua da Praia, o que redundará em grande prejuízo para a população em geral e para os admiradores do Raio X em particular...

*10 de agosto de 1930*

O projetado embelezamento do campo da Redenção tem despertado no seio da coletividade porto-alegrense especial interesse.

E não é para menos. Obra de tão grande vulto e de tão grande importância à vida da *urbs*, ela não podia e não pode ser confundida com outras de menor valia e utilidade, nem tampouco cair no indiferentismo público.

Daí o interesse com que todos vêm acompanhando os passos iniciais para a realização da mesma.

Bastou que o Rotary Clube apelasse para a nossa população, no sentido de ser levado avante o tão notável empreendimento urbano, por meio de auxílio popular, para que todos recebessem a ideia com a mais viva simpatia.

A prova do bom acolhimento que teve tal iniciativa está nos donativos que quase diariamente são entregues à Tesouraria Geral Pró-Construção do grande parque.

Por outro lado, inúmeras são as cartas que temos recebido sobre o assunto, algumas das quais, como duas que ontem nos chegaram às mãos, indagando se na realização de tal obra será mantido o suntuoso anteprojeto do professor Agache.

Difícil, por certo, dar uma resposta segura sobre o caso. Mesmo que a municipalidade tenha intenção de seguir à risca o luxuoso plano traçado pelo notável urbanista francês, poderá modificá-lo no decorrer da execução do mesmo, forçado por esta ou aquela circunstância. Não só as condições do terreno, como a própria extensão da área a ser ocupada pelo parque poderão alterar o plano quanto aos

detalhes da sua ornamentação. Em linhas gerais, porém, o projeto está naturalmente mantido.

Entretanto, qualquer que seja o plano a seguir, ele não deixará de ser bem recebido. O essencial é que tenhamos um parque em condições, à altura do desenvolvimento da capital, de acordo com as naturais exigências da nossa população, que precisa de um amplo respiradouro onde possa oxigenar e tonificar seus pulmões. O parque da Redenção, se for, como se espera, convenientemente arborizado, preencherá inegavelmente essas condições.

Daí o justo anseio com que os habitantes de Porto Alegre aguardam a realização daquela importante obra.

Mais do que um mero embelezamento, ela será uma obra de utilidade pública, que virá em auxílio da nossa própria saúde.

E só isso é o suficiente para que todos concorram para a sua pronta realização.

#### *4 de setembro de 1930*

Sob a inquietação dos meus olhos, Porto Alegre apresenta o mesmo panorama. E os meus olhos, que ontem viam uma cidadezinha acanhada, com fundos traços de um provincianismo rotineiro, hoje, sob a nova e rutilante indumentária que o progresso lhe trouxe, à sombra dos seus arranha-céus, continuam vendo a cidadezinha a que aportei um dia, sequioso de embrenhar-me pelo mar humano do seu movimento, procurando no torvelinho das suas ruas, no encanto das suas atrações, o “algo desconhecido” que sonham todos aqueles que, de um recanto longínquo de província, olham, fascinados, o esplendor imaginário das metrópoles.

Porto Alegre não mudou. Porto Alegre é a mesma conservadora de sempre. Guarda no fundo dos seus olhos entristecidos a mesma imagem que, ao vê-la pela primeira vez, encontrei e, apenas, com a

maquiagem, com a ponta rubra do batom, o traço fino de carvão e o *kohl*<sup>153</sup> que usa na sua toalete, disfarça um pouco a aparência, tão somente a aparência.

Para melhor ou para pior? Questão de gosto... Com os ares de nova rica, que se atribui uma certa pose estudada, ficam-lhe mal as velhas atitudes e não lhe cabem os velhos gostos, coisa em que ela não repara.

Assim, vive a reclamar, como ontem. Reclama e grita, e nas reclamações e nos gritos não se lembra que o progresso lhe entrou porta adentro com o mesmo imprevisto como nos cai nas mãos a sorte grande.

Os seus jornais estampam, todos os dias, as mesmas reclamações que estampavam dez anos atrás... Buracos na rua, sarjetas atulhadas, postes caídos, lamaçais no centro da cidade, falta disto e falta daquilo, ausência de policiamento etc., etc.

E a municipalidade, atarefada em mil problemas, se emaranha pelo seu labirinto, se perde e vacila nas soluções. Hoje como ontem... Amanhã como agora...

E no vê-la considero que o progresso é uma coisa incompreensível... Nesta leal e valorosa cidadezinha da Madre Deus...<sup>154</sup>

### *7 de novembro de 1930*

Agora, sim, a avenida 13 de Maio (Menino Deus) está magnificamente melhorada, como bem merece um logradouro público de tal importância. Feita a sua pavimentação a concreto com ajardinamento ao meio, entre as duas linhas de bondes, faltava apenas iluminação, mas iluminação extensa, elegante, pelo

<sup>153</sup> *Kohl*: pigmento negro utilizado na maquiagem para sombrear os olhos.

<sup>154</sup> Alusão a um dos antigos nomes da cidade, Nossa Senhora da Madre de Deus de Porto Alegre.

sistema *Nova Lux*, como a já existente em quase todo o centro da capital.

Felizmente, esse importante melhoramento, com justa razão reclamado pelos moradores da bela avenida, foi inaugurado a 12 de outubro último. Passou, evidentemente, despercebido do comentário e do aplauso da imprensa, porque então estávamos em pleno entusiasmo da explosão revolucionária.<sup>155</sup>

O fato é que a linda avenida está elegantemente remodelada, apresentando hoje imponente aspecto.

Olhada da ponte do Menino Deus, a perspectiva que aquela artéria oferece é deveras maravilhosa, não tanto de dia, mas muito especialmente à noite, graças a sua nova iluminação.

Oxalá a municipalidade prossiga no seu plano de embelezamento de outras ruas, de outros logradouros públicos que devem merecer especial atenção da Intendência, como a praça Garibaldi, por exemplo, que ali está, junto à entrada da avenida 13 de Maio, completamente abandonada, existindo apenas como uma dupla avenida aviltante: à noite, como cama alcaide<sup>156</sup> ao ar livre e, de dia, como ponto preferido da malandragem de pior espécie ou dos moleques que se exercitam na precisão do bodoque, alvejando os raros pássaros que ali aparecem e, na falta destes, o grupo alegórico (hoje todo mutilado) que constitui o monumento de Garibaldi e Anita.

Em relação ao embelezamento da avenida Menino Deus, o estado de abandono da dita praça e a horrível reforma feita na ponte do lado, sob a qual corre, murmúreo e cristalino, esse admirável e puríssimo Riacho, que é a menina dos olhos da edilidade, constituem, sem dúvida, um contraste verdadeiramente chocante...

---

<sup>155</sup> Referência à Revolução de 1930, encerrada em 24 de outubro de 1930.

<sup>156</sup> Alcaide: no contexto, objeto velho, desusado, encalhado ou descartado.

Enfim, temos fundadas esperanças de que um dia tudo aquilo ressurgirá remodelado, como reclamam a estética e o saneamento da capital.

Não esqueçamos, também, já que falamos da mesma zona, da bela e larga rua da República, que há tanto tempo reclama calçamento e iluminação, pois o seu estado atual é simplesmente deplorável.



## 5. A DELICIOSA CHAMA DA FELICIDADE QUE SE BUSCA: CULTURA, FESTAS, ESPORTE E LAZER EM PORTO ALEGRE

A transformação do cenário urbano narrada em *A Cidade* fazia-se acompanhar de novas possibilidades de vivenciar o espaço. Talvez a figura mais simbólica das atrações que a cidade oferecia no próprio ambiente da rua seja o basbaque, o perpétuo espantado, espectador constantemente surpreso e deslumbrado ante o espetáculo da cidade, ávido por absorver as múltiplas sensações que este despertava, personagem pitoresco por sua incapacidade de adotar o comportamento indiferente, verdadeiramente *blasé*, do cidadão acomodado à dinâmica urbana. Se durante a semana de trabalho a rua ligava os lugares uns aos outros e mantinha os trabalhadores-consumidores em trânsito, nos finais de semana ela se consagrava também como uma experiência a ser vivida. Formas mais dinâmicas de sociabilidade caracterizavam o processo de sincronização da capital com os grandes centros, intensificando a difusão de novos padrões estéticos e de comportamento. O habitante da cidade exercitava, em seus rituais de lazer, oportunidades de intercâmbio simbólico que permitiam que a capital se visse como participante de um sentimento cosmopolita de modernidade, que trazia a Porto Alegre a sensação de fazer parte do rol das cidades comprometidas com seu próprio tempo.

Dentre as atividades de lazer popular, a frequência às salas de projeção destacava-se como o grande ritual coletivo, tão generalizado que se tornava imperativo para qualquer um que desejasse

alimentar o sentimento de pertencer à sua cidade. Ele representava uma verdadeira revolução, diz Callage, por colocar a diversão ao alcance de muitos, e movimentar a vida social. Afinal, o cinema era responsável pela vivência constante e maciça dos espaços públicos, em oposição a um "antigamente" bastante restrito à vida doméstica, em que o acesso ao lazer era limitado pela inconstância das temporadas musicais, teatrais e circenses. A frequência periódica às salas de projeção, que se distribuíam generosamente por toda a cidade, havia sido incorporada à rotina das famílias e criara, por si própria, uma experiência coletiva de identificação com cenários, situações e personagens que, por mais distantes que fossem, pareciam agora pertencer à intimidade de todos.

Apesar da maior popularidade do cinema, o teatro e a música erudita recebem atenção muito maior de Callage. Seu entusiasmo pelo teatro, no entanto, resume-se aos clássicos, sobretudo do teatro francês, uma vez que a dramaturgia brasileira, segundo ele, era ainda caracterizada pelo apelo popularesco à linguagem chula e à sensualidade. O cronista caminhava, assim, à contracorrente do nacionalismo cultural característico dos anos 1920, embora fosse ele próprio um escritor regionalista, condição que não o descomprometia com os padrões consagrados de excelência artística. Embora parecesse, a princípio, simpático em relação à ideia de difundir autores brasileiros, na prática Callage acaba por defender a necessidade de que o "teatro de qualidade" continuasse sendo privilegiado pelas companhias que chegavam à capital, como veículo de uma ação educativa – e, em última instância, "civilizadora" – em comparação com a tendência do público em se identificar com a arte de assimilação mais imediata.

Em sua crônica jornalística, Callage registra a passagem por Porto Alegre de artistas brasileiros consagrados, como Procópio Ferreira, de iniciantes de futuro, como Dulcina de Moraes, e de grandes estrelas internacionais, como Arthur Rubinstein e Vera Sergine, a

atriz mais famosa a atuar no Teatro São Pedro desde sua fundação. O "passadismo" de Callage não o incita, entretanto, a demonstrar grande identificação com o velho São Pedro, segundo ele demasiadamente acanhado e precário para uma cidade das dimensões de Porto Alegre. Sua posição em relação ao Teatro é ambígua: por um lado, aponta o seu anacronismo; por outro, defende a realização de reformas que o adequassem aos requisitos modernos de conforto e salubridade, ainda que a construção de um novo teatro em Porto Alegre fosse um sonho há muito acalentado por ele. Maior entusiasmo demonstrava o colunista pelo cineteatro Coliseu, que, apesar de suas instalações bastante modestas, possuía capacidade para cerca de três mil pessoas, podendo, assim, oferecer ingressos a preços populares e receber um público bem mais amplo, que era, para desgosto do cronista, justamente o público das comédias populares e das revistas.

Atribuindo-se a missão de fornecer informação cultural a seu público leitor, obviamente o cronista conferia destaque às peças teatrais e aos concertos que despertavam seu próprio interesse, em geral identificado com a cultura de elite. Nesse sentido, apesar de seu custo excessivamente elevado, a Banda Municipal era vista como uma personagem basilar da vida cultural de Porto Alegre. Inicialmente, suas apresentações eram realizadas na praça da Alfândega, sendo transferidas para a praça da Matriz em 1926, onde, no ano seguinte, foi inaugurada a praça de concertos Araújo Vianna. Suas retretas ao ar livre, às quais, galhofeiramente, era atribuído o poder de atrair a chuva, desempenhavam, para o colunista, um papel pedagógico, uma vez que a chamada "boa música" seria capaz de favorecer o desenvolvimento de sentimentos nobres entre a população. Devotado "passadista" quando em questão estava a produção artística, Callage elogiava a limitação do repertório da banda à música erudita, embora parecesse desconfiar que houvesse pressões no sentido de popularizar seu repertório.

Levando-se em conta o padrão erudito estabelecido pelos observadores de sua elite intelectual – e entre eles, certamente, podemos incluir Callage – a avaliação do nível cultural da cidade era um assunto espinhoso. Não se tratava de discutir a existência de um público, mas sim as escolhas deste, que nem sempre correspondiam ao padrão de "bom gosto" estabelecido num período em que as formas populares de cultura eram ainda estigmatizadas pelas plateias instruídas. Assim, a imagem positiva da cidade como um ambiente culto estava, para Callage, ligada à existência de um público capaz de apreciar as formas artísticas consagradas pelo padrão europeu: a pintura de cenas, retratos e paisagens, a música erudita, o teatro clássico francês, a cultura livresca. Exemplarmente, a Livraria do Globo é considerada por ele superior ao próprio meio social em que atuava, o que é representativo do olhar às vezes depreciativo, às vezes encabulado, que o cronista dirige à cidade, constantemente acusada de um mal disfarçado provincianismo e de um generalizado despreparo cultural.

Sua oposição às novas formas de linguagem, no teatro, na música e nas artes plásticas, radicalizava-se quando em questão estavam as inovações literárias modernistas. Poucas "campanhas" são tão sistemáticas em *A Cidade* quanto a que se opunha ao modernismo literário, comumente referido como "futurismo" – daí o tão propalado "passadismo" ao qual se filiava o cronista, um cultivador das tradições. Isso denota certa tensão entre a modernização como atualização do sistema produtivo e o modernismo como expressão artística da modernidade. A entusiástica crônica sobre o progresso técnico da infraestrutura urbana e a intensificação da atividade econômica em Porto Alegre reflete essa dualidade. Escrita, "inadvertidamente", ao estilo futurista, o poema comporta o elogio grandiloquente da técnica e a linguagem fragmentária daqueles modernistas. Assumindo o papel público de crítico contumaz do novo movimento literário, Callage confere a ele um tom polêmico que, no ambiente intelec-

tual da época, certamente favorecia sua manutenção na "ordem do dia". De acordo com a coluna, o modernismo de fato havia exercido uma influência imediata sobre os pretensos literatos locais. Já em 1927, entretanto, anunciava-se sua decadência, como se ele não passasse de uma moda passageira, como tantas outras. Apenas doidivas como Paulo Plácido Pitanga, implacável caricatura do poeta modernista provinciano, podiam se deixar entusiasmar pelo chamado "futurismo".

Callage testemunha, ainda, a ascensão da grande paixão nacional, o futebol. Contudo, o cronista se mostrava incomodado com as partidas improvisadas nas ruas, vistas como ameaças à tranquilidade pública, à integridade física das famílias e à moral pública. No entanto, quando o assunto era o esporte organizado, deixava-se contaminar inteiramente pela atmosfera de delírio coletivo. Por ocasião dos campeonatos nacionais, o autor incluía-se no fervor religioso do "culto desportivo" com que a população acorria aos painéis dos jornais em busca das notícias que chegavam via telégrafo e ali eram divulgadas para a torcida. Os jogos de futebol, que tinham o poder de congregar a multidão em torno de um mesmo arrebato, metaforizavam, mais do que qualquer outro evento, o sentimento da cidade. Reportando o vazio do espaço urbano em função da presença maciça dos torcedores nos campos, o cronista evoca com admiração o entusiasmo cívico que ele era capaz de inspirar. Frustrações à parte – e essas eram muitas –, as temporadas futebolísticas possuíam uma força extraordinária.

Ainda que a vida urbana oferecesse emoções e encantos, a busca de um "retorno" à experiência da natureza e ao bucolismo da vida no campo era também uma forma privilegiada de diversão e de convívio. O fascínio exercido pela paisagem suburbana, reminiscência simbólica de uma ruralidade perdida, transformava os arrabaldes da cidade em atrativos para a população que buscava um refrigério da vida cotidiana nos piqueniques ao ar livre. Os novos arrabaldes,

como Mont'Serrat, Moinhos de Vento, Santa Teresa e Petrópolis, conferiam à cidade novas perspectivas de expansão e novos aspectos, seja pela beleza paisagística, seja pelo surgimento de um casario moderno. Isso fazia desses arrabaldes não apenas locais para se viver, como também para conhecer, em uma sociedade em que os piqueniques e as excursões aos subúrbios, onde o contato com a natureza ainda era possível, representavam uma usual alternativa de lazer. A totalidade do espaço da cidade deveria ser aberta a seu habitante, o que explica o entusiasmo de Callage, por exemplo, com a construção de um mirante (o qual ele denomina "belvedere") que pudesse franquear à população os panoramas do morro São Manuel, no novo bairro aristocrático da cidade, o Moinhos de Vento, projeto que, aliás, nunca foi concretizado.

Para os mais afortunados, e mesmo para a classe média, a viagem de veraneio em direção à serra, à praia ou ao campo oferecia ar fresco e o prazer do contato com a natureza, num período que se estendia de dezembro a março. As praias fluviais tornavam-se o cenário privilegiado da vida de Porto Alegre, em particular para aqueles que lá possuíam suas vivendas de verão, sobretudo no arrabalde da Tristeza, ligado ao centro da cidade por via ferroviária. A fuga para o veraneio fazia com que a cidade parecesse esvaziada. Na leitura do cronista, desprovida do bulício das ruas, a vida em Porto Alegre tornava-se torturante para aqueles que ficavam. Isso porque, segundo ele, rareavam dois dos seus tipos mais significativos, os estudantes e as mulheres requintadas, responsáveis pelo movimento e pela graça de suas ruas.

O retorno das férias de verão era, compreensivelmente, aguardado com certa ansiedade por Callage, observador assíduo da circulação em torno do comércio central e de seu "mostruário" de belezas femininas. Assim, se em muitas ocasiões o lazer da população citadina estava ligado à vivência do meio urbano, com seus campos de futebol, cinemas e teatros, outras vezes fugiu daquele

ambiente era a melhor maneira de compartilhar os espaços públicos e de descobrir novas fontes de vitalidade.

*15 de março de 1925*

Entre os muitos pareceres dados pela comissão nomeada para estudar os embelezamentos da capital, um, entre todos, nos chamou de pronto a atenção, quando foi da publicação dos mesmos. É o que se referia à construção do teatro municipal de Porto Alegre. A ilustrada comissão, depois de estudar detidamente o assunto, encarando com coragem e sobrançeria a magnitude daquele importante problema a resolver, opinou pela edificação do teatro em ponto alto da cidade, por assim estar de acordo com as exigências de acústica e de outros requisitos indispensáveis. Houve alguém até que chegou a lembrar que o melhor ponto e a melhor altura para a colocação do famoso edifício imaginado seria numa das torres da igreja de N. Sr.<sup>a</sup> das Dores. A ideia não foi, porém, aceita, prevalecendo, entretanto, a de ser num lugar alto, em ponto já determinado pela comissão respectiva.

Respeitamos sinceramente as poderosas razões que determinaram o parecer. Mas, nem por isso estamos desobrigados de alinhar aqui duas linhas de comentário. Se algum dos membros da comissão mencionada pudesse imaginar o sacrifício que se faz para subir a Ladeira e assistir a um espetáculo no São Pedro<sup>1</sup>, certo modificaria imediatamente a sua opinião. Porque não é só a gente que tem carro ou automóvel que frequenta o teatro. Há em maioria o público de recursos modestos, o público que não tem nada disso, mas que gosta também de assistir ao espetáculo; e esse público barato é quem, no geral, sustenta as poucas companhias que nos visitam. Para os próprios artistas, que quase sempre andam a pé, esse sacrifício, do qual resulta um natural cansaço físico, afeta não

---

<sup>1</sup> Teatro São Pedro: mais tradicional teatro de Porto Alegre, fundado em 1858.

só a sua voz como a sua declamação. Seria preciso um espaço de tempo relativamente longo para que a voz voltasse ao seu equilíbrio normal.

Isso de teatros em alturas devíamos ficar somente com o nosso velho São Pedro, o que já não é pouco.

Um teatro municipal deve sempre estar localizado no ponto mais central da cidade, onde a cidade esteja mais desenvolvida, mais intensificada, mais cidade.

Assim acontece com o *Colón* de Buenos Aires, com o *Solís* de Montevideú, com o *Municipal* de São Paulo. Não se consta (e falamos de cadeira porque os conhecemos a todos) que os mesmos estejam em pontos altos: muito pelo contrário, quase todos estão localizados em pontos demasiadamente baixos. Depois, que diabo, a comissão não há de querer fazer do imaginado teatro um observatório astronômico; já temos um que presta serviços relevantes quando acerta nas suas observações, e esse ali está na Várzea, no ponto mais baixo da cidade.

Por todos esses motivos, ousamos desacordar da ilustrada comissão encarregada do parecer.

O que queremos é um teatro, mas colocado aqui na *city*, no grande centro da cidade, em local onde deve, de fato, ser edificado.

Teatro nas alturas, devemos deixar para os que andam no mundo da lua...

### *23 de maio de 1925*

É um mau hábito esse que têm certas pessoas de perturbar constantemente o espetáculo, com entradas fora de hora, isto é, depois do mesmo já ter começado. Nos teatros de vasto recinto, como o Coliseu e o Apolo, enfim, a coisa ainda passa. Mas num teatro pequeno, acanhado, como é o São Pedro, o fato quase sempre desagrada. O que perturba os espectadores, na plateia, não é só barulho feito pelos retardatários, é que quase sempre o que chega

fora de hora, ao tomar a sua poltrona, obriga umas tantas pessoas a se levantarem, tendo estas, portanto, que desviar sua atenção daquilo que estão ouvindo ou assistindo no palco.

Ora, isso não é nada agradável.

Com a atual temporada da Companhia Jaime Costa<sup>2</sup> no São Pedro, esses fatos são repetidos todas as noites. A cada momento, a gente é obrigada a se levantar para dar lugar aos tardios que chegam, verdadeiros cacetes de última hora, quando não é coisa pior, como, por exemplo, um desses enormes tipos frigoríficos que, ao atravessarem a fila, esmagam todos os que vão encontrando pela frente...

E o barulho, Deus nosso, das contínuas e enormes passadas, exatamente quando se está no bom da cena, com toda a atenção presa no gostoso da peça!...

E o barulho irritante, santo Deus, dos embrulhos de balas!...

Nem é bom falar de tudo isso. Chega-se às vezes a duvidar que o São Pedro seja o primeiro teatro de Porto Alegre. Aquilo mais se parece com uma cavalaria!

Ainda há pouco, quando foi do último concerto de Zola Amaro<sup>3</sup>, assistimos ali a um episódio edificante que daria a Molière<sup>4</sup> uma cena soberba do gênero ridículo, que o grande clássico tão bem explorou nas peças. Enquanto a ilustre cantora nos dava todas as delicadezas da sua garganta em notas admiráveis de frescura e limpidez, mostrando assim todo o poder de sua voz, ora vibrante e cheia, ora quase em surdina, ouviram-se subitamente, perturbando por completo a atenção do auditório, "os passos quadrupedantes de um animal".

Era um cavalo que, errando a estrebaria, enveredara pelo teatro adentro...

---

<sup>2</sup> Jaime Costa (1897-1967): ator carioca, especializado na comédia de costumes.

<sup>3</sup> Zola Amaro (1891-1944): cantora lírica nascida em Pelotas, primeira brasileira a alcançar renome internacional.

<sup>4</sup> Molière: pseudônimo de Jean-Baptiste Poquelin (1622-1673), dramaturgo, ator e diretor teatral francês, mestre da comédia satírica.

#### 4 de junho de 1925

Agora que terminou a temporada teatral no nosso teatro estadual, ousamos lembrar, a quem de direito, a necessidade de se fazer, o quanto antes, umas tantas e urgentes reformas no velho edifício da praça da Matriz.

Apesar do São Pedro ser um recinto deveras simpático, à maneira que a cidade aumenta em tamanho e população, ele vai pouco a pouco perdendo a sua verdadeira função de teatro, e o seu ambiente já não oferece mais o conforto necessário que deveria oferecer ao seu benemérito corpo de frequentadores. A insignificância do seu tamanho, a sua sujeira, as suas esburacadas portas interiores, as suas velhas paredes imundas, as suas pulgas agressivas, tudo isso faz com que o público dele fuja atemorizado. Já não há nada que compense o enorme sacrifício que todos nós fazemos para lá ir em noites de espetáculo. Isso não quer dizer que ele não esteja bem cuidado. Pelo contrário, nunca direção alguma nele empregou tanto desvelo e carinho como aquela, à testa da qual se encontra o belo espírito do Dr. João Pio de Almeida<sup>5</sup>. Mas acontece que o nosso velho São Pedro precisa de limpeza e reformas radicais, de acordo com o desenvolvimento da cidade.

Quando aquele teatro se construiu, a população de Porto Alegre era pouco mais de 40 mil habitantes. Hoje ela é de 200 mil, e o nosso teatro oficial continua sendo o mesmo, sem a mais leve melhora proporcional ao nosso progresso.

---

<sup>5</sup> João Pio de Almeida (1896-1966): advogado e entusiasta da música, então responsável pela administração do Teatro São Pedro. Foi também fundador da Sociedade Musical de Porto Alegre (1925) e da Sociedade Rio-Grandense de Cultura Musical (1927), além de presidente da Fundação Orquestra Sinfônica de Porto Alegre (1952). In: SIMÕES, Julia da Rosa. **Ser músico e viver da música no Brasil**: um estudo da trajetória do Centro Musical Porto-Alegrense (1920-1933). 2011. 264 p. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

É verdade que, sobre tão palpitável assunto, que tanto interessa à cultura e ao embelezamento da cidade, já existe um projeto... E houve até um outro projeto para ser derrubada a praça 15 de Novembro e ser levantado dentro dela o projetado edifício, que devia projetar luz, cultura e beleza sobre a cidade. Foi, porém, uma projeção que não saiu, enquanto outros projetos surgem para dotar Porto Alegre de um teatro condigno.

Mas tudo isso não passa de projeto. O que devemos cuidar e melhorar é o nosso São Pedro, adaptando-o, com as necessárias reformas, ao conforto dos seus frequentadores. É, não há dúvida, um sacrifício para a população cá de baixo, que tem que subir a pé a rua da Ladeira. Mas sacrifício maior seria se tivesse que subir a torre das Dores, onde, pelo parecer da comissão de melhoramentos, deveria ser colocado o novo teatro projetado!

Ainda bem que não passou do projeto...

#### *14 de julho de 1925*

"Jocotó" e "Filosofia"<sup>6</sup> são as duas sociedades que hoje dão a nota em Porto Alegre.

Uma e outra, com os elementos com que contam, se esforçam cada vez mais para dar brilho às suas festas, aos seus bailes, às suas recepções. O que se ouve nas ruas, nos cinemas, nos cafés, nas redações dos jornais, em toda a parte, são estas afirmativas:

- Eu sou da "Filosofia".
- Eu sou do "Jocotó".

<sup>6</sup> A Sociedade Filosofia e o Clube Veranista Jocotó (1924-1934) eram clubes particulares fundados no subúrbio da Tristeza, principal balneário da cidade. Ambos promoviam concorridos bailes carnavalescos, além de possuírem uma programação cultural que consistia em concertos e conferências. O Clube Jocotó publicava ainda o jornal *O Veranista*. In: BRUM, Rosemary Fritsch. **Caderno de Pesquisa**: notícias de imigrantes italianos em Porto Alegre. São Luís: Editora da Universidade Federal do Maranhão, 2009.

É bastante se anunciar ou se projetar uma vespéral dançante ou uma solenidade qualquer, promovida por uma delas, para que corra logo entre os seus associados um sopro extraordinário. Tudo entre eles é uma viva e ruidosa alegria que se reflete e se expande em toda a parte. Não há dificuldade, não há embaraço, não há obstáculo que eles não removam imediatamente.

O "Jocotó" já está até com a sua lotação completa. Não há mais salão que comporte a afluência de associados em suas reuniões.

Por sua vez, a Sociedade Filosofia, quando anuncia uma festa, é contar como certo que ela terá uma ruidosa e estonteante animação.

Uma e outra se digladiam desta maneira bizarra<sup>7</sup> e fina tão própria da civilidade: digladiam-se, divertindo-se.

Agem assim, cada uma procurando dar mais brilho, cada uma querendo mostrar mulheres mais belas, elegâncias mais perfeitas – todos os encantos e seduções da graça feminina. Esse fato é deveras significativo. Ele vem provar que entre duas sociedades de fins idênticos o estímulo é sempre muito maior. É como a lei da concorrência. Cada um, por sua vez, procura se esforçar para tudo vencer e dominar.

E vencendo e dominando estão as duas sociedades que hoje dão a nota em Porto Alegre, enchendo de encanto e alegria os seus salões.

Estas linhas de *A Cidade* de hoje têm uma ligeira significação. Alguém, entusiasta de uma delas, solicitou da insignificância da nossa pena uma *Cidade* em louvor ao seu clube. Outro amigo, também, nos lembrou o mesmo, em homenagem a outra sociedade, a que pertence.

Não gabamos a lembrança nem de um, nem de outro. Pelas dúvidas, entretanto, aqui fica a ambas esta crônica de simpatia e apreço.

Tanto uma quanto a outra merecem muito mais do que isso, merecem tudo.

---

<sup>7</sup> Bizarro: no contexto, excêntrico, vistoso, original.

Falar de uma e esquecer da outra não dá certo. É um perigo grave, excessivamente grave... ma vela a Deus, e outra ao diabo não vai mal aqui, tanto mais que Deus e diabo são, no caso presente, dois símbolos alegres.

Agora não nos pergunte qual delas é Deus, qual delas é o diabo... Já é querer saber muito...

*23 de julho de 1925*

De todos os desportos, o futebol é o que está mais íntima e fortemente ligado à vida da cidade. Isso não acontece só aqui; acontece em todo o país, em toda parte. É o jogo que arrasta as massas e que faz das torcedoras as mais endiabradas e as mais perigosas criaturas. Criou-se até uma gíria especial na boca dos barbados e na boquinha mimosa das mulheres para definir e explicar todas as fases de um *match*, todos os incidentes da luta que se desenvolve entre os dois times combatentes. Um belo domingo de futebol em Porto Alegre é um dia de abandono, de silêncio e de deserto na cidade. Tudo desaparece. Lá está a população inteira nos gramados: os que podem gozam o cômodo mais ou menos suave das arquibancadas; os que não podem espiam pelas frestas das cercas, se debruçam pelos muros, ou trepam nas árvores adjacentes, gozando assim, sem pagar entrada, o desenvolver delirante da pugna, a agilidade do pé glorioso que tem meneios lânguidos de carícia na pele grossa e forte da bola, quando não vai diretamente à canela do adversário...

Mas não se trata aqui de entrar nessas difícilimas minúcias do jogo no campo da luta, e sim de falar no futebol em geral, na sua influência no presente, no entusiasmo que ele patrioticamente desperta na alma das multidões, nas grandes simpatias com que o mesmo conta por todo o mundo, principalmente nos países sul-americanos. Se ele às vezes é um grande promovedor de hostilidades, é também, na maioria dos casos, nas sociedades cultas, um fator admirável para estreitar relações e cimentar amizades.

Acodem-nos estas linhas agora em homenagem à delegação gaúcha que hoje parte com destino a São Paulo e Rio, onde vai tomar parte no Campeonato Brasileiro de Futebol.

Que poderemos desejar nós, os rio-grandenses, à distinta missão, senão que ela seja coroada de triunfos, honrando as gloriosas tradições desta terra? Que mais poderemos almejar senão isso? Que não faça papel feio, que não faça papel triste ao lado de outros valorosos e experimentados compatriotas, que a missão terá que enfrentar no grande torneio do pé, é todo um desejo ardente das lindas e apaixonadas entusiastas, que aqui ficam torcendo, torcendo, torcendo...

*12 de agosto de 1925*

Indiscutivelmente, o cinema veio prestar um grande benefício a Porto Alegre.

Antigamente, antes de existir esse hoje popularíssimo e obrigatório meio de diversão, dependíamos quase que exclusivamente das companhias de outros gêneros de espetáculos.

Se delas houvesse uma temporada entre nós, estava então tudo muito bem. A gente saía para a rua, enchia o teatro, divertia-se. Mas se, pelo contrário, o teatro estivesse fechado (naquele tempo, dizem, era só o São Pedro), e se não houvesse na praça circo de cavalinhas, as obrigações do chefe de família restringiam-se ao jantar e, em seguida, depois de uma ligeira "tora"<sup>8</sup> das meninas com os namorados, no peitoral da janela, mandar tudo para cama, dormir.

Terminava assim o dia, monotonamente, silenciosamente.

Hoje não. Os hábitos mudaram de um modo radical. O cinema veio alterar por completo a existência doméstica, principalmente dos casais com filhos.

---

<sup>8</sup> Tora: na gíria, conversa.

Ir ao cinema é uma obrigação como qualquer outra, é uma exigência indispensável da qual não se abre mão de forma alguma, nem mesmo com visitas em casa, isso pela simples razão de que visitas à hora do cinema não aparecem em casa de ninguém, a não ser lá um que outro "cacete" impenitente, classe perigosa de gente que também já vai desaparecendo.

Mas o maior benefício do cinema foi movimentar e alegrar nossas ruas, enchendo, a uma certa hora, de vida intensa, o coração da cidade.

Isso acontece todos os dias, ou melhor, todas as noites, depois da primeira sessão. Mas, aos domingos, quando em outros tempos era de uma tristeza sepulcral, a rua dos Andradas é, agora, depois de se intensificarem esses centros de diversões, de um movimento deveras notável, que se prolonga até cerca das 11 horas da noite. O "Central", "O Guarani" e o "Carlos Gomes"<sup>9</sup> despejam, então, uma onda formidável de povo, que se preme em toda a extensão da nossa artéria elegante. E é um encanto assistir à saída dos cinemas; começa tudo a passar; é um mostruário agradável de beleza, de graças, de elegância, de tantos formosos perfis de mulheres que jamais imagináramos que existissem, de grandes e pequenas figuras gentis, de carinhas feias e bonitas, muito mais bonitas do que feias, tudo a passar, a passar, como passam na vida os sonhos, as ilusões, as esperanças e tudo o mais que os poetas "passadistas" ajeitam na rima dos seus versos.

Deixem lá – o cinema é a civilização.

---

<sup>9</sup> Cinema Central: inaugurado em 1921 na praça da Alfândega; Cinema O Guarani: fundado em 1913, localizado na rua dos Andradas, em frente à praça da Alfândega; Cinema Carlos Gomes: fundado em 1923 na rua do Rosário, atual rua Vigário José Inácio. In: SILVEIRA NETO, Olavo Amaro da. **Cinemas de rua em Porto Alegre: do recreio ideal (1908) ao Açores (1974)**. 2001. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2001.

16 de agosto de 1925

A Livraria do Globo, da firma Barcellos, Bertaso & Cia.<sup>10</sup>, é hoje uma parte integrante de Porto Alegre e talvez a expressão mais forte do seu progresso e da sua civilização. Injustiça seria, portanto, que *A Cidade* a esquecesse no comentário habitual que nesta coluna é feito sobre assuntos e coisas da cidade, mormente neste momento, em que a referida casa, ao comemorar 42 anos de existência, inaugura vários e espaçosos pavilhões no seu grande e novo edifício<sup>11</sup>.

Nenhuma outra casa, nenhum outro centro de atividade e de trabalho, reflete tão bem como ela o desenvolvimento de Porto Alegre. De modo algum seria exagero dizer-se que, num espaço de tempo relativamente curto, a Livraria do Globo logrou sobrepor-se ao próprio meio.

Não só como livraria, mas como oficina de artes gráficas, essa casa é hoje, talvez, a primeira do Brasil. Quem a visita, percorrendo todas as suas dependências, onde trabalham mais de 300 pessoas de ambos os sexos, tem a impressão de estar num grande centro, em outro meio diferente. Todo e qualquer serviço gráfico, todo e qualquer trabalho de pautação, de encadernação, de impressão, de litografia etc., é ali executado de maneira a honrar a arte em nosso país, pelo seu gosto e perfeição.

Mas o grande nome de agora da Livraria do Globo ela deve, sem dúvida, ao trabalho que ora está realizando como casa editora, tornando-se por consequência uma fonte divulgadora da mentalidade rio-grandense, fazendo-se assim conhecidos não só no estado, mas fora dele, os nomes dos nossos principais homens de letras, cujas

---

<sup>10</sup> Livraria do Globo: pequena livraria fundada em 1893, passou a exercer atividades editoriais a partir do início do século XX, editando o *Almanaque do Globo* a partir de 1915 e a *Revista do Globo* a partir de 1929.

<sup>11</sup> Em 1924, havia sido inaugurado o novo edifício-sede da Livraria do Globo na rua dos Andradas, o qual foi projetado e construído pelo arquiteto italiano Armando Boni (1886-1946).

obras começam a surgir, graças à sua iniciativa, ao esforço empreendedor dos seus dirigentes. Os que aqui passaram por tantas e tão grandes dificuldades para imprimir ou editar um livro, muito embora a expensas próprias, é que bem podem avaliar do gesto do importante estabelecimento local, tomando a si a edição de tantas obras que ultimamente têm aparecido.

Se outros não fossem os títulos de orgulho da grande casa, do importante estabelecimento gráfico que tanto honra o nosso progresso, só aquele bastaria para dar à Livraria do Globo um justo título de benemerência.

### *17 de setembro de 1925*

A cidade está cheia de pintores e poetas. De pintores os mais notáveis, de poetas os mais variados. Na categoria dos primeiros, já tínhamos aqui figuras de grande relevo e valor, como Augusto de Freitas, Pedro Weingärtner, Libindo Ferraz, Hélios Seelinger, Carlos Torelly e muitos outros, cujos nomes não nos ocorrem neste momento, mas que nem por isso deixam de ser pintores. Essa galeria está agora enriquecida com dois nomes mais, de forte prestígio ambos no domínio da arte: referimo-nos a Ângelo Guido<sup>12</sup> e Dakir Parreiras<sup>13</sup>, que acabam de inaugurar as suas exposições. Do primeiro, já está dito tudo pela admiração unânime do público. É um dos mais belos artistas que nos tem visitado. Quanto ao segundo, se pode dizer que o seu progresso é deveras notável em relação à última exposição que aqui realizou.

Seus quadros históricos representam acurado estudo e um raro poder de interpretação.

<sup>12</sup> Ângelo Guido Gnocchi (1893-1969): pintor italiano radicado no Rio Grande do Sul, crítico de arte do *Diário de Notícias*.

<sup>13</sup> Dakir Parreiras (1894-1967): pintor fluminense.

Se felizes temos sido com os pintores, o mesmo não podemos dizer em relação aos poetas. Depois de Marcelo Gama, Zeferino Brasil, Barbosa Netto, Alceu Wamosy, e Fontoura Xavier, as cinco líras admiráveis do Rio Grande (outros ainda os há, mas queremos de propósito citar apenas cinco), tem surgido entre nós uma onda formidável de trovadores e de menestréis, de versejadores de todos os gêneros e feitios, condoreiros, parnasianos, decadentes, simbolistas, passadistas, futuristas e loucuristas.

Agora, então, que se acha entre nós, em amável visita espiritual, o notável artista do verso Guilherme de Almeida<sup>14</sup>, tem aparecido pelas ruas, pelas salas, por todos os pontos desta capital, uma verdadeira onda de poetas. Incubados por algum tempo, em recolhimento espiritual com as Musas, surgiram de um momento para outro em solenes e perigosas atitudes. Quase todos são poetas "futuristas".

Ainda ontem ia eu descuidado pela rua da Praia acima, quando de inopino fui abordado por uma figura cadavérica de rapaz de olheiras.

– O cavalheiro é do *Diário de Notícias*?

– Sim, senhor; às ordens de V.S.

– Pois queira saber que sou um poeta e poeta "futurista".

– Tenho muita honra em saber.

– Mas não é isso. É que queria ler uns versos que aqui trago e pedir a intervenção do patrício no sentido de vê-los publicados, amanhã, no seu jornal.

E antes que eu proferisse qualquer palavra, o desgraçado arrasou-me para um canto e começou:

Vivam nas leis dos diabos!

Comam carnes; matem gados!

Comam ervas; comam nabos!

<sup>14</sup> Guilherme de Almeida (1890-1969): poeta, ensaísta e tradutor. Como organizador da Semana de Arte Moderna, foi um dos principais difusores do modernismo paulista nos estados brasileiros, tendo apresentado a conferência "Revelação do Brasil pela poesia moderna" em Porto Alegre e em outras cidades brasileiras a partir de 1925.

Comam gatos com quiabos!  
 Comam chifres; comam rabos!  
 Bebam vinhos emulados!  
 Bebam outros – garrafados!  
 Bebam frutos – bem pisados!  
 Bebam caldos gordurados!  
 Que eu não quero ouvir piados!  
 O miserável quis continuar com a leitura da poesia que parecia longa, mas atalhei:  
 – O cavalheiro vai me perdoar, mas tenho muita pressa, tenho ocupações, tenho muito que fazer, tenho que ir para o Inferno!...  
 Um raio me caia na cabeça, se aquela poesia não foi plagiada ou roubada do Qorpo Santo<sup>15</sup>...

### *20 de outubro de 1925*

Domingo. Dia luminoso de belo sol e lindo céu. Há por tudo uma movimentação intensa, fatiotas<sup>16</sup> e vestidos novos. Pelas igrejas cheias, no culto suavíssimo de Deus e da Virgem, misturam-se os perfumes profanos de Paris com os incensos sagrados do templo, confundem-se os cochichos entrecortados com o chiado longo das rezas imperceptíveis.

Às primeiras horas da tarde, a cidade, depois da ligeira madorna do meio-dia, depois da sesta habitual com que todos nós, na nossa inveterada preguiça, costumamos encurtar o tempo e a vida, agita-se, espraia-se. Enchem-se as matinês dos cinemas,

---

<sup>15</sup> Qorpo Santo (pseudônimo literário de Joaquim José de Campos Leão, 1829-1883): escritor, jornalista e gramático nascido na cidade de Triunfo e atuante em Porto Alegre. Em setembro de 1925, foi publicada no *Diário de Notícias*, sob o pseudônimo "Passadista", uma série de três ensaios apontando as semelhanças entre a obra de Qorpo Santo e a dos ditos "futuristas", intitulada "Corpo Santo e os novos".

<sup>16</sup> Fatiota: terno.

animam-se os passeios. Não só o Prado<sup>17</sup>, não só os campos de futebol atraem uma grande parte da nossa população; esta se distribui ainda por todos os arrabaldes da capital, pelos pontos mais populares e visitados dos nossos arredores. Entretanto, se tivemos o atrativo de um dia magnífico e radioso, tivemos também a poeira em quantidade, a poeira em nuvens densas, a perturbar insistentemente todas as prometedoras delícias do dia. De manhã à noite o vento varreu à vontade a cidade, sujando-a ainda mais, enchendo tudo de pó, envolvendo tudo de terra. A poeira é um dos grandes males de Porto Alegre: é o flagelo permanente da cidade. Nesta época, porém, torna-se mais contínuo e impertinente o vento e, por consequência, muito mais denso o pó.

Por isso, não raro, os domingos, como aconteceu com o de ontem, são enormemente prejudicados. A pessoal que sai à rua para passear volta com seu traje em lastimável estado. Mas tudo isso é nada quando a gente se diverte. Ao final do dia, tem-se a impressão de que se gozou o domingo, de que nos divertimos a valer. Tudo não passa de uma mera questão de temperamento.

Quando nos domina qualquer mal-estar, não há domingo belo, não há dia encantador e cheio de atrações que seja capaz de modificar esse estado d'alma.

Eis por que, apesar do vento e da poeira, o último domingo não deixou de ser delicioso para a maioria da nossa população, que o esperou com verdadeira simpatia, com ardente desejo. E foi essa a grande maioria, por certo, que deu, à noite, a última nota, viva e forte, enchendo de ruído, de vida, de alegria as nossas casas de diversões e os passeios mal iluminados das nossas ruas.

---

<sup>17</sup> Prado Moinhos de Vento: local onde a Sociedade Promotora do Turfe organizava corridas de cavalo desde 1905.

*5 de novembro de 1925*

Porto Alegre teve, no curto espaço de um ano, quinze exposições de pintura.

Esse fato é para nós de uma grande significação. Ou há por aqui muito dinheiro, ou muito gosto pela arte. Mas como o muito dinheiro, com raríssimas exceções, não pactua de modo algum com essas coisas delicadas no sentido estético, segue-se que o que há, de fato, aqui, é muito gosto pela arte.

Poucas cidades do Brasil (talvez só o Rio e São Paulo) terão assistido à inauguração de tantas exposições de pintura em espaço de tempo tão curto. Todas elas foram coroadas de êxito. Vendeu-se grande número de telas. As nossas pinacotecas particulares, as galerias dos nossos artistas e amadores, foram grandemente enriquecidas. Ficaram aqui, embelezando as nossas salas, os melhores quadros desses artistas.

As quatro exposições que ultimamente estiveram abertas nesta capital constituíram um verdadeiro sucesso, animando assim os nossos artistas para uma nova visita a Porto Alegre.

Ângelo Guido e Guttman Bicho<sup>18</sup> levam uma magnífica impressão da nossa capital. Porque, felizmente, houve, entre nós, imprensa que os exaltasse, críticos que os compreendessem, gente de bom gosto, enfim, que tratasse logo de adquirir os seus melhores trabalhos.

Com o mesmo sucesso e no caminho das exposições anteriores, vai também agora a exposição de Libindo Ferraz<sup>19</sup>, inaugurada na Casa Jamardo<sup>20</sup>.

O magnífico paisagista rio-grandense já tem, por sua vez, grande número de quadros vendidos.

---

<sup>18</sup> Galdino Guttman Bicho (1888-1955): pintor fluminense.

<sup>19</sup> Libindo Ferraz (1877-1951): pintor nascido em Porto Alegre.

<sup>20</sup> Casa Jamardo: loja de móveis luxuosos localizada na praça da Alfândega, que abrigou vários pintores e suas exposições.

Tudo isso é deveras significativo. Um sopro delicado de sentimento, de beleza e de bom gosto perpassa agora pela nossa metrópole. Porto Alegre já não é uma cidade fútil, que se gaba de ser fútil. Se ela ainda possui alguns elegantes que passam o dia esfregando o traseiro pelas "sublimes portas" da cidade, "cortando" de todos os que passam no *trottoir*<sup>21</sup>, já tem, em compensação, um grande número daqueles que amam de verdade a arte em todas as suas múltiplas manifestações de beleza.

Além disso, temos também um número ainda maior de admiradores do "nu artístico" – nova maneira recentemente proclamada de se exaltar a arte e despertar os sentidos.

Se esse número já é grande agora, o que não será ele então, daqui por diante?...

### *11 de novembro de 1925*

Sábado. A tarde era ardente, o calor era intenso. O sol batia em cheio nos dois passeios da nossa elegante rua da Praia. Sempre assim, por estes dias, este sol intolerável... É entrar o verão e aí está ele queimando e inundando tudo, coisa que ele absolutamente não faz em chegando o inverno.

Sol impertinente este. Lembramo-nos agora daquele popular soneto do nosso saudoso e querido Marcelo Gama<sup>22</sup>: "Anda depressa, ó sol que estás parado..." Mas qual! Aí mesmo é que ele demora-se longamente, escaldantemente, a queimar os passeantes à hora do *footing*<sup>23</sup> na grande rua mundana da capital.

<sup>21</sup> *Trottoir*: em francês, calçada.

<sup>22</sup> Marcelo Gama (Possidônio Cezimbra Machado, 1878-1915): jornalista e poeta simbolista. A citação provém do soneto "Com o sol", publicado em *Via Sacra e outros poemas* (1902).

<sup>23</sup> *Footing*: ritual de sociabilidade e aproximação entre os sexos em vigor nas cidades brasileiras na primeira metade do século XX. Ocasião privilegiada para o flerte, na qual as moças

De fato, a nossa primeira artéria sofre deste mal irremediável: no inverno, de manhã à tarde, não há aí uma réstia de sol; no verão, nem a mais leve sombra atenua a terrível violência da canícula.

Mesmo assim, deixem lá, é de ver a rua da Praia num sábado, dia consagrado à moda, segundo o hábito provinciano, mas elegante, da cidade. Toda ela se agita em beleza e perfume. É um florescer maravilhoso de formosuras conterrâneas, de formas esculturais, de lindas figuras de grande brilho no olhar e muita doçura no sorriso. É a mulher que passeia a sua graça, que mostra os seus enlevos, que exhibe as seduções de seu perfil, derramando por toda parte os eflúvios do seu sexo. Pouco importa o sol nessa hora radiante de animação.

Enchem-se os passeios, anima-se a rua: portas e vitrines atravancam-se de curiosos, de contemplativos, de insaciáveis admiradores do belo.

Adiante, numa esquina onde o sol bate mesmo com toda a violência, um grupo mal disfarçado não tira o olhar ávido de uma determinada direção.

É que o sol ali tem a mesma função dos aparelhos de Raio X em gabinete de radioscopia...

Por isso, quando o sol começa a querer cair, o grupo não se cansa de repetir o verso do poeta da "Via Sacra":

"Sol, por favor, ó Sol vai devagar!..."<sup>24</sup>

*19 de novembro de 1925*

Segundo notícias publicadas nas *Pequenas ocorrências policiais* da edição de ontem desta folha, um conhecido cavalheiro, ao passar com sua senhora por uma das ruas da cidade, viu que várias moças

---

caminhavam em pequenos grupos pelas vias elegantes, observadas pelos rapazes que se postavam para admirá-las e trocar gracejos.

<sup>24</sup> Citação não literal do mesmo poema de Marcelo Gama, referido anteriormente.

criticavam, em altas vozes, o vestuário de sua esposa. Tão forte foi essa crítica que chegou a provocar escândalo em plena via pública, sendo o esposo da vítima obrigado a apresentar queixa à polícia.

Esse caso é de uma atualidade palpitante na vida social e mundana da nossa *urbs* que, apesar de pequena, é tão cheia de novidades.

Realmente, atravessamos um período gravíssimo na complicada história do vestuário. Todo o perigo hoje não está na nudez. Esta é uma exigência natural da época; ela resume em si toda essa nova indumentária feminina, todo esse grande perigo que aos olhos curiosos e devassadores do homem oferecem as Evas tropicais, e que, como a outra, a do Paraíso, dispensam perfeitamente (e não é para menos, com esse calor, com esta temperatura de 35° à sombra...) a irritância dos tecidos muito fechados, que, além de tudo, escondem a maravilhosa escultura das formas, as supremas belezas do nu artístico...

Por falar nesse assunto de suma importância e de alto interesse de ordem geral, temos a acrescentar que o "nu artístico" é hoje a moda. Essa moda está pegando, como pegou a do cabelo à *la garçonne*<sup>25</sup>, como pegarão outras mais sérias (sérias no sentido de perigosas) que naturalmente estão por vir. Tudo depende da boa aceitação do mercado. Se o artigo tiver boa cotação (e é de se esperar que assim seja), teremos então a praça abarrotada.

Daí por diante, o fato constituirá um costume, o costume constituirá um hábito, o hábito constituirá uma necessidade e esta será uma exigência do instinto, como são o pão e a carne, da qual não se pode prescindir. Tudo isso, porém, é do momento em que vivemos.

O escândalo, hoje, não é andar nu; é andar vestido.

---

<sup>25</sup> À *la garçonne*: corte de cabelos femininos à altura das maçãs do rosto, seguindo a tendência andrógina da moda da época. Alcançou popularidade nos anos 1920, inicialmente na França, e foi consagrado posteriormente, por meio das atrizes do cinema mudo.

Foi talvez por isso que a senhora de quem acima falamos foi tão rudemente criticada.

Naturalmente, ela andava vestida...

### *25 de novembro de 1925*

Começa, pouco a pouco, agora a imigração para a Tristeza.

Uma parte da população da cidade foge assim para o lindo e simpático arrabalde que, com a sua saudável alegria rural, desmente a tristeza do nome. É exatamente por essa época, quando o calor caustica-nos aqui com violência, que a Tristeza adquire uma vida intensa e ruidosa. As suas belas vivendas enchem-se de uma poesia alpestre; os seus jardins reflorescem, não só pelo encanto das flores que neles vicejam, como pela graça das mulheres bonitas que os adornam, que são quase todas que para lá vão fugindo dos ardores da canícula da capital.

São dias animados que se sucedem, sempre assim, até fins de março. As reuniões dos veranistas vão dia a dia aumentando, crescendo em animação e alegria, emprestando um aspecto novo àquele subúrbio por onde Ceres e Vênus passeiam, uma amadurecendo uvas e a outra agitando de estremunhos e formas marmóreas o delicioso trecho de Pedra Redonda...

Movimentam-se as estradas, bandos gárrulos e trêfegos enchem de chufas e risadas os caminhos, animam de bulício a indigente *gare*<sup>26</sup> do lugarejo. Os trens que daqui partem (trenzinhos de caixas de fósforos, como os brinquedos de crianças) vão cheios de veranistas, uns amontoados sobre os outros, em dois ou três carros apenas, que aquele tráfego de caminhos de ferro engata no traseiro de uma locomotiva poderosa...

---

<sup>26</sup> *Gare*: do francês, estação de trem.

Quando de hora em hora devia correr o rápido Riacho-Tristeza, atendendo assim o grande movimento de passageiros, o referido tráfego não vai além de duas a três viagens de ida por dia, e outras tantas de volta.

Ainda é tempo, porém, de ser remediada a falta, tanto mais que estamos apenas no começo do verão. Aumentando aquele tráfego, a municipalidade presta assinalado serviço aos veranistas da Tristeza, malgrado os socos, os solavancos e a roupa queimada dos passageiros.

### *5 de dezembro de 1925*

Porto Alegre vai apresentar-se hoje num aspecto de grande solenidade. Trata-se da inauguração da exposição comemorativa do cinquentenário da colonização italiana, cuja data a cidade também hoje comemora.<sup>27</sup> São assim duas festas de exaltação à atividade e ao trabalho estrangeiro a que a nossa capital vai assistir, associando-se ao mesmo tempo a todas as homenagens que serão prestadas à laboriosa colônia italiana entre nós domiciliada.

A efeméride de hoje marca um acontecimento. Nada mais notável, nada mais expressivo, do que a obra que aí está desse valoroso elemento de trabalho que, procurando o nosso solo, buscando o nosso território, aqui se enraizou definitivamente. Em cinquenta anos de colonização, que é na realidade a data que hoje comemoramos, os italianos do Rio Grande do Sul, e muito especialmente os de Porto Alegre, apresentam, neste momento, uma obra digna de ser admirada e respeitada.

Esta cidade que tanto se tem elevado e progredido pela exclusiva iniciativa particular de seus heroicos habitantes, de quem tudo até

---

<sup>27</sup> Na edição desse dia, o *Diário de Notícias* publicou um suplemento comemorativo do cinquentenário da colonização italiana, do qual Callage participou com a publicação do artigo "A energia e o braço".

agora se tem tirado e quase nada se lhes tem aqui oferecido – esta cidade, repetimos, na atividade das suas indústrias e nas múltiplas manifestações do seu trabalho, muito deve à valiosa colaboração italiana. Vivendo conosco, entrelaçado conosco pelos mais expressivos elos de simpatia e de sangue, o elemento italiano de Porto Alegre tem sido um fator admirável no desenvolvimento e no progresso dessa leal e valorosa capital.

Grato nos é recordar agora o muito que devemos, até mesmo na nossa cultura intelectual e artística, aos representantes da grande pátria latina, berço da civilização e das mais puras glórias da humanidade; e mais grato é ainda para todos nós ver que, no dia de hoje, com a abertura da exposição do cinquentenário, o povo de Porto Alegre terá ocasião de avaliar até onde já chegou o seu esforço, até que ponto atingiu o seu desenvolvimento, até onde vai, enfim, a colaboração dos laboriosos filhos da Itália gloriosa no progresso e no desenvolvimento do nosso estado.

*12 de dezembro de 1925*

Disse há dias esta folha em suas notas sociais que "por iniciativa de um grupo de cavalheiros da nossa sociedade, amantes do desporto automobilístico, trata-se nesta capital, a exemplo do que se pratica no Rio e São Paulo, da organização de cursos de automóveis aos domingos". E, para começar, já escolheram para esse fim a avenida 13 de Maio (Menino Deus).

É, não há dúvida, uma diversão muito agradável e quase que obrigatória nos domingos e dias de festa, em todos os grandes centros. Organizam-se, nessas ocasiões, não só cursos lentos, como verdadeiras corridas automobilísticas nas ótimas estradas que saem para fora das cidades. O automóvel, com a excelência de seu comando e com o poder de sua velocidade, veio criar um gênero de desporto que hoje conta em todo o mundo colossal número de adeptos.

Mas a ideia, aqui entre nós, a exemplo do Rio e São Paulo, apesar de muito louvável no sentido de dar mais animação à vida da cidade, parece-nos não vingará. Não vingará por uma razão muito simples: é que não temos avenidas para cursos nem estradas para corridas automobilísticas. Corso de automóveis só se pode realizar em boas avenidas, excelentemente calçadas, o que Porto Alegre ainda não possui.

Apesar de larga, a avenida do Menino Deus, que podia ser a mais bem tratada da cidade, é a que possui o pior calçamento. Com a irregularidade deste e com a quantidade de buracos que apresenta aquele trecho da cidade, ele deve ser um verdadeiro martírio para as corridas ou mesmo para o curso de autos.

Quanto às estradas que saem para fora da cidade, é assunto de que aqui já por várias vezes tratamos, lembrando o estado lamentável em que as mesmas se encontram, constituindo dificuldades de toda a ordem para o trânsito. Todas são péssimas, não oferecendo, portanto, o menor atrativo para corridas automobilísticas.

Por todas essas razões é que acreditamos que a ideia já divulgada por esta folha não vingará.

### *3 de fevereiro de 1926*

A nota de ontem, da nossa capital, foi a festa da N. Sr.<sup>a</sup> dos Navegantes.

A tradicional festa, sempre com grande animação, comemorada entre nós, a festa da milagrosa padroeira e protetora dos marítimos, teve para assisti-la este ano, como dos anteriores, uma extraordinária multidão, que desde domingo se vem divertindo entusiasticamente.

Ontem, porém, essas festividades culminaram. Era natural. O dia 2 de fevereiro é todo consagrado à santa da devoção maruja. Pela manhã, à hora da saída da procissão que a conduzia em demanda à igreja no popular arrabalde no mesmo nome,

o Guaíba apresentava um belo aspecto, vendo-se na esteira líquida de sua bacia maravilhosa muitas dezenas de pequenas embarcações, todas em marcha, em piedosa romaria, por sobre as águas tranquilas.

Como era de prever, a popular festa matou o movimento da cidade. A animação, quer à tarde, quer à noite, concentrou-se toda lá nos Navegantes, ao redor da igreja, por entre tendas e ramadas improvisadas de véspera para venda de bebidas, assados e melancias, que são, durante três dias e três noites, os três ramos de negócio indispensáveis ao brilho e animação da tradicional festividade.

Podem registro, ainda, dois outros aspectos mais, que lhes são característicos. Um é a faceirice das morenas de alvos dentes, sorrindo ao maneirismo pachola dos namorados, e o outro, interessante também, é o em que entra em cena a polícia, mandando muitos "divertidos" ao xadrez...

Sem esses episódios, a popular festa dos Navegantes muito perderia da sua velha tradição. Mas, para gáudio da santa milagrosa, para gáudio de quantos vivem a recordar e a respeitar o passado, os hábitos e costumes de outros tempos ainda não foram ali, de todo, alterados pela civilização. Esta, que já acabou com as velhas diversões do Divino<sup>28</sup>, vai, no entanto, encontrando resistência na festa da querida padroeira dos marítimos.

### *21 de fevereiro de 1926*

Agora que a mulher revela ardentes desejos de ser homem, a começar não só pelos cabelos curtos, que já deixaram de ser uma moda para ser uma necessidade e um costume; agora que ela procura se nivelar, a todo transe, ao sexo forte, com ele concorrendo

---

<sup>28</sup> Divino, Fogos do Divino ou Fogos do Espírito Santo: Festa do Divino Espírito Santo, uma das maiores celebrações do catolicismo popular, realizada tradicionalmente no mês de maio.

em todos os cargos públicos e com ele também se batendo pelas mais liberais aspirações sociais e políticas; agora, finalmente, que o feminismo é um fato e que a mulher procura ser homem, o homem se mostra com vontade de ser mulher!...

Em Porto Alegre, pelo menos, há numerosos exemplos que revelam uma franca tendência da masculinidade que procura entrar para os domínios do outro sexo, e se o leitor quiser a prova da transformação artificial de grande número de representantes da espécie, que passe então a uma certa hora e por certos pontos da rua da Praia.

Em olhando e observando, a revelação será imediata. A cada passo, moços de bom porte surgem com meneios e melindres que são verdadeiros desvirtuamentos do sexo, bastando dizer que muitos aparecem cintadinhos, com o rosto caído de pó de arroz, lábios a rugir e unhas pacientemente trabalhadas horas e horas, dia a dia.

Ora, por muito apurada que seja a elegância e bom gosto de um homem, ele não deve de modo algum cair nesse extremo, mesmo porque essa maquiagem pode perfeitamente estabelecer sérias confusões...

Já se notou até que o Carnaval aqui oferece abundantes provas sobre o assunto, sendo quase unânime o número daqueles que aparecem fantasiados de mulher. Isso, porém, não tem significação alguma em relação ao outro sexo. São cousas de Carnaval, que passam logo após a terça-feira gorda. Todo o perigo está nesses que, podendo ser figuras fortes e expressivas da espécie, tipos verdadeiramente homens, no amplo sentido da palavra, aí andam, nos nossos passeios e nas nossas festas, mais "melindrosos" que uma "melindrosa", roubando à mulher todos os artifícios que ela habilmente usa para atrair o sexo forte.

*21 de março de 1926*

Foram vistas, ontem à tarde, à hora intensa do *footing*, na rua dos Andradas, duas mulheres elegantemente vestidas, mas sem meias, isto é, com as pernas completamente nuas.

Não é a primeira vez que aqui observamos esse perigoso fenômeno tropical.

Há dois ou três meses atrás, tivemos ocasião de observar, por várias vezes, esse aspecto "futurista" da moda. Porque o caso em questão, embora sendo um caso de calor, é, também, um caso de moda. Devem estar lembrados os leitores que a imprensa noticiou, há tempos, que em Paris algumas "cocotas" apareceram no "Bois"<sup>29</sup> sem meias, o que aliás não é coisa do outro mundo. Bastou, porém, essa notícia para que logo se procurasse macaquear<sup>30</sup>, aqui, a moda incipiente que timidamente despontava na cidade-luz, entre vaias e pilhérias dos transeuntes. Essa moda, tal como nasceu, logo morreu. Foi, por assim dizer, a visão "futurista" de uma certa classe de meias que só usa gente sem meias e sem... meios.

Entretanto, duas ou três *divettes*<sup>31</sup> insistem em ver se a nova moda pega em Porto Alegre. Para isso, aproveitam as ardentes insinuações do calor. O calor é, de fato, um estimulante de primeira ordem para todas essas coisas. Graças a ele, surgiu o "nu artístico"; graças ao mesmo, vão entrando em circulação os vestidos que Eva usava no Paraíso... Aqui, então, na nossa leal e valorosa cidade, ele tem ardências tremendas, verdadeiramente perturbadoras da serenidade e da calma de um cidadão.

Aí está a razão por que vão aparecendo mulheres sem meias.

Felizmente, o outono entra hoje...

### 23 de março de 1926

Aquiles Porto-Alegre<sup>32</sup>, que acaba de falecer nesta capital, era o último representante de uma trindade de irmãos intelectuais: Apolinário, Apeles e Aquiles.

<sup>29</sup> Bois de Boulogne: parque localizado na região oeste de Paris.

<sup>30</sup> Macaquear: por extensão de sentido, imitar servilmente ou de maneira ridícula.

<sup>31</sup> *Divette*: do francês, cantora de opereta, cabaré ou de café-concerto (estabelecimento comercial de diversão onde se pode consumir bebidas e ouvir música ao vivo). O termo é utilizado no sentido figurado, possivelmente em referência à má reputação de tais artistas no país.

<sup>32</sup> Aquiles Porto-Alegre (1848-1926): escritor, jornalista e educador nascido em Rio Grande.

O Rio Grande do Sul muito deve a esses três espíritos, que em vida tiveram uma envergadura completa de lutadores e que, por espaço de mais de meio século, ilustraram as nossas letras. O primeiro, principalmente, expoente máximo da gloriosa geração do Partenon Literário<sup>33</sup>, está indelevelmente ligado à nossa vida intelectual.

Aquiles, que pertenceu à mesma geração, que veio da mesma época, desaparece agora, com cerca de oitenta anos de idade. Ele passou a vida escrevendo e escreveu até a hora de morrer. Poderá ser de valor discutível o aspecto geral da sua obra, quer como poeta, quer como prosador, quer mesmo como jornalista. Mas há, na sua vasta bagagem literária, páginas magníficas de beleza, de graça e de simplicidade, páginas traçadas por quem realmente estava familiarizado com todos os segredos da língua. Em *Iluminuras* há versos de um lirismo encantador, assim como em *Homens ilustres do Rio Grande do Sul* há perfis fotografados com absoluta precisão, em que se evidenciam suas qualidades de observador.

Aquiles Porto-Alegre tornou-se, ultimamente, o verdadeiro cronista da cidade. Não houve fato ou episódio da vida desta capital, homens, aspectos, ou costumes da Porto Alegre de outros tempos que não merecessem o comentário ligeiro e leve da sua pena. As suas últimas páginas, enfeixadas nos livros que publicou de 1920 para cá, são verdadeiras evocações, reminiscências e saudades do passado, da velha cidade de outrora, que ele conheceu e amou.<sup>34</sup>

Quando atingiu a idade em que devia entregar-se ao repouso, aí foi que o professor Aquiles mais trabalhou e lutou, fazendo da pena uma verdadeira profissão, o ganha-pão de todos os dias.

---

<sup>33</sup> Partenon Literário: associação literária fundada em Porto Alegre, em 1868.

<sup>34</sup> O cronista refere-se aos seguintes livros: *Através do passado – crônica e história* (1920); *Noutros tempos* (1922); *Flores entre ruínas* (1920); *Jardim de saudades* (1921); e *Paisagens mortas* (1922).

Escrevia os seus livros, editava-os por sua própria conta, a fim de vendê-los ao público. Outro que não tivesse a sua coragem teria caído inane, na indignação. Aquiles Porto-Alegre, alquebrado e trôpego, com quase oitenta anos de vida, preferiu vender os trabalhos que escrevia, que eram como pedaços estrangulados da sua alma de verdadeiro lutador.

Esse traço expressivo do seu temperamento só merece admiração e respeito. E aqui uma e outro lhe tributamos no momento em que seu corpo baixa para o sono definitivo da terra.

*25 de abril de 1926*

A festa dos "bichos", promovida pela Federação Acadêmica desta capital, encheu de vida, de animação e de alegria a linda tarde de ontem.

Em homenagem a esse delicioso momento de humorismo que os estudantes nos proporcionaram, a rua da Praia esteve deveras buliçosa e ruidosa, a ela não faltou nem mesmo a graça de um punhado de lindas criaturas entregues, como sempre, à delícia mundana do *footing*.

Foi realmente uma nota pitoresca e interessante essa dos estudantes. A vida da cidade, nos seus mais momentosos aspectos, palpitou ontem no espírito e na inteligência da classe acadêmica.

Ela envolveu de chiste e de bom humor tudo que de mais sério anda a preocupar agora a atenção do público, desde a encantada Banda Municipal, que já está custando os olhos da cara do município (se é que o município tem cara), até a uniformização das passagens dos bondes para 300 réis. Nada escapou à crítica da nossa brilhante classe acadêmica. Foi realmente um sucesso esse desfilarmos de quadros, todos eles espirituosos, vivos e palpitantes, feitos com verdadeira graça.

Em companhia de Raul Pilla, tivemos o prazer de ser convidados por uma comissão representando a Federação Acadêmica, para opinar sobre o estudante que se apresentasse com mais originalidade no

originalíssimo préstito de sábado. A nossa opinião não vacila: aquele infeliz mutilado da Força e Luz merece, sem dúvida, o primeiro prêmio.

Ele sintetizou admiravelmente toda a legião de vítimas da nossa companhia de bondes...

*28 de abril de 1926*

A Companhia Leopoldo Fróes<sup>35</sup> está proporcionando boas noites ao público de Porto Alegre. As enchentes<sup>36</sup> se sucedem umas após as outras, sempre com o mesmo entusiasmo para o público e com o mesmo sucesso para os artistas. Nem era de se esperar outra coisa dum conjunto de atores em que se sobressai com bastante brilho essa distinta figura de comediante que é Leopoldo Fróes. Artista consagrado pelas plateias mais exigentes do país e do estrangeiro, o nome do ilustre ator patricio está hoje indelevelmente ligado ao teatro nacional, pelo muito que ele tem feito em seu abono, ensaiando e representando peças de autores nossos.

No repertório com que Leopoldo Fróes se apresenta mais uma vez aos merecidos aplausos do público desta capital, figuram vários originais brasileiros. Isso mostra o grande interesse que aquele artista tem pelo nosso teatro, procurando tornar conhecidos, não só aqui como no estrangeiro – e disso tivemos a prova com sua recente temporada em Buenos Aires – os trabalhos dos nossos principais comediógrafos.

Infelizmente, o conjunto artístico que ora nos visita com tão grande sucesso ainda não pode deixar de todo o teatro estrangeiro, a fina e delicada comédia francesa.

É que as peças nacionais – pelo menos as que por aqui têm sido representadas – são muito pouco limpas de linguagem. Em quase

<sup>35</sup> Leopoldo Fróes (1892-1932): ator de teatro e cinema, dramaturgo, compositor e intérprete.

<sup>36</sup> Enchente: chegada de um número excepcional de pessoas em um dado ambiente.

todas elas, predomina o baixo calão das revistas de gênero livre. Não raro a pornografia maldisfarçada faz praça de princípio a fim nesses trabalhos. O próprio "Pulo do gato" de Batista Júnior<sup>37</sup>, não escapa à regra geral. Se tem alguma coisa de apreciável nas últimas cenas do terceiro ato, isso mais se deve aos artistas que o representam do que ao próprio autor. As duas primeiras partes daquela comédia (primeiro e segundo atos) são escritos numa linguagem chocante. É claro que, entre esse teatro chulo e baixo que aí anda com o nome de "teatro nacional" e o outro, o estrangeiro – a fina, a delicada, a sutil comédia francesa –, o nosso gosto não vacila: infelizmente é essa, por enquanto, a situação das nossas plateias cultas.

E é compreendendo isso que a Companhia Leopoldo Fróes mantém constantemente em cartaz as mais belas criações do teatro francês.

### *12 de maio de 1926*

– Mas, que inteligência! Que menina de talento!

Essa é a frase invariável de todas as noites do público que acode ao São Pedro, na atual temporada da Companhia Leopoldo Fróes.

Filha de um artista de mérito, ao lado de um grande artista consagrado, a senhorita Dulcina de Moraes<sup>38</sup> tinha, forçosamente, que realizar, com seu temperamento sensibilíssimo, a carreira triunfal que está realizando no palco brasileiro.

Realmente, é de vê-la e de admirá-la numa transmutação constante de papéis, dentro do seu porte juvenil e elegante. Rara é a peça em que não lhe cabe a responsabilidade cênica de um papel de importância. Como se multiplica, então, a sua

<sup>37</sup> *O pulo do gato* (1925): peça teatral escrita por José Armando Baptista Júnior (1894-1943).

<sup>38</sup> Dulcina de Moraes (1908-1996): filha dos atores Conchita e Átila de Moraes, atriz e diretora de teatro fluminense.

personalidade cheia de nervos e de vida! Todas as noites são figurilhas novas, personagens diversas da grande e variada galeria feminina que Dulcina de Moraes traz à ribalta, com o seu atilado poder de observação e de interpretação, animando-as com o sopro maravilhoso de sua arte.

Não é muito comum nas nossas comediantes a exata intuição psicológica das figuras. Mais rara é, ainda, essa intuição em se tratando de uma artista para quem a vida mal se desabotoa, cuja mocidade não se completou, e que, talvez, nem mesmo atinja, ainda, os vinte anos de existência.

Pois, Dulcina de Moraes, no seu curto contato com as responsabilidades do teatro, já está senhora de todos os seus segredos e, aos olhos do público que a admira com justiça, ela nos vai mostrando um punhado de algumas femininas agitadas, à maneira de ser de cada uma, pelo seu "eu" psicológico íntimo, pessoal.

Se, aos vinte anos, apenas com alguns meses de palco, Dulcina de Moraes já é assim, o que não será, então, esse admirável temperamento artístico daqui a alguns anos mais?

Pelo que hoje nos mostra, ainda muito dela temos a esperar.

### *28 de maio de 1926*

O ano atual não tem sido dos piores para Porto Alegre, em relação às temporadas teatrais.

Se não tivemos temporada de grandes companhias, de conjuntos de primeira ordem, tivemo-las, entretanto, à altura das exigências de uma capital de província, relativamente pequena e, além de tudo, sem possuir um teatro com os requisitos exigidos para um teatro moderno.

Mesmo assim, não tem corrido mal o ano, repetimos, em relação a esse gênero de diversões. Agora mesmo, despediu-se do nosso público a Companhia de Comédia Leopoldo Fróes, depois de mais de

um mês de atuação no nosso velho São Pedro, atuação essa coroada do mais feliz resultado material.

Outras companhias estão se preparando para, ainda este ano, trabalharem nesta capital. Por sua vez, o ilustre comissário do Teatro São Pedro tem envidado todos os esforços para que Porto Alegre possa ouvir, dentro em breve, uma das excelentes companhias líricas que estão atualmente no Rio e São Paulo<sup>39</sup>.

Havendo já uma verba de 30 contos concedida pela municipalidade como auxílio para uma companhia lírica de primeira ordem que desejar fazer uma temporada nesta capital, fácil se torna, portanto, promover a vinda de qualquer uma das duas companhias acima referidas, pois, ao que sabemos, ambas estão interessadas em vir a Porto Alegre, tudo dependendo apenas das garantias que o nosso teatro oficial possa oferecer para êxito da temporada.

Tudo, agora, depende da boa vontade do poder municipal em determinar o respectivo auxílio à companhia que julgar estar em melhores condições de conjunto. Ao que sabemos, ambas são boas, tanto a que está no Rio como a que está em São Paulo.

A questão toda, a questão principal, é que venha uma delas.

### *8 de junho de 1926*

Junho não entrou com toda cara para nós, aqui da capital. Desde o dia primeiro, com grave desrespeito à presença, em Porto Alegre,

---

<sup>39</sup> No Rio de Janeiro, a temporada lírica oficial do Teatro Municipal trouxe, em 1926, o maestro e diretor Edoardo Vitale, enquanto o Teatro Lírico contratou a companhia de Ottavio Scotto. Em São Paulo, a Sociedade Anônima de Teatro Ítalo-Brasileiro, do empresário Walter Mocchi, que contava com a subvenção municipal, trouxe o maestro Luigi Ricci. Em ambas as cidades, a principal estrela foi a soprano brasileira Bidu Sayão. *In*: ARTES e artistas. **O Paiz**, Rio de Janeiro, ano XLII, n. 15264, p. 5, 5 ago. 1926; A TEMPORADA do Municipal em 1926. **Correio Paulistano**, São Paulo, ano LXXIII, n. 22516, p. 6, 31 mar. 1926..

do futuro presidente da República,<sup>40</sup> que o tempo vem se mostrando com atitudes ameaçadoras, que terminam, quase sempre, em chuvas torrenciais.

Dizem os antigos (coisas de "passadistas" impenitentes!...) que hoje até o tempo está mudando...

Antigamente não era assim. Junho, então, deslizava sereno e frio, com noites límpidas, de luar, e manhãs brancas de geada.

Porto Alegre de outros tempos tinha por este mês a mais decidida simpatia.

A cidade, naturalmente, demonstrava com isso o seu amor às belas noitadas que junho sabia proporcionar aos habitantes desta capital, sempre pronta a se divertir, demonstrando assim em tudo o seu risonho nome de Porto Alegre.

Como sabemos, junho é o mês dos festejos populares. As noites de São João, São Pedro e Santo Antônio (o popular tenente-coronel da côngrua<sup>41</sup> brasileira) eram então as noites da mais ruidosa alegria que tínhamos durante o ano, incomparavelmente superior aos fogos, ao pinhão e ao amendoim torrado da festa do Espírito Santo.

Esta, como aqueles festejos, foi pouco a pouco desaparecendo dos hábitos e costumes da cidade.

Do passado nada mais resta senão a saudade, sentimento esse também condenado por Marinetti<sup>42</sup> e por mais dois ou três candida-

<sup>40</sup> Washington Luís (1869-1957): eleito presidente da República em 1º de março de 1926, tomou posse em 15 de novembro daquele ano.

<sup>41</sup> Côngrua: pagamento recebido pelos sacerdotes católicos. O texto faz referência ao fato de que D. João VI nomeou Santo Antônio como tenente-coronel do exército, em 1808. Seus soldos eram recebidos pela Igreja. Em 1910, durante a presidência de Hermes da Fonseca, o ministro Emídio Dantas Barreto decretou sua reforma. In: SANTOS, Rafael Brondani dos. **Martelo dos Hereses**: Militarização e politização de Santo Antônio no Brasil colonial. 2006. 160 p. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: [https://www.historia.uff.br/stricto/teses/Dissert-2006\\_SANTOS\\_Rafael\\_Brondani\\_dos-S.pdf](https://www.historia.uff.br/stricto/teses/Dissert-2006_SANTOS_Rafael_Brondani_dos-S.pdf). Acesso em: 12 abr. 2020.

<sup>42</sup> Filippo Marinetti (1876-1909): fundador e ideólogo do Futurismo.

tos à casa em que o eminente professor Juliano Moreira<sup>43</sup> costuma realizar os seus estudos...

Tudo isso, porém, está certo. Porto Alegre de outros tempos desapareceu, com exceção do Forno de Lixo, da Caixa d'Água, do trenzinho da Tristeza<sup>44</sup> e de tudo mais que ainda está por se fazer aqui.

### *11 de junho de 1926*

O cronista musical desta folha, ao fazer a sua crítica sobre o belo concerto da cantora Yann Dornah<sup>45</sup>, realizado terça-feira última no Teatro São Pedro, não pôde esconder a sua justa revolta ante a maneira grosseira com que se portou a galeria daquele teatro (aliás, o teatro oficial desta capital), não só perturbando o recital com pihérias estúpidas, como atirando ditos idiotas, do mais baixo calão, contra a assistência da plateia.

Tudo isso, afirmou o ilustre cronista, partiu do fato de alguém ter tido "a triste ideia de franquear as galerias do teatro a uma corja de rapazes mal-educados, cujo procedimento foi, durante o concerto, dos mais justamente reprováveis".

É de lamentar que esses dolorosos atestados de ignorância, de falta de educação e de civilidade partam quase sempre de quem recebe entradas de favor, de quem tinha por dever, ao menos naquele local, aparentar um pouquinho de compostura pessoal. É um velho

<sup>43</sup> Juliano Moreira (1873-1932): médico psiquiatra nascido em Salvador.

<sup>44</sup> Trenzinho da Tristeza: veículo de transporte ferroviário que circulou em Porto Alegre do final de 1899 a 1941. A estrada de ferro do Riacho à Tristeza foi construída pela Intendência Municipal para conduzir os cubos que continham o esgoto cloacal da cidade até a Ponta do Dionísio, mas já a partir de 1900 essa estrada passou a ser utilizada para o transporte de passageiros até a Zona Sul. In: MACHADO, Janete da Rocha. História da via férrea na zona sul de Porto Alegre. *Oficina do Historiador*, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 78-91, 2010.

<sup>45</sup> Yann Dornah: cantora lírica, vencedora do primeiro prêmio do Conservatório de Paris. Apresentou-se com o acompanhamento de Radamés Gnatalli, do pianista Luciano Sgrizzi e do flautista Victor Vianna Guedes.

hábito que, para vergonha nossa, impera nas galerias daquele teatro em noites de espetáculo.

Não se trata de vaias ao bom ou ao mau trabalho apresentado pelos artistas em cena; trata-se de coisa pior: trata-se de grosseiras e estúpidas pilhérias contra as pessoas que estão na plateia ou que para esta se dirigem.

Aquele recinto, que já devia servir de amostra da nossa cultura, lembra, pelo contrário, em noites como a de terça-feira, um perfeito circo de cavalinhos.

Tudo isso é simplesmente vergonhoso.

Se se tratasse de uma vaia contra um explorador à altura de Marinetti<sup>46</sup>, que veio fazer a América no Brasil, para depois rir-se à nossa custa, ainda vá lá. O que, porém, não se justifica é que essas constantes impertinências e grosserias sejam feitas contra artistas dignos do nosso respeito e, na maioria das vezes, contra a própria plateia.

Está para vir agora a Porto Alegre uma companhia lírica de primeira ordem.

É de bom aviso, no próprio interesse da empresa que vai trazer a referida companhia, que a esforçada direção do Teatro São Pedro vá, desde já, tomando todas as necessárias providências no sentido de evitar que se repitam as cenas vergonhosas que já fizeram hábito nas galerias daquele centro de diversão. Assim, seus frequentadores não se verão na contingência de abandonar o teatro, como tantas vezes tem acontecido. Se julgar conveniente, deve mesmo a empresa acabar com as entradas de favor nas galerias.

---

<sup>46</sup> Filippo Tommaso Marinetti (1876-1944) era conhecido no Brasil por seu "Manifesto Futurista", lançado em 1909. Em sua primeira visita ao Brasil, no ano de 1926, esteve no Rio de Janeiro, em São Paulo e em Santos. Apesar da expectativa inicial, suas *performances* foram, em geral, muito malsucedidas em função dos protestos do público, direcionados principalmente ao seu engajamento no regime fascista italiano. In: BARROS, Orlando de. **O pai do futurismo no país do futuro**: as viagens de Marinetti ao Brasil em 1926 e 1936. Rio de Janeiro: E-papers, 2010.

É preciso que se saiba que as contínuas grosserias que ali se ouve não partem de quem paga a sua entrada e que, portanto, lá vai para gozar uma hora de arte neste ou naquele gênero; partem exatamente dos que entram de favor, dos que escolhem aquele local distinto para melhor revelar toda a sua falta de educação e de civilidade.

*16 de junho de 1926*

É cada vez mais delicada a situação da nossa capital em face da enorme atividade dos gatunos.

Não sabemos o que pensa a respeito a polícia; ignoramos se ela se sente envergonhada ou não, diante do prodigioso movimento rapináceo que dia e noite se vai observando por todos os pontos de Porto Alegre.

É provável que ela não pense coisa nenhuma sobre tudo isso; é provável mesmo que ela, consultando os botões do seu capote e o lado grosso do seu pauzinho (nome que substitui vantajosamente o de cassetete), acabe por concluir da seguinte forma:

– Ora, o Intendente que gasta mais de 300 contos numa banda de música batuta (que, aliás, tem uma batuta de primeira) é porque entendeu que a cidade não precisa de polícia. Os poucos que tem dão de sobra para "contentá o pessoá do surripio... Aqui comigo é nove... Se a negrada é muita eu abro o arco! Não sou de violências..."

O policial naturalmente chegou às conclusões, embora em seu próprio prejuízo material, de que a música é muito mais útil do que a polícia, e certamente não daria por perdido o seu tempo e os altos deveres de sua profissão, se, em lugar de estar vigiando a capital infestada de gatunos, estivesse a ouvir boa música de graça, ouvindo principalmente a grande banda musical que iniciará suas retretas ao ar livre logo que a Intendência fizer uma praça especialmente para ela!...

Não há dúvida que tudo isso está muito certo. Entre a música e a polícia, a música é muito mais agradável. Só o é, porém, em terra onde não haja a grossa roubalheira que há em Porto Alegre. Música aqui, com tantos gatunos, até parece ironia às dezenas e centenas de vítimas da ladroagem impune.

É música de consolação...

*19 de junho de 1926*

Está por poucos dias a inauguração da temporada lírica oficial do nosso velho Teatro São Pedro.

Segundo as referências feitas pela imprensa do Rio e de São Paulo, esta capital vai ter ocasião de ouvir um conjunto artístico de primeira ordem.

Depois da temporada da Companhia Galli-Curci<sup>47</sup>, Porto Alegre não teve oportunidade de gozar outra temporada que igualasse aquela em beleza de vozes e homogeneidade de conjunto.

A Companhia que está agora por vir vai, portanto, satisfazer uma velha aspiração da sociedade desta capital, que há tantos anos não goza de uma boa Companhia.

Embora com a liberdade que terá o público de ir ao teatro como bem lhe parecer (mesmo em se tratando de uma temporada oficial), não será difícil, em noites em que o desejo dos que ali vão para ouvir e gozar as delícias da boa música se misturar com o mais puro exibicionismo, apreciarmos as galas das mais ricas toaletes, tornando-se, assim, aquele recinto uma verdadeira feira de vaidades.

Tudo isso é fruto natural do próprio ambiente convidativo e tentador. Quem possui belos e finos vestidos e bem talhada casaca não vai naturalmente deixá-los em casa ao cuidado da traça e do

---

<sup>47</sup> Amelita Galli-Curci (1882-1963): soprano italiana.

mofo para exibir-se inferiormente nessas *soirées*<sup>48</sup> criadas mais para satisfazer as vaias e os caprichos da moda do que para as sensações auditivas dos que vêm se deliciar com um trecho da *Manon* ou com uma ária do *Trovador* ou da *Tosca*.

Seja lá como for, o fato é que vamos ter, depois de um hiato de tantos anos, uma temporada lírica de verdade, que naturalmente compensará o público do elevado preço que vai custar cada poltrona ou cada camarote.

E não pode ser por menos. A insignificância do recinto de São Pedro é, nesse sentido, a maior inimiga do público e das companhias, e assim será enquanto não tivermos um teatro em condições que satisfaça todas as exigências de lotação.

### *26 de junho de 1926*

Para se ter uma ideia de que de fato morreram os velhos e tradicionais festejos populares em honra dos três veneráveis santos de junho, basta dizer que a véspera, o dia e a noite de São João foram de um calor intenso!

Isso até parece "futurismo"... Quem por aí terá lembrança de ter visto semelhante coisa?

A véspera de São João é, de ordinário, a noite mais fria do ano. Em alguns pontos, na passagem dessa longa noite criadora de beleza e de mistério, a neve cai lentamente das alturas; as geadas cobrem de branco os caminhos; os cabelos das avozinhas pobres e transidas ficam mais alvos que o linho, enfarinhados de gelo, lembrando assim figuras doloridas de um quadro de miséria. A poesia misteriosa dessas horas de sonho enche de encanto a alma das crianças, anima de alegria a tristeza dos velhos que vivem e sentem o passado para

---

<sup>48</sup> *Soirée*: do francês, reunião social, cultural ou artística que ocorre à noite.

sempre perdido – o passado que não volta mais. No doce olhar dos rapazes e das moças (devemos advertir que estamos escrevendo em relação às moças e rapazes do nosso tempo) vive a deliciosa chama da felicidade que se busca. Tudo é assim, belo e vidente, nas noites de São João, saudosas noites dos "pistolões"<sup>49</sup> e das "sortes", das "sortes" que se tiram para se ler o destino incerto, ora numa simples carta de baralho, ora numa bacia de água clara (sem alusão à água de Porto Alegre), ora na palma da mão da criatura bem-amada...

E, para atenuar o frio cortante da noite, as fogueiras crepitam pelos pátios e quintais, à frente do casario em festa ou em plena rua. É um fogo vivo, mas tão amável que nem chega a queimar as plantas dos pés das crianças que o desafiam, pulando por cima, por ocasião de suas danças de "anda-roda".

Tudo isso desapareceu agora, com essa temperatura senegalesca que tivemos até ontem à tarde.

Fogueiras em noite de calor... Até parece coisa do Sr. Marinetti.

### 7 de julho de 1926

Aos *habitués*<sup>50</sup> do Teatro São Pedro não tem passado despercebida a maneira correta e digna com que se têm portado as galerias daquele centro de diversões na atual temporada da Companhia Lírica Italiana.

Parece que os frequentadores das "torrinhas" compreenderam, em tempo, o quanto era desagradável a sua atitude por ocasião das noites de espetáculo. Pior do que o circo de cavalinhas, aquele local dava a impressão de uma verdadeira cavalaria, tal a algazarra e o calão grosseiro que ali se ouviam durante os intervalos, quando não verdadeiros impropérios atirados contra os frequentadores da plateia.

<sup>49</sup> Pistolões: fogos de artifício.

<sup>50</sup> *Habitué*: frequentador constante de certo lugar.

Tantas e tantas grosserias repetidas só vinham em desabono das próprias pessoas que as proferiam, dando de si um flagrante atestado de falta de educação.

Agora, felizmente, nada disso se tem observado. Nota-se mesmo um profundo respeito lá em cima, um religioso silêncio no decorrer das representações, que só virá em abono da própria cultura do público das galerias, que sabe conduzir-se com elevada educação e distinção.

Essa tem sido a nossa impressão na atual temporada da Companhia Lírica.

Todo o nosso desejo é que essa atitude constitua, de fato, um hábito, que só nos poderá elevar no conceito de quem quer que seja.

Os que, nestas últimas noites, têm ido ao São Pedro são unânimes em constatar essa honrosa mudança quanto ao comportamento das "torrinhas".

Os poucos senões ali, agora observados, dizem respeito apenas aos retardatários da plateia, que, ao tomarem os seus lugares, o fazem com censurável ruído, incomodando os demais espectadores, obrigando-os a interromperem a sua atenção, a fim de darem passagem ao impertinente da mesma fila.

O mais, lá dentro, tem corrido muito bem. Apenas a corneta vizinha não se descuida em perturbar o espetáculo, a uma certa hora, com sua "cacete" e estridente pontualidade.<sup>51</sup>

Até a luz tem andado muito bem. Não se tem apagado... Parece até que temos de novo aqui a visita do Dr. Washington...

É que os nossos "moleques", além de invisíveis, são muito educados...<sup>52</sup>

---

<sup>51</sup> O autor refere-se, provavelmente, ao toque de recolher, dado às 22h pelo Quartel General do Exército (localizado entre as ruas General Canabarro e dos Andradas) e pelo Quartel General da Brigada Militar (localizado na rua dos Andradas).

<sup>52</sup> O cronista se refere, no caso, aos constantes cortes no fornecimento de luz atribuídos pela Companhia Energia Elétrica Rio-Grandense, segundo a crônica de 18 de julho de 1926, às travessuras de "moleques".

*11 de julho de 1926*

Seria rematada injustiça se, depois de mais de uma quinzena inteira de sombras e de chuvas, não registrássemos aqui o belíssimo sábado que ontem tivemos, dia luminoso de sol, de azul e de mulheres, de fascinação irresistível por todos os recantos da cidade, por todo esse maravilhoso conjunto de paisagens que nos circundam com prodigiosa abundância.

Durante todo o dia, notadamente à tarde, a luz intensa do sol era como um grande ofertório da natureza às prodigalidades da vida, na multiplicidade dos seus aspectos.

Por isso, uma onda de povo espalhou-se pelas ruas, pelos passeios, pelos arrabaldes, pelos pontos mais atraentes da cidade, gozando essa rara delícia da natureza em festa.

Ontem foi, de fato, um dos sábados de maior animação que tivemos no decorrer deste multiplicadíssimo inverno. Por toda parte se via gente espalhando alegria e animação através da cidade.

Maior foi a uma certa hora o movimento, principalmente na praça da Alfândega.

É que, depois de mais de um ano de organização, se fez ouvir, na praça pública, pela primeira vez, a caríssima Banda Municipal, que felizmente ainda veio em tempo para suavizar os munícipes de Porto Alegre do extraordinário aumento de impostos com que foram brindados no anterior e no atual exercício financeiro...

Por certo valeu a pena o brinde. A Banda é, de fato, um presente régio do município. Faz gosto ouvi-la, pela sua beleza de conjunto, pela magnífica escolha de seus programas de execução e pelo cunho altamente artístico que lhe foi dado.

E, para completar todo o maravilhoso e harmonioso conjunto do dia de ontem, a tarde não se quis despedir sem encher a nossa rua elegante de uma infinidade de criaturas encantadoras, como sempre, irresistíveis no olhar e no sorriso – as duas artimanhas mais perigosas da mulher realmente bela.

13 de julho de 1926

– O público de Porto Alegre parece que não sabe aplaudir!

Isso nos dizia domingo, no Teatro São Pedro, um dos nossos autorizados críticos musicais, cujo nome propositadamente omitimos.

Aquela referência surgiu em relação à frieza com que o público assistiu à segunda representação da *Traviata*<sup>53</sup>, cantada com brilho pela companhia lírica que ora faz temporada nesta capital.

O desempenho, quer no canto, quer na dramatização, dado pela senhora Saraceni<sup>54</sup> à principal personagem da velha e querida ópera de Verdi foi um dos mais completos e impressionantes que aqui tivemos.

Mesmo assim, o auditório conservou-se sob uma temperatura glacial. Poucas palmas, no final de cada ato. Às vezes, porém, uma parte do auditório tentava manifestar os seus aplausos. Mas logo esses eram reprimidos pelos "psiu!", "psiu!", que surgiam de todos os cantos do teatro.

Os senhores do "psiu!" ignoram como certamente se assiste a uma peça lírica que vai de princípio a fim agradando extraordinariamente o público.

É claro que não se deve interromper o artista quando ele está em plena intensidade do canto, quer num solo, numa *romanza*, ou mesmo num dueto, porque assim prejudicaria a própria atenção do auditório, prejudicando, também, os cantores. Mas, terminada a cena e se esta agradou ao público, como no caso foram as principais cenas da *Traviata*, este deve aplaudir com o entusiasmo de que está possuído. Nessa, como em quase todas as óperas, há as necessárias pausas, um certo intervalo de parada que é exatamente para o espectador aplaudir, se assim lhe aprouver, sem que isso perturbe de modo algum o seguimento da representação.

<sup>53</sup> *La Traviata* (1853): ópera de Giuseppe Verdi (1813-1901).

<sup>54</sup> Adelaide Saraceni (1895-1995): cantora lírica argentina radicada na Itália.

Já vêm os senhores do "psiu!", que estão cometendo verdadeiras gafes censurando por meio do chiado interjetivo as pessoas que desejam manifestar o seu agrado.

Aqui registramos gratuitamente a observação àqueles que, se não gostarem de dar suas palmas a quem tão justamente as merece, não devem, entretanto, evitar que os demais o façam.

Quem fica prejudicado com essa maneira pretensiosa de ouvir ópera é o artista, que deixa de ser aplaudido, sentindo-se naturalmente chocado diante de uma frieza tão inexplicável.

### *5 de agosto de 1926*

Como se não bastassem as árvores que já foram destruídas nas poucas praças públicas da cidade, a começar pelas praças Harmonia e General Osório<sup>55</sup> (Alto da Bronze), sem contar as que foram derubadas com o recente estreitamento da praça 15 de Novembro, estamos agora ameaçados de uma nova destruição, que desta vez será na popular e querida praça da Alfândega.

É o caso que a Intendência Municipal, segundo ouvimos, pretende fazer ali um pavilhão especial e definitivo para as retretas da Banda Municipal, há pouco organizada pela mesma municipalidade. Para isso, será desobstruído de árvores e canteiros o necessário espaço, onde tal construção será feita.

Essa é a recente informação que nos chega a respeito do complicado assunto da banda, cujos sons harmoniosos já se têm espalhado em horas matinais naquele movimentado logradouro porto-alegrense.

Tudo era de se esperar da excelente filarmônica, que tão caro custou e continua custando à bolsa da população, menos que ela

---

<sup>55</sup> Praça General Osório: praça situada entre as ruas Duque de Caxias, Coronel Fernando Machado e General Portinho, no Centro Histórico.

fosse capaz de cooperar com tamanha eficiência com a destruição das nossas árvores.

É o que se vai dar agora, a ser verdadeira a notícia que acabamos de receber.

De nossa parte, temos a assinalar as dificuldades em que nos encontramos para um cotejo de forças entre a música e a árvore. Se aquela educa o espírito e aprimora os sentimentos humanos, por sua vez, a árvore também o faz, com vantagens idênticas para os que querem ler e compreender a vida no livro da natureza. Uma nos transmite o som e a harmonia; a outra nos dá os perfumes e os encantos do mundo vegetal. Se a música povoa de beleza o nosso espírito, a árvore dá sombra ao corpo, para que este possa proteger melhor o espírito, que é a sua essência, a sua própria vitalidade.

Destruir uma em nome da outra não nos parece de bom ou de atilado aviso, principalmente neste deserto senegalesco que é a nossa capital nos meses tórridos de verão.

A municipalidade muito pode fazer em prol da sua caríssima filarmônica sem bulir com as nossas poucas árvores amigas, que não fazem mal a ninguém.

Ela que deixe o projeto do coreto definitivo para quando o projetado parque da Várzea estiver pronto.

Lá, sim, será o seu lugar verdadeiro. O atual "provisório" da praça da Alfândega vai dando bom resultado.

Para que mais?

*8 de agosto de 1926*

A chegada dos aviadores argentinos<sup>56</sup> ao Rio Grande foi, antontem, ontem, e será ainda hoje, o assunto obrigatório da cidade.

---

<sup>56</sup> Eduardo Olivero, Bernardo Duggan e Ernesto Campanelli: aviadores argentinos que empreenderam o voo Nova York-Buenos Aires. Na época, qualquer voo que ultrapassasse as

Todas as rodas de conversa têm girado sempre em torno do mesmo episódio, do mesmo acidentado *raid* Nova York-Buenos Aires que os intrépidos ases vão levando a termo, não sem passarem por inúmeros sobressaltos e dificuldades.

O primeiro contratempo perigoso foi a aterrissagem na ilha de Maracá, onde os salvou a tenacidade e a perícia de Josino Cardoso<sup>57</sup>, o hoje já glorificado pescador paraense. Agora, o nevoeiro da costa rio-grandense obriga os aviadores a ficar três dias completamente ignorados, quase sumidos na lagoa Sumideira.

Diante da completa falta de notícias nesta capital, os comentários e opiniões, como era natural, fervilharam à vontade.

- Estão perdidos!
- Caíram na costa.
- Morreram!
- Não morreram!
- Devem estar em Mostardas<sup>58</sup>.
- Correm perigo.
- Os tubarões de Torres...
- Não há de ser nada.
- Que "peso"!... Logo agora no fim.

Com a notícia de haver tubarões em Torres, alguém que fazia roda ao nosso lado explicou que neste tempo nada há a temer ali. O perigo dos tubarões – adiantou o informante – é na época dos banhos...

Assim, tivemos, durante três dias, nesta capital, as suposições mais desagradáveis, as mais descontraídas.

---

cercanias do centro de aviação de origem era chamado de *raid*.

<sup>57</sup> Josino Cardoso: pescador que, a bordo da embarcação Juruna, resgatou os aviadores Olivero, Duggan e Campanelli quando sua aeronave aterrissou por falta de combustível no interior do Pará, em julho de 1926.

<sup>58</sup> Mostardas: cidade do interior do Rio Grande do Sul, localizada entre a lagoa dos Patos e o litoral.

A maioria concordava em que os aviadores estavam completamente perdidos; muito poucos nutriam esperanças de vê-los salvos, singrando de novo as alturas com as asas gloriosas do seu aparelho.

O mais interessante em tudo isso é que, durante os longos dias em que estivemos sem a menor notícia a respeito, vieram abaixo todos os mapas do Rio Grande do Sul; fizeram-se profundos estudos geográficos. A região de Torres até Conceição, a costa de Mostardas até Palmares, a lagoa dos Patos, os areais da zona do Estreito<sup>59</sup>, tudo isso, enfim, foi palmilhado a dedo, milímetro por milímetro, na nossa cartografia abundante...

Tudo se devassou sem o menor resultado. Alguém houve que, julgando que os aviadores haviam passado pelo Rio Grande, à noite, se tocou pelo Cassino afora, até os extremos do Albardão<sup>60</sup>...

Daqui também saíram várias pessoas dedicadas em procura dos náufragos do ar. Tudo sem o menor resultado.

O nosso amigo José Jerônimo Monteiro de Albuquerque quis também "bancar" o Josino, mas voltou desolado de Canoas, por se ter seu automóvel atolado no caminho.

– Tudo por causa das estradas... As estradas, meu amigo, as estradas são uma miséria.

E, por causa das estradas, o nosso amigo José Jerônimo escapou de ser o glorioso Josino dos pampas...

### *10 de outubro de 1926*

No momento em que o mundo católico desta capital está comemorando o sétimo centenário da morte de São Francisco, o divino

---

<sup>59</sup> Torres é uma cidade do Rio Grande do Sul. Já o território da antiga vila de Conceição do Arroio atualmente pertence ao município de Osório. Palmares era um distrito da vila de Conceição, e hoje a região corresponde ao município de Palmares do Sul. Por fim, a zona do Estreito é uma provável referência à faixa de terra localizada entre a lagoa dos Patos e o litoral gaúcho.

<sup>60</sup> A praia do Cassino pertence ao município de Rio Grande, e lá está localizado o farol do Albardão.

*poverello* de Assis<sup>61</sup>, um grupo de "valentinas"<sup>62</sup> levianas, mais leves *qual piuma al vento*<sup>63</sup>, sem outra preocupação que não a preocupação do ridículo que teria fatalmente que cair sobre suas graciosas cabecinhas vazias, resolveu mandar rezar missa ontem, na Igreja do Rosário, em memória de Rodolfo Valentino<sup>64</sup>...

Esse artista de cinema, elas apenas o conheciam na tela. Com ele não tiveram outro contato senão em sonhos... Bastou naturalmente isso para se compreender a razão da homenagem prestada nesta capital ao bem-amado de lábios ardentes...

Não podia ser mais expressiva essa manifestação ultrarromântica.

Felizmente, os nossos estudantes, num momento de bom humor, encarregaram-se da merecida represália. Assim é que, ontem, pela manhã, quando elas, cheias de olheiras, em lamentáveis atitudes, com tremuras no corpo, saíram da igreja onde choraram à vontade ou assim fingiram, tiveram uma surpresa que foi, afinal, uma verdadeira lição. Era o choro dos estudantes que, postados no adro da igreja, acompanhavam a saída de cada "viuvinha", formando um verdadeiro berreiro, entrecortado de lamentações. Daí a momentos, eram crises, ataques e chiliques, o que obrigou a polícia a levar algumas para casa.

Belíssima cena para uma fita cinematográfica, desta vez sem Rodolfo Valentino...

Que a lição de ontem aproveite àquelas que ainda se podem corrigir desses lamentáveis estados d'alma.

Afinal, bem pensando tudo, elas são menos culpadas que os pais. Estes é que não deviam permitir, de modo algum, que suas filhas, vítimas não só do meio, mas de uma absoluta falta de educação,

<sup>61</sup> *Il poverello d'Assisi*: em italiano, o pobre de Assis. Alcinha atribuída a São Francisco de Assis em razão de sua pobreza voluntária.

<sup>62</sup> Valentinas: fãs do ator de cinema Rodolfo Valentino.

<sup>63</sup> "*La donna è mobile qual piuma al vento*": "A mulher é volúvel como pluma ao vento" (tradução livre). Verso da ária do terceiro ato da ópera *Rigoletto* (1851), de Giuseppe Verdi (1813-1901).

<sup>64</sup> Rodolfo Valentino (1895-1926): ator de cinema italiano radicado nos Estados Unidos.

sem a menor consciência dos deveres inerentes à delicadeza do seu sexo, venham se intoxicando dia a dia, com esses venenos modernos.

Felizmente, para honra nossa, não foi a culpa da mulher porto-alegrense que tomou parte nesse estranho caso. Foi meia dúzia, apenas, de verdadeiras "valentinas"...

### *12 de outubro de 1926*

A nossa população tem sabido, felizmente, aproveitar os raros dias bonitos que temos tido nesta chuvosa entrada de primavera.

Realmente, é para não se perder a oportunidade, toda vez que com esta se depara. Por isso mesmo, o domingo de anteontem foi tão atraente e tão belo, tão animado e tão cheio de vida. A cidade inteira quis viver fartamente as supremas horas dessa dádiva de sol e de maravilhoso céu azul, enchendo as nossas ruas, de manhã, à tarde e à noite, de uma animação fora do comum, de um movimento realmente desusado.

É fora de dúvida que o dia muito contribuiu para isso. Mas manda a verdade que se diga que não devemos só a ele todo esse conjunto de circunstâncias que emprestou tão excepcionais qualidades de domingo. Outros fatores revigoraram a sua graça e imprimiram maior esplendor às galas com que ele se apresentou. De manhã até as três horas da tarde, predominou o culto religioso, o culto da missa e o culto, também sagrado, pelas lindas mulheres que foram à missa, pelas belas criaturas que acompanharam a procissão de São Francisco, rezando pelo santo e pelos homens...

Depois dessa hora, iniciou-se, com muito mais fervor do que o outro, o culto desportivo, o entusiasmo pelo futebol. Ia começar a torcida... Eram homens, mulheres e crianças, com o pensamento voltado lá para São Paulo, para o campo da grande pugna, onde gaúchos e paulistas disputavam a vitória definitiva do campeonato.

Cada notícia que vinha, cada notícia afixada pelo placar da imprensa local, correspondia a uma vibração intensa da multidão que acompanhava, com maior interesse, todas as peripécias da luta, que lhe eram dadas a conhecer através dos telegramas que chegavam.

E assim, noite adentro, com a cidade faiscante de luz (por hipótese), sob a beleza do mesmo céu, agitada pela mesma animação intensa, a nossa torcida se foi prolongando, vibrante, harmônica, unânime, até que um derradeiro despacho matou, afinal, todas as esperanças, anunciando a vitória dos paulistas.

Nada, porém, de perdido em tudo isso. O povo de Porto Alegre teve mais uma vez a oportunidade de admitir o valor, a tenacidade e a coragem do galhardo quadro gaúcho.

### *13 de outubro de 1926*

Vai-se mudar da praça da Alfândega a Banda Municipal. A apreciada e afinada filarmônica vai, agora, deliciar os frequentadores da praça da Matriz, até que seja definitivamente instalada no futuro parque da Várzea.

A praça da Matriz presta-se muito mais que a da Alfândega para usufruir as delícias das magníficas retretas que a Banda, desde sua inauguração, vem proporcionando ao nosso público.

O intenso movimento de veículos ao redor daquela praça, principalmente o buzinar atordoador dos automóveis e o ruído estridente dos ferros velhos dos bondes, muito prejudicava os seus acordes.

Ocasões há em que mal se ouve, mesmo se estando próximo, a delicadeza de suas notas.

Na praça da Matriz não se dará isso. O local, pela sua situação, é muito mais apropriado do que o outro, com a vantagem de ter mais espaço para o público nele estacionar sem prejudicar os canteiros e as plantas do jardim.

A municipalidade já começou a remodelar a praça da Alfândega, que, como se sabe, está grandemente danificada. Manter a Banda ali seria prejudicar ainda mais o seu estado, dificultando todos os melhoramentos que nela se quiserem fazer. Julgamos, por isso, muito acertada a ideia de se tirar a Banda daquele acanhado local.

Além disso, seria muito egoísmo de vossa parte desejá-la sempre no mesmo ponto.

A nossa capital já é grande em população. Há outros pontos da cidade que merecem gozar também a régia dádiva caríssima...

Já aqui escrevemos que o futuro parque da Várzea deverá ser o seu lugar definitivo, sob todos os pontos de vista. Com isso, o futuro logradouro terá outra vida, outra animação, tornando-se, portanto, mais atraente.

Estamos agora informados de que a Intendência vai construir, ali, o coreto definitivo que pretendia levantar na praça da Alfândega.

Só louvores merece essa realização. Mesmo mudando de local, os apreciadores da bela filarmônica não serão, de modo algum, prejudicados. É uma mudança para melhor.

#### *4 de novembro de 1926*

Esta folha, no seu último número, criticou com absoluta justeza de termos a nova mutilação que vai sofrer o campo da Redenção. Desta vez, uma grande parte daquela admirável área, que todos desejavam ver transformada no mais belo parque da cidade, vai ser ocupada, segundo o projeto municipal, por uma enorme praça de desportos e outros jogos de diversão. Pelo tamanho desse complicado projeto, parece que pouca coisa vai ficar no referido logradouro. Aquilo ainda vai acabar em casario de madeira, em chalés e bugigangas várias, que muito pouco aproveitará a população de Porto Alegre. A atual administração, logo de início, já cometeu ali um verdadeiro delito. Não tendo habilidade para aproveitar o magnífico

e já desenvolvido renque de acácias, plantado pela administração anterior, resolveu meter o machado em tudo para dar outra forma à arborização e ajardinamento do local.

Agora se anuncia outra fatalidade mais terrível. A Intendência quer meter ali dentro mil e uma espécies de fantasias desportivas, esquecendo o melhoramento capital, que é a transformação daquele logradouro num parque, mas num verdadeiro parque, com abundância absoluta de flores, lagos e árvores, sobretudo. Já há de fato alguma coisa iniciada nesse sentido. Mas tudo isso é nada em comparação à área que a Intendência quer agora ocupar para a projetada praça de desportos. Se ela deseja fazer ali o mesmo que fez na praça General Osório, estamos bem arrumados...

O que entendemos por parque é coisa muito diferente. Na sua organização mais entram árvores do que canchas de jogos. Não somos de modo algum contrários à criação de uma seção de jogos infantis naquele logradouro. Até já lembramos isso há tempos, inclusive a construção de um coreto para a Banda Municipal. Mas a Intendência quer mais do que isso: quer meter dentro do campo da Redenção tudo o que é desporto, acabando por mutilar ainda mais a vasta e formosa área, onde se poderia facilmente criar um dos mais belos parques do Brasil.

Ainda temos esperanças de que a nossa municipalidade ponha de lado a ideia ora divulgada e acabe por fazer o que tanto desejavam os doadores<sup>65</sup> daquele local – um verdadeiro parque.

*14 de novembro de 1926*

Estão reservados para hoje e amanhã, se o tempo permitir, dois espetáculos inéditos para Porto Alegre.

---

<sup>65</sup> A doação da área conhecida como Várzea do Portão foi solicitada ao governador da capitania pela Câmara Municipal em 1807, para a construção de um logradouro público.

O primeiro relaciona-se com o *meeting* de aviação que terá lugar na várzea do Gravataí. Dois ou três aparelhos prometem fazer arriscadas provas aéreas, terminando com um número ultrassensacional: um salto de paraquedas realizado por uma mulher decidida nessas aventuras do alto.

É, como se vê, um programa excelente e que constitui para nós aqui uma grande novidade.

Isso vem quebrar um pouco a monotonia domingueira da nossa capital, notadamente nesta época de calor.

Para Porto Alegre, nenhum dia é tão intolerável como o domingo. Não se tem onde passar algumas horas esquecido um pouco da vida agitada cá do centro. Toda a tentação dos nossos arrabaldes desaparece por completo em face do martírio que sofremos em visitá-los. Não é preciso mais nada além de se apontar o deplorável estado das nossas estradas e caminhos, por onde a passagem de cada veículo levanta uma densa poeira sufocante que só cessa quando chove. Por isso, desaparecem todos os encantos e atrativos que os nossos subúrbios podiam oferecer.

A festa projetada para hoje em Gravataí vai, entretanto, constituir uma exceção, pela novidade do programa. A viagem até lá deixa de ser um passeio para se tornar um suplício. Basta se ter em conta a situação horrorosa das ruas em que vão dar aquele ponto da cidade. De bonde é uma tortura pela distância, de auto ou de ônibus é outra tortura pelo muito que esses veículos sofrem nos acidentes deploráveis da via pública.

Tudo isso, porém, desaparecerá em relação à original festa anunciada, ali, para hoje. Basta que os seus organizadores cumpram o programa traçado.

O mesmo esperamos que aconteça com a festa automobilística promovida para amanhã na estrada de Canoas.

A nosso ver, é a única estrada que sofrivelmente se presta para essa interessante prova.

É provável que a tentativa de agora abra caminho para se construir uma estrada em condições para corridas de automóveis. Local é que não falta. Aí estão inúmeros caminhos abandonados que, uma vez recompostos e conservados, podiam servir perfeitamente para as futuras festas automobilísticas de Porto Alegre, das quais a de hoje é apenas o início.

### *15 de dezembro de 1926*

Se não está oficialmente inaugurada, já está, pelo menos, grandemente frequentada a praça General Osório, o velho e tradicional Alto da Bronze, transformado, agora, pela municipalidade, em praça de desportos, em ponto de recreio da gurizada.

Já ali, todas as tardes, à hora em que os pardais em bandos chileiam, inquietos, por entre as árvores dos seus ninhos e dos seus amores, um bando ainda maior de crianças gárrulas e felizes procura aquele ponto amável para a delícia de seus folguedos.

É de vê-los na sua alegria doudejante, na disputa das barras e dos trapézios que ali vão, pouco a pouco, surgindo! Toda a vizinhança vibra em incontidos entusiasmos infantis. São dezenas e dezenas de crianças que se vão aproximando das atrações do local. Os que já estão na posse de um brinquedo resplendem em atitudes de triunfadores, enquanto outros, contando o tempo pelo vaivém de cada balanço ou pelo número de cabrioleios na barra fixa, esperam, impacientes, a sua vez.

Como se divertem e riem as crianças! A nova praça de desportos é, agora, para eles, o verdadeiro paraíso de felicidade. Quem não as invejará nessas deliciosas horas de folguedo intenso?

É a primeira vez que em Porto Alegre assistimos, numa praça pública, a espetáculo assim, verdadeiro *meeting* infantil, onde todos falam, onde todos se divertem.

Entretanto, esse ponto de diversão e de recreio nada é em comparação aos que a cidade precisa para dar vida, ânimo, ar e saúde à petizada.

Como por várias vezes já tivemos oportunidade de referir, aquele local é demasiado acanhado para praça de desportos. O que o nosso mundo infantil precisa é de um vasto parque perfeitamente apropriado para tal fim, em que haja, sobretudo, abundância de árvores e larga distribuição de brinquedos, como os há em todas as capitais adiantadas ou em todos os centros populosos.

Além de estar muito ao centro da cidade, a praça General Osório não se presta, devido às suas proporções insignificantes, sem o necessário espaço para as crianças correrem à vontade.

Entretanto, é uma iniciativa que merece louvores, tanto mais que Porto Alegre nunca cuidou desse problema. Certamente, com o tempo, teremos um local condigno, onde as crianças desta capital, fracas, anêmicas, desbotadas pela falta de exercício e de ar puro, possam, enfim, estar à vontade, cheias de alegria e saúde.

### *19 de dezembro de 1926*

Fim de ano.

Estes últimos dias de dezembro vão passando suavemente, realmente. O verão transcorre com uma temperatura branda e suave, que é uma verdadeira delícia. Isso, entretanto, não nos ilude. Amanhã ou depois teremos aí a canícula, para tornar insuportável a vida de Porto Alegre, pelo menos nestes meses mais intensos de calor, como são os meses de janeiro e fevereiro.

E é pensando naturalmente assim que grande número de pessoas começa a abandonar a cidade, em busca do delicioso refúgio das praias ou do veraneio tonificador da serra ou do campo, em busca quase sempre de um trecho amável da querência, onde a vida, de ordinário, é um poderoso tônico que anima e remoça os organismos combalidos. Quem, nesta lida constante de trabalho, em luta permanente pela vida, não deseja de bom grado fugir um ou dois meses ao labor permanente, à monotonia desta insípida capital, onde

agora, como sempre, só se fala em jogo, em politicagem, quando não pontilhando de suspeitas a honra alheia? É natural isso nas capitais provincianas, mormente agora, quando a decadência moral e política é um fenômeno impressionante no Brasil, com vistas ao conceito doloroso dos sociólogos argutos.

Como é difícil, entretanto, fugir desse ambiente, quem aqui vive, quem aqui moureja no ganha-pão de todos os dias. Os pobres e os lutadores não podem escapar à continência imposta pelo trabalho, nem mesmo por força da oficialização das férias.

O mesmo já não acontece com os ricos ou abastados, para quem tudo corre admiravelmente. Em chegando esta época, começa então o abandono da cidade. São dois ou mais meses longe desse desagradável contato, ora numa praia de banho, ora no doce retiro de uma vivenda distante, na vizinhança de todas as galas e encantos da Natureza.

Deliciosa ausência!

Na ânsia de fugir da canícula que aí vem, na ânsia de descansar o corpo e tranquilizar o espírito, Porto Alegre, representada pelos seus elementos abastados, já se vai preparando para a delícia dos veraneios, para o agradável contato com os nossos balneários da costa atlântica.

Em breve a deserção da cidade será avultada. Em janeiro, principalmente, esta capital toma um desolador aspecto. É a fuga dos seus elementos sociais mais representativos.

O encanto e a graça quase que desaparecem por completo da rua da Praia.

*23 de dezembro de 1926*

Ontem assistimos a um maravilhoso aspecto de Porto Alegre, verdadeiramente inédito à contemplação do nosso olhar.

Nos fundos da Caixa d'Água, na zona dos Moinhos de Vento, existe um pitoresco morro que vai entestar com os terrenos da igreja São

Pedro, fazendo uma parte frente para a Floresta. No alto do referido morro já existem ruas com várias edificações, talvez as mais belas da cidade, não só pela localização, como pelo gosto artístico com que foram construídas. Quem por ali andar terá certamente uma impressão deslumbrante, se não completamente inédita, da nossa capital. É um trecho novo de Porto Alegre, novo pelo seu pitoresco, pelo seu encanto, pela visão deslumbrante que ele oferece.

Isso, porém, não é tudo. Caminhando-se mais um pouco naquele tabuleiro de grama verde, tem-se uma impressão ainda mais bela, mais completa, mais empolgante. Estonteia-nos a maravilha de um panorama sem igual. À frente, é o Guaíba com suas pequenas enseadas, com a sua infinidade de ilhas, formando uma admirável fantasia da natureza. A cidade descortina-se, então, em dois extremos: de um lado, é todo o centro de atividade de Porto Alegre, até a Casa de Correção; do outro, os dois grandes bairros Navegantes e São João, com suas fábricas, com suas oficinas, com suas chaminés fumegantes.

Essa impressão fica indelével na retina de quem visita o referido morro, localizado, por assim dizer, no coração da capital, entre a zona da Floresta e a zona da Independência.

Deixamos ontem aquele local com o firme propósito de lembrarmos ao operoso remodelador da cidade de criar ali uma verdadeira maravilha para Porto Alegre. Trata-se da construção de um belvedere tal qual existe na avenida Paulista, em São Paulo, ao lado do Trianon<sup>66</sup>. A nossa capital ficaria dotada, assim, de um dos mais belos passeios do Brasil, incomparavelmente superior ao passeio paulista, pela dupla visão maravilhosa da cidade e do Guaíba, apreciada em conjunto.

Se não nos enganamos, já existe até um plano a respeito, na Intendência Municipal. Para realizá-lo agora, bastava a Intendência

---

<sup>66</sup> Parque Trianon: denominado a partir de 1931 de parque Tenente Siqueira Campos, localiza-se na avenida Paulista, em São Paulo, tendo sido inaugurado em 1892.

pôr um paradeiro à destruição do referido morro, que se vem fazendo há anos, do lado da rua Cristóvão Colombo. Qualquer medida nesse sentido ainda chegava a tempo, embora mesmo fosse necessária a desapropriação, por utilidade pública, dos fundos correspondentes às moradias particulares localizadas naquela rua. Daí então surgiriam duas ruas em rampa, perfeitamente alinhadas e calçadas, uma partindo das proximidades do Hospital Alemão<sup>67</sup>, a outra do lado da igreja de São Pedro, sem entretanto se encontrarem para dar mais perfeita beleza estética ao local. No alto, então, um pequeno jardim com parapeito em toda a borda do morro, formando um verdadeiro "belvedere", completaria o quadro. Que espetáculo grandioso para o forasteiro que quisesse ter uma visão panorâmica da cidade! Não se descreve, por certo, o que seria a nossa capital com esse admirável embelezamento. Tão necessário, tão grandioso será ele uma vez realizado, que ousamos lembrá-lo ao sentimento estético, ao sentimento de bom gosto do ilustre administrador da cidade, a quem Porto Alegre já muito deve na transformação por que vai passando.

A ideia não é nossa. Como acima dissemos, já existe na municipalidade um qualquer projeto nesse sentido.

Lembramos apenas a sua execução.

#### *24 de dezembro de 1926*

Porto Alegre está sob o domínio da instituição de uma grande novidade: a censura teatral.

Ela já se manifestou aqui, em dois casos distintos: numa fita de cinema e nas representações das revistas da Companhia Tro-lo-ló<sup>68</sup>.

<sup>67</sup> Hospital Alemão: instituição criada pela comunidade germânica, cuja construção foi iniciada em 1914. Sua fundação, porém, data de 2 de outubro de 1927. Deu origem ao atual Hospital Moinhos de Vento.

<sup>68</sup> Companhia Tro-lo-ló: companhia de teatro de revistas fundada no Rio de Janeiro em 1925 por José do Patrocínio Filho, Jardel Jércolis e Georges Botgen.

Quanto à primeira, temos uma ligeira observação a fazer. Trata-se de um filme de uma grande beleza de concepção. *Castidade*<sup>69</sup> – tal é o nome da película cinematográfica censurada – já foi representada aqui, há oito ou nove anos atrás, em época em que mais facilmente o nosso pudor se poderia julgar ofendido, em época em que o "nu artístico" não andava a rasto de barata, como anda agora, pelas ruas, pelos passeios, pelos teatros, pelos cinemas, por toda a parte.

Depois, há ainda outras considerações a fazer. *Castidade* é um filme de um grande fundo moral. O nu que ali aparece, pelo seu esplendor e beleza, não ofende a quem quer que seja, muito menos as pessoas que o tomam como um mero acidente da peça representada. Além disso, para os estetas, a beleza ou as linhas impecáveis do corpo nada têm de imorais. Ainda, um outro princípio estético afirma que nada há de imoral ou de obsceno na arte pura.

Sob esse razoável ponto de vista, o filme em questão está absolvido de todas as increpações da polícia de costumes.

Quanto à Companhia Tro-lo-ló, entendemos que a censura teatral pouco pode fazer. O mal não está no modo de as artistas se apresentarem em público. Está, sim, na linguagem dos diálogos, está, sobretudo, na malícia dos maliciosos. Cortando esses diálogos, suprimindo os trocadilhos e os quiproquós, desaparece a graça e o interesse que, porventura, a peça possa despertar. Todas as revistas resvalam por esse mesmo caminho, afinam pelo mesmo diapasão.

Não somos contra a censura. Pelo contrário. Achemos uma medida de um grande alcance moral. Entendemos, entretanto, que ela deve ser exercida com oportunidade e equilíbrio, sob pena de cair no ridículo. Não nos parece medida de acerto a censura teatral dos espetáculos da Tro-lo-ló, depois de os mesmos terem sido assistidos por quase toda a população de Porto Alegre. O mesmo se dá em

---

<sup>69</sup> *Castidade (Purity)*: filme norte-americano dirigido por Clifford Howard em 1916 e estrelado pela modelo Audrey Munson (1891-1996).

relação à *Castidade*, que aqui já foi tocada sem ofender o pudor de quem quer que fosse.

A imoralidade, hoje, não está só no teatro ou nas fitas de cinema. Ela campeia por toda a parte. E se a polícia quisesse exercer a sua ação repressora, acabaria por impedir o trânsito nas ruas, onde o nu é uma verdadeira calamidade...

#### 4 de janeiro de 1927

Indiscutivelmente, os auto-ônibus vieram prestar inestimáveis serviços à vida e ao progresso da cidade. Ainda domingo último tivemos ocasião de verificar, *de visu*, o quanto já devemos a esse rápido meio de condução. Citemos os dois mais aprazíveis passeios de Porto Alegre: Tristeza e Pedra Redonda. O transporte para esses dois pontos era feito ainda no verão passado por meio da estrada de ferro do Riacho ou então de automóveis de aluguel. O número de passeantes, quer na Tristeza, quer na praia da Pedra Redonda, era deveras resumido, pela falta de condução. Em chegando a uma certa hora, todos debandavam a fim de não perder o trem.

Hoje, felizmente, não é assim. O extraordinário número de autocaminhões que a cada momento partem da cidade em demanda aos dois pontos citados transformou radicalmente o movimento ali, principalmente na Pedra Redonda.

A maravilhosa praia do Guaíba apresentava domingo um aspecto novo, surpreendente, de vida, de animação e de movimento. Centenas e centenas de passeantes viam-se, por toda a extensão da praia, entregues à delícia dos banhos ou aos inúmeros atrativos que aquele local oferece aos seus visitantes.

Independente disso, já existem, no meio do bosque debruçado para o rio, dois restaurantes cujo movimento é deveras enorme e vai noite adentro cheio da mais viva animação. Para que as nossas famílias possam ali andar na mais absoluta tranquilidade, a

Intendência determinou severo policiamento na praia, durante o dia, não permitindo que pessoa alguma tome banho sem estar vestida discretamente, com roupa própria para isso.

Ao que conseguimos saber, essa determinação da municipalidade vai sendo rigorosamente cumprida.

Como se vê, graças aos auto-ônibus, uma nova vida, intensamente animada, rasga-se agora para aquele admirável recanto de Porto Alegre, que até há bem pouco tinha uma frequência relativamente diminuta, devido à falta de meios de transporte.

A municipalidade, por sua vez, muito tem contribuído para impulsionar a animação local, com os melhoramentos feitos na estrada que, desde a Praia de Belas até a Pedra Redonda, está agora com o seu leito magnificamente melhorado.

Foi, de fato, uma impressão excelente a que recebemos domingo desse agradável passeio da cidade.

### *13 de janeiro de 1927*

Uma ideia que ninguém teve, que até agora, pelo menos, não foi posta em execução, é a que diz respeito à fundação de um hotel para veraneio, num dos tantos aprazíveis locais dos subúrbios desta capital, notadamente na costa do nosso belo e majestoso Guaíba.

Aqui fica a sugestão para quem dela quiser tirar o melhor partido.

Se paupérrima é a cidade em matéria de hotéis (pois possuímos, ainda agora, o mesmo número de estabelecimentos que possuíamos há vinte anos atrás, quando tínhamos a metade da população que temos hoje), se paupérrima é a cidade, dizíamos, em matéria de hotéis, mais pobres ainda são os seus vários pontos de veraneio suburbanos.

Que grande movimento não teria, por exemplo, um hotel na Pedra Redonda com fundos para a praia, onde os seus pensionistas pudessem estar em direto contato com o rio? Não há, por certo, local melhor do que aquele para a construção de um estabelecimento des-

sa natureza. Para quem o fundasse, seria uma fonte certa de renda, tanto mais que, em chegando esta época, há uma grande dificuldade em se conseguir casa ali para se passar a estação calmosa. Com um balneário-hotel em condições, que possuísse grande número de aposentos e oferecesse bom tratamento aos seus hóspedes, todas as dificuldades de hoje desapareceriam. Seria ele a preferência das pessoas que, não possuindo moradia própria no local, costumam, entretanto, passar lá o verão.

Ao que nos informam, já houve uma tentativa nesse sentido, na Tristeza.<sup>70</sup> Foi fundado, há tempos, um hotel naquele povoado. Mas, por estar muito afastado da praia, em local impróprio, não oferecendo, além disso, o melhor conforto aos hóspedes, esse hotel, ao que sabemos, acabou por fechar as portas.

Nunca mais se cuidou, então, desse assunto. Mesmo não havia, anos atrás, a facilidade dos meios de transporte com que contamos hoje.

O local para um estabelecimento do gênero tem que ser na costa do rio, junto a um bosque, belo e abundante, como os existentes na Pedra Redonda e suas adjacências.

Instalado ali um hotel em condições, a sua frequência de hóspedes seria enorme, tanto mais agora que Porto Alegre está com a sua população extraordinariamente aumentada. As condições da nossa capital já reclamam um hotel em seus subúrbios, em qualquer ponto aprazível, mesmo que afastado do rio.

Seria um rendoso negócio para quem tentasse explorá-lo.

---

<sup>70</sup> O pioneiro Hotel da Praia localizava-se à margem do Guaíba, na rua Dr. Mário Totta, e foi construído em 1904, tendo funcionado até 1908. Nas décadas de 1920 e 1930, foram abertos outros estabelecimentos do tipo na região, sendo o mais célebre o Hotel Cassino da Pedra Redonda. In: LEÃO, Sílvia Lopes Carneiro. Os antigos hotéis de Porto Alegre. *Arqtexto*, Porto Alegre, n. o, p. 4-12, 2000. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/22139>. Acesso em: 12 ago. 2019.

20 de janeiro de 1927

A última proeza do aviador Reinaldo Gonçalves<sup>71</sup> em Porto Alegre, tivemos-la anteontem, à noite.

Com o seu esguio aparelho, que é um verdadeiro brinquedo às mãos hábeis do aviador patricio, investiu ele às alturas em plena escuridão, às dez horas da noite, quando o luar recém começava a nos acariciar com a sua claridade ainda indecisa.

Registramos aqui o episódio como uma alta novidade para Porto Alegre. A voo em plena luz do dia está cansada de assistir a cidade. Aeroplano ou hidropilano já não faz moça à pública curiosidade dos basbaques, tantos são os voos aqui realizados por esses aparelhos. Não mais nos impressiona o delírio vertiginoso das asas que fendem as alturas em supremos remígios<sup>72</sup> alcandorados<sup>73</sup>.

Tudo isso já deixou há tempos de ser, para nós, uma novidade.

Agora, o que ninguém aqui conhecia, e que raramente é feito em qualquer parte do mundo, são os voos noturnos. Fê-lo, entretanto, de modo admirável, pilotando o *Melindrosa*, o destemido aviador patricio.

O mecânico aparelho, transformado em besouro, atravessou toda a cidade, roncando como uma provocação insistente à mesquinha turbamulta cá de baixo. Por mais que se devassasse o alto céu estrelado, o olhar impassível dos curiosos nada divisava. O besouro tornara-se invisível. Apenas se ouvia o ronco, o ronco somente, do estranho coleóptero que já conquistou todas as simpatias da cidade.

Mais do que uma das suas tantas provas de competência, o gesto do aviador valeu como uma viva expressão de coragem, que mais vem aumentar a confiança dos seus já numerosos discípulos. Aquele piloto bem merece essa confiança, sendo de notar, ainda, que ele

---

<sup>71</sup> Reinaldo Gonçalves: militar e aviador da Força Pública do Estado de São Paulo, instituição que originou parte da Polícia Militar do estado.

<sup>72</sup> Remígio: voo dos pássaros.

<sup>73</sup> Alcandorado: elevado.

veio despertar entre nós o gosto, ou melhor, estimular aqueles que desejam seguir a carreira aviatória.

A prova noturna de anteontem foi uma nota nova para a população, que, já cansada de olhar para baixo, teve oportunidade de olhar para cima, aspirando, naturalmente, à suprema delícia das alturas...

E quem por aí não a aspirará?

### *20 de fevereiro de 1927*

O Carnaval ainda é, realmente, a única coisa séria que possuímos...

Parece um paradoxo, mas é uma verdade absolutamente verdadeira, que de modo algum admite qualquer sofisma. Tudo neste maravilhoso país poderá redundar em *blague*<sup>74</sup>, ser uma mentira, acabar numa verdadeira força, menos o Carnaval. O Carnaval é o nosso momento solene. Tão sério e tão cheio de responsabilidades ele é, que requer, para seu maior brilho, severos preparativos antecipados.

Por isso mesmo, aqui estamos, neste recanto provinciano do país, a nos preparar seriamente para comemorar a Deus Momo. A tarefa é árdua e espinhosa, muito mais espinhosa e árdua que distribuir cédulas para pleito próximo, que preparar o churrasco e o chope para os abnegados cumpridores do dever cívico...

Entre a seriedade de uma e outra tarefa, a do Carnaval deixa aquela a perder de vista. As responsabilidades carnavalescas são muito maiores que a outra, têm um fim muito mais elevado, exatamente porque elas procuram refletir o que o país realmente é, ao passo que a outra procura demonstrar o que a nação ainda não tem – a consciência de seu dever cívico.

---

<sup>74</sup> *Blague*: em francês, piada, pilhéria, dito espirituoso.

Claro, portanto, que, sendo o Carnaval uma eloquente expressão da seriedade nacional, cabe a ele, neste momento solene do Rodo<sup>75</sup>, toda a religiosa atenção da pátria amada. Por isso mesmo já estamos a postos, à espera desse grande momento de alegria contagiosa, que aí vem com zabumbas e guizos, a se mostrar, ora entre "choros" e canções, ora na cara enfarinhada dos Pierrôs tresnoitados ou no artifício das olheiras fundas das Colombinas "sapecas"...<sup>76</sup>

Isto é bom, isto é bom, isto é bom,

Isto é mesmo muito bom.

Muito bom,

Bom,

Bom!

E a cidade inteira desperta para a alegria, para o ruído, para a vida agitada das ruas, onde tudo se confunde, onde tudo é pândega.

Não há povo que mais tenha direito às delícias do Carnaval do que o nosso. Produto "de três raças tristes", no dizer do imortal poeta,<sup>77</sup> cabe-nos, ao menos agora, disfarçar a infinita tristeza que nos domina.

Carnaval!

Estamos a postos.

Pátria amada.

Escuta a nossa súplica:

<sup>75</sup> Rodo: lança-perfume. Os primeiros que chegaram ao Rio de Janeiro, no início do século XX, eram compostos de cloreto de etila e fabricados pela Rodo, uma indústria suíça.

<sup>76</sup> Pierrô e Colombina: personagens tradicionais da *Commedia dell'arte*, uma modalidade de teatro popular caracterizada pelo improviso e pela sátira que teve origem na Itália no século XV. Tradicionalmente, os atores usavam máscaras que cobriam metade de seus rostos, de maneira que essa forma teatral foi associada ao carnaval veneziano. As personagens representavam sempre os mesmos tipos sociais. Pierrô e Colombina protagonizavam um triângulo amoroso junto com Arlequim, e ficaram conhecidos no Brasil pois foram retratados em algumas obras populares no início do século XX, como em filmes e músicas carnavalescas. In: VENDRAMINI, José Eduardo. *A commedia dell'arte e sua reoperacionalização. Trans/Form/Ação*, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 57-83, 2001. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-31732001000100004>. Disponível em: [http://old.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-31732001000100004&lng=en&nrm=iso](http://old.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31732001000100004&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 9 fev. 2023.

<sup>77</sup> Referência ao poema "Música brasileira", de Olavo Bilac (1865-1918), publicado em *Poesias* (1888).

Isto é bom, isto é bom, isto é bom,  
 Isto é mesmo muito bom.  
 Muito bom,  
 Bom,  
 Bom.

### *3 de março de 1927*

Para quebrar a infinita pobreza e a desoladora tristeza dos nossos mesquinhadados festejos carnavalescos, tivemos, felizmente, na terça-feira gorda<sup>78</sup>, uma nota profundamente sensacional, que despertou vivamente o nosso povo.

De Pinedo<sup>79</sup>, o ás tantas vezes triunfante, cujo nome está ligado às grandes conquistas da navegação aérea; de Pinedo, o grande aviador dos 55 mil quilômetros pelos ares, através do mundo; de Pinedo, cobrindo agora uma etapa magnífica de Santos a Porto Alegre, "aterrissou" naquele dia na bacia serena do Guaíba.

Foi para nós um verdadeiro acontecimento. Uma grande parte da população de Porto Alegre, contada em milhares e milhares de pessoas, saudou a chegada de Pinedo com vibrantes aclamações.

À tardinha, ao evolucionar o aparelho por sobre a cidade, o nosso povo esqueceu por um momento os folguedos do Carnaval para, ao som da "Marcha Real Italiana", levar de Pinedo em triunfo (o que lhe deve ter custado inúmeras contusões pelo corpo!!) até a nossa grande artéria.

Por toda parte premia-se o povo, fazendo comentários entusiásticos, desejosos todos de ver a figura empolgante que vem impressionando o mundo inteiro com as asas luminosas do seu avião. Ao aparecer de Pinedo na sacada do hotel, a multidão que ali

<sup>78</sup> Terça-feira gorda: terça-feira de Carnaval, último dia antes do início da Quaresma.

<sup>79</sup> Francesco de Pinedo (1890-1933): militar e aviador italiano.

estacionava teve oportunidade de mostrar mais uma vez a admiração pelo homem que vem passeando, pelos céus do mundo inteiro, o seu valor e a sua audácia.

Das grandes travessias aéreas por sobre o Atlântico, a nossa capital não havia gozado, até então, a satisfação infinita de agasalhar um só dos seus ousados realizadores.

De Pinedo foi o primeiro que nos deu essa honra, desviando-se da costa marítima para vir até nós, trazer as saudações da gloriosa Itália longínqua aos seus filhos que aqui mourejam, cooperando também para o progresso da nossa pátria.

Porto Alegre não poderá jamais esquecer esse gesto com que nos cumulou um dos maiores, se não o maior aviador do mundo, que neste momento está realizando com admirável êxito a arriscada prova do cruzamento do Atlântico.

Essa foi a nota da cidade, na tarde de terça-feira, nota que ficará sem dúvida para sempre imperecível na memória do nosso povo.

#### *4 de março de 1927*

As nossas ruas já estão de novo se enchendo de caras risosas e amáveis.

Mais de dois milhares de habitantes que, por algum tempo, estiveram afastados da *urbs*, gozando da amenidade e do encanto das nossas praias ou de outros pontos prediletos de veraneio, retomam agora o seu ócio ou a sua atividade na vida de Porto Alegre.

Para a nossa capital, ainda tão provinciana, tão pequena, esses dois meses de veraneio foram de fato bastante sensíveis, notadamente para a sua existência social e mundana. Essa diferença notava-se em tudo. Felizmente, ela já vai desaparecendo. Nestes últimos dias, pelo menos, é enorme o número de pessoas reintegradas na posse de seus hábitos citadinos.

Da fuga principiada/precipitada para as praias, temos agora o contraste num galicismo<sup>80</sup> perdoável: o retorno.

A volta à cidade se assinala por todas as nossas rodovias mal-cuidadas. De manhã à tarde, a poeira das estradas acompanha os itinerantes num longo jornada de muitas horas. Como é diferente agora o regresso. Quem vai, parte com alegria; quem volta, vem com tristeza. Realmente, não é nada agradável deixar esse delicioso contato com a natureza grandiosa e soberba, para entregar-se depois aos artifícios da cidade.

Já há dias acentuamos em nota, nesta mesma folha, o contraste que oferecem aqueles que tiveram tão agradável convívio. Certas figuras que daqui partiram desbotadas e anêmicas voltam de cara queimada pelo sol praiano, vendendo saúde aos que aqui ficaram metidos nesta terrível fornalha que é Porto Alegre no verão.

Quanto ao aspecto das mulheres, nem se fala. É um verdadeiro encanto vê-las e admirá-las agora, depois desses breves dias de contato com as águas e areias marinhas. No decorrer desse espaço de tempo, a natureza lhes restituiu, como por milagre, tudo que os artifícios da cidade lhes haviam roubado: o sangue e a saúde, a beleza e a graça. Sim, porque não há nada como a cidade para tirar da mulher o seu natural encanto, as primazias com que a dotou a natureza.

Deixemos, porém, de lado esses comentários inúteis e registremos apenas o aspecto novo que vai tomando o mundanismo urbano, com a volta dessas criaturas adoráveis que fazem das nossas ruas e das nossas reuniões elegantes um mostruário verdadeiramente tentador.

Comparados estes últimos dias com os primeiros do mês passado, ressalta uma diferença sensível. Apesar de nunca ter estado

---

<sup>80</sup> Galicismo: incorporação de palavras, expressões ou construções frasais tomadas de empréstimo à língua francesa, neste caso, *retour*.

despovoado o reino da Graça, se vai ele animando cada vez mais, para a suprema delícia e o infinito suplício dos olhos contemplativos.

*8 de março de 1927*

Dirigida a esta seção, recebemos, ontem, uma carta com a seguinte nota:

“Fale um pouco das nossas letras. Todos os aspectos de Porto Alegre têm merecido especial atenção d’*A Cidade*, menos a nossa vida literária. Por que esse silêncio?

(Assinado) Um admirador das letras”.

É, realmente, imperdoável que esta coluna, tratando de tudo o que diz respeito à nossa vida local, a começar pela gatunagem, pelos acidentes do tráfego, pelos melhoramentos dos nossos logradouros públicos, até a sua vida social e mundana, cometesse tão imperdoável falta, não consagrando um só comentário à atividade intelectual da metrópole rio-grandense, que é, como os leitores sabem, o alvo único desta coluna, como se vê do próprio título da seção que, há mais de dois anos, aqui mantemos diariamente, com ajuda de Deus, da polícia e da própria *urbs*, tão pródiga em temas de toda espécie...

Mas o que dizer da nossa vida literária? É assunto de tão alta transcendência para nós, que não está, de modo algum, ao alcance da nossa pena. Depois, mesmo que quiséssemos tecer comentários, não o podíamos, senão citando apenas o que já se passou, o que já se fez e produziu. Porto Alegre atravessa uma crise, se não uma infinita pobreza literária. Nada há de novo. O ano de 1927 vai em mau caminho sob esse ponto de vista.

Não produziu nada, até agora. Nenhum beletrista novo, nenhuma obra nova, logrou chamar a atenção do público. O que temos, o que possuímos, já é fato passado, já é coisa velha, mesmo em relação à

última bela mentalidade aqui surgida – Augusto Meyer<sup>81</sup>. Até mesmo a fráglima corrente “futurista” que aqui teve dois ou três dias de efervescência, já ficou para trás. É passadismo tudo...

Nada há de novidade no presente, e poucas promessas temos para o futuro. Dir-se-ia que, à maneira que Porto Alegre mais avança materialmente, mais ela recua sob o ponto de vista literário.

Pelo andar das coisas, a vida literária da capital ainda vai acabar ficando às moscas, sem ter quem a represente, sem elementos que marquem uma época ou uma fase de decisiva influência no nosso meio.

No momento, não temos, de fato, nada de novo. Pobreza absoluta.

É provável que tudo isso se modifique um dia, e que haja, de fato, aqui, uma atividade literária digna de registro.

### *28 de abril de 1927*

Porto Alegre atravessou um período de verdadeira pasmaceira quanto à sua vida teatral e artística.

Isso, porém, em maior ou menor escala, é um fato peculiar a quase todos os grandes e pequenos centros de cultura.

A arte, nas suas múltiplas manifestações, parece que em certas épocas cessa de existir como por encanto.

Não há temporadas teatrais nem *tournées* artísticas. O prosaísmo, que tudo invade e domina, afugenta as fortes emoções que de vez em quando nos habituamos a sentir.

Largos meses estivemos aqui nessa situação de insensibilidade emotiva. Nem teatros, nem recitais, nem palestras literárias, nem coisa alguma. Em música só tivemos os dois concertos promovidos em homenagem ao gênio beethoveano.

---

<sup>81</sup> Augusto Meyer (1902-1970): poeta, ensaísta e jornalista nascido em Porto Alegre.

Felizmente, com a nova estação que chega, se anuncia uma bela temporada para a vida artística da nossa pacata e quase esquecida capital.

Para breve já está anunciada a abertura do Teatro São Pedro, com os concertos do famoso Quarteto Zika, que tanto sucesso vem fazendo nas grandes capitais da América.

Independente dessa grande novidade artística, teremos, em junho ou julho, a temporada de uma companhia lírica da primeira ordem, que, naturalmente, conseguirá sucesso idêntico, se não maior, ao alcançado aqui no ano passado pela companhia do maestro del Cupolo<sup>82</sup>.

Por esses dias, está anunciada, também no Coliseu, onde pretende fazer longa temporada, a estreia da companhia de comédias nacional a cuja frente se encontram duas notáveis figuras da cena brasileira: Abigail Maia<sup>83</sup> e Procópio Ferreira<sup>84</sup>.

Como se vê, são bons prenúncios para uma temporada teatral em Porto Alegre.

Para início das nossas grandes emoções artísticas, esta capital vai ter o indispensável prazer de ouvir o concerto de um dos seus filhos que, nestes últimos tempos, mais têm elevado a música no Brasil – Assis Republicano<sup>85</sup>.

O grande autor de *O bandeirante* vai realizar um concerto na sua terra natal, fazendo executar não só as principais páginas daquela ópera, que lhe deu nome verdadeiramente nacional, como todo o seu extraordinário poema sinfônico *Navio negreiro*, que a crítica de São Paulo e do Rio elevou ao *status* de mais bela página da música brasileira.

Porto Alegre terá, assim, uma verdadeira obra de arte, prestando ao mesmo tempo a mais justa e merecida homenagem ao seu ilustre filho, que tão alto tem sabido elevar o nome do torrão natalício.

<sup>82</sup> Federico del Cupolo (1894-1974): maestro italiano.

<sup>83</sup> Abigail Maia (1887-1981): atriz teatral e cantora nascida em Porto Alegre.

<sup>84</sup> Procópio Ferreira (1898-1979): ator, diretor e dramaturgo carioca.

<sup>85</sup> Antônio Assis Republicano (1897-1960): compositor erudito nascido em Porto Alegre.

*11 de maio de 1927*

Está marcada para o dia 13 próximo uma grande corrida de automóveis – a segunda que aqui se realiza – promovida pela entusiástica e operosa Associação de Estradas de Rodagem<sup>86</sup>.

Já de há muitos dias que se nota verdadeira animação entre os amadores desse novo desporto, no qual se aquilata não só da excelência e da resistência das marcas de autos, como também da capacidade e do destemor dos motoristas ou dos seus pilotos. É um espetáculo novo para Porto Alegre, malgrado já esteja esta acostumada a assistir diariamente, pelas suas ruas mais centrais e de maior movimento, a desenfreadas e vertiginosas corridas de automóveis, graças à falta de uma Inspetoria de Veículos que ponha cobro a esses abusos permanentes.

Basta dizer que alguns dos autos inscritos na grande prova a se realizar depois de amanhã vivem a fazer exercícios de treinamento em plenas ruas centrais, descendo e subindo ladeiras a toda velocidade. Ora, isso é um grave perigo público que cabia à Inspetoria evitar, proibindo semelhante exercício no centro da cidade. Mas, como apelar para a Inspetoria é o mesmo que nada, resolvemos dirigir este apelo à operosa Associação de Estradas de Rodagem, certos de que esta intervirá no sentido de evitar a reprodução desses treinos de grave perigo para o descuidado pedestre e até mesmo para os treinadores.

Dito isso, exaltemos com a mais viva simpatia as próximas grandes corridas, a se realizarem na estrada do Cristal. Aquela estrada é, a nosso ver, a mais bem conservada dos arredores de Porto Alegre, estando mesmo em melhores condições que a estrada de Canoas, onde se realizou, há tempos, o primeiro certame automobilístico local.

---

<sup>86</sup> Associação de Estradas de Rodagem: entidade fundada no Rio Grande do Sul em 1926, visando o aperfeiçoamento das rodovias e a realização de provas automobilísticas. In: MADURO, Paula Andreatta. *Memórias do automobilismo de rua em Porto Alegre, Rio Grande do Sul* (décadas de 1920-1950). 2010. 95 p. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2010.

Com os cuidados que a Associação vem despendendo às estradas em geral, muito poderá melhorar, ainda, aquele pitoresco trecho.

Já que falamos em corridas automobilísticas, já que falamos no grande interesse que esse desporto vai despertando entre nós, seria conveniente, e de grande alcance, que a municipalidade se interessasse, por sua vez, pelo assunto, preparando ou destinando uma das nossas tantas estradas exclusivamente às corridas de automóveis, como começam agora a se fazer com tanto entusiasmo.

Em toda parte, há um local certo para essas corridas. Devemos fazer aqui a mesma coisa. Só assim ficaríamos com uma estrada perfeitamente em condições para tal fim, o que não acontece agora. Escolhendo hoje uma, amanhã outra, logo depois mais outra, acabaremos por ficar sem nenhuma. Cada vez que se tiver que organizar corrida, será um novo trabalho para preparar o trecho indispensável. Este, uma vez servido, cairá de novo no abandono, no esburacamento, como estão quase todas as nossas acanhadas rodovias.

Com a assistência da utilíssima Associação de Estadados de Rodagem, muito se poderá conseguir em benefício dessas mesmas estradas e, conseqüentemente, do próprio automobilismo.

*14 de junho de 1927*

Nem parece que estamos em plena época dos fogos, em noitadas de Santo Antônio, São João e São Pedro, tal a tristeza da nossa capital, à noite. "Passadistas" como somos, contemplando com saudade o passado de longe, não podemos de modo algum nos conformar com essa transformação radical por que vão passando certos hábitos e costumes da Porto Alegre de antanho.

Em relação àqueles festejados santos da Igreja, a indiferença hoje é completa. Ninguém os comemora como então se comemorava. Quantas evocações nos acodem agora ao espírito, desenterrando sonhos e ilusões!... Perdoem-nos os modernistas dos arranha-céus,

das bananas e dos papagaios, mas gente como a daquele tempo já não há... Os que eram mais sisudos, os de espírito mais taciturno, em chegando este mês, não perdiam vazas<sup>87</sup> para festejar aqueles três pacíficos velinhos, já carcomidos pelos séculos, e que, habitando um céu luminoso, presidiam, aureolados de estrelas, as grandes noitadas cá de baixo. Todos os Antônios, todos os Joãos e todos os Pedros rendiam como podiam o seu louvar nas expansões dos busca-pés, nas lágrimas policromas dos pistolões, no crepitar das fogueiras.

Hoje tudo mudou. As fogueiras são de ódios. Os pistolões são para arranjar cavações, e os próprios traques<sup>88</sup>, que a petizada comprava, às caixas, são agora coisa muito diferente...

Mas, voltando ao passado: naquele tempo não havia casa ou rancho, por humilde que fosse, que não comemorasse as três entidades milagrosas. Para todas elas, havia um culto diferente, de acordo com a sua celeste influência exercida entre os mortais. Vinha em primeiro lugar Santo Antônio, o amigo das mulheres, protetor das solteironas, que, em chegando o seu dia, o consultavam de mil e um modos sobre se ainda estaria longe ou não a hora do aparecimento de um candidato a casamento... A maioria casou, enquanto outras tantas estão até hoje esperando o esposo que o santo prometera... A seguir vinha São João Batista, o místico habitante do deserto e o mais popular e festejado dos três. E os festejos de junho encerravam-se, então, com as grandes fogueiras a São Pedro, que o velho Pedro Mentira fazia arder à frente de sua casa, lá no Caminho do Meio.

Belos tempos! Tudo isso passou agora. A cidade talvez já nem se lembre dessa fase tradicionalmente bela, que foi, sem dúvida, a melhor de sua vida, porque não havia nem o perigo dos bondes, nem a fúria estropiada dos automóveis – os dois males que, depois da água, mais têm contribuído para a receita do cemitério...

---

<sup>87</sup> Perder vazas: perder a oportunidade.

<sup>88</sup> Busca-pé, pistolão e traque: tipos de fogos de artifícios.

Assim como vão desaparecendo outras festas tradicionais, outros festejos populares, vão também se extinguindo aqueles.

A civilização tem dessas irreverências tremendas.

*15 de junho de 1927*

Porto Alegre já é uma capital para manter com sucesso toda e qualquer temporada teatral. Para isso, a nossa metrópole já conta com uma população elevada, com público para todos os gostos e paladares. A única coisa que nos falta é um teatro que seja realmente um teatro. O São Pedro, apesar de ter requisitos, é deveras acanhado e, além de prejudicar a montagem das peças de grande encenação pela insignificância do seu palco, só serve para encarecer os seus espetáculos, por modestos que sejam, isso pelo motivo de ser insignificante a sua lotação.

Afora o São Pedro, só nos resta o Coliseu, que é o nosso único teatro popular.

Como facilmente se conclui, é insignificante o número de teatros numa capital como Porto Alegre, que já conta com uma população aproximada em 300.000 habitantes. É pena que assim aconteça, pois a nossa praça é extraordinariamente procurada pelas pequenas e grandes *tournées* teatrais, constituindo até um ponto intermediário de localização entre o Rio e Buenos Aires, o que muito facilitaria a vinda de boas companhias.

No dia em que possuímos um centro em condições, de acordo com o desenvolvimento e o progresso da cidade, teremos então aqui companhias de todos os gêneros e de toda a ordem, por preços muito mais baixos, naturalmente, dos que hoje são cobrados, principalmente no Teatro São Pedro.

Malgrado as deficiências apontadas em relação à falta de um novo e grande teatro capaz de satisfazer todas as exigências de Porto Alegre, que já é na realidade uma capital, pelo seu movimento, pela

sua vida intensa, pelo seu acentuado bom gosto pelas coisas de arte, muito principalmente no que diz respeito à cena, malgrado essa lacuna, a próxima temporada teatral promete ser deveras animada. Já aí está, no Coliseu, a Companhia Brasileira de Comédias, dirigida pelo consagrado ator Procópio Ferreira, cuja temporada, estamos certos, vai constituir um verdadeiro sucesso. No São Pedro teremos, em breves dias, o prazer de admirar mais uma vez esse extraordinário intérprete de Chopin, que é Brailowsky<sup>89</sup>, seguindo-se a temporada da companhia dramática francesa Vera Sergine<sup>90</sup>, que cederá após lugar para uma companhia lírica italiana que já está contratada para atuar, em julho ou princípios de agosto próximo, no nosso acanhado teatro oficial, sem falar ainda na Companhia Alemã de Comédias<sup>91</sup>, que está a se despedir do nosso público, em uma ou duas mais operetas, que ainda estão por vir no decorrer deste ano. Quer dizer que, se tivéssemos um outro teatro em condições melhores, se distribuiriam essas companhias, vindo isso em benefício não só das respectivas empresas, como do próprio público.

Infelizmente, temos que nos contentar com os dois únicos centros que possuímos, poucos, na verdade, para uma cidade já de grande população como a nossa.

#### *24 de junho de 1927*

Há dias um amigo, que é um dos espíritos cultos desta terra, perguntava-me, num dos intervalos do segundo recital de piano do grande Brailowsky:

---

<sup>89</sup> Alexander Brailowsky (1896-1976): pianista francês de origem ucraniana, especializado na obra de Frédéric Chopin.

<sup>90</sup> Vera Sergine (1884-1946): atriz francesa de teatro e cinema.

<sup>91</sup> Companhia Alemã de Comédias: grupo dirigido por Georg Urban.

– Não será uma ficção o apregoado gosto artístico de Porto Alegre? Eu, de mim não tenho a menor dúvida. Você repare: o São Pedro quase que está completamente às moscas. É verdade que, ao terminar cada parte de seu extraordinário programa, o admirável pianista recebe calorosas e prolongadas ovações. Mas vá contar o auditório. Não passa de cem pessoas! É um grupinho pequeno, deveras insignificante para uma capital que tem uma população aproximada em 300 mil habitantes, para uma capital que já enche a boca com um gosto artístico que na realidade não existe. O gosto artístico de Porto Alegre está aí nesse reduzido grupo de dedicados, que ama de verdade a arte, que sabe render a sua homenagem e a sua admiração a quem, como Brailowsky, é mais do que um intérprete, é um revelador dos seus divinos segredos. Mas reflexione sobre o caso: é sempre o mesmo grupinho, são as mesmas pessoas de sempre. Pode fechar os olhos e apontar um por um, sem errar jamais. Não se compreende que uma cidade que se diz culta, que a cada momento fala da sua alta e refinada sensibilidade artística, não tenha mais do que cem pessoas para se extasiar enlevadas diante da magia dos dedos desse pianista genial, perfeito semeador de incomparáveis belezas. E não se diga que é o preço das localidades que é elevado, pois a Velasco<sup>92</sup>, com cadeiras disputadas até 30\$000 e 40\$000, esgotava consecutivamente a colossal lotação do Coliseu. Qual nada, meu amigo! O prestígio das penas<sup>93</sup> ainda é superior ao prestígio da Arte!...

Foi nesse ponto do justo e merecido desabafo que lembramos ao ilustre amigo com quem conversávamos que o próprio Brailowsky, em *tournée* de anos atrás, já havia dado aqui uma série de concertos no mesmo São Pedro, alcançando todos eles verdadeiras enchentes.

---

<sup>92</sup> Compañía de Revistas de Gran Espectáculo, companhia teatral dirigida por Eulógio Velasco.

<sup>93</sup> Alusão às penas que usualmente decoravam os trajes das artistas do teatro de revistas.

– É fácil de explicar a causa. É que o Centro de Cultura Artística<sup>94</sup> tomara então a si a tarefa de passar com tempo a casa para todas as récitas. Os mais representativos membros da referida entidade saíram à rua, foram de casa em casa pedir, rogar, suplicar, para que não fizéssemos feio em face à rara oportunidade que íamos ter, como então tivemos, de aplaudir Brailowsky. E foi isso, unicamente isso, foi esse grande esforço dedicado que levou o público, que fez encher o São Pedro.

la começar a segunda parte do programa do genial pianista, quando o nosso amigo ainda nos deteve para dizer:

– Leve para casa esta terrível certeza: o gosto artístico de Porto Alegre é uma dolorosa ficção!...

### *21 de julho de 1927*

A proteção que o nosso Estado vem dispensando aos artistas rio-grandenses de mérito conhecido não tem passado, por enquanto, de uma simples promessa... A promessa, mor das vezes, vale como uma certeza da realidade futura. É uma esperança, e, mais do que isso, é um aceno à distância daquilo que vamos possuir, daquilo que vai ser nosso. Uma promessa! Quando quem a faz tem a sincera intenção de cumpri-la, ela deixa de ser o que é para logo se tornar o que vai ser. Mas o prometer é fácil; cumprir, sim, é tão difícil – tão difícil que a promessa nunca chega a se realizar...

---

<sup>94</sup> Centro de Cultura Artística: entidade privada dedicada à difusão da música erudita e à padronização de seus métodos de ensino no Rio Grande do Sul. Foi fundada em 1920 por José Corsi e Guilherme Fontainha. *In*: GOLDBERG, Luiz Guilherme; NOGUEIRA, Isabel Porto. Centro de Cultura Artística do Rio Grande do Sul: O início de um projeto ambicioso. *In*: Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação, 19., 2009, Curitiba. *Anais* [...]. Curitiba: ANPPOM, 2009. Disponível em: [https://www.academia.edu/3165177/Centro\\_de\\_Cultura\\_Art%C3%ADstica\\_do\\_Rio\\_Grande\\_do\\_Sul\\_O\\_inicio\\_de\\_um\\_projeto\\_ambicioso](https://www.academia.edu/3165177/Centro_de_Cultura_Art%C3%ADstica_do_Rio_Grande_do_Sul_O_inicio_de_um_projeto_ambicioso). Acesso em: 13 ago. 2019.

Estão nesse caso, em relação ao prometido, as nossas mais brilhantes vocações artísticas.

Há vários anos que o apoio à Assembleia dos Representantes do Estado vem dotando, na cauda dos seus longos orçamentos, a verba de 20 contos de réis para "auxiliar o aperfeiçoamento da educação artística dos rio-grandenses que se distinguirem por excepcional merecimento na cultura das belas-artes".

Há vários anos repetimos que está em vigor essa linda e patriótica promessa reveladora dos nobres e altos sentimentos daqueles que desejam ver a nossa terra engrandecida pelo valor e os méritos de suas mais perfeitas vocações artísticas.

Entretanto, a promessa não tem passado de promessa. Entra ano e sai ano – e nada!

As nossas mais brilhantes expressões nas várias modalidades da arte crescem, desenvolvem-se, estiolam-se, e o prometido prêmio de viagem não sai!...

Vem o desânimo, surgem as desilusões, e o tempo, que é um aniquilador implacável das esperanças, vai matando-as uma a uma, até arrancar do candidato a derradeira chama do incentivo que o animava!...

Agora mesmo, vários candidatos, na música, no canto, na pintura e no desenho, se haviam inscrito para o prêmio anualmente instituído pelo Estado e anualmente adiado.

Quando todos estavam convictos que desta vez seriam finalmente submetidos à prova, e que o Estado iria então tirar do grupo de concorrentes as melhores vocações e os temperamentos mais perfeitos, eis que o Estado resolve de novo, mais uma vez, adiar o referido concurso, à espera de que o apoio institua um prêmio para cada arte!???

E assim vamos, e assim iremos.

O incentivo do governo, como se vê, não tem passado até agora de mera promessa. É possível que um dia ele se converta na almejada realidade.

Mas até ela os candidatos terão passado da idade...

*30 de agosto de 1927*

A nossa capital inaugurou ontem, num dos seus logradouros públicos, uma herma à memória de Apolinário Porto-Alegre.

Casou-se perfeitamente a beleza da homenagem com a magnificência do dia. A tarde maravilhosa de ontem, dir-se-ia feita para as grandes e definitivas consagrações àqueles que deixaram na terra o lastro luminoso da sua passagem.

Os discípulos do grande polígrafo não quiseram que o mestre amado dormisse por mais tempo no esquecimento a que é fatalmente condenado no Brasil todo homem que não viver da politicagem e que não bajular as situações dominantes. Embora vivendo no coração daqueles que o conheceram, na gratidão daqueles que sabiam das luzes do seu espírito, Apolinário Porto-Alegre ainda não tinha entre nós o culto oficial e público que deveria perpetuar e assinalar a sua personalidade, por todos os títulos ilustre e digna do culto da posteridade. Foi preciso que um grupo de antigos discípulos seus resolvesse decididamente mandar perpetuar sua memória para que esta tivesse, no bronze de um busto, uma consagração pene na cidade em que ele viveu. E assim, desde ontem, no largo da Independência, a herma de Apolinário Porto-Alegre<sup>95</sup> resplandece ao sol da nossa terra.

Bem merecida imagem. Por mais que se pesquise, não divisamos outro espírito, outro rio-grandense que lhe leve a palma em merecer tal homenagem. Apolinário foi, na sua época, a expressão mais forte da nossa cultura e mentalidade. Glorificador do nosso passado e perpetuador das nossas tradições, ele deixou no folclore e na história traços decisivos do seu talento e cultura, em obras que,

---

<sup>95</sup> O busto de Apolinário Porto-Alegre, de autoria de Alfred Adloff, foi furtado da herma do escritor na praça Argentina em 2003, e não foi mais encontrado.

uma vez publicadas, serão o seu maior título de glória e a mais bela homenagem que se possa prestar ao seu nome.

Admira-nos como estudava, como sabia e como produzia aquele espírito de lutador, sacrificado e perseguido pelos dominadores do meio! Dir-se-ia quase impossível que, diante de tantas dificuldades, de tantas perseguições, sobrasse tempo ao grande professor para ser jornalista, poeta, sociólogo, historiador, filólogo e romancista. Apolinário foi tudo isso, e o foi com elevação e brilho, como poucos lograram ser na nossa pátria. Há, de fato, nas suas obras, o traço de uma mentalidade superiormente equilibrada, onde o brilho da forma se ajusta à riqueza da linguagem.

Esta crônica, porém, não a traçamos para estudar pretensiosamente a obra formidável de um dos maiores espíritos da geração passada. Alinhavamo-la, rápida, desconcertadamente, para juntar ao nosso coro de homenagens àquele que em vida tanto fez para merecê-las.

### *25 de outubro de 1927*

O domingo, na vida da província, é sempre um dia de grandes e fortes novidades, e também de grandes e fortes emoções. Tudo o que se observa e vê dá sempre margem a vivos comentários. Por isso, anteontem, sentados num banco da praça, à noite, começamos a ver e a observar.

A cidade surgia-nos luminosa, em meio de um tumulto próprio dos grandes centros metropolitanos. Para qualquer ponto que se tomasse como mira, um mesmo movimento tudo empolgava e dominava. Dir-se-ia que uma satisfação inédita, uma alegria nova e estranha se apossara da cidade. É que o futebol rio-grandense estava mais uma vez de parabéns pela nova vitória alcançada nas provas do campeonato brasileiro. O povo inteiro, mesmo os menos afeitos à torcida, vibrou com a notícia do resultado, que

durante a tarde era de momento a momento anunciado pelos jornais. Sentia-se perfeitamente esse grato prazer da vitória estampado em todos os rostos, em todas as fisionomias. Não houve cara severa e ríspida de burguês indiferente que não se amaciasse com a nota vibrante logo espalhada pelos quatro cantos da urbe. E muito mais que nos domingos anteriores, já pelo resultado dessa conquista, já pela rara beleza da tarde e da noite, o movimento de passeantes domingueiros foi de veras extraordinário. Em toda parte acudia o povo em massa: à frente dos jornais na praça, à hora da retreta da Banda Municipal, nos cinemas, nos teatros, nos cafés etc., premia-se uma multidão desusada. Em tudo isso há a ressaltar ainda a nota gentil e graciosa da presença feminina. A mulher é quem dá vida, quem empresta encanto a todas as coisas. Então, aos domingos à noite, à saída dos cinemas, é uma coisa nunca vista. A gente fica tonto, a gente fica como criança em loja de brinquedos... É uma tentação formidável. Não se sabe para qual olhar primeiro, nem como distinguir a mais bela, a mais encantadora, a que tem coração mais travesso ou olhos mais buliçosos... A fartura de belezas é tal que a gente sofre um verdadeiro suplício. São milhares de criaturas que surgem, deslumbradoramente, diante dos nossos olhos cansados de ver. Por um momento, a rua da Praia e adjacências ficam como um verdadeiro mostuário da graça e da tentação feminina.

É uma maravilha.

Mas tal espetáculo só é maravilhosamente belo aos domingos. Nos outros dias, a não ser por umas certas horas de sábado, nem sequer se aproxima disso.

Por isso, o domingo é, na vida da nossa capital, um dia excepcional, de grandes e fortes emoções.

E o de anteontem, por muitos outros motivos, foi algo mais do que isso...

*4 de novembro de 1927*

Glória e Teresópolis estão, agora, em relação à afluência de passantes e visitantes que os procuram, ao começar do verão, cedendo lugar ao arrabalde de Petrópolis, recentemente surgido de um lindo recanto topográfico do Caminho do Meio. Contando pouco mais de três meses, Petrópolis já é hoje um ponto visado pelo ócio dos porto-alegrenses. Ainda não atingido pela fatalidade dos nossos bondes, é de ver, entretanto, como esse novo arrabalde se vai tornando procurado. Foram os auto-ônibus que o incorporaram aos passeios suburbanos da capital. Em chegando os domingos ou dias feriados, uma onda formidável de passeantes para lá se dirige, ávida por conhecer o novo sítio aprazível e pitoresco que, dentro de pouco tempo, será o mais importante arrabalde de Porto Alegre. Os caminhões que a todo o momento demandam aquele local vão sempre cheio de passageiros. E Petrópolis bem merece ser visitado e conhecido. Poucos subúrbios da cidade têm, como aquele, tantas belezas de panoramas, tantos aspectos sugestivos e variados. Ora um morro, ora um recanto de mato, ora um lago, ora um trecho de campina esmaltada de verdura vai observando o olhar do visitante contemplativo, que não se cansa, por certo, de admirar as galas e formosuras de uma natureza deveras privilegiada. Por sua vez, o casario, as pequenas vivendas e habitações modestas vão surgindo de improviso, da noite para o dia.

Com três meses apenas de existência – época em que para lá começaram a trafegar os primeiros auto-ônibus – é natural que tudo ainda falte ao novo recanto suburbano. A própria estrada do Caminho do Meio é péssima. Passado o primeiro trecho da entrada, os esburacamentos, os valos e os córregos vão surgindo como obstáculos, dificultando o trânsito de veículos, especialmente dos automóveis e caminhões. No dia, porém, em que todas essas faltas estiverem sanadas, será um encanto demandar-se esse novo passeio da cidade.

Petrópolis, que hoje nos deslumbra com a sua maravilhosa paisagem, poderá em breve multiplicar os seus atrativos, se, para tal, contar com a boa vontade do poder municipal, no que diz respeito aos melhoramentos indispensáveis da sua estrada e da sua iluminação.

Sem esses melhoramentos não há arrabalde, por mais pitoresco que seja, que consiga florescer.

### *8 de novembro de 1927*

A chuva – uma chuvazinha fina, monótona, impertinente, como essas chuvas de inverno que se prolongam, incessantemente, dia e noite – tirou todos os encantos e belezas que nos prometia o domingo. A cidade, que amanhecera sombria, sem sol, dentro de pouco apresentava-se completamente encharcada pela chuva, que desde as nove horas da manhã começara a cair, gradativamente, até se tornar deveras torrencial a uma certa hora em diante.

Mas o que nos faltou em atrativos domingueiros, em movimento e passeios, em bulício e encantos de rua, sobrou felizmente em vibração e entusiasmo por parte do povo estacionado à frente dos jornais, à hora em que se anunciavam as primeiras vitórias da esquadra gaúcha que, na capital da República, se vem batendo com denodo no campeonato de futebol. Foi, de fato, de uma intensidade rara a vibração ardente manifestada por todos aqueles que, malgrado a chuva, acompanhavam as peripécias do jogo através dos radiogramas recebidos e afixados nos placares dos jornais. Infelizmente, dentro de pouco, as notícias que chegavam iam lançando o desânimo na torcida fremente e una dos nossos desportistas. E a multidão aquietada, antes tão expansiva nas suas manifestações entusiastas pelos feitos dos seus valorosos representantes nos estádios cariocas, acabou por aceitar, sem se conformar com a fatalidade da derrota.

Mas não foi de fato uma derrota. Todas as circunstâncias desse jogo estão a indicar que os vencedores dos domingos anteriores o

foram mais uma vez nesse dia, não só moral, mas materialmente, se se levar em conta os detalhes da pugna.

Se, em situação tal, alguma influência tivéssemos, era o caso de lembrarmos o desligamento definitivo do futebol rio-grandense da Federação Brasileira de Desportos, ou, então, só aceitar a sua incorporação para embates em campos neutrais, onde nem a parcialidade mesquinha dos juizes, nem os efeitos do meio possam intervir a favor deste ou daquele quadro. Porque não é possível vencer-se assim. Não há perícia, não há dedicação, não há esforço que consiga se desembaraçar de tão grandes e violentos obstáculos. Temos vivos exemplos disso nos anos anteriores, para nos indicar o imediato caminho a seguir.

E seria uma resolução bem acertada.

### *18 de novembro de 1927*

O calor já começou; começou de maneira violenta e ameaçadora, a prenunciar uma temperatura de 37° à sombra. Dentro de poucos dias, para lá iremos, certamente.

Por mais amável que seja, o verão sempre constitui uma tortura para os habitantes de Porto Alegre. São torturas de sol, de requeima, de mormaço, de quadros vivos, de "nus artísticos" que aceleram a elevação desesperada da temperatura. Daí os casos frequentes de insolação... De 28° ou 30°, o termômetro salta num momento para 38° e 40°.

É um martírio. E esse martírio vai gradativamente aumentando até meados de janeiro. Até lá, porém, temos muito que sofrer, temos muito que sentir o calor com todas as suas tremendas conseqüências.

A nossa capital, além de ser uma cidade mal arejada, de limitadíssimos refúgios – cidade sem árvores e sem parques, pois agora é que se começa a fazer alguma coisa nesse sentido –, possui também outros males, outras calamidades cujos efeitos nos dispensamos de enumerar porque o leitor naturalmente melhor do que nós os conhece.

O verão em Porto Alegre é sempre desagradável sob todos os pontos de vista. E a prova de que ninguém o tolera é o deserto que fica a cidade nos três meses de calor mais intenso. Dentro de poucas semanas começará a fuga da população abastada para os pontos aprazíveis de veraneio – praias, campanhas e serras. É verdade que uns são levados por motivo de pose, por quererem aparecer ou se mostrar, mas a grande maioria foge da capital por necessidade, em procura do restabelecimento de suas energias depauperadas, buscando a doçura de clima e a pureza de ar que faltam em absoluto na cidade duramente castigada pelo estio inclemente.

O calor, dizíamos, já começou de maneira violenta e ameaçadora. E, já que falamos em calor, não podemos deixar de registrar aqui um novo ponto de atração há poucos dias inaugurado pela municipalidade no futuro parque da Várzea. Trata-se de um viveiro ali construído, no qual já se encontra um grande bando de lindas garças e outras pernaltas da fauna rio-grandense. Essas aves estão completamente expostas aos rigores do sol, sem um único refúgio no qual se possam abrigar nas horas mais violentas da canícula. Quem ali estaciona, contemplando-as, não deixará de notar a inquietação e o desespero das referidas aves, não pela prisão, a que certamente já se habituaram, mas pela violência do sol a que ficam o dia inteiro expostas. Se a municipalidade não as defender do rigor da canícula, dentro de pouco, quando mais forte for o calor, a maioria desses pássaros terá morrido.

Registramos aqui essa impressão que condiz perfeitamente com o assunto da nossa modesta crônica de hoje.

*17 de dezembro de 1927*

Esboçou-se, há pouco, não sabemos por que cargas d'água, um movimento contra a criação do balneário da Pedra Redonda. Esse movimento acaba de culminar agora com um requerimento dirigido

ao Dr. Intendente Municipal solicitando a extinção do citado estabelecimento de recreio público.

Sempre houve, e por certo sempre haverá, ideias opostas e opiniões contrárias às opiniões e ideias predominantes. Muitas vezes, elas trazem um cunho de razão, quer visando interesses coletivos, quer mesmo interesses pessoais. Em certos casos, porém, elas se tornam incompreensíveis, ou deixam ver claramente uma oposição sistemática, quando não um rotinismo condenável.

Está certamente nesse caso o fato a que acima aludimos. Frequentíssimas vezes os moradores da Tristeza e da Pedra Redonda se insurgiram em ásperas discussões contra aqueles que ali iam tomar banho e que, na falta absoluta de acomodações, não hesitavam em despir-se à beira das cercas ou nos fundos das vivendas que dão para a praia. Era lógico e compreensível o zelo dos que queriam poupar as suas famílias a aspectos menos decorosos. Inúmeras vezes foi, então, solicitado o auxílio da polícia a fim de conter os banhistas que, ou despídos de todo, ou em trajes pouco apropriados, ali surgiam constantemente, em plena luz do dia.

Esse aspecto pouco recomendável à moralidade pública acaba de desaparecer, agora, com o balneário que foi convenientemente instalado naquele local, possuindo o mesmo casinhas ou gabinetes próprios para os banhistas se despirem, bem como roupas apropriadas para o banho. Esse novo estabelecimento veio de alguma maneira preencher (socorremo-nos da velha chapa) uma sensível lacuna. Esse local é hoje um verdadeiro ponto de atração, para onde diariamente converge, muito especialmente nos domingos e dias feriados, uma infinidade de passeantes, que ali vão gozar o prazer dos banhos, bem como as muitas diversões que o balneário oferece às pessoas que o procuram. Pois é exatamente agora que tudo foi feito de maneira a atender às justas exigências do local, acabando-se de vez com o nu escandaloso dos Adões suspeitos, pois é agora, exatamente, que se pede a extinção do balneário referido.

A não ser a volta do primitivismo bárbaro, com seus Adões irreverentes, de mistura com algumas Evas impudicas, que lá surgiam em espetáculos completos de quadros vivos, não sabemos, nem atinamos mesmo com o que querem os que reclamam contra a existência e a discricção de tal balneário.

Como é difícil satisfazer cabalmente a opinião pública!

*29 de dezembro de 1927*

Porto Alegre pouco a pouco se despovoa.

Em chegando esta época, a cidade nos dá a impressão de abandonada. O fim de ano e o calor intenso que se faz sentir entre nós permitem a fuga de uma grande parte da sua população.

Por um lado, são os estudantes que voltam aos seus lares, depois de vários meses de ausência, depois de um longo período de estudos ou de boemia alegre, animada quase sempre pelos impulsos da própria mocidade estabana e simpática. Terminados os exames, terminadas as disciplinas do ano letivo, ei-los a caminho dos penates saudosos, onde as esperanças e as ilusões paternas os aguardam cheias de fé e amor, cada ano renovadas – mais vivas e mais latentes a cada ano que passa. E, com essa ausência, perde a metrópole o espírito vibrante que a anima em todas as horas, que enche de saudável alegria as suas artérias. Só a alma buliçosa e inquieta dos estudantes basta para dar um largo sopro de vida à cidade, despertando-a para as grandes e decisivas atitudes. Sem ela, que agora deserta, rumo à querência lá longe, a nossa capital perde um pouco da sua vida agitada e tumultuária, dessa vivacidade esfuziante que só a mocidade das escolas sabe sentir e impor, tudo animando em seu derredor.

Por outro lado, a fuga para as praias, a inauguração oficial das estações de veraneio, aumenta ainda mais o deserto urbano. Uma grande parte da população começa desde já os preparativos para

a ausência que se prolonga até fins de março. O calor intenso que se faz sentir e o ambiente verdadeiramente asfíxiante que envolve a nossa capital durante o período mais agudo do verão, implacável, fazem com que todos os pontos de refúgio sejam imediatamente procurados pelo epicurismo ávido de prazeres e de bem-estar.

Assim começa anualmente a fuga. Os arrabaldes, as vivendas pitorescas dos subúrbios se animam de novo; as serras aprazíveis e as estâncias saudáveis, que permaneciam até agora desabitadas, se enchem de vozes estranhas, de atividades em repouso; e as praias, então, rendadas de areia e claras de espuma, entram a conviver com os Tritões e as nereidas<sup>96</sup> da vida citadina, com os que emigram da capital para a existência vadia das estações de banho.

E a cidade despoeva.

Se os estudantes, por um lado, a deixam em quietude de aldeia, os veranistas, por outro, começam por abandoná-la, deixando-a entregue unicamente aos que, por contingência ou por necessidades da vida, são obrigados a aceitar os rigores da canícula e da estação como males perfeitamente toleráveis...

#### *4 de janeiro de 1928*

Nem todas as nossas encantadoras patricias vivem exclusivamente do encanto vadio da futilidade. Podemos mesmo afirmar que a maioria das nossas moças, quer ricas, quer pobres, tem uma ocupação doméstica, que é o suficiente para não viverem o dia inteiro brunindo as unhas, afundando olheiras postiças ou avivando a ruge, o carmim dos lábios e o colorido desbotado das faces. São moças que trabalham, que se agitam na atividade do lar paterno, aprendendo assim a serem perfeitas "donas de casa", como se costuma dizer. Por sua vez,

---

<sup>96</sup> Para a mitologia grega, Tritão era um deus marinho e as nereidas eram ninfas do mar.

muitas que não se entregam a esses deveres domésticos procuram, entretanto, adquirir uma educação artística esmerada, que é hoje uma das tantas exigências da requintada sociedade moderna. Nesse particular, a Escola de Artes e o Conservatório de Música de Porto Alegre vêm prestando inestimáveis serviços na educação aprimorada das nossas patrícias, revelando não só verdadeiros temperamentos artísticos, como tornando aptas muitas moças da nossa sociedade para ganharem a vida com fina elegância e absoluta independência.

Esta última instituição, pelo menos, tem feito verdadeiros prodígios entre nós. De ano a ano, aumenta o número de senhorinhas que frequentam suas aulas de música, na justa conquista de um diploma de professora de piano ou de canto. Nada menos de vinte e uma alunas foram diplomadas no curso de piano do ano de 1926, havendo número igual ou maior de diplomadas em 1927.

É, como se vê, um sintoma assaz significativo do desenvolvimento que a educação artística vai tendo entre nós. O resultado magnífico anualmente obtido pelas alunas do Conservatório, onde tantas inteligências delicadas se revelam através dos cursos a que se submetem, é sem dúvida um belo incentivo para as nossas gentis patrícias aprimorarem a educação, fugindo um pouco à futilidade e à frivolidade dissolventes que, levadas a rigor, acabaram por matar os mais puros e os mais belos sentimentos da mulher, tornando-as *biscuits* delicados, mas quebradiços e inúteis. A mulher moderna tem de reunir às suas qualidades de adorno e de enfeite a indispensável qualidade de ação, não só como senhora do lar, mas para ganhar sua vida ao lado do homem, frente a frente, tanto mais que ela vai se tornando hoje uma concorrente temível em todos os ramos de nossa atividade.

Por isso, ao exaltarmos aqui a sua graça e os seus encantos, louvamos também as que não se entregam tão somente aos caprichos e às vaidades mundanas, as que, pelo contrário, procuram ser úteis a si mesmas sem perderem a frívola delicadeza que as envolve.

*31 de janeiro de 1928*

Fevereiro, que deve entrar amanhã, se a folhinha não mandar o contrário, é o mês do Carnaval, das melancias e da festa da N. Sr.<sup>a</sup> dos Navegantes. É o mês de três coisas boas para quem gosta dessas coisas.

Do Carnaval não há quem não goste. Velhos, moços e crianças, todos os representantes da espécie, de ambos os sexos, vibram com ele, deliram com o deus Momo. A alegria desses dias estonteantes em que o Demo<sup>97</sup> parece que anda solto pelas ruas faz com que muita gente séria perca aquela linha de severidade e austeridade com que de ordinário as encontramos fora dessa época de folia e de grossa pândega. Colombina é então uma tentação... Seu ser misterioso mais místico se torna através da mímica acetinada da máscara. Mas, para o Pierrô dom-juanesco, não há segredo, não há mistério que não se desvende nesses momentos de prazer desenvolto e doudejante.

Já dizia, condoído, um romancista francês: "Que profunda pena tinha das Colombinas nas noites perigosas de Carnaval. São como as mariposas que dançam na luz, esquecendo que acabam por queimar as asas..."

Carnaval!

Colombina!

Quanta asa queimada.

\* \* \*

Estamos com a festa dos Navegantes à porta.

O alegre e populoso arrabalde onde vive uma grande parte da população laboriosa da capital movimenta-se, desusadamente, para comemorar a generosa padroeira dos marujos, dos que vivem navegando por mares e rios, na aventura de um destino já por si duvidoso

---

<sup>97</sup> Demo: espírito maligno, demônio, diabo.

e incerto. São dias cheios, dias de verdadeira festa de arraial, em que não faltam os leitões de oferta, os fogos, as quitandas de toda espécie de jogos de azar, onde são depenados os incautos. O namoro tem ali também uma influência muito grande, três vezes maior do que a devoção pela santa. Ele é parte integrante da solenidade, toma parte ativa de tudo e, às vezes, acaba mal – acaba na polícia ou na união indissolúvel do matrimônio, que, segundo os entendidos, é outro mal maior...

A festa da N. Sr.<sup>a</sup> dos Navegantes tem também para nós aqui um aspecto característico de verdevelhismo<sup>98</sup> nacional: é a festa da melancia como fruta gostosa, como fruta germinadora do tifo e da malária, como emblema símbolo dos que escondem por detrás da casca outro credo: verde por fora e encarnado por dentro!...<sup>99</sup>

Ali, porém, na festa dos Navegantes, a melancia só se mostra pela sua qualidade de fruta. E nessas condições é ela vendida às carradas por todas as tendas. Não há visitante em ali aparecendo que não prove a cucurbitácea indígena, que, nos dias da popular festividade, tem inúmeras virtudes, inclusive a de mandar muita gente para o cemitério.<sup>100</sup>

#### *4 de fevereiro de 1928*

- Estará para acontecer alguma coisa?
- Por que faz você essa pergunta?

<sup>98</sup> Referência à cor da melancia, o verde velho, feita provavelmente em relação ao termo "verdeamarelismo", relativo à corrente estética modernista defendida pelo grupo de Plínio Salgado, Guilherme de Almeida, Cassiano Ricardo e Menotti del Picchia em reação ao programa do "Manifesto Pau-Brasil" (1924).

<sup>99</sup> Melancia: diz-se daqueles, sobretudo militares, que possuem inclinações comunistas não declaradas.

<sup>100</sup> Como o cronista anota no parágrafo anterior, acreditava-se que a melancia era veículo de disseminação da febre amarela e do tifo.

– Pela simples razão de ter a polícia proibido os jogos de azar na tradicional festa dos Navegantes.

– Não vejo nada de sensacional nessa proibição. A polícia não faz nada mais do que cumprir com o seu dever, resguardando a bolsa dos incautos daquela série de ladroagens em que só o banqueiro é que sai ganhando.

– Pois eu vejo. Com essa atitude ora assumida pela polícia, veio quebrar-se uma velha tradição daquela festa. O jogo até parece que fazia parte da cerimônia religiosa, do ambiente litúrgico que envolve a infinita doçura da milagrosa padroeira dos marujos. Há anos que o jogo ali, como de resto de toda a capital, é exercido às escâncaras, livremente, escandalosamente. Nunca a polícia se lembrou de reprimi-lo, porque, se isso fizesse, prejudicaria a Intendência numa ótima fonte de renda, da qual aproveita gostosamente o estado também, que faz do jogo e de outras iguarias semelhantes uma exploração mercantil de ótimos resultados para a sua receita. Pode vir para cá o maior ladrazo do mundo que a fazenda estadual dele tira todo o partido possível no tocante ao pagamento de impostos. Basta dizer que o hoje tristemente celebrizado "Professor Hindu"<sup>101</sup> pagava imposto na Mesa de Rendas do estado<sup>102</sup>, "do seu gabinete de médico...". Ora, meu amigo, isso é tudo; isso explica uma situação, o doloroso quadro de uma época.

– Mas isso, agora, acabou-se, creia. A polícia vai agir energeticamente, ao que sei, no sentido de pôr um paradeiro a esse lamentável estado de coisas.

– Mas o jogo está de tal maneira enraizado entre nós que ela não poderá, de modo algum, extirpar esse cancro social.

– Não desejo que ela faça tão grande sacrifício. Basta que moralize um pouco mais a situação desavergonhada da nossa capital,

---

<sup>101</sup> Professor Hindu: místico que então atuava em Porto Alegre.

<sup>102</sup> Mesa de Rendas: repartição tributária responsável pela coleta de impostos e taxas.

reprimindo a baixa jogatina, a começar pela onda fantástica dos vigaristas do "jogo das tampinhas"<sup>103</sup>, e indo depois com a mesma energia, até onde ela tiver forças para ir.

\* \* \*

Esse diálogo ouvimos ontem à tarde, num café. Não é, aliás, um diálogo isolado sobre o assunto. Pelo contrário, ele traduz um anseio geral, uma verdadeira expectativa da população.

*13 de abril de 1928*

Porto Alegre é uma cidade que, de alguns anos a esta parte, vem sendo muito procurada pelos pintores. Inúmeros são os artistas nacionais e estrangeiros que aqui têm feito exposições de seus trabalhos, logrando a maioria deles relativo êxito. Se a nossa capital não é um ótimo mercado para a venda de obras de arte, não é também indiferente a sua aquisição, pois inúmeras telas já estão enriquecendo as nossas galerias particulares, atestando o sentimento de bom gosto que já predomina entre nós, até mesmo entre uma grande parte da nossa burguesia apatacada.

É verdade que não é essa gente que garante a vida do artista, que estimula os seus sentimentos estéticos, animando-o a trabalhar e a produzir. No geral, são os menos favorecidos pela fortuna que mais se interessam pela compra de trabalhos de arte, não poupando sacrifícios para ver enriquecidas as coleções. Mas o rico vai, também, entre nós, revelando o seu bom gosto, não só pelas coleções de dinheiro em caixa, em cofres, em bancos, como pelas coleções de telas dependuradas pelas paredes das salas e dos gabinetes.

---

<sup>103</sup> Jogo das tampinhas: jogo que consiste em movimentar rapidamente uma bolinha no interior de três fôrmas, de maneira que o desafiante deve apontar em qual das três a bola foi colocada por último.

Isso tudo quer dizer que o gosto artístico em Porto Alegre é uma realidade consoladora, aí o fato de vermos abertas anualmente, aqui, inúmeras exposições de pintura – abertas e encerradas com êxito.

Fazemos estas ligeiras considerações ao voltarmos da exposição do brilhante artista Ângelo Guido, que desta feita nos trouxe uma magnífica coleção de aspectos e paisagens da Amazônia misteriosa e longínqua, por onde andou há pouco, inundando de luz as delicadezas do seu pincel. Quase todas as suas telas já foram vendidas na nossa capital. As poucas que restam continuam a despertar a natural cobiça dos nossos colecionadores. Como a primeira, esta segunda exposição de Ângelo Guido vai obtendo o melhor êxito de vendas. São trechos e flagrantes surpreendentes de beleza da vida amazônica que aqui ficarão engrandecendo as pequenas pinacotecas da cidade. E, com isso, o artista delicado da nossa natureza sente-se animado das melhores esperanças na realização de seus sonhos, animado, sobretudo, para produzir ainda mais. O público já o compreende e admira, e isso é o bastante para garantir o sucesso completo de sua recente exposição. Pelo número de telas vendidas e pelo número de outras com promessa de serem adquiridas ainda esta semana, verifica-se que Porto Alegre ficará deveras enriquecida nas suas coleções de quadros, principalmente em relação aos da natureza amazônica tão admiravelmente interpretada por Ângelo Guido.

Se o artista está de parabéns, muito mais está o bom gosto da nossa capital. É uma nota essa que não queríamos de maneira alguma que passasse despercebida ao comentário e ao registro desta seção.

*20 de abril de 1928*

O sol andava por longe, avarento e fugitivo, no céu encapotado e turvo, sem rastro da sua passagem. Provavelmente, e de acordo com a opinião de algum "futurista" de miolo mole, ele andava lá no alto brincando de se esconder...

Foi isso que se deu naturalmente. E, durante o tempo que durou a brincadeira do sol, a terra encharcou-se à vontade. A chuva caiu fortemente durante três dias, com diminutos intervalos de estiada. A nossa capital ficou completamente alagada, como se estivéssemos em pleno período de cheias assustadoras. Aliás, não é preciso chover em demasia para Porto Alegre ficar em grande parte dominada pelas águas. Basta qualquer chuvinha de nada. As zonas mais baixas, como São João, Navegantes e parte do Menino Deus, sofrem, imediatamente, as consequências dos aguaceiros. O mal, entretanto, é menos da chuva do que dos bueiros e escoadouros entulhados. Isso é o quanto basta para promover o alagamento de inúmeras zonas da cidade, onde a água se represa e aí se conserva dias e dias, como acontece não só nos bairros acima apontados, mas em quase todas as demais ruas afastadas do centro. A municipalidade, que muito tem cuidado de um sem-número de melhoramentos e embelezamentos, tem deixado em abandono a situação calamitosa dos arrabaldes. Basta dizer que os terrenos de São João e Navegantes não foram até agora drenados como deviam. Por sua vez, as ruas desses dois bairros continuam com todos os seus bueiros entupidos. Algumas há que nunca possuíram o menor escoadouro para as águas. Ora, diante desse descuido, o alagamento é inevitável. Qualquer chuva, por mais insignificante que seja, basta para promovê-lo.

Entendemos que a Intendência não devia descuidar-se do problema, procurando solucioná-lo o quanto antes em benefício da enorme população que habita aquelas zonas da capital. Uma vez realizada a obra, teremos evitado grandes prejuízos, como foram os causados com a enchente de 1926. Já naquela ocasião o benemérito e saudoso Dr. Otávio Rocha teve suas vistas voltadas para o problema, mandando mesmo proceder a um estudo no local, a fim de dar vazão às águas por meio de drenagem e esgotos.

Não sabemos em que pé ficou a sua iniciativa. A sua solução, entretanto, reclama a máxima urgência. Sem esquecer os outros problemas palpitantes que a municipalidade tem em mãos ou em

andamento, ela devia também cuidar o quanto antes desse outro, minorando assim a situação efetiva daqueles arrabaldes que tanto sofrem por ocasião das chuvas e enchentes.

\* \* \*

O sol, dizíamos, andou por longe, avarento e fugidio. Ontem, porém, ele resolveu meter a cara, através das nuvens, inundando de luz a terra encharcada e tirando o mofo que se impregnara na cidade.

Foi um belo dia de sol outonal o de ontem.

*18 de maio de 1928*

Por ser um mercado excelente, mercado de primeira ordem, Porto Alegre, no momento, está cheia de musicistas, de cantoras, de declamadores e de outras coisas interessantes. É uma nata de arte em que predomina a figura feminina, por certo muito mais atraente e agradável que a figura masculina, em geral um almofadinha posudo e meloso, profundamente antipático, principalmente quando toma ares de futurista intragável como os versos de Mário de Andrade<sup>104</sup> e de outros do mesmo teor.

A nota, como acima dissemos, é deveras interessante. A mulher declamando, a mulher cantando, a mulher vocalizando, a mulher gemendo nas cordas do violino ou no misterioso teclado do piano, tudo isso, meus senhores, tem um certo sabor agradável, tanto mais se a protagonista é bela. Aí então o seu valor artístico sobe de preço e sobe ainda mais no conceito do público.

Entretanto, convém acentuar que o mercado está exausto. O extraordinário número das que têm procurado ultimamente a praça

---

<sup>104</sup> Mário de Andrade (1893-1945): escritor paulistano, fundador do movimento modernista em São Paulo.

para exercitar a sua atividade artística tem feito com que o mercado se conserve por vezes um tanto retraído, com tendências mais para baixa do que para alta.

O que, entretanto, é de notar com viva simpatia para o nosso "passadismo" retardatário, é que a nota predominante em todas essas manifestações de arte interpretadas pela mulher é de um profundo sentimento romântico, quase choramingas, quer nas notas arrancadas ao piano ou ao violino, quer na vocalização de um trecho de ópera, quer mesmo na recitação ou declamação de uma poesia.

O que tudo isso domina é a melancolia, a tristeza e a choradeira do mais puro romantismo.

É a verdade que de vez em quando surge um futurista requebrado dizendo versos deste jaez:

O sabiá morreu.  
Morreu, morreu.  
Morreu.  
O tico-tico desapareceu.  
Quem manda agora  
Aqui, ali, acolá  
É o pardal.  
Que grande malandro!  
E a energia?  
E a Carris?  
Tudo isso engolido  
De uma só vez  
De uma só.  
Por outra em vez  
Para alegria e felicidade  
De Porto Alegre  
Alegre.

Mas não pega. O freguês perde o seu tempo, o que vale, o que agrada, o que o público quer ainda, é o sentimento romântico de outros versos, é ainda a figura de olheiras fundas das nossas *diseuses*<sup>105</sup>, quando elas são assim belas, lânguidas e de profundas olheiras tenebrosas...

Há um fato ainda que devemos registrar aqui.

É o seguinte:

Com a invenção da arte de declamadoras, pessoas há, em Porto Alegre, que têm sofrido um verdadeiro martírio. Não há moçoila mais ou menos metida a letrada que não se dê ao trabalho de estudar poses e decorar versos para impingir nos vizinhos ou na primeira vítima que lhes aparecer de jeito, muitas vezes quando o desgraçado vai às pressas fazer uma visita protocolar.

Isso fazem muitas de nossas declamadoras improvisadas, com grave prejuízo para as obrigações domésticas...

### *2 de junho de 1928*

O mês de maio, tão poetizado pelos nossos vates "passadistas", desmentiu formalmente nos seus trinta e um dias de curso todos os encantos que a ele se atribuíam. Em lugar do esperado "veranico", com o seu sol radiante e seu céu azul luminoso, tivemos toda uma temporada de dias sombrios e chuvosos, de quedas bruscas de temperatura, o bastante para transformar a nossa enfermiça metrópole num vasto hospital. Substituiu-se, desse modo, a decantada poesia de maio pela tristeza sem fim das manhãs de névoa, das tardes de sombras ameaçadoras, de longas noites chuvosas em que a única

---

<sup>105</sup> *Diseur, diseuse*: do francês, declamador, declamadora.

nota viva da cidade era o concerto dos sapos nos pantanais dos arrabaldes.

Assim, tal como entrou, maio saiu: hesitante e incerto, sem beleza e sem encanto de espécie alguma. O próprio Divino, nas suas noitadas de fogos de artifício, foi por ele prejudicado. As chuvas e os temporais espantaram a concorrência da velha praça da Matriz, onde anualmente se celebra a solenidade das pombinhas e onde os bolinas<sup>106</sup> profissionais costumam aplicar a teoria do atraco...

\* \* \*

Estamos em junho. Junho, o mês clássico das festividades ao pé do fogo, lá fora. Aqui na capital, ele é apenas um mês de evocadoras tradições, quando se festejam com entusiasmo essas três entidades então entronizadas na apostólica veneração do nosso povo. Referimo-nos a Santo Antônio, São João e São Pedro, já definitivamente fulminados por outras variantes do "modernismo" aniquilador e destruidor que, com exceção da literatura, onde ridiculamente falhou, criando alguns adeptos de miolo suspeito, vai, no resto, levando de vencida o passado e as tradições.

Mas estamos em junho, dizíamos. Logo no seu primeiro dia a cidade acordou tiritante, varrida pelo minuano saudável do vasto pampa desabrigado. Se, por um lado, ele nos trouxe o frio, a dura realidade do inverno revoltado, por outro, arejou a nossa capital do bolor e do mofo, arrancando-a da umidade pestilenta em que ela esteve mergulhada durante todo o mês de maio. Ainda que desminta a regra, o minuano é um vento prenunciador do bom tempo e, na sua admirável função saneadora, "limpa completamente os miasmas e

---

<sup>106</sup> Bolina: aquele que realiza avanços sexuais apalpando mulheres em espaços públicos.

os gases deletérios que sobem dos monturos e paus<sup>107</sup>", como lá diz Mansueto Bernardi<sup>108</sup>, nuns lindos versos sobre esse vento.

Não devemos maldizer o minuano. Porto Alegre, sob o ponto de vista de higiene e de saneamento, deve-lhe inestimáveis serviços.

### *5 de junho de 1928*

Pontilhada de evocadoras reminiscências, esta folha publicou, em sua edição de domingo último, uma interessante reportagem sobre a decadência atual da festa do Divino, acentuando o que ela foi, anos atrás, quando Porto Alegre era apenas uma aldeia sem cinemas, sem automóveis, sem a intensa vida vertiginosa que hoje corre por todas as suas artérias numa ânsia admirável de progresso e de civilização.

Naquele tempo... (e logo nos vem à mente um passado de quarenta e cinquenta anos atrás) o Divino estava de fato no seu verdadeiro apogeu, com seus fogos de artifício, com seus leilões de oferta, com suas corridas de cavalhada entre "mouros" e "cristãos" e com as suas danças características, aqui introduzidas pelos açorianos povoadores do território, então chamado Continente de São Pedro, mais tarde Província e Estado, para finalmente acabar em Estância de São Pedro, segundo a sátira de Amaro Juvenal...<sup>109</sup>

Naquele tempo, a festa do Divino tinha atrativos de acordo com os costumes e o gosto da sociedade da época, a que não faltava

<sup>107</sup> Paus: plural do termo "paul", que significa terreno alagado com água estagnada, pântano ou planície inundada.

<sup>108</sup> Versos do poema "Ao minuano", publicado no *Correio do Povo* em 23 de julho de 1925 pelo poeta italiano radicado no Rio Grande do Sul Mansueto Bernardi (1888-1966).

<sup>109</sup> Alusão a *Antônio Chimango*, poema regionalista publicado na forma de livro em 1915 por Ramiro Barcellos (1851-1916), sob o pseudônimo de Amaro Juvenal, satirizando o domínio de Borges de Medeiros na política estadual.

nem mesmo a presença das velhas"minas"<sup>110</sup> com o indispensável amendoim torrado! Tudo então era diferente, a começar pelo próprio namoro à luz dos fogos, sob o sereno das longas noites de frio, namoro romântico, raramente agressivo, porque não havia ainda, segundo os remanescentes da época, a perfeição da classe desunida dos bolinas, em franco progresso, hoje, em toda parte. Os interessados na conquista do coração, em lugar de arriscarem a perna, arriscavam um olho primeiro, depois o outro, e tudo isso tímida e platonicamente, de forma a não dar muito na vista e sem o menor perigo das reações paternas ou maritais.

Velhos tempos antigos de "passadismo" e de "atrasadismo"... Porto Alegre não podia continuar assim, presa à teoria da insuficiência daquele estranho José Matias do Eça<sup>111</sup>. Tinha que evoluir em tudo, inclusive nesses complicados negócios do amor.

E assim aconteceu como tinha que acontecer. À maneira que os anos foram passando, a festa do Divino foi lentamente diminuindo de entusiasmo e de animação, até chegar ao ponto que chegou, morta definitivamente para o interesse, para a curiosidade e passatempo do público que já não encontra os atrativos que nela encontrava a geração passada.

Para os verdadeiros religiosos, há outras festas de igreja em Porto Alegre que reclamam hoje a sua piedosa devoção; e para os não religiosos, que lá iam também com outros fins, com outros intuitos, os fogos e o Divino já não causam o menor interesse, em vista da formidável concorrência de outros ambientes a propósito.

A civilização... O progresso...

<sup>110</sup> "Minas": o autor refere-se às ditas negras minas, tradicionais vendedoras de quitutes de tabuleiro.

<sup>111</sup> José Matias: personagem do conto homônimo de Eça de Queiroz (1845-1900), publicado em 1897. Por dez anos, José Matias viveu um amor platônico pela bela Elisa, sem nunca ter se decidido, apesar das muitas oportunidades, por consumá-lo.

Como Porto Alegre está evoluindo! Que maravilha! Como isso promete!...

*12 de junho de 1928*

Porto Alegre assistiu na linda tarde de domingo último à solene procissão de Corpus Christi.

Essa cerimônia religiosa constitui anualmente um verdadeiro acontecimento da cidade. Nenhuma solenidade católica merece dos fiéis e não fiéis tanta atenção e cuidado, nenhuma outra tanto interesse desperta. É que nessa procissão domina a graça feminina, o esplendor e a beleza do sexo no que ele tem de mais representativo na nossa vida social. É uma verdadeira procissão de mulheres. Não há andores para se adorar e carregar. Há apenas "madonas" para se admirar...

Apenas – e esse "apenas" não é pouco – todo um fantástico mostruário de formas, onde a moda autoritária requinta nos seus últimos modelos, atrai o olhar da massa contemplativa, estendida em fila desde a rua Independência até a praça da Matriz.

Um caso, porém, é digno de registro imediato: a Tentação, que é inimiga irreconciliável da Igreja, da Cruz e do Santíssimo, domina todo o formidável cortejo, exercendo impunemente o seu tremendo poder absorvente e dissolvente. Sob a cadência pausada das rezas e entre os padre-nossos e as ave-marias balbuciadas em coro, lá vem um olhar agressivo e brejeiro, um sorriso malicioso e perturbador, um mover incompreendido de lábios, feitos por boca pequena de alvos dentes à mostra. Cautela! É a serpente diabólica! E o homem, então, desprovido e concentrado, e que recém começa a se reconciliar com Deus, lembrando-se das torturas do inferno, das penas mais atenuadas do Purgatório e das delícias do Paraíso dos eleitos, sente-se imediatamente vencido pela Tentação, que passou deixando-lhe na alma o terrível rastro pecaminoso. Daí em diante já não há esforço, já não há conciliação possível com os divinos mistérios

da religião sagrada. Por mais que se procure elevar o espírito para o alto, mais ele desce, mais ele baixa, mais ele rasteja pela poeira da terra, deslumbrado pela visão luminosa de Taís<sup>112</sup>... E assim, por entre os cânticos litúrgicos, sob a cadência monótona das músicas sacras, quando já vai desaparecendo a primeira, uma outra Tentação perturbadora e dominadora como aquela entra alma adentro, despótica e autoritária, sem dar tempo mesmo para que se espante a sombra da outra que ficou. E a imaginação inteiramente desviada do culto religioso de *Corpus Christi*, por completo esquecida das preces e do sonho místico das almas puras, transfiguradas pelas delícias do céu, começa a dançar, satanicamente, num ritmo novo onde há manifestas intenções de pecado exatamente na ocasião em que as preces mais fervorosas começam a subir para o infinito azul da tarde que morre.

Foi naturalmente nesse transe de angústia que quebramos a cisma de um vizinho ao nosso lado:

– Meu amigo, a Igreja devia proibir as mulheres bonitas de acompanharem a procissão...

E ele concordou.

#### 14 de junho de 1928

As maluquices do "futurismo" literário chamado "modernismo", consoante o eufemismo em voga aqui no Brasil, ainda não conseguiu destruir coisa alguma, nem mesmo o "passadismo" que ainda domina em nossas letras. Fora, porém, dessa ridícula corrente literária que reflete os aspectos mais impressionantes da besteira multiplicada por asneira, outros aspectos, não desse "modernismo" de manicômio, mas da intensa vida moderna que o homem vai vivendo na hora pre-

---

<sup>112</sup> Taís: personagem-título do romance de Anatole France (1844-1924) publicado em 1890.

sente tem conseguido destruir grande parte das nossas tradições, de hábitos e costumes do passado.

Porto Alegre de hoje nos revela nitidamente esse interessante fenômeno. Não precisamos mais do que citar o caso dos festejos de junho, em louvor a Santo Antônio, São Pedro e São João, as três grandes entidades milagrosas da corte celestial. Estão eles hoje em completa decadência, a caminho do desaparecimento definitivo das festividades populares de Porto Alegre, como acontece também com a festa do Divino, que vai de ano a ano morrendo.

Era de ver noutros tempos a véspera e o dia daqueles três santos veneráveis, notadamente em relação a São João, por ser o mais popular dos três santos na vida onomástica do nosso povo. A cidade parecia que vinha abaixo ante o ruído delirante e incessante dessas solenidades onde os morteiros, os busca-pés, os pistolões de cores e o crepitar das fogueiras tinham papel saliente no agitar os entusiasmos populares, principalmente entre a trêfega petizada solta, que mais delirava então quando subiam ao ar os balões de papel, precursores dos modernos aeroplanos de hoje...

O mesmo que se observava na capital, verificava-se por toda a parte, por todo o interior, por todo o Brasil. Mas o tempo resolveu acabar lentamente com tudo isso, dando mão forte ao modernismo, às novas exigências da vida. Pouco a pouco, o entusiasmo se foi arrefecendo, trocando velhos por novos hábitos. Outros modos, outros costumes, entraram em cena, eliminando todas as velharias das gerações anteriores.

E a vida é bem isso! Não há fugir dessa sucessão de cenários criados pela própria alma humana. Cada ano que passa novos costumes se radicam no nosso espírito enquanto outros não vieram tomar o lugar ocupado por aqueles. São imposições naturais da vida moderna de hoje, que daqui a quinze ou vinte anos terá o mesmo ranço "passadista" para outra geração, como tem para nós agora as noitadas festivamente retumbantes dos santos de junho, de outros tempos.

Cada época tem a sua exigência natural, tem o seu modernismo dominador.

Modernismo, dissemos. É bom não confundir com o chamado "modernismo" literário, que, por absoluta falta de senso, nada destruiu das outras escolas, aumentando cada vez mais a frequência nas hospedarias do hospício e comprometendo, não raro, o bom nome equilibrado da família que tiver a desdita de possuir representantes aluados...

### *21 de junho de 1928*

Como acontece em todos os centros cultos, onde o inverno é o grande animador das boas temporadas teatrais, Porto Alegre abre também os seus dois únicos teatros para as *tournées* da estação atual.

Assim é que, independente do Teatro Coliseu, que nestes últimos meses tem estado em franco funcionamento, pois é o único centro onde o público se diverte a preços populares, quer na comédia, na opereta ou na revista, vamos ter este ano uma temporada lírica no velho Teatro São Pedro.

A abertura dessa temporada está marcada para a próxima semana, devendo figurar no seu elenco, para a representação de algumas das óperas do repertório, dois nomes femininos de alta significação na vida artística de Porto Alegre, fato esse que por si só constitui uma novidade para os frequentadores de teatro e apreciadores de boa música.

Antes, porém, de ser iniciada a temporada lírica, vamos ter ainda outra novidade que constitui, sem dúvida, um verdadeiro acontecimento artístico. É a visita de Rubinstein<sup>113</sup>, pianista de fama mundial, apontado como um dos maiores da atualidade. Porto Alegre, que já aplaudiu Friedmann, Backhaus, Brailowsky, Emil Frey, Vianna da

---

<sup>113</sup> Arthur Rubinstein (1887-1992): pianista polonês de origem judaica, naturalizado norte-americano.

Motta, Zadora<sup>114</sup> e outros da mesma altura, vai ter ocasião de ouvir agora o máximo intérprete da imortal beleza chopiniana.

Certo esse público já numeroso que não se cansa de exaltar a nossa cultura artística – muito embora deixe quase sempre desertas as cadeiras do velho e acanhado São Pedro –, certo esse público não perderá a ocasião única que se lhe depara para assistir ao pianista glorioso, sagrado por todas as grandes plateias cultas da Europa e da América.

Temos muita suspeita sobre a nossa apregoada cultura artística... Entretanto, está por poucos dias para a nossa dúvida ser definitivamente dissipada.

Os concertos Rubinstein e a temporada lírica são, não há dúvida, duas ocasiões ótimas para a gente arrancar por um momento o espírito das baixas e mesquinhas contingências terrenas.

Pena que o Coliseu, que tanto se esforçou para uma boa temporada lírica, a preços exclusivamente populares, não nos proporcione a vinda de uma outra companhia.

E ainda há tempo para uma temporada com seguro sucesso de bilheteria.

### *30 de junho de 1928*

Com o início da temporada lírica no Teatro São Pedro, vimos observando ali um fato que, apesar de curioso, não deixa de ser perfeitamente justificável. É o que diz respeito aos trajes de rigor, tanto para damas como para cavalheiros. Na noite da estreia da companhia, os espectadores estavam em uniformidade de traje. Muito decote,

---

<sup>114</sup> Pianistas citados: Ignaz Friedmann (1882-1948); Wilhelm Backhaus (1884-1969); Alexander Brailowsky (1896-1976); Emil Frey (1889-1946); José Vianna da Motta (1868-1948); Michael Zadora (1882-1946).

muita manga curta, muitas casacas e muitíssimos *smokings*. Havia exceções, como sempre as há, mas em número muito resumido.

Na segunda noite, porém, as exceções aumentaram. A variedade de trajes era flagrante. Ainda assim predominava a roupa escura entre os homens. Mas, anteontem e ontem, as exceções continuaram a regra geral. Os frequentadores do São Pedro na atual temporada lírica apresentaram-se vestidos de todo jeito, só faltando alguém aparecer em pijama... Assim, que apenas em quatro noites de espetáculos a decadência do vestuário foi completa, como, aliás, já tem sucedido em outras temporadas de inverno.

Indagamos da causa e logo tivemos uma explicação imediata: o São Pedro é um teatro absolutamente sem conforto, que não possui uma estufa e onde o frio destas últimas noites se tem feito sentir com toda inclemência. Portanto, quem ali se apresentar trajando a rigor, leva, para casa, no mínimo uma gripe. Nessas condições, o público que começou por assistir à temporada solenemente vestido, acabou por nem mesmo tirar o sobretudo agasalhador. Daí, naturalmente, a anarquia dos trajes que se verifica nas noites de espetáculo.

Na verdade, o São Pedro não é teatro para impor rigorismo de trajes. Faltam-lhe os requisitos indispensáveis. É um teatro fora de mão e fora do tempo, e, no inverno, como agora, nada fica a dever às "geladeiras" do marechal Fontoura<sup>115</sup>, de tenebrosa lembrança.

Mudemos, porém, de assunto, registrando uma outra impressão ali colhida com a atual temporada da Companhia Lírica. Referimo-nos aos retardatários que costumam penetrar na plateia depois do espetáculo começado, incomodando os demais espectadores que estão com a sua atenção presa ao que se passa em cena aberta.

---

<sup>115</sup> Marechal Fontoura: chefe de polícia do governo Artur Bernardes, celebrado por sua crueldade e violência. O termo "geladeira" refere-se às celas cimentadas ou revestidas de ladrilhos onde os presos eram encarcerados.

Chamamos para o caso a atenção da municipalidade, a fim de aplicar ao São Pedro o regulamento dos teatros, há pouco posto em vigor.

É costume desagradável esse, que precisa cessar de vez, bem como a mania de certas pessoas chupadoras de balas estarem esmagando a cada passo o barulhento papel em que as mesmas são envolvidas.

Depois disso temos ainda ali os "programas falantes", os cochichos em voz alta e outras coisas mais que muito depõem contra a educação de certos *habitués*, que com tanta facilidade confundem aquele recinto com salão de cinema e pensam que o lírico não é para se ouvir, e sim para se ver...

*1º de julho de 1928*

Aos sábados de bom tempo, quando o sol domina, triunfal, o azul sem nuvens, derramando por sobre a cidade cintilações de ouro solto, Porto Alegre tem na rua da Praia o seu grande dia de moda, espécie de feira das vaidades, onde um grande número de interessantes figurinhas femininas enche aquela artéria de um verdadeiro encantamento.

O *footing* é de tal intensidade nesses sábados luminosos que muitas vezes o trânsito se interrompe, e a gente sem querer fica parado, com cara de trouxa, olhando, bestificado, aquele mundo de carinhas bonitas, de olhares brejeiros, de sorrisos marotos e provocantes, que são realmente a única delícia, a única razão de ser daquele pedaço delirante da capital. Porque, na verdade, a rua da Praia sem o encanto das mulheres é quase uma zona esmagada onde a vadiagem faz ponto fixo, tapando o mostruário das vitrines, atravancando as portas das casas do comércio e onde, também, os jogadores, os gatunos de marca conhecida, os batedores de carteira e os exploradores da indústria do lenocínio fazem parada, interrompendo os passeios, prejudicando o trânsito

da gente honesta. Mal da cidade, mal daquela artéria, se não fora a graça feminina que, nos sábados da moda, ali se ostenta no seu magnífico esplendor.

Mas, com este tempo, os sábados da moda andam tão escassos... Raro é aquele que permite uma hora de *footing*, sem a promessa de um aguaceiro ou de uma garoa impertinente. De um certo tempo para cá, quase todos os sábados chove, e, se não chove, ameaça chover, o que é também desagradável.

É verdade que uma parte das nossas elegantes, em se tratando dos dias da moda, não teme as ameaças do mau tempo. Mas uma outra parte foge espavorida.

Ontem, felizmente, não foi assim. Apesar da má catadura do céu, toldado de nuvens escuras, pesadas, o sábado decorreu no maior entusiasmo, numa vibração de desusado e intenso movimento, como raramente se verifica na principal artéria da capital.

E, como nota destoante do sábado de ontem, o luxuoso auto nº 4 da Secretaria do Interior esteve, à tardinha, mais de meia hora parado na contramão, num armazém de modas na rua dos Andradas, mostrando assim o seu desrespeito flagrante às disposições municipais. A fina e aristocrática viatura procura exatamente os sábados, que é o dia de maior movimento da cidade, para mostrar o seu menosprezo pelos demais automóveis, pelo menos na violação escandalosa às determinações da Inspeção de Veículos.

Será que a lei aqui não é para todos?

*20 de julho de 1928*

Volta novamente à baila, como assunto palpitante, nas nossas rodas de engenheiros e de artistas, o caso da construção do Teatro Municipal.

Percebe-se em tudo, antes de mais nada, a preocupação insistente por parte dos competentes e dos técnicos, em escolher o local que melhor convém para aquela construção. Já há tempos, quando o saudoso Dr. Otávio Rocha ventilou o problema, chamando uma comissão de engenheiros para emitir parecer a respeito, a referida comissão foi de opinião que o futuro grande teatro de Porto Alegre deverá ser erguido num dos pontos altos da nossa capital, na praça Conde de Porto Alegre, por exemplo, onde está localizado o velho quartel do 7º Batalhão de Caçadores. E tão latente é a preferência por aquele local que até já se fala que será apresentado à Câmara dos Deputados, pela nossa bancada, um projeto concedendo, ao governo do estado ou ao município, aquele próprio federal em troca de um outro quartel-modelo, para ali ser levantado então o grande teatro da cidade.

Para nós a questão do local é secundária. Estamos no assunto com a opinião deste brilhante espírito que é Fábio de Barros<sup>116</sup>, na entrevista que concedeu a esta folha: "O essencial – disse ele a nossa reportagem – é construir um teatro que atenda às condições da crescente cultura artística desta capital". Quanto à localização desse monumento de arte, entende o entrevistado que só secundariamente deve nos preocupar, não sendo para desprezar, também, a face econômica do problema.

Parece-nos que será esse realmente o melhor critério a seguir. Depois, não há razão para andarmos numa preocupação insistente pelo local, quando tudo ainda é vago sobre tal assunto. Estamos apenas em conjecturas e projetos. Para que essa projetada construção se transforme em realidade, temos ainda muito que ver. Entretanto, não é demais irmos lembrando a ne-

---

<sup>116</sup> Fábio de Barros (1881-1952): médico e jornalista natural de Uruguaiana, fundador da revista *Máscara* (1918). Atuou nos jornais *A manhã*, *O Diário*, *A Federação* e *Correio do Povo* como redator e cronista de arte e literatura.

cessidade de se edificar um teatro que satisfaça as exigências de Porto Alegre sob todos os pontos de vista, um teatro que reúna os indispensáveis requisitos de lotação e que esteja, ao mesmo tempo, aparelhado para receber grandes companhias, um teatro, enfim, de gosto arquitetônico que seja também uma obra de arte a embelezar a cidade.

O velho São Pedro já está definitivamente condenado. Quanto mais aumenta a nossa população, mais acanhado ele se torna, e, para compensar a deficiência de sua lotação, as companhias que ali trabalham são forçadas a elevar os preços dos seus espetáculos, sob pena de prejuízos, aumentando, portanto, a despesa dos espectadores.

Tudo isso são razões que justificam a necessidade da construção de um bom teatro, seja ele do estado ou do município.

### *9 de outubro de 1928*

Com a aproximação da estação das cigarras e do "nu artístico" – as boêmias cigarras e o nu maravilhoso... –, as vivendas da Tristeza e Pedra Redonda, abandonadas durante o inverno ou simplesmente entregues ao labor silencioso dos caseiros, começam a preparar-se para o ócio da vida de repouso da estação calmosa. Já agora os arvoredos reverdecidos, as flores entreabrindo-se ou debruçadas pelos canteiros, enquanto os frutos opimos<sup>117</sup> se preparam para a sazão<sup>118</sup>, tudo ali vai tomando um aspecto de suave bucolismo, Éden maravilhoso da metrópole, onde as Evas perturbadoras da *city*, que, por qualquer motivo, não podem brincar com as areias e as ondas das praias do mar ali repousam também.

Assim é que os dois pitorescos pontos de refúgio próximo começam a despertar para esse longo período de existência de veraneio,

<sup>117</sup> Opimo: excelente, fecundo.

<sup>118</sup> Sazão: época oportuna para a colheita dos frutos.

que vai invariavelmente, entre nós, de dezembro a março. Ao percorrermos, domingo, os dois atraentes subúrbios ribeirinhos, notamos que tanto as habitações modestas como as vivendas de luxo já estão espanejadas, de janelas escancaradas à luz, tirando a grossa camada de mofo criado no inverno, num longo período de chuvas e umidade. E as suas estradas, que durante todo esse tempo estiveram desertas, abandonadas e intransitáveis, só percorridas pelas carrocinhas dos horteleiros<sup>119</sup> e vendedores de leite, começam a melhorar, à força do trânsito que aumenta. Já naquela direção, aos domingos, por exemplo, é enorme o trânsito de automóveis de praça e particulares, enquanto os ônibus vão aumentando o número de suas viagens, e o trenzinho da Tristeza apitando mais seguidamente na curva...

Por toda a estrada, quer na ferrovia municipal, quer na rodovia tortuosa em tão horrível estado, principalmente no trecho da cidade até a esquina da rua José de Alencar, já se começa a ver um carreiro<sup>120</sup> incessante de pessoas endomingadas, que disputam com dedicação sistemática a poeira densa do caminho, para gozarem depois algumas horas de convívio com a natureza e a cerveja de Pedra Redonda, e com outras atrações do Morro do Sabiá<sup>121</sup>...

Estamos, porém, em começo. Logo que mais firme se torne o tempo, que mais forte se torne o sol e mais quentes os dias vindouros, verá, então, o leitor o que vai ser aquele amável retiro de refrigério.

Uma maravilha, por certo.

### *14 de outubro de 1928*

O Sr. Gaston Hasslocher Mazon<sup>122</sup> é um meticuloso escavador de fatos e episódios da existência da antanho da nossa leal e valorosa cidade.

<sup>119</sup> Horteleiro: hortelão, indivíduo que cuida de horta, hortaliçeiro.

<sup>120</sup> Carreiro: caminho de formigas em direção ao formigueiro, bando de formigas em fila.

<sup>121</sup> Morro do Sabiá: elevação localizada no bairro de Pedra Redonda.

<sup>122</sup> Gaston Hasslocher Mazon (1886-1950): jornalista e cronista nascido em Porto Alegre.

Agora mesmo, esse conterrâneo acaba de publicar um trabalho interessante – *Notas para a história de Porto Alegre* –, no qual descreve os acontecimentos de maior monta na vida da capital desde a sua fundação. Assim que, ao folharmos o seu útil trabalho, vivemos várias épocas tão distanciadas do presente, quando a incipiente metrópole ensaiava os primeiros passos para chegar a ser o que é. Aí aparecem, embora em traços rápidos, a fundação da cidade, os principais edifícios e construções da época, a Casa de Correção, a inauguração do Teatro São Pedro, o Mercado Público, a Alfândega, o primitivo Caminho Novo, os jornais, os primeiros médicos, as igrejas, os Correios, os primeiros cemitérios da capital, cujo movimento era insignificante, por não existir ainda o serviço de ônibus e de bondes... Este último meio de transporte, que se iniciou com tração animal em 1864, só mais tarde, em 1906, quando passou a ser de tração elétrica, é que influiu poderosamente no progresso mortuário da cidade, contando hoje com o valioso auxílio dos auto-ônibus, caminhões e automóveis propriamente ditos...

O livro do Sr. Gaston Mazon descreve-nos ainda vários acontecimentos interessantes de Porto Alegre arrancados da poeira do passado, como sejam, a festa do Espírito Santo, o início da construção escolar, o suprimento de água à nossa população primitiva, a zona predileta dos jornais e, o que é mais interessante, os apelidos e as antigas denominações das nossas ruas, de que damos aqui alguns exemplos:

“Rua Nova: foi o primitivo nome da atual rua General Andrade Neves, que também se denominou rua Nova de São Jorge.

Hoje: é uma rua que vai da estrada do Mato Grosso até o arroio Dilúvio (Partenon).

Dom Pedro II: foi um dos nomes da praça Marechal Deodoro.

Hoje: é uma rua que vai da estrada do Passo da Areia<sup>123</sup> até a estrada da Pedreira<sup>124</sup>.

<sup>123</sup> Estrada do Passo da Areia: via em parte correspondente à atual avenida Assis Brasil.

<sup>124</sup> Estrada da Pedreira: atual avenida Plínio Brasil Milano.

(Essa praça nos primeiros tempos da vida da cidade era conhecida pela denominação de morro da Praia e chamou-se também praça do Palácio e da Matriz, sendo esta designação a que até hoje é a mais usada pelo povo).

Conde de Porto Alegre: entre as muitas denominações que teve a atual rua General Canabarro, também teve a de Conde, naturalmente devido às grandes propriedades que esse possuiu naquela zona, inclusive o antigo solar<sup>125</sup>, que até hoje existe na esquina da rua de que estou tratando e da Riachuelo.

Hoje: é uma grande rua que parte da rua do Parque e vai à rua Cristóvão Colombo.

(As outras denominações que teve a rua General Canabarro foram as seguintes: beco do Pedro Mandinga – no trecho entre as ruas Fernando Machado e Demétrio Ribeiro; Cova da Onça; rua Direita e São Jorge).

Santana: foi o primeiro nome da rua 20 de Setembro, também antigamente denominada Pretos Forros.

Hoje: liga o campo da Redenção ao Partenon, partindo da rua Venâncio Aires até a estrada do Mato Grosso.

Bahia: em outros tempos foi essa a denominação dada à atual rua Demétrio Ribeiro, que também já se chamou Varzinha, D. Isabel e beco do Forno.

Hoje: existe a avenida Bahia, no 4º distrito<sup>126</sup>, que principia pela rua Dr. João Inácio e vai terminar na avenida Napolitana.

Formosa: foi um dos nomes da rua Duque de Caxias.

Hoje: é o nome de uma rua nas proximidades da Protetora do Turfe, que vai da rua Moinhos de Vento<sup>127</sup> até a Castro Alves”.

<sup>125</sup> O solar do Conde de Porto Alegre foi construído por volta de 1830, e atualmente abriga o Centro Cultural do Instituto dos Arquitetos do Brasil (IAB/RS).

<sup>126</sup> 4º distrito: composto por Navegantes, São João, Passo da Areia, Passo da Mangueira e as regiões que tem início no rio Gravataí e seguem em direção leste até a divisa com Viamão.

<sup>127</sup> Rua Moinhos de Vento: atual avenida 24 de Outubro.

Como se vê, o livro do Sr. Mazon é um verdadeiro livro da nossa cidade no passado.

Lendo-o, o leitor terá naturalmente uma perfeita impressão do que foi e do que hoje é a nossa capital.

### *30 de novembro de 1928*

Começa pouco a pouco, agora, a migração de veranistas para a Tristeza.

Uma parte da população da capital, impossibilitada por este ou aquele motivo de fazer nas praias ou no campo a sua estação de veraneio, foge, assim, para o lindo e simpático arrabalde que, com a sua saudável alegria bucólica, desmente a tristeza do nome. É exatamente por essa época, quando o calor começa a castigar com violência, que Tristeza adquire uma vida intensa e uma doce poesia alpestre. Nos seus jardins refloresce não só o vivo encanto das flores que neles se entreabrem, enchendo de perfume o espaço, como na graça das mulheres bonitas que adoçaram essas habitações de ócio, e que são quase todas as que demandam daquele local, fugindo dos ardores da canícula da cidade.

Com isso, a vida da Tristeza toma um admirável impulso. São dias de agradável animação que assim se sucedem até fins de março, quando começa de novo a debandada. As reuniões dos veranistas vão dia a dia aumentando, crescendo de animação e alegria, emprestando um aspecto novo àquele subúrbio por onde Ceres e Vênus passeiam numa íntima camaradagem: uma amadurecendo as uvas que ali abundam em latadas de todo o feitio, outra agitando de estremunhos e formas marmóreas que se vão banhar no delicioso e pitoresco trecho da Pedra Redonda, para onde converge sempre um maior número de banhistas e de passeantes domingueiros.

Movimentam-se na estrada bandos gárrulos e trêfegos; enchem-se os caminhos de chufas e risadas sadias, e a própria gare do local,

acanhada e pequena como os seus trenzinhos, vibra de animação ruidosa à hora da chegada e partida dos "expressos", que vão e vêm espaçadamente, apinhados de passageiros.

É um quadro admirável deveras, esse que Tristeza oferece nesta época. Completa-o o andar contínuo dos autos e ônibus através da mal traçada rodovia suburbana, que fica em certas horas do dia encoberta pela poeira densa. Isso e mais as fagulhas do trenzinho de brinquedo que vai do cais do porto àquele local são os dois únicos suplícios dos veranistas da Tristeza.

Fora isso, tudo mais agrada, encanta, dá prazer à gente, principalmente para os que ignoram que ali bem perto está a Ponta do Dionísio...

#### *4 de dezembro de 1928*

Com o arrendamento do Coliseu a uma empresa cinematográfica, Porto Alegre ficou agora reduzida a um único teatro – o Teatro São Pedro. Isso, numa capital de 300 mil habitantes, é prova mais do que suficiente de que não temos a menor simpatia pelo teatro, tomado este nas suas inúmeras manifestações artísticas. O próprio São Pedro é um teatro cheio de restrições, com a agravante de viver constantemente fechado, só abrindo suas portas para uma ou outra temporada lírica de dois em dois anos, e com outra agravante ainda, que se prende à sua lotação deveras acanhada, o que muito encarece os seus espetáculos, mesmo em se tratando de companhias de mérito inferior. Não podemos, por isso, ter o São Pedro na conta de um verdadeiro teatro. É mais um recinto de concertos do que qualquer outra coisa. O Coliseu, sim, era um centro de diversões populares que preenchia verdadeiramente os seus fins. Graças ao interesse sempre demonstrado pelo seu proprietário, para cá eram atraídas anualmente inúmeras companhias nacionais e estrangeiras de dramas, comédias, revistas, operetas etc. Foi, de fato, o Coliseu o centro

de diversões que proporcionou ao nosso público o maior número de temporadas teatrais, algumas até de grande e memorável sucesso.

Com a transformação por que ele passou agora, perde Porto Alegre o seu único teatro, exclusivamente. E como o Teatro São Pedro não atrai quem o agencie como meio de negócio, por ser deveras acanhado na sua lotação, o pequeno público apreciador de teatro terá que se contentar em esperar que tenhamos, com o tempo, um centro em condições de reatar as velhas tradições do Coliseu.

Há, é verdade, um projeto para a construção de um grande e luxuoso teatro municipal; mas, para vê-lo realizado, temos ainda que esperar muitos anos, até 1935<sup>128</sup>, pelo menos. Mesmo que o tenhamos pronto, não será um teatro popular, que é o que Porto Alegre realmente precisa, teatro, enfim, que proporcione espetáculos ao alcance de todas as bolsas.

É de lamentar sinceramente que a nossa capital não possua um único teatro nessas condições, quando o seu desenvolvimento e a sua população davam, perfeitamente, para manter não só um, mas vários centros de diversões nas condições do que foi o Teatro Coliseu.

### *21 de dezembro de 1928*

Os comentários de hoje são sobre um assunto deveras interessante. Liga-se ele aos "almofadinhas" da rua da Praia e ao grande prejuízo que o comércio da mesma rua vem sofrendo em consequência do mostruário de suas vitrines ficar completamente encoberto pelo traseiro dos que estacionam à sua frente.

Ora, nesta época de fim de ano, em que o comércio procura expor as suas reclamações e as últimas novidades recebidas, não é justo que

---

<sup>128</sup> O ano de 1935, centenário da Revolução Farroupilha, é o prazo irônico habitualmente estipulado pelo cronista para a conclusão dos projetos modernizadores em curso.

os ociosos frequentadores da nossa principal artéria escolham as vitrines, as mais vistosas e procuradas pelo público, a fim de fazerem das mesmas ponto de parada durante toda a manhã ou toda a tarde, prejudicando os interesses do comércio, naturalmente superiores aos daqueles que ali estacionam, ou para "cortar"<sup>129</sup> da vida alheia, ou para atirar gracinhas às damas suspeitas ou insuspeitas que transitam pelo local. Tão irritante foi sábado último a permanência de um grupo encostado à vitrine do bazar "A Tricolor", na qual se via uma linda exposição de brinquedos e presentes para o Natal, que a direção daquela casa viu-se obrigada a descer a cortina de aço que resguarda a referida mostra, pois a exposição ali feita estava completamente perdida diante daquele tapume de nádegas enfileiradas!...

E, como aquela, inúmeras outras, como a Livraria do Globo, Preço Fixo, Livraria Americana, Casa Gonçalves, Nunes Dias etc., sofrem as mesmas consequências por parte do elemento vadio que ali estaciona, não só aos sábados, mas todos os dias. É, como se vê, uma preferência desagradável que os comerciantes prejudicados de bom grado dispensam.

Já que fazemos referências sobre o caso, não seria demais chamarmos também a atenção da polícia para os grupos que, à frente do Café Colombo e Café Nacional<sup>130</sup>, estacionam permanentemente no passeio, interrompendo o trânsito do público, inclusive de senhoras, que não raro são obrigadas a passar pelo meio da rua.

Nas cidades adiantadas, de população grande (e Porto Alegre já pode ser incluída entre as mesmas), a polícia não permite ajun-

<sup>129</sup> Cortar: na gíria, observar e comentar maliciosamente.

<sup>130</sup> Café Nacional: café de propriedade de Fábio Netto & Companhia, empresa fundada no ano de 1914, em Porto Alegre. A partir do sucesso da matriz, inaugurada em 1917 na rua Marechal Floriano, a empresa expandiu suas atividades ao longo da década de 1920, chegando a possuir diversas outras filiais em Porto Alegre e nas maiores cidades do Rio Grande do Sul. In: MAYBORODA, Fabiana Gazzotti. Frederico Guilherme Gaelzer: protagonismo nas Políticas Públicas de Esporte, Lazer e Educação na cidade de Porto Alegre. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA ORAL, 14., 2018, Campinas. Anais [...]. Campinas: Unicamp, 2018.

tamento de pessoas paradas nos passeios das artérias de maior movimento, obrigando-as a caminhar.

– *Circulez, monsieur!*

Por que não se faz o mesmo aqui?

### 10 de janeiro de 1929

O governo do estado acaba de arrendar o Teatro São Pedro. Fez muito bem. Fez muito bem porque o arrendatário, de acordo com o compromisso assumido com o arrendamento, obrigou-se a organizar uma temporada oficial com artistas e companhias de reconhecido mérito, constando essa temporada de uma companhia lírica, uma companhia de operetas e uma companhia francesa de comédias que virá do Teatro Municipal do Rio.

A empresa arrendatária promete ainda não esquecer o teatro nacional, que será motivo de suas cogitações imediatas, no intuito de bem servir o público frequentador do velho São Pedro.

Aí está, a nosso ver, o único ponto errado da empresa contratante. Teatro nacional... Sabe o que constitui o nosso falado teatro nacional? Unicamente a revista, mas a revista pesada e grosseira, a revista de calão e da pornografia, que, em virtude da censura policial há pouco verificada no Rio, foi causa até de uma crise teatral naquela capital, pois quase todos os teatros exploravam o mesmo gênero – o gênero nacional com sal, pimenta e pó-de-mico por cima...

A empresa arrendatária do Teatro São Pedro que abandone essa ideia, essa ilusão, essa verdadeira *blague*<sup>131</sup>, e que nos dê em troca temporadas de óperas, operetas e boas comédias estrangeiras, representadas por companhias nacionais, e com isso o público educado ficará plenamente satisfeito. Basta que seu digno e esforçado

---

<sup>131</sup> *Blague*: dito, relato, comentário engraçado ou irônico; pilhéria.

arrendatário – que, aliás, é um dos poucos patrícios que se interessam pelo teatro entre nós<sup>132</sup> – movimente o velho São Pedro, fazendo-o funcionar. Está no próprio interesse da empresa desenvolver esse ramo de negócio, trazendo para cá companhias. Já não queremos de primeira ordem, mas discretas. É a única maneira de espantar a tristeza e a poeira da plateia deserta.

Porto Alegre conta agora unicamente com esse teatro. Conservá-lo fechado por mais tempo é contribuir para que o público perca de um todo o hábito de frequentá-lo, pois o teatro, como o próprio cinema, é uma mera questão de hábito.

Por isso, é de esperar que a empresa arrendadora do São Pedro, e que ora tomou a si tão espinhosa tarefa, tudo faça para despertar a vida teatral de Porto Alegre.

### *5 de fevereiro de 1929*

Desde sábado que uma grande parte da população da cidade vem acompanhando os tradicionais festejos em louvor à N. Sr.<sup>a</sup> dos Navegantes, a padroeira dos marujos.

Domingo, principalmente, deslocou-se para o popular arrabalde onde aquela festa é anualmente celebrada uma grande massa de povo. Desde as primeiras horas da manhã até horas tardias da noite, os nossos principais meios de condução, bondes, ônibus e automóveis, não deram tréguas à condução incessante de passageiros para o local dos festejos.

Das impressões recebidas durante o curto espaço de tempo que permanecemos na praça onde se ergue a igreja daquela santa, uma queremos fixar aqui, em poucas linhas. Referimo-nos à falta de jogo. Perseguido como vem sendo o jogo, entre nós, notada-

---

<sup>132</sup> No início de 1929, o Teatro São Pedro foi arrendado, por um período de três anos, ao comerciante João Oswaldo Rentzsch, dando origem à Empresa Teatral Sul-Brasil. In: GOLIN, Cida. **Theatro São Pedro**: palco da cultura (1858-1988). Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1989.

mente nos pontos onde ele se mostrava mais escandaloso, foi também obrigado a desaparecer da festa dos Navegantes. Com isso, a festa perdeu um dos seus aspectos mais característicos, talvez muito mais expressivo que o das melancias. Então, não havia tenda, não havia barraca nem ramada em que o jogo não campeasse no uso e gozo de uma invejável liberdade. Em matéria de jogo via-se ali de tudo: a roleta, o bacará, o pôquer, o sete baiano e tudo o que mais é possível imaginar-se em matéria de jogo de azar tinha ali o seu fervoroso culto, uma onda formidável de vítimas. Assim, o jogo, como as melancias, constituía quase que a razão de ser da festa. Perdendo, agora, o atrativo desse último, a solenidade de N. Sr.<sup>a</sup> dos Navegantes foi enormemente prejudicada, pois os conflitos e os tiroteios que não raro ali se registravam diminuíram sensivelmente. Nota-se logo ali a falta de qualquer coisa. É a falta de jogo, a falta de movimento através daquele sem-número de tendas e ramadas onde é feita a venda de frutas, comestíveis e bebidas.

Entretanto, aumentou de um modo considerável o número de adeptos ao culto da melancia. A popular cucurbitácea rio-grandense tem, em verdade, durante a época dos festejos, uma saída fantástica. Centenas de pequenas embarcações, constituídas de canoas e botes, transportam, durante os dias de festa, milhares e milhares de melancias. Dia e noite há a notar ali o contraste violento das cores – o verde da casca e o vermelho do miolo. Daí, por certo, trazem a expressão simbólica usada em política: a melancia...

E quanta gente não há realmente que é verde por fora e encarnado por dentro?

É uma questão respeitável de conveniência...

*9 de fevereiro de 1929*

Estamos às portas de Momo.

Faltam apenas dois dias para a sua entrada oficial, com guizos, máscaras e zabumbas, e a clássica pergunta inevitável: "Você me conhece?"<sup>133</sup>

Com tal aproximação, a cidade se vai enchendo de forasteiros, de gente da vizinhança, que vem assistir aos folguedos carnavalescos. Nem podia deixar de ser assim.

Pelas suas condições de metrópole, e sendo o centro mais populoso do estado, Porto Alegre atrai maior número de visitantes que qualquer outra cidade rio-grandense.

Anos atrás era ainda maior esse movimento. É que, em outros tempos, o Carnaval teve entre nós grande brilho e desusada animação, culminando o entusiasmo quando o público assistia ao desfilar dos préstitos de carros alegóricos, que eram anualmente organizados pelas duas sociedades, Esmeralda e Veneziana<sup>134</sup>.

Arrefecido o entusiasmo dessas duas sociedades, os folguedos de Momo entraram também em decadência, caindo na mais completa frieza.

Fizemos esses ligeiros comentários tão somente para acentuar o muito que têm caído entre nós várias festividades populares, entre as quais o Carnaval, que, ainda há pouco, se revestia de grande fulgor e animação desusada. Festas carnavalescas, festas religiosas, festas cívicas, tudo, enfim, que era festa, com a participação da alma popular, tinha entre nós um destacado brilho.

Hoje já não é assim. Que nos perdoem os inimigos do "saudosismo", mas o Carnaval já não tem a mesma graça, o mesmo entusiasmo e o fulgor dos tempos passados, quando a Esmeralda e os Venezianos saíam à rua arrancando aplausos dos seus partidários, da multidão que se premia nas principais ruas da capital. Que desaparecesse o entusiasmo pelas festas do Divino, pelas festas cívicas dos grandes

<sup>133</sup> "Você me conhece?": frase que dava início a uma brincadeira de carnaval que consistia na abordagem, por um folião ou um grupo de foliões mascarados, de alguém conhecido que era então submetido a provocações e insinuações, de modo a se obter revelações de efeito cômico.

<sup>134</sup> Venezianos e Esmeralda: sociedades carnavalescas fundadas em Porto Alegre entre 1873 e 1874.

dias nacionais, como o 13 de Maio, o 7 de Setembro e o 15 de Novembro, isso seria perfeitamente explicável num país visceralmente carnavalesco como o Brasil; agora, desaparecer o entusiasmo pelo próprio Carnaval é coisa que não se compreende.

Todavia, a nossa opinião no caso oscila entre duas hipóteses: ou o nosso civismo acabou com o Carnaval, ou este acabou com aquele e também morreu em consequência da luta...

Falamos, está visto, de Porto Alegre, porque fora daqui há uma exceção. É o Carnaval carioca.

Por isso, é lá que está a alma do Brasil...

#### 14 de fevereiro de 1929

Quarta-feira de cinzas.

O Carnaval passou.

E com ele passou também o frio entusiasmo da nossa população.

Uma pergunta:

– Por que essa frieza?

A alguém entendido em assuntos carnavalescos perguntamos a causa dessa falta de animação, que de ano a ano se vai tornando mais sensível.

A resposta, que não se fez esperar, veio lógica e razoavelmente esclarecer esse palpitante assunto da atualidade porto-alegrense.

É que o Carnaval – e isso acontece unicamente entre nós – vai desaparecendo das ruas para viver exclusivamente nos salões. Aí que ele é bom, mas bom de verdade; aí que ele é mesmo gostoso... Quem goza o carnaval dos bailes burlescos, dos bailes à fantasia, requebrando um *charleston*, um *black bottom*<sup>135</sup>, ou qualquer outra dança voluptuosa e ultramoderna, nunca mais quer tomar parte dos

---

<sup>135</sup> *Charleston* e *black bottom*: modalidades de dança de origem estadunidense, populares na década de 1920.

folguedos de rua. Ora, a maioria dos nossos clubes carnavalescos desistiu dos corsos e passeatas com carros alegóricos em favor dos bailes. Vem daí certamente o desinteresse do Momo pela vida agitada das ruas onde a multidão o aguardava, ansiosa.

Com essa ausência, como é natural, o entusiasmo vai enfraquecendo, vai desaparecendo. Além disso, um outro fato que muito tem contribuído para tirar a animação da rua da Praia é que os festejos carnavalescos são agora realizados em várias zonas da capital. Assim é que temos o Carnaval de São João, da rua da Margem<sup>136</sup>, da rua da Concórdia<sup>137</sup>, e, finalmente, o Carnaval da avenida Bom Fim, que fez a sua estreia este ano naquela artéria.

E para todos esses pontos tresmalha-se o povo, no desejo de apreciar os folguedos, levando quase sempre verdadeiros logros, pois, ao se dirigir para a rua da Concórdia, para assistir ao desfile dos cordões e blocos, estão estes passando pela rua dos Andradas e, quando para esta artéria se dirigem, já estão eles na rua da Margem ou em São João.

Essa distribuição dos folguedos é a principal causa dos mesmos se apresentarem fracos em toda a cidade.

O carnaval de rua está, assim, condenado à morte, para viver exclusivamente nos salões, onde ficará definitivamente instalado.

### *15 de fevereiro de 1929*

Nunca será demais falar-se sobre o intenso desenvolvimento da gatunagem em Porto Alegre. Talvez à força de se comentar essa formidável atividade dos amigos do alheio, que às centenas e aos milhares operam dia e noite por toda a cidade, as nossas autoridades

---

<sup>136</sup> Rua da Margem: oficialmente, rua João Alfredo.

<sup>137</sup> Rua da Concórdia: oficialmente, rua José do Patrocínio.

policiais tomem sobre si a humanitária tarefa de fazer alguma coisa em benefício da nossa população desamparada.

Felizmente, pelo que se vem observando nestes últimos dias, podemos hoje afirmar que a polícia já está tomando algum interesse no caso. Ainda ontem, a ativa autoridade policial do 1º distrito efetuou uma diligência que foi coroada de resultado o mais satisfatório possível. E um dos aspectos interessantes dessa diligência é que o furto por ela descoberto foi apenas de dois automóveis. De dois, apenas... E outro aspecto ainda mais curioso desse fato é que os autos estavam escondidos num "batuque" lá para os lados do Partenon! Naturalmente, se a polícia não os descobrisse em tempo, esses veículos seriam ocupados nas mensagens e "despachos" usados pela baixa feitiçaria da capital. Pena é que a polícia não se resolva de vez acabar com a infinidade de "batuques" existentes em vários pontos da cidade e onde não raro se registram cenas verdadeiramente hediondas, praticados pelos "pais de santos" contra a imbecilidade dos "fíéis". Se a polícia resolvesse tomar a si essa tarefa, a maioria dos "mistérios" da capital estariam a esta hora completamente desvendados.

Em todo o caso, louvemos a ação da mesma na repressão da gatunagem, pois que isso ela presta um grande, um inestimável serviço à população, que tem estado sempre sem a menor segurança, sem a menor garantia na sua propriedade privada.

É de mister que a polícia não esmoreça na sua ação, compensando-nos com a sua atividade presente da promulgada inércia passada, aliás em grande parte devida à falta de aparelhamento para atender às prementes necessidades de Porto Alegre.

As proporções assumidas entre nós pela atividade dos ladrões, dos arrombadores, dos gatunos de toda a espécie, dos vigaristas em geral, de há muito que reclamavam do "sherlockismo"<sup>138</sup> metropolitano, presteza e eficiência de ação.

---

<sup>138</sup> "Shelockiano", "sherlockismo", "sherlocks": neologismos criados em alusão ao personagem Sherlock Holmes, o detetive criado por Arthur Conan Doyle (1859-1930).

*1º de maio de 1929*

Parecia que o Coliseu, na sua verdadeira função de teatro, havia desaparecido. Quando há meses aquele popular centro de diversões passou a exibir fitas cinematográficas, exclusivamente, não faltou quem visse nessa modificação que seu palco havia desaparecido de fato para dar lugar ao écran<sup>139</sup>. Dizia-se até que uma das razões dessa atitude por parte da empresa proprietária do Coliseu era motivada pelas exigências da censura teatral da capital, que, frequentemente, impunha mutilações injustas às peças representadas pelas companhias que ali atuavam, desgostando-as.

Não cremos que tal se verificasse. E a prova está que a empresa Sirangelo<sup>140</sup>, atual arrendatária daquele popular centro de espetáculos (o único que contamos em Porto Alegre como teatro), acaba de contratar a companhia nacional de revistas Tro-lo-ló para ali fazer uma temporada na primeira quinzena do mês que hoje começa. E, se não nos enganamos, a mesma empresa está em negociações para atuar naquele teatro a companhia de comédias do querido Procópio Ferreira.

Volta, assim, o Coliseu, a proporcionar ao público desta capital espetáculos exclusivamente a preços populares, independente de suas sessões cinematográficas, na ausência de companhias. Porto Alegre, que é tão escassa de teatros – pois só conta com o São Pedro e o Coliseu –, precisa movimentar os dois que possui. É o que está fazendo a empresa arrendatária do primeiro; é o que vão fazer também os empresários do segundo. Assim, fica tudo perfeitamente acomodado. O público, que gosta de veras do teatro de revistas e de

<sup>139</sup> *Écran*: em francês, tela.

<sup>140</sup> Sirangelo Irmãos: empresa de propriedade dos irmãos Sirangelo que promovia espetáculos de teatro e circo, explorando ainda cinemas e cineteatros em Porto Alegre. In: BRUM, Rosemary Fritsch. *Caderno de Pesquisa*: notícias de imigrantes italianos em Porto Alegre, entre 1911 e 1937. São Luís: Editora da Universidade Federal do Maranhão, 2009.

comédias ligeiras por preços populares, terá o seu gosto satisfeito com a resolução ora tomada pelos novos empresários do Coliseu. Por sua vez, o Teatro São Pedro continua de portas abertas com a atual temporada da excelente companhia lírica, e pensamos que prosseguirá na mesma resolução com as futuras temporadas de outras companhias, a começar pelos próximos concertos de grandes celebridades mundiais.

Assim, os dois teatros de Porto Alegre continuarão em plena atividade.

É preciso, porém, que o público não os desampare nessa resolução profundamente simpática.

### *11 de junho de 1929*

Estão em franca agonia as velhas tradições da cidade. A mais antiga delas, a festa do Divino, que foi até tão pouco o festejo popular que mais gente atraía, enchendo a praça da Matriz de ruidosa animação por dias e noites consecutivas, já está fora do tempo e já perdeu o próprio local onde a mesma há quase um século se vinha celebrando. A velha solenidade popular foi removida agora para o campo do Bom Fim, enquanto este, naturalmente, não assumir as atitudes de um grande parque vestido à moderna, com repuxos a cores e à jardinagem inglesa, consoante a ideiação estética do professor Agache.

A festa do Espírito Santo lá ficará até que se não altere o primitivismo do local. Tratando-se de uma reminiscência, ela só sentir-se-á bem onde o "ontem" não se transformar em "hoje", onde o passado não for substituído pelo presente. Daí o recuo para mais longe, para ponto mais arredado do centro, da festa que é lembrança e saudade ao mesmo tempo. Ali, na praça da Matriz, o Divino já se sentiu mal. Em lugar da modesta capela do "Império", das ramadas e coretos para as filarmônicas; em lugar das cavalhadas, dos leilões de oferta, das "minas", do pinhão quente e do amendoim torrado, que vemos nós, ali, agora? O auditório, o palácio suntuoso do governo, a cripta de

uma majestosa catedral, o automóvel macio e vertiginoso, o bolina que passa, displicente, em busca da treva do cinema, e o mundanismo modernista e irreconciliável com o passadismo litúrgico das pombinhas do Divino...

Por motivos de tal ordem vão assim desaparecendo as festas do passado e outras muitas tradições da cidade. O mesmo fenômeno explica a indiferença moderna pelos festejos dos três veneráveis santos de junho. Já estamos em vésperas de Santo Antônio, São João e São Pedro, e quem por aí fala em comemorá-los com aquele entusiasmo pirotécnico de outrora, que ia das fogueiras aos "traques" – salvo seja! –, dos busca-pés aos "pistolões", os "pistolões" que, valha a verdade, não tinham, como os atuais, a menor influência nas cavações de empregos a republicanos e correligionários ou a aderentes de última hora?...

Tudo mudado hoje. Assim como os casos apontados, outros e outros irão mudando, à maneira que a terra progride ao impulso vitorioso do presente.

E muita coisa que ainda não foi tragada pelas exigências da época será fatalmente comida pelos antropófagos da nova escola, cuja arte se assenta num princípio básico essencial: no processo de se "comer" gente sem complicações com a polícia...

### *19 de junho de 1929*

Manhã de frio.

Ali, bem ali, cosidos às paredes do Metrópole<sup>141</sup>, encontramos dois amigos. Dois espíritos modernistas. Gozavam as carícias do sol à hora em que o minuano estava mesmo dando laços, guasqueando a

<sup>141</sup> Metrópole: hotel localizado na rua dos Andradas. In: LEÃO, Sílvia Lopes Carneiro. Os antigos hotéis de Porto Alegre. *Arqttexto*, Porto Alegre, n. 0, p. 4-12, 2000. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/22139>. Acesso em: 12 ago. 2019.

gente sem dó nem piedade, ao mesmo tempo que a rua se coalhava com a folharada revolta dos plátanos.

– Então, lagarteando ao sol?

– Não diga isso. "Lagarteando" é passadismo de gaúcho atrasado. Diga antes "trepidando ao sol", para esquentar o motor...

– Pois vá... Trepidando... Noto, porém, que a sua trepidação é um tanto acelerada. Falta de gasolina, naturalmente...

– Talvez. Você sabe: tenho sobretudo, mas não o tolero. Das roupas de uso de homem, o sobretudo está condenado a desaparecer, como as ceroulas. Isso e mais outras drogas da indumentária passadista são perfeitamente dispensáveis. Precisamos de coisas macias, mas leves, rápidas, vertiginosas.

– Não há dúvida, concordo em parte. Mas com este frio e com este vento, só coisas pesadas como, por exemplo, carícias de mulher gorda e sobretudo...

Atalha nesse ponto o diálogo outro modernista que se conservava calado, estancando a cada passo a goteira do nariz batatudo e vermelho.

– Perfeitamente. Mas estamos em outra época – época moderna, delirante e amável. Precisamos varrer fora as afetações polares. Somos produtos de terra quente, vivemos num país brasileiro, de natureza brasileira, de clima brasileiro, de céu e sol brasileiros, num país febril, de febre amarela, de febre tifoide e de outras febres... Para que então, sobretudo, quando muitas vezes a temperatura vai de 35° a 40° à sombra.

– Você é de coragem, não há dúvida. Para falarmos em semelhantes coisas, seria mister que não tivéssemos a carícia cortante desse vento, e em lugar desta congelação terrível, o mormaço, o calor, o morro do Sabiá etc. Aí, sim, você tinha o direito de falar, de contradizer, de negar.

– Engano, meu amigo. Eu não falo, eu não contradigo, eu não nego; eu não reajo. Devemos reagir contra todas as imposições, inclusive

à do próprio tempo. Sabe você o que é esse vento? É um garoto, um miúdo travesso que gosta de brincar de frio, como muita gente boa gosta de brincar de quente. Que mal há nisso? Nenhum. A cidade, pelo menos, continua na sua marcha delirante, elevando-se às alturas, subindo para a frescata do céu, pouco se preocupando com estas supostas baixas de temperatura...

Fala o outro modernista:

– Pois nós aqui, como você vê, comemos o frio. Somos antropófagos. Havemos de comer muitas outras coisas que estão ainda por serem comidas na cidade...

– Isso quem vai comer é a CBF<sup>142</sup>.

– Absolutamente.

– Então será a Intendência.

– Ainda menos. Essa, coitada, ainda pela dependura. Se ela não tem forças para mastigar o beco General Paranhos e rasgar a projetada avenida, muito menos o terá para comer outras comidas. Até a carne dos seus açougues ela está comendo pelo preço que os marchantes<sup>143</sup> entendem.

Mas o solzinho da manhã estava bom. E os dois modernistas amigos ali se deixaram ficar, sob a carícia amável do sobretudo do sol, mais cômodo e mais leve, e nem por isso menos tépido, do que os do Renner ou os do Rheingantz<sup>144</sup>...

*10 de setembro de 1929*

Os teatros de Porto Alegre, aliás, os dois únicos que a capital possui, estão em plena atividade de funcionamento.

<sup>142</sup> CBF: Companhia Brasileira de Força Elétrica.

<sup>143</sup> Marchante: negociante de gado ou de carne.

<sup>144</sup> Referência às indústrias A. J. Renner, fundadas em 1912 em São Leopoldo, e à Fiação Rheingantz, fundada em 1873 em Rio Grande, fabricantes de tecidos e roupas.

No primeiro, no velho e tradicional São Pedro, que há setenta anos exerce em caráter "provisório" as funções do nosso teatro oficial, está trabalhando atualmente o conjunto vienense, no qual se destaca como a sua principal figura a consagrada estrela Margarete Slezak<sup>145</sup>.

Margarete, se não é uma atriz "irresistível" pela sua graça e pela sua beleza, possui, entretanto, um grande poder de sedução, e por isso mesmo tem levado todas as noites ao São Pedro uma magnífica concorrência que não se cansa de aplaudi-la, bem como ao harmônico quadro de artistas que a acompanham.

Quanto à atual temporada do Coliseu, o sucesso tem sido realmente notável, o que vem revelar as preferências do público pela comédia alegre e ligeira.

Além disso, a plateia está admirando, no ator Roulien<sup>146</sup>, o "irresistível" verdadeiro, uma espécie melhorada de Rodolfo Valentino. O que este era na cena muda, é o Sr. Roulien na cena conversada. Integralmente irresistível, não tanto por culpa sua, mas por culpa de certas "viuvinhas" perigosas deixadas pelo famoso ator cinematográfico, cujo retrato ainda anda dependurado em muitas alcovas inconsoláveis.

O fato verdadeiro é que o ator Roulien desempenha admiravelmente o papel de irresistível de determinadas personagens por ele próprio escolhidas.

Vendo-o representar assim, com tamanha perfeição, a sua própria pessoa dele, ator, a rapariga chega a dar saltos na cadeira.

– Mamãe, olha só por gosto como ele é belo.

Outra, ao lado, chama a atenção do papai:

– Que elegância, que linha! Repare bem, papai: ele tem traços perfeitamente idênticos aos do Rodolfo.

---

<sup>145</sup> Margarete Slezak (1901-1953): cantora lírica, atriz de teatro e cinema.

<sup>146</sup> Raul Roulien (1905-2000): ator, cantor e diretor de cinema e teatro nascido no Rio de Janeiro.

Mas o papá, severo e austero, não gosta dessa intimidade do diminutivo com o Rodolfo Valentino e muito menos da comparação.

Com o sobrolho, o velho dá uma chamada silenciosa na filha e continua a admirar o bom desempenho que o artista vai dando ao seu papel.

No palco, o "irresistível" recolhe, vitorioso, as admirações que, malgrado abafadas, lhe chegam aos ouvidos...

E, nesse ambiente de admiração e de simpatia, a temporada do Coliseu vai em marcha vitoriosa. E o conjunto artístico que ali trabalha bem o merece, independente mesmo da opinião das "viuvinhas" levianas.

### *23 de outubro de 1929*

A empresa Sul-Brasil Ltda., atual arrendatária do Teatro São Pedro, ao tomar conta do velho e simpático centro de diversões da praça da Matriz – aliás, o único teatro verdadeiramente teatro com que Porto Alegre conta, e que desde 1860 vem acompanhando o progresso e o desenvolvimento desta leal e valorosa cidade –; essa empresa, dizíamos, ao tomar a si essa não menos heroica tarefa, não tem poupado esforços para animar de vida a ribalta porto-alegrense. Pode-se mesmo afirmar que, desde o momento em que ela assumiu o compromisso de arrendamento daquele próprio do Estado, as suas portas nunca mais se fecharam. Antes era um caro custo, uma verdadeira dificuldade vê-lo funcionar, devido à falta de atendimento constante, de contato direto com as companhias teatrais em *tournee* pelo país, visto que a administração do São Pedro não empresava companhias, apenas oficializando, de quando em quando, as temporadas líricas. Agora não acontece o mesmo. Os atuais arrendatários daquele centro de diversões têm o maior interesse em manter o teatro em constante atividade. E, nesse sentido, a empresa Sul-Brasil vem mantendo à risca os compromissos assumidos, correspondendo ao mesmo tempo às simpatias do público.

Assim é que, no espaço de pouco mais de ano, o São Pedro vem oferecendo aos seus frequentadores várias temporadas do gênero lírico, operetas, dramas e comédias, como concertos dos mais notáveis artistas vindos ao Brasil. Já aqui estiveram, contratados pela dita empresa, todos os célebres artistas que se fizeram ouvir e admirar nas plateias do Rio e São Paulo, enquanto novos negócios já estão sendo encaminhados para a vinda a Porto Alegre, ainda este ano, de outras companhias que atuam atualmente em vários teatros do país.

Como se vê, a empresa do São Pedro não poupa esforços para trazer a sua plateia em contato com as múltiplas manifestações da arte teatral, que as boas companhias e os bons conjuntos artísticos nos podem oferecer.

É justo, portanto, que o público corresponda ao nobre esforço da empresa Sul-Brasil, tanto mais que a nossa capital, pelo seu extraordinário desenvolvimento, pela sua densa população, já computada em mais de 300 mil almas, está em condições de manter uma vida teatral grandemente animada.

### *11 de janeiro de 1930*

Com essa temperatura excessivamente alta, a rua da Praia está oferecendo aspectos interessantes, panoramas admiráveis, principalmente ao olhar pouco afeito aos deslumbramentos de *après nature*<sup>147</sup>...

Exemplo:

Aquela graça que ali vai não quis saber da intromissão indébita do Sr. Mussolini em assuntos de moda.<sup>148</sup> Repeliu energicamente a

<sup>147</sup> *Aprés nature*: expressão francesa, diz-se da obra de arte elaborada fielmente a partir da natureza.

<sup>148</sup> O regime fascista italiano esboçou tentativas de regulamentar o vestuário da mulher, em uma proposta que envolvia tanto a sua "moralização" quanto uma standardização que implicava a rejeição de elementos tidos como masculinos.

ditadura do *Duce* em relação ao comprimento dos vestidos. Essa altiva cavaleira continua a usar vestido curto, tão curto como aqueles que usava quando tinha oito anos de idade. O que, porém, mais merece destacar em relação à indumentária dessa legítima descendente e não menos legítima continuadora dos costumes de Eva, em relação à sua toalete, é o seu terrível espírito de economia externa e interna. Dentro de sua elegância e do seu luxo, ela timbra em ser pessoa de pouca roupa...

Quem goza com isso é o sol, isto é, o sol e os admiradores do Raio X.

Em compensação, aquela outra que ali vai... Que formidável contraste! Seu fino e custoso vestido vai arrastando no piso do passeio. É uma concorrência vantajosa à ineficiente vassoura municipal. Percebe-se que a dona de semelhante comprimento é uma criatura pródiga... Adivinha-se no seu olhar, e mais ainda no seu sorriso brejeiro, quanto benefício ela será capaz de fazer aos necessitados. No comprimento do seu vestido está não só a sua admiração pela ditadura do político italiano, como as prodigalidades do seu coração generoso. Como sois boa, dama gentil! Que expressivo símbolo representa essa enorme quantidade de fazenda que desce pelo vosso corpo colante. Embora desajeitada, cumpris um capricho da moda, além de manifestardes um alto e nobre sentimento de coração pródigo, tanto mais notável por atravessarmos uma época de extremas aperturas... Sim, sois generosa; sois boa! O vosso vestido está mostrando o contraste em relação àquela outra criatura que, pela curtez do traje (o vocábulo é do ilustre professor Austregésilo<sup>149</sup>), vê-se que não é econômica: é simplesmente usurária.

Diante de tantas provas do vosso sentimento dadivoso, estamos a lembrar, aqui, aquelas divinas palavras do Sermão da Montanha:

– Bem-aventurados os necessitados, porque serão aliviados;

---

<sup>149</sup> Austregésilo de Ataíde (1898-1993): jornalista, professor, cronista e ensaísta.

– Bem-aventurados os que sofrem, porque serão consolados.

Ei-la, a seguir, distribuindo olhares, esbanjando sorrisos, atirando promessas e varrendo a calçada...

Generosa criatura...

### *30 de maio de 1930*

Maio está nos seus últimos arrancos.

Por falar em maio, lembramo-nos logo da festa do Divino. Aí está uma das tradições que a civilização matou; pelo menos, golpeou-a mortalmente. Em toda a parte do estado, mesmo nas Itaocas mais conservadoras, a popular solenidade perdeu quase tudo do seu encanto e do seu brilho primitivo. Em Porto Alegre, essa influência do tempo não foi menor.

Era, então, ali na praça da Matriz.

Outrora...

Tempos passados...

Tempos que não voltam mais...

Lembranças...

Recordações...

Saudades...

\* \* \*

Mas, dizíamos: era, então, ali na praça da Matriz.

A festa do Espírito Santo constituía, neste mês em que o verão se despede com o último abraço do veranico e em que o inverno entra em cena com o primeiro guascaço do minuano, constituía o maior acontecimento da cidade. Todas as noites acudia ao local uma enorme multidão. Vinha gente de toda a redondeza, de todos os municípios da vizinhança...

Vinham uns para assistir as novenas, para tomarem parte de todas as solenidades do culto; vinham outros para o namoro, para as artimanhas do coração.

Ninguém perdia os leilões de oferta;  
 Ninguém perdia a distribuição de "registros" e de pombinhas<sup>150</sup>;  
 Ninguém perdia os fogos;  
 Ninguém perdia as cavalhadas, as lutas entre mouros e cristãos,  
 tirando argolinhas.

Os fogos...

O namoro...

O bolina...

Os comes e bebes...

O amendoim torrado...

Saudade!

\* \* \*

Festa do Divino como a que se fazia em Porto Alegre bem poucas havia, tal o entusiasmo, tal o brilho de que ela aqui se revestia. Nenhuma outra a igualava em esplendor e concorrência. E isso se verificava desde a primeira "novena" até a missa solene de encerramento do tradicional culto religioso. A última noite de fogos era então um delírio. A satisfação, o prazer, um verdadeiro encantamento dominava todas as almas, transbordava de todos os corações. Mas veio um dia o Progresso (e veio com P grande) e, sem mais aquela, começou a iluminar a cidade, a abrir ruas, a rasgar avenidas, a levantar arranha-céus, a construir a catedral, a erguer o auditório e a fazer tantas outras coisas mais que os festejos em louvor ao Divino não tiveram outro caminho senão mudar de local. Destruída a sua tradicional capelinha para em seu terreno ser levantado o grande templo metropolitano, a irmandade do Espírito Santo resolveu construir outra capela, já quase concluída, ali num extremo do parque da

---

<sup>150</sup> Registro: imagem ou objeto de devoção; pombinha: imagem que simboliza o Divino Espírito Santo.

Várzea, no começo da avenida José Bonifácio, onde hoje realizam-se as solenidades em seu louvor.<sup>151</sup>

Tirou, assim, o Progresso a parte mais bela daqueles festejos: o ambiente tradicional em que os mesmos se celebravam.

Quem confronta a festa de hoje com a festa de outros tempos nota, naturalmente, a diferença.

Tempos que não voltam mais...

Tempo passado.

Lembranças...

Recordações...

Saudade...

### *3 de junho de 1930*

Porto Alegre, como toda a cidade que se preza, possui, também, os seus malucos, os seus pancadas, os seus "giras", cavalheiros, enfim, que têm qualquer coisa de mais ou de menos na cabeça...

Ainda ontem esperávamos um bonde, ali ao lado da Caixa Econômica, quando alguém nos bateu no ombro.

– O senhor me conhece?

– Não tenho a honra...

– A honra é minha. Eu sou Paulo Plácido Pitanga. Já fui há meses apresentado ao amigo por um colega que atualmente está fazendo uma pequena estaçõzinha de repouso lá pras bandas do Partenon, no fim da linha...<sup>152</sup>

– Perfeitamente. Compreendo.

<sup>151</sup> A Capela do Império do Espírito Santo foi demolida, juntamente com a antiga Matriz, para a construção da atual Catedral Metropolitana de Porto Alegre. A atual Capela do Divino Espírito Santo, localizada no parque da Redenção, foi construída entre 1929 e 1935.

<sup>152</sup> Referência ao Hospício São Pedro, fundado em 1874 e inaugurado em 1884. Em 1925, passou a ser denominado Hospital São Pedro e, a partir de 1961, Hospital Psiquiátrico São Pedro.

– Pois é isso. Sei que o amigo trabalha em jornal, aliás, num belo jornal – agradecemos o elogio numa mesura discreta –, e desejava ser apresentado aos Drs. da Costa e Silva e Andrade de Queiroz, redatores da página literária. Não vê que sou poeta...

– Oh! Muito bem – atalhamos.

– ... e desejo ficar inédito, dormindo nos bancos do esquecimento. Espírito um tanto sensitivo e, sobretudo, original, abracei com o fervor de um crente a escola modernista...

– Sim, senhor, tenho muito prazer em tudo isso. Se não fosse uma indiscrição de minha parte, desejaria saber qual o ramo ou sub-ramo dessa escola que o patricio segue. Sim, porque a corrente modernista tem numerosos galhos, como, por exemplo, os "marinetistas", os "antistas"<sup>153</sup>, os antropofagistas etc., etc. Como vê, são vários.

– Para falar a verdade, ainda não estudei o caso. Entretanto, acho que estou perfeitamente enquadrado entre os antropófagos – tivemos uma sensação de pavor – ou, melhor dito, entre os antropofágicos. Isso, porém, de forma alguma quer dizer que eu seja tubarão – sensação de alívio. – Sou um cidadão pacífico, de hábitos moderados. Apenas a minha espiritualidade voa longe, anda sempre alto, muito alto, como os aviões da Varig<sup>154</sup>. Não quero, porém, que o amigo me tome por um conversador. Tenho aqui uma pequena amostra, se me dá licença... Enquanto o bonde não chega...

– Perfeitamente. Com muito prazer.

– É um pequeno poema.

– Pois não.

– Não está com a perfeição que eu desejava.

<sup>153</sup> Antistas: termo cunhado pelo autor para designar o Grupo da Anta, liderado por Cassiano Ricardo, Menotti del Picchia e Plínio Salgado. Esse grupo publicou, em 1929, o "Manifesto Nhengaçu Verde-Amarelo (Manifesto do Verde-Amarelismo ou da Escola da Anta)".

<sup>154</sup> Varig (Viação Aérea Rio-Grandense): companhia aérea fundada em 1927, em Porto Alegre, pelo piloto alemão Otto Ernst Meyer, juntamente com outros empreendedores de origem germânica do estado, inclusive o futuro intendente municipal Alberto Bins.

– Perfeitamente, não há dúvida.

– Mas já dá pra o amigo julgar do meu mérito. Posso ler?

– Ora, que pergunta!... Ouvi-lo-ei com o maior interesse.

– Pois, então, ouça. O título do poema:

Vai não vai

Maria, Maria. Mariazinha,

Eu vou ali e já volto.

Pois sim.

Um cachorro ladra.

Au, au, au...

Maria, Maria, Mariazinha,

Eu vou ali e já volto.

Tá bem, então vai,

Meu benzinho,

Mas não demores,

Tem cuidado na ponte

Com o Forno do Lixo –

Au, au, au ...

– Que tal? Um tanto original?

– Originalíssimo!

– Agrada-lhe?

– Como não. É uma perfeita obra de arte, uma maravilha, não há dúvida.

– Pois se lhe agrada, pode ficar com a cópia. Tenho outra.

– Sim, senhor; uma obra-prima. Só produziu essa, por enquanto?...

– Engano, meu amigo. Nesse feitio tenho mil e quinhentos poemas prontos...

– Mil e quinhentos?!... Extraordinário... Que espantosa produção... E tinta e papel para tudo isso?

– Ah! Meu amigo, tenho fornecimento permanente na Globo. Sou um dos melhores fregueses da casa.

– Sim, senhor. Além disso, muita facilidade, naturalmente...

– É o que lhe parece. Não é tão fácil assim. Muita gente pensa que isso é besteira, mas não é. Veja bem o fundo do poema; veja a ligação perfeitamente espiritualizada do Forno de Lixo com o "au, au, au" do cachorro... Tenho aqui em Porto Alegre alguns colegas no gênero, mas nenhum deles será capaz de tirar, como eu, tão maravilhosos efeitos.

– E não faz prosa também?

– Ora, se... É o meu forte. Veja este pequeno trecho descritivo – lê: "Vou andando de bonde, num bonde pintado de amarelo. Chove na rua, chove no bonde. Gritos de mulheres. Gritos de crianças? Manhê! Titia! Papai! Tá chovendo no bonde. Não é nada de chuva, pessoal. É aquele garotinho que virou em vertente".

– Que tal?

– Por falar em bonde, ali vem o meu bonde. O amigo me dá licença? Depois conversaremos.

\* \* \*

Francamente, se tudo isso não é um caso de polícia, é, pelo menos, um caso de hospício...

*15 de julho de 1930*

Ontem foi o dia mais frio do atual inverno.

Mas frio de verdade. Frio de rachar. Três graus acima de zero!

O minuano não nos deixou um só momento. Durante a manhã, à tarde e à noite, ele zuniu por todos os recantos da cidade; assobiou na frincha das portas; gemeu, incessantemente, por todos os casebres esburacados. Não houve morada de pobre que não recebesse a sua visita, pois é para a gente humilde dos ranchos, para a gente dos lares sem conforto que o minuano empresta tonalidades de tragédia, e a essas imprecações, a esses assobios ululantes, a esses guascaços terríveis que chegam a levantar fumaça da carne das vítimas...

Dizem que Deus dá o frio conforme a roupa. Mas, com uma temperatura como a de ontem, acompanhada do tradicional e cortante vento dos pampas, não há certamente quem confirme ou quem aceite a afirmativa do brocardo<sup>155</sup>.

\* \* \*

### 14 de julho

Cidade embandeirada.

Ruas desertas.

Com o frio que se fez sentir e com o vento que encanara na nossa principal rua – tão cheia de sol, no verão, e tão cheia de sombra, no inverno – a elegante artéria metropolitana perdeu toda a sua vivacidade, todo o seu habitual movimento de pedestres.

Em razão do exemplo, as nossas datas nacionais, sempre comemoradas com tanta frieza, aqui e alhures, passam assim quase despercebidas. Ontem, pelo menos, muito pouca gente notou que era dia de feriado nacional<sup>156</sup>. O rigor do inverno colheu as nossas manifestações patrióticas, sopitou as nossas expansões cívicas...

Só por volta das quatro horas da tarde uma vibração que não teve medo do frio sacudiu um pouco uma grande parte do povo. Este, à frente da redação dos jornais, acompanhava através das notícias radiotelegráficas o início do campeonato mundial de futebol.

Era, a despeito da temperatura quase a zero, o despertar do nosso amor patriótico, não pela data que o dia de ontem tão vagamente rememorava, mas pela sorte dos nossos patrícios em campo, na ca-

<sup>155</sup> Brocardo: aforismo, provérbio, máxima.

<sup>156</sup> 14 de Julho: feriado comemorativo da independência dos países americanos e da Revolução Francesa, celebrado em referência à Queda da Bastilha.

pital uruguaia, defendendo as cores do nosso pavilhão, exatamente na partida inicial do campeonato.<sup>157</sup>

A torcida foi patrioticamente forte. Forte, mas inútil.

Quando veio o resultado final, o frio era mais intenso, mais cortante. Congelou...

Diante disso, a data de 14 de Julho tornou-se ainda mais fria.

– Que quer, meu amigo, – disse-nos alguém – com este minuano e com esta derrota de início, o patriotismo congela.

### 19 de julho de 1930

A estreia recente do Coro dos Cossacos do Don<sup>158</sup>, no palco de uma sociedade recreativa – o *Turner Bund*<sup>159</sup> – que o possui para festas exclusivamente de seus associados, veio tornar latente a falta de mais um teatro entre nós.

Os apreciadores dos bons conjuntos artísticos estiveram na iminência de ficar privados de assistir ao admirável grupo de cantores russos que ora nos visitam, isso pelo simples motivo de não haver local para as suas audições. Os dois únicos teatros que Porto Alegre possui – o São Pedro e o Coliseu – estão ocupados por duas companhias brasileiras que neles vêm fazendo temporada, aliás com merecido sucesso.

No gênero verdadeiramente teatro, só possuímos esses dois. Existem, é verdade, outros espaçosos centros de diversões, mas são destinados exclusivamente para cinema, ou para exibição de pequenos grupos artísticos, nunca para companhias, propriamente.

<sup>157</sup> Nesse 14 de julho de 1930, a seleção brasileira perdeu o jogo contra a Iugoslávia pelo placar de 2 x 1. A Copa do Mundo de Futebol foi vencida pelo Uruguai naquele ano.

<sup>158</sup> Coro dos Cossacos do Don: conjunto vocal folclórico russo fundado em 1921, pelo maestro e compositor Serge Jaroff.

<sup>159</sup> *Turner Bund*: clube de ginástica fundado, em 1892, a partir da fusão de duas sociedades de origem germânica, a *Deutscher Turnverein* e a *Turnklub*. Em 1942 teve seu nome alterado para Sociedade de Ginástica de Porto Alegre (Sogipa).

Ocupados, assim, os dois teatros da capital, qualquer elenco, qualquer conjunto artístico que demandar a metrópole rio-grandense terá que esperar que terminem as temporadas dos dois centros, ou então, em caso de abertura, como o que se verificou com o coro cossaco, já em nosso estado, procurar um salão particular, o recinto de uma sociedade bailante ou de um clube recreativo. Mesmo que se trate de uma sociedade conhecida, com recinto e palco apropriados a representações teatrais, mesmo assim, não é propriamente um teatro, e uma parte do público que não é associada ao clube sente-se, não raro, acanhada ao entrar nesses salões, embora pagando entrada. Em razão disso, o público e, muito principalmente, as companhias são quase sempre prejudicadas.

Em conclusão: Porto Alegre reclama mais um teatro. É verdade que temos a promessa do Teatro Municipal. Mas essa promessa é uma vaga esperança, é um sonho que tão cedo não será realidade. A municipalidade anda de corda ao pescoço: não possui meio de espécie alguma para fazer. Por sua vez, o Teatro São Pedro se vai tornando dia a dia acanhado. Construído para a Porto Alegre de setenta anos atrás, ele é hoje ainda o único teatro desta desenvolvida e vertiginosa cidade, e sê-lo-á, talvez, até que se faça a construção do teatro oficial.

Não haverá por aí alguma bolsa patriótica que queira dotar Porto Alegre de mais um teatro, mas de um teatro verdadeiro, tal como ela tanto necessita?

Se houver alguém, que apareça.

A ocasião é oportuna.

*22 de julho de 1930*

A fatalidade – sempre ela, inexorável e terrível – fez com que de novo nos encontrássemos, ontem, na rua, com o poeta ultramoder-

nista, Paulo Plácido Pitanga. Foi ao entrarmos no Café Paraventi<sup>160</sup>, ali, na Uruguai. A figura sinistra atacou à nossa frente e, antes de mais nada, apelou para a nossa chatíssima memória.

– Creio que se lembra da minha pessoa... Sou o Paulo – Paulo Plácido Pitanga. Há dois meses, mais ou menos, nos encontramos em frente à Caixa Econômica.

– Ora, se me lembro... Perfeitamente. Por sinal que o meu inteligente patricio... (chamar um modernista de "inteligente" é uma injúria muito grande, pois é da nova escola só aceitar elogio de "gênio" para cima).

– Já sei. Não me diga mais nada. Não aceito o louvor, por uma questão de princípio.

– De princípio?... Será que o nobre poeta...

– Não. Não sou. Nunca me meti em cavações com a política do Sr. Júlio Prestes. Renego o adjetivo porque ele está aquém da pessoa que o proferiu e muito aquém da pessoa que o deveria receber.

– Queira então me desculpar. É pobreza de vocábulo de minha parte. Entretanto, para sanar a involuntária falta e mostrar o quanto me comove este encontro, convido-o, se me permite, para um cafezinho.

– Lá isso aceito. O café é uma expressão da nossa "brasilidade".

– Que está dizendo? Mesmo com este câmbio vil e com a bruta baixa do artigo?

– Mesmo assim, sim, senhor. Com câmbio alto ou com câmbio baixo, o café é um tema bizarro para um poema de exaltação ao braço que moureja nas lavouras paulistas.

– Braço estrangeiro... Brasilidade...

– Sim, senhor, está certo.

---

<sup>160</sup> Café Paraventi: rede de cafés com matriz em São Paulo, de propriedade de Celestino Paraventi. Em Porto Alegre, o café se localizava a rua Uruguai, no Centro Histórico.

Aceito a lição. Servimo-nos do delicioso café. Silêncio entre nós ambos. O poeta chupa os beijos. Pausa, depois, na movimentação dos lábios. Outra remexida no açúcar no fundo da taça. Outro gole bem gozado. Outro chupão nos beijos. Então o poeta quebra o silêncio para falar.

– Tenho aqui um poema – sensação desagradabilíssima – que depois de ler quero traçar ideias com o patrício.

O poeta lê:

Segunda

terça

quarta

quinta

sexta

sábado

domingo é meu...

Segunda

terça

quarta

quinta

sexta

sábado

domingo é meu...

Segunda

terça

quarta

quinta

sexta

sábado

domingo é meu...

– Que me diz a isso?

– Serei incapaz de fazer um juízo menos digno da sua inteligência – perdão, da sua mentalidade, – mas creio que esses versos são

do autor de *Lua de Vidro*<sup>161</sup> e fazem parte da mesma plaquete<sup>162</sup> recentemente editada pela Livraria do Globo.

– Perfeitamente. Não estou dizendo o contrário, nem tampouco desejo me apossar daquilo que não é meu. Li-os, propositalmente, a fim de pedir a sua opinião. Não acha o tema um tanto fraco para o poema?

– Fraco o tema, para poema? Absolutamente. Não diga tal. Fortíssimo.

– Pois eu discordo. Não está bem no rigor da nossa escola. Depois o verso final "Domingo é meu..." não me agrada.

– Mas aí é que está o bom, aí é que está mesmo o suco! Veja que mundo extraordinário de coisas não está metido nesse "Domingo é meu...": a soneca até às 10, o café com leite na cama, a leitura dos jornais, o banho (se o cavalheiro é dado a essa extravagância), ir para a janela em pijama, vestir-se decentemente depois, esperar o almoço, almoçar, bocejar, tirar uma boa "tora" dormindo até às 3 da tarde, levantar-se de novo, vestir-se de novo, tomar um bonde, se a coisa não der para auto, ir ao cinema (quando sozinho), ir a um arrabalde com a criação (quando pai de família), voltar para casa às 6, jantar, sair de novo, voltar às 9, se é cidadão morigerado, voltar de madrugada, se o camarada é de fato amigo da arte (cabaré, mulheres, risos, flores, jogatina...) – tudo isso e algo mais do que isso, todas as grandes sensações domingueiras estão perfeitamente metidas naquele verso maravilhoso, no ritmo, na forma e no fundo – "Domingo é meu...".

– Pois olhe, meu amigo, foi por isso mesmo que eu quis provocar a sua opinião. Eu tenho coisa mais interessante. É meu último poema. Se o amigo permite... São três estrofes, apenas.

– Como não; sou todo ouvidos.

<sup>161</sup> Livro de Athos Damasceno Ferreira, publicado em 1930.

<sup>162</sup> Plaquete: livro pequeno, com número reduzido de páginas, atualmente conhecido como plaqueta.

Paulo Plácido Pitanga lê:

I

Um

Dois

Três

Quatro

Cinco

Seis

Sete

Oito

Nove

Uma dezena...

II

Um

Dois

Três

Quatro

Cinco

Seis

Sete

Oito

Nove

Outra dezena...

III

Um

Dois

Três

Quatro

Cinco

Seis  
 Sete  
 Oito  
 Nove  
 Outra dezena...

– Pois diga aqui só para o cronista.

– Ah! Meu amigo, é perigoso! Pode muito bem andar por aí o Dr. Argemiro Cidade<sup>163</sup>.

Paulo Plácido Pitanga! Você tem paciência. De agora em diante você vai ficar à mão para a primeira necessidade...

*12 de agosto de 1930*

O basbaque em Porto Alegre é um caso muito sério.

Certos casos há em que a curiosidade pública se justifica perfeitamente.

Afixadas no placar dos jornais, notícias do grave momento político por que passa o país ou sobre um *match* sensacional de futebol, essas informações, como é muito natural, chamam imediatamente a atenção. Reúnem povo; provocam comentários. Formam-se correntes diversas de opinião. Nada mais natural do que isso. A política e o futebol são dois pratos indispensáveis no *menu* do brasileiro, seja este paulista, carioca, gaúcho ou pernambucano.

Noutros casos, porém, a curiosidade não basta para justificar a existência do basbaque.

Ainda ontem vimos confirmado o caso. Um cavalheiro com cara de perfeito palerma estancara diante de qualquer coisa que ele procurava ver. Um outro chega e para, querendo ver também... E outro, e outro e mais outro, e daí a momentos já era um número regular de pessoas que queriam ver.

<sup>163</sup> Argemiro Cidade: delegado judiciário então atuante em Porto Alegre.

- Mas ver o quê?
- Ora... O que os outros estão vendo...
- Mas ninguém está vendo nada.

Enquanto se iniciava tal diálogo, mais outras pessoas iam chegando para ver, naturalmente, aquilo que os outros não viam. A massa ia engrossando.

- Que isso? – pergunta alguém ao vizinho mais próximo.
- Não sei.
- Por que então está olhando?
- Pra ver.
- Ver o quê?
- Nada.
- Olhe, meu amigo, para ver nada não há necessidade de tanto ajuntamento.

A todas essas o cidadão também ficou como os outros, para aumentar o número já volumoso dos basbaques. E outros, e outros, e ainda outros foram chegando.

Já um cidadão mais assanhado indagava, todo nervoso:

- Que há de novo? Ataque? Suicídio? Morreu alguém?...
- Não sei. Parece que não é nada.
- Não é nada? ... E essa onda de povo que aí está?
- Estão vendo e admirando o quê?
- Ora, o quê? O elefante branco.

E, quando o elefante branco passou em meio do povo, o cavalheiro sacudiu os ombros, meio encabulado, meio brabo:

- Ora bolas! Eu pensei que era outra coisa...

*14 de agosto de 1930*

Vai a Protetora do Turfe abandonar o seu hipódromo dos Moinhos de Vento.

Dos vários pontos escolhidos para a instalação da nova pista, a comissão encarregada de estudar o assunto opinou para que a mesma seja construída no Cristal.

O local é um dos subúrbios mais pitorescos de Porto Alegre. Situado na costa do Guaíba, o arrabalde Cristal oferece panoramas belíssimos e constitui um passeio apreciável, principalmente no verão. Além de ser aquele subúrbio servido pela linha férrea do Riacho à Tristeza, há ainda uma linha permanente de auto-ônibus pela estrada que da Praia de Belas vai ter àquele local.

Construído ali o hipódromo da Protetora do Turfe, maior por certo será o movimento do Cristal. Se o mesmo já constituía um passeio preferido para grande parte da nossa população, será, então, quando ali se tiver instalado a nova pista de corridas com seus modernos e elegantes pavilhões, um passeio obrigatório.

O movimento para o local aumentará extraordinariamente, fato esse que levará as empresas de transportes (inclusive o terrível trenzinho do Riacho) a melhorarem os meios de condução. De sorte que, com a mudança do hipódromo, todos lucrarão: a higiene, o público e muito especialmente os moradores do simpático subúrbio, tanto mais que a Protetora pensa fazer ali obra definitiva e imponente, que está orçada em cerca de três mil contos de réis. Repetimos o que já dissemos linhas acima: aquela sociedade não podia escolher melhor local, pois nem Mont'Serrat, nem o Passo da Areia, nem quaisquer (?) outros para tal fim lembrados ofereceriam as vantagens que o Cristal oferece sob qualquer ponto de vista que se encare o assunto.

O atual hipódromo dos Moinhos de Vento já está muito no centro da cidade e, a continuar, o mesmo local iria embarçar a ação da higiene pública, empenhada como está em acabar com as cocheiras, estrebarias e baias existentes em tão grande número nas zonas urbanas e suburbanas da capital. Até mesmo para o banho e lavagem dos animais que atuam no nosso turfe o local ora escolhido é superior a qualquer outro.

Oxalá a Protetora realize o quanto antes a sua mudança, fazendo, ao mesmo tempo, como é sua intenção, um hipódromo à altura do grande desenvolvimento da nossa metrópole.

### *30 de outubro de 1930*

Dia a dia se vai tornando mais intenso o movimento de pedestres na rua dos Andradas, a grande artéria elegante da metrópole.

Não só por se tratar da nossa principal rua, como por ser, também, a mais central de Porto Alegre, aquela onde estão instaladas as livrarias, os bazares e os nossos mais importantes armazéns de moda, a tradicional rua da Praia tornou-se, de há muitos anos – desde o tempo do Brasil Império –, a verdadeira sala de visitas da leal e valorosa cidade. E por ela passa quase toda a população da capital. E por ela passeia o forasteiro a sua natural curiosidade de observador; e é, ainda, através da mesma artéria que se exibem a elegância e a graça femininas, não só o *footing* oficial dos sábados de moda, mas em outras horas propícias nos demais dias da semana. É, ainda, à rua dos Andradas onde se erguem os mais imponentes edifícios da *city*, onde estão instaladas as chapelarias masculinas e femininas, os institutos de beleza, o maior número de gabinetes médicos e dentários e onde os Raios X do sol fazem exames gratuitos no verão...

A rua da Praia é, por tudo isso, a rua da moda, a primeira artéria da *urbs*. Daí o seu intenso movimento, a sua vida, o seu burburinho, a sua vibração permanente, o que obriga permanecer com frequência congestionada.

Não só pelas razões acima enumeradas, mas por se tratar, também, da rua mais estreita de Porto Alegre, devia ser suprimido desse logradouro o tráfego de veículos, principalmente o de autos, que é, em todas as cidades e capitais de grande população, o mais numeroso e o mais perigoso.

Por várias vezes, a imprensa tratou do assunto e, por várias vezes, a Inspetoria de Veículos tomou medidas no sentido de suprimi-lo, sendo que a última foi a de não permitir esse tráfego naquele local depois de determinadas horas do dia.

Tudo isso, entretanto, parece que deu em nada, pois difícil é o trânsito ali de pedestres devido ao trânsito de automóveis, normalmente pela manhã. O deslocamento do público pelo meio da rua, como se vem ultimamente verificando, dada a insuficiência de escoadouros pelos passeios laterais, é feito sob a constante ameaça dos atropelamentos.

É verdade que a Diretoria do Tráfego proibiu a passagem pela referida rua de autos ou qualquer outro veículo depois das 16 horas. Entretanto, os carros que entram antes dessa hora ali permanecem, ocasionando, portanto, na sua saída, ou mesmo quando parados na extremidade esquerda da rua, os mesmos embaraços e dificuldades para a normal movimentação dos pedestres.

O que se faz preciso é acabar-se definitivamente com esse tráfego, só o permitindo em dias de chuva ou em casos de emergência plenamente justificada.

Que diabo! Porto Alegre já é uma capital de 300 mil almas e que bem pode ter a sua principal artéria destinada, unicamente, ao trânsito de pedestres.



## PÓS-ESCRITO

Escrever sobre Roque Callage como avô não é um exercício simples, embora prazeroso. O autor do clássico *Terra Gaúcha* (1914) e cronista que representou Porto Alegre nos anos 1920 com sua coluna *A Cidade*, considerado o *flâneur* vibrante e cuidadoso de todas as nuances públicas, só seria figura íntima dos netos a partir dos anos 1990, quando editamos uma antologia de suas obras – e desencantamos o tipo ideal que habitava nosso imaginário. Ele se foi muito antes de nosso nascimento na década de 1950, e não tivemos o privilégio de desfrutar de seus afagos, histórias, narrativas orais, e mesmo de sua *bonomia*, conhecida no cotidiano em família e síntese da relação de avô e netos. Foi quando passamos a experimentar não apenas o narrador prodigioso do bulício da cidade, o arguto, humanitário e atento participante dos contextos da cidadania, civilidade e modernidade que os porto-alegrenses construíam, mas também os contrastes pungentes da fábrica amontoada, do cortiço empobrecido, da concentração de renda e das mulheres operárias mal pagas. Trouxemos sua vida da sociedade civil para sua vinculação ao âmbito familiar generoso e forte com nossa avó Anita, filha de imigrantes de Pressano di Lavis, assim como seus precoces e dolorosos embates com infortúnios. A perda do filho primogênito, Paulo, com cinco anos, seguida do que lhe secundava, Alcides, aos 19, por doenças graves à época, difteria e hepatite, deixando-o em um trio solidário com minha avó e meu pai. Filho também de um imigrante italiano que se casara com senhora luso-brasileira de Santa Maria, meu avô cedo

despertara para o significado do duro embate da existência – mas, mesmo assim, não adotara o comportamento *spenceriano* comum à época: a seleção implacável dos mais fortes. Ao contrário, desde sempre seu olhar era o de solidariedade ativa aos menos afortunados e defesa intransigente de chances às suas aptidões. Aos 18, já dava aula de português aos grupos de imigrantes. Não dispunha de recursos para seguir estudando e então logo tornou-se autodidata na artesanaria das palavras e do jornalismo, passando por várias redações, inclusive em um período no Rio de Janeiro. Sua visão social fundamental transparece no escritor e cronista rural e urbano e permeia toda a extensa produção de *A Cidade*. Embora geralmente sóbrio, relatos dos descendentes atestam que fazia da convivência em família uma prática buliçosa, alegre, dadivosa e compartilhada com os irmãos Francisco, Fernando, Vicentina ou Philomena, ainda Hermínia e João, como as celebrações de origem italiana. Depois de vir para Porto Alegre, sempre residiu na Cidade Baixa, reduto de italianos. Quando já acometido de forte asma, foi descrito por colegas levantando a cabeça do papel, na redação do jornal, a pena caída, e expressão dolorosa no rosto. Faltava-lhe o ar, respirava com dificuldade. O cronista consagrado pelo enamoramento completo por sua cidade de adoção morreria em 23 de maio de 1931, antes dos 45 anos, testemunhando a Revolução de 1930 e deixando seu último livro exatamente sobre ela. Seu legado social prolongar-se-ia por suas obras. Já o familiar se transmitiu pelo fenômeno ímpar da *expressão da palavra*, recolhida por meu pai, Carlos, autodidata como ele, cultor permanente e apaixonado de livros por toda a sua vida, livreiro e editor.

***Roque Callage Neto***

## ÍNDICE DE ASSUNTOS

A Cidade (autocrítica): 293-296

A Cidade (temas e objetivos): 200-201, 233-235, 295-296

Abastecimento de água: 34, 52-53, 56-57, 62-64, 74, 78-79, 91-92, 103-105, 110-112, 119, 124-125, 131-133, 136-137, 139-141, 163-164, 182-183, 185-186, 265-266, 259-261, 275-276, 299-300, 339-342

Administração pública: 159-160

Animal (cavalo): 230-231

Animal (cigarra): 338

Animal (maus tratos): 40, 77-78

Animal (mosquito): 91-92, 182-183, 136-137

Animal (pássaro): 289, 311-312, 324-325

Arquitetura (monumento): 168-169, 220, 306-307, 337

Arquitetura ver também construção civil

Arquitetura: 57-59, 64-65, 74-75, 98-100, 110-112, 118-119, 174-175, 201-203

Artes plásticas (comércio): 320-321

Artes plásticas: 144-146, 239-241, 243-244, 320-321

Árvore (derrubada): 77-78, 95-97, 133-134, 182-183, 270-271

Árvore (eucalipto): 97-98

Árvore (plantio): 61-62, 68-69, 73-74, 77-78, 82-84, 91-93, 97-98, 115-116, 169-172, 175-176, 182-183, 191-192, 277-278

Árvore (plátano): 115-116, 182-183

Árvore: 311-312

Assistência Pública: 131-133, 157-159, 189-191

- Aterro: 87-89
- Automobilismo: 108-110, 125-127, 249-250, 298-299
- Automóvel (estacionamento): 342-343
- Automóvel (frota): 105-106
- Automóvel (marcas e modelos): 105-106
- Automóvel oficial: 335-336
- Automóvel: 65-66, 105-106, 125-127, 249-250, 271-273, 298-299, 339-342, 351-352
- Aviação (*raid*): 271-273
- Aviação: 271-273, 279, 289-290, 292-293
- Bairros e subúrbios: 64-66, 110-112, 131-133, 159-160, 161-162, 164-166, 174-177, 214-215, 241-242, 247-248, 287-288, 293-295, 309-310, 321-323, 338-339, 314-315, 342-343
- Banda Municipal (custo): 255, 268, 270
- Banheiro público: 76, 96
- Banho de rio: 312-314
- Belvedere: 282-284
- Bonde (depósito): 204-205
- Bonde (horários): 75-76
- Bonde (tarifa): 255-256
- Bonde: 60, 71, 76, 83, 107-108, 114, 128-129, 144, 147, 161, 180, 184, 194, 204-207, 212, 219-220, 255, 309, 340, 347, 364-367
- Café: 43, 233, 253, 308, 320, 345, 371-373
- Cais do porto: 55, 70, 151-154, 210, 343
- Cargo público (nomeação): 21, 251-252
- Carnaval: 233, 252, 290-293, 317-318, 349-351
- Cena urbana: 230-231, 375-376
- Cerveja: 64, 133-134, 338-339
- Chafariz: 56-57, 62-64, 73-74
- Charlatanismo: 318-320
- Cinema (fãs): 273-275

- Cinema: 144-146, 236-237, 284-286, 308, 327, 335, 343, 347, 353-355
- Civismo: 235, 350, 368-369
- Clima (calor): 52, 62, 87, 82, 133, 171-172, 175-176, 245-248, 252-253, 265-266, 279-281, 311-312, 314-315, 342-343, 356, 360-361
- Clima (chuva): 42, 71, 123, 148-150, 159-162, 180, 225, 259-261, 268, 311, 328, 334, 350, 355-357, 367-369
- Clima (enchente): 148-150, 163-164, 256, 321-323
- Clima (frio): 42, 176, 260, 265-266, 326, 328, 334, 333-335, 355-357, 367-369
- Clima (inverno): 48, 91, 159, 168, 176, 244-245, 268, 310, 326, 332-334, 338-339, 362, 367-368
- Clima (mudança): 48, 259-261, 265-266
- Clima (outono): 46, 252-253
- Clima (primavera): 20, 120, 275-276
- Clima (sol): 268, 275, 294, 306, 311-312, 321-323, 325, 335, 339, 355-357, 361, 368, 378
- Clima (vento): 71, 241-242, 325-327, 355-357, 367-368
- Clima (verão): 40, 52, 61-62, 79, 86-87, 168, 170, 172, 175-176, 244-245, 248, 262, 271, 281, 286-288, 294, 309-312, 315, 362, 368, 377-378
- Cocaína: 143-144
- Comércio (venda a prazo): 86-87, 170-171
- Comércio: 101-103, 127-128, 152-153, 170-171, 210-211, 228, 335, 344-346, 378-379
- Construção civil ver também arquitetura
- Construção civil: 54, 57-59, 64-65, 69-71, 73-75, 81-86, 88-89, 93-96, 98-100, 110-112, 115, 118-121, 124, 127-129, 134-137, 152-157, 160-166, 170-171, 174-175, 180-181, 184, 188, 190-198, 201-212, 215-217, 228-229, 232, 238, 261, 270, 277-278, 280, 283, 287-288, 312, 336-338, 340-341, 344, 363-364, 370, 377
- Construção civil (verticalização): 30, 53, 74-75, 118-119, 136-137, 164-166, 180, 197, 201-203, 216-218, 299, 363

- Corpus Christi: 329-330
- Crescimento demográfico: 84, 105-106, 136-137, 232-233, 301, 338, 378-379
- Criança: 134-136, 199, 265, 266, 280-281, 300, 331, 367
- Crime: 41, 108-110, 122, 131-134, 143-144, 180, 263-264, 295, 319, 335-336, 351-352, 370-375
- Crime (furto e roubo): 41, 109, 131-133, 180, 263-264, 295, 319, 335-336, 351-352, 370-375
- Crime (golpe): 133-134, 318-320
- Crime (jogo das tampinhas): 133-134, 318-320
- Crime (jogo do bicho): 41, 122, 143-144, 370-375
- Declamação: 229-230, 323-325
- Doca: 61, 71, 73, 83, 127, 154
- Doença (febre tifoide): 34, 318, 356
- Doença: 34, 91-92, 104, 123, 318, 326, 356
- Domingo: 65-66, 69, 134-136, 175, 192, 211, 235-237, 241-242, 249-250, 269, 279, 286-287, 307-313, 327, 329, 339, 347, 372-373
- Educação artística: 144-146, 304-305, 315-316
- Energia elétrica: 37, 53, 40, 52, 53-54, 60, 65, 67-68, 71-72, 74, 78, 89-91, 92, 96, 100-103, 107-111, 144-147, 149-150, 152, 156, 161, 166-167, 174-180, 182-184, 186-187, 201, 205, 207, 209-210, 212-214, 219-221, 242, 267, 310, 324, 363
- Esporte e lazer: 20, 49, 65-66, 92-93, 108-111, 134-136, 171-172, 176, 207-208, 227-228, 235-237, 241-242, 249-250, 268, 277-278, 278, 286-287, 298-299, 307-308, 310-311, 312-314, 367-369, 375-378
- Esporte e lazer (futebol): 20, 49, 108-110, 227-228, 235-237, 242, 275-276, 277-278, 307-308, 310-311, 367-369, 375-376
- Esporte e lazer (hipismo): 111, 176, 242, 376-378
- Esporte e lazer (torcida de futebol): 227, 235-236, 275-276, 307, 310, 369
- Estudante: 27, 145, 228, 255-256, 274, 314-315
- Exposição Rio-grandense de Automóveis (Primeira): 105-106

- Feminismo: 251-252, 315-316
- Férias escolares: 134-136, 228, 282, 314-315
- Festa de Nossa Senhora dos Navegantes: 250-251, 317-320, 347-348
- Festa do Divino: 47, 250-251, 273, 326-332, 339-342, 349, 354-355, 362-364
- Festas juninas: 69, 259-261, 265-266, 299-300, 326, 330-332, 354-355
- Festividade ver Vida social
- Fevereiro (mês): 281, 317-318
- Finanças públicas: 112-113, 137-139, 143-144, 153, 156, 173-174, 181-182, 259, 305
- Footing: 244-245, 252-253, 255-256, 335-336, 378
- Forno de lixo: 122-123, 261, 364-367
- Fruta (melancia): 251, 317-318, 347-348
- Funcionalismo público: 190, 355
- Guaíba (lago, paisagem): 53, 55, 64-65, 87, 174, 206, 209, 251, 283, 286, 377
- Habitação (aluguel): 123, 171, 288
- Habitação (financiamento): 86-87, 170-171
- Hábitos e costumes (banho): 185-186, 373
- Hábitos e costumes: 35, 75-76, 78, 106, 145-146, 153-154, 211-212, 230-231, 236, 245-246, 251-252, 260-262, 267, 299, 330-331, 347-348, 354-355
- Higiene e saúde pública: 28, 69-70, 87-89, 91-92, 103-105, 122-123, 144, 153, 156-157, 175, 182-183, 185-186, 174-175, 193-197, 207-208, 217-218, 317-318, 321-323, 325-327, 376-378
- Hipódromo (construção): 376-378
- Hipódromo Independência: 111, 176, 376-378
- História de Porto Alegre: 339-342
- Hotelaria: 164-165, 287-288, 292, 355
- Identidade nacional: 290-292, 348-350, 355-357, 370-375
- Identidade regional: 21-22, 46, 175-176
- Iluminação particular: 176-177, 182-183

- Iluminação pública (acendedor de lampiões): 186-187
- Iluminação pública: 64-65, 67-68, 71-72, 78-79, 89-91, 91-92, 95-97, 100-101, 106-108, 108-110, 110-112, 146-147, 149-150, 152-153, 160-161, 176-177, 178-180, 182-183, 186-187, 174-175, 200-201, 204-205, 210-214, 219-220, 290-292, 309-310
- Imagem da cidade para o visitante: 97-98, 139-141, 144-146, 155-156, 166-167, 195-197, 209-210, 282-284
- Imigração italiana (cinquentenário): 248-249
- Imigração italiana: 248-249, 292-293
- Imprensa: 20, 26, 41, 46, 74, 106-108, 130-131, 155-156, 214, 219, 227, 233, 243-244, 307-308, 310, 340, 368, 373-376
- Inspetoria de veículos: 30-31, 104, 132, 189-191, 298, 336, 379
- Intelectualidade: 248-249, 253-255, 295-296
- Jardinagem e paisagismo (público): 61-62, 68-69, 70-71, 73-74, 77-79, 83, 91-93, 95-98, 103-105, 113-116, 119-121, 134-136, 172, 175-176, 182-183, 198-200, 204-205, 207-212, 217-220
- Jogo (repressão): 319, 347-348
- Junho (mês): 259-261, 326
- Leite (comércio): 339, 347-348
- Limpeza urbana: 67-68, 73, 80, 92, 104-105, 122-123, 185-186, 190, 196, 206-207, 226-227, 360-362
- Linguagem urbana: 235-236
- Literatura (tendências): 40, 51, 120, 191, 227, 239-241, 299, 318, 326, 330-332, 355-357, 365, 371
- Literatura: 21-22, 40, 51, 120, 191, 227, 239-241, 299, 295-296, 318, 326, 330-332, 355-357, 365, 371
- Loteamento: 64-65, 86-87
- Mau cheiro: 193, 196
- Medicina (pronto socorro): 132, 157-159, 190
- Medicina (psiquiatria): 80, 140, 196, 259-261, 364, 367
- Mercado editorial: 226, 238-239, 344-346, 373
- Mitologia grega: 56-57

- Moda e vestuário (traje de banho): 286-287, 312-314
- Moda e vestuário: 40, 168-169, 245-247, 251-253, 264-265, 284-286, 315-316, 329-330, 333-336, 355-357, 360-362, 378-379
- Modernismo (antropofagia): 180, 354-357, 364-367
- Modernismo: 40, 51, 74-75, 79-81, 120, 151-152, 164-166, 191-192, 226-239-241, 252-253, 259-291, 261-263, 265-267, 295-296, 299-300, 321-323, 330-332, 350-351, 354-355, 355-357, 364-367, 370-375
- Monumento ver Arquitetura (monumento):
- Moralidade: 52, 143-144, 155, 168-169, 227, 256-257, 282, 284-286, 310-314, 319, 346-347, 360-362
- Morfina: 143-144
- Mulher (beleza): 99, 108-110, 139-141, 216-217, 228, 234-237, 245-247, 251-253, 255-256, 268, 275-276, 279, 293-295, 307-308, 316, 329, 330, 335-336, 342-343
- Mulher (feminismo): 251-252
- Mulher (importunação sexual): 326, 328, 355
- Mulher (trabalho): 238, 251-253, 279, 315-316, 323, 324
- Mulher: 99, 108-110, 139-141, 216-217, 228, 234-238, 245-247, 251-253, 255-256, 268, 275-276, 279, 293-295, 307-308, 315-316, 323, 329, 330, 3335-336, 342-343
- Música erudita: 49, 58, 76, 108, 224-226, 232-233, 261-265, 268-269, 271, 296-297, 301-305, 330, 332-335, 343-344, 346-347, 353-354, 359-360
- Música popular (*black bottom*): 350
- Música popular (*charleston*): 350
- Música popular: 225, 257, 263-264, 268, 284-285, 291, 303, 332, 343, 346, 353, 359-360
- Natal: 134-136, 344-346
- Normas de comportamento: 230-231, 251-253, 261-265, 266-267, 269-270, 312-314, 333-335
- Nostalgia: 56, 62, 133-134, 151, 191-192, 254, 259-261, 265-266, 293, 299-300, 323-325, 325-327, 327-329, 330-332, 348-350, 354-355, 362-364
- Obras públicas (acidente): 203-204

- Obras públicas (aterro): 206-207
- Obras públicas (custeio): 214-215, 217-218
- Obras públicas (custeio): 161-162
- Obras públicas (custo): 214-215
- Obras públicas: 29, 33, 48, 54-57, 61-65, 71, 78-89, 91-95, 97, 100-101, 103-125, 128-136, 141-144, 146-156, 159-167, 171-177, 180-185, 188-195, 199-218, 239-242, 282-284, 322, 338, 377
- Operariado: 91, 94, 170, 181-182
- Ópio: 143
- Paisagem natural/rural: 153, 54, 64-65, 95, 197, 206, 209-210, 227, 282-284, 309-310, 377
- Paisagem urbana: 37, 41, 53, 57-59, 64-65, 93, 95, 96-100, 147, 172, 204, 212, 218, 220, 228, 282-284, 309-310, 360
- Planejamento urbano: 30, 32, 59, 62, 67-68, 78, 81-82, 84-85, 93-95, 112, 113, 118-122, 124, 130-133, 156-160, 172-176, 181, 188, 199-202, 206-208, 217-218, 228, 233, 277, 284, 304
- Poeira/lama: 28, 68, 71, 79-81, 196-197, 219, 242, 279, 294, 339, 343
- Polícia de costumes: 284-286
- Polícia: 30, 35, 37, 40, 65, 78-79, 100-101, 103-105, 132, 177, 179-180, 200-201, 212, 219, 244-246, 250-251, 263-264, 273-275, 284-287, 289, 295, 309-310, 312-314, 317-319, 344-346, 351-352, 355
- Política estadual: 23, 84-86, 137-139, 139-141
- Política nacional: 20, 23, 30, 33, 40, 43, 45, 138-139, 153, 191-192, 259-261, 281-282, 306-307, 327, 347-348, 371, 375-376
- Poluição sonora: 146, 157-159
- Previdência do Sul (prédio, construção): 201-203
- Praças e parques públicos (coreto): 271, 277-278, 354
- Praças e parques públicos: 52, 55-57, 61-63, 65-66, 68-71, 73-74, 77-79, 80-83, 91-98, 100, 109, 115-116, 117, 119-121, 132-134, 137, 146, 152-153, 157, 169-172, 174-176, 177, 184-185, 191-192, 198-202, 204-205, 207-208, 210, 216-218, 220, 225, 232-233, 236-237, 243, 246, 257, 268, 270-271,

276-278, 280-281, 306-308, 311-312, 323-324, 326, 329, 337, 339, 340-341, 347, 354, 359, 362

Progresso e modernidade: 55-56, 59-61, 65-66, 67-68, 73-74, 74-75, 75-76, 101-103, 105-106, 118-119, 121-122, 125-127, 127-128, 128-129, 131-133, 133-134, 136-137, 139-141, 141-142, 143-144, 144-146, 146-147, 151-152, 152-153, 153-154, 155-156, 160-161, 161-162, 164-166, 166-167, 170-171, 173-174, 174-175, 185-186, 186-187, 191-192, 192-193, 194-195, 195-197, 200-201, 210-211, 213-214, 214-215, 216-217, 218-219, 248-249, 250-251, 259-261, 299-300, 325-327, 327-329, 330-332, 354-355, 355-357, 359-360, 362-364, 376-378, 376-378

Prostituição: 34, 143-144, 335-336

Publicidade e propaganda: 144-146, 344-346

Queda da Bastilha (14/7/1789): 368-369

Religiosidade (umbanda): 351-352

Religiosidade: 250-251, 273-275, 329-330, 351-352, 362-364

Remodelação urbana: 40, 46, 48, 53, 54, 61-62, 75-76, 82-84, 87-89, 124-125, 134-139, 142, 166-167, 173-175, 178-180, 184, 189-190, 209-215, 282-284

Revolta da Armada (1893): 164-166

Revolta dos 18 do Forte de Copacabana (5 de julho de 1922): 151-152

Revolução de 1930: 219-220

Revolução Farroupilha (1835-1845): 178-179, 180-182, 203-204

Sábado: 244-245, 255-256, 268, 307-308, 344-348, 372, 378

Saneamento: 78-79, 91-92, 101-105, 108, 117, 132-137, 148-149, 159-160, 166-167, 177, 182-183, 174-175, 190, 193-196, 211-212, 261, 322

São Pedro (teatro, reforma): 232-233

Serviços públicos: 59-61, 70-71, 75-76, 78-80, 82-83, 89-92, 95-97, 100-101, 103, 107-111, 113-117, 124-126, 128-132, 146-147, 150, 152, 159-164, 166-167, 175-187, 189-191, 200-201, 204-205, 210-215, 219-221, 250, 309-310

Sistema prisional: 88, 155-156, 283, 340

Suicídio: 55-56, 376

Superstição: 20, 265-266, 300

Teatro (arrendamento): 343-344, 346-347, 353-354, 359-360

Teatro e cinema (censura): 33, 284-286, 346-347, 353-354

Teatro (preço): 225, 261-263, 301-302

Teatro brasileiro: 256-257, 257-258, 284-286, 302-303, 346-347, 353-354, 346-347, 359-360

Teatro internacional: 49, 226, 256-257, 302, 358-360

Teatro Municipal (projeto): 122, 229-230, 336-338, 343-344, 346-347, 369-370

Teatro: 49, 76, 109, 114, 139-141, 144-146, 224-229, 230-233, 236, 256-262, 264-266, 269-270, 284, 284-286, 296-298, 301-303, 333-338, 340, 343-344, 346-347, 353-354, 357-360, 369-370

Tenentismo: 151-152

Toponímia e hodonímia: 130-131, 146-147, 149-150, 184-185, 189-191, 339-342

Trânsito (acidente): 30, 65-66, 105-106, 255-256, 278-280, 295-296, 298-299, 339-342

Trânsito (congestionamento): 156-157, 188-189, 194-195, 378-379

Trânsito (regulamentação): 335-336

Trânsito: 54, 68-69, 70-71, 78-79, 95-97, 128-133, 148-149, 156-157, 160-161, 174-175, 179-180, 184-185, 194-195, 204-205, 210-211, 214-215, 249-250, 284-286, 299-300, 309-310, 335, 339, 344-346, 378-379

Transporte (ônibus): 30, 149, 179, 194, 215, 279, 286-287, 309-310, 339-343, 347, 376-378

Transporte ferroviário: 26, 45, 83, 88, 114, 196, 228, 247-248, 261, 286, 339, 343, 376-378

Transporte fluvial: 67, 127-128, 153-154, 174-175

Transporte: 26, 30, 45, 65-67, 83, 86-88, 106-108, 114, 127-128, 148-149, 153-154, 174-175, 179-180, 196, 214-215, 219-220, 228, 247-248, 249-250, 261, 286, 309-310, 339, 343, 347-348, 376-378

Travestismo: 251-252

Tributação: 30, 41, 57, 75-76, 103-105, 127-128, 137-139, 161-162, 173-174, 176-177, 318-320, 268

Veículo de tração animal: 65-66, 339-342

Veraneio: 86-87, 228, 247-248, 281-282, 287-288, 293-295, 311-312, 314-315, 338-339, 342-343

Vias públicas (calçadas): 65-66, 111, 91-92, 179-180, 244, 344-346, 362

Vias públicas (conservação): 28, 271-273

Vias públicas (construção): 54, 61, 71, 78-79, 282-284

Vias públicas (manutenção): 148-149, 338-339

Vias públicas (pavimentação e calçamento): 65-66, 70-71, 78-79, 79-81, 82-84, 89-91, 91-92, 95-97, 106-108, 111, 116-118, 119-121, 125-127, 128-129, 130-136, 143-144, 146-147, 149-150, 156-162, 179-180, 182-183, 195-197, 209-211, 211-212, 214-215, 219-220, 224, 250, 284, 293-295, 361-362

Vias públicas: 87-89, 93-95, 105-106, 131-133, 118-119, 141-144, 149-150, 249-250, 293-295, 298-299, 309-310

Vida artística e cultural (auxílio governamental): 304-305

Vida artística e cultural: 49, 67, 108-110, 134-136, 144-146, 169, 224, 229-230, 230-231, 236-241, 243-244, 253-255, 256-258, 261-263, 264-265, 266-267, 269-270, 276-277, 285, 296332-333, 336-338, 343-344, 346-347, 353-354, 359-360, 369-370, 296-297, 301-305, 320-321, 323-325, 295-296

Vida doméstica: 236-237

Vida religiosa: 327-329, 241-242

Vida social: 292-293, 259-261, 75-76, 134-136, 144-146, 233-235, 236-237, 241-242, 243-244, 244-245, 248-249, 250-251, 255-256, 265-266, 273-275, 292-293, 293-295, 317-318, 323-325, 335-338, 347-348, 348-350, 350-351, 355, 360-367, 378-379

Vida urbana (crítica): 293-295

Violência urbana: 64-65

Vitrine: 72, 177, 192, 245, 335, 344-346



## ÍNDICE TOPONÍMICO

- 1º de Março (rua): 92  
13 de Maio (avenida): 100, 101,  
15 de Novembro (praça): 133, 134, 157, 202, 214, 233, 270  
15 de Novembro (rua): 81  
20 de Setembro (rua): 341  
7 de Setembro (rua): 211  
A Tricolor (loja): 345  
Administração do porto (edifício): 153  
Albardão (praia): 273  
Alberto Bins (avenida) ver São Rafael (avenida)  
Alfândega (edifício): 128  
Alfândega (praça da) ver Senador Florêncio (praça)  
Alto da Bronze (lugar): 270, 280  
Amazônia (região): 321  
Americana (livraria): 345  
Americano (colégio): 137  
Andradas (rua dos): 23, 55, 58, 72, 74, 75, 82, 85, 109, 157, 164, 168, 176,  
177, 178, 186, 192, 201, 202, 213, 217, 237, 238, 240, 244, 245, 252, 255,  
282, 267, 308, 335, 336, 344, 351, 355, 360, 378  
Antiga doca: 61, 73, 83  
Ao Preço Fixo (loja): 345  
Apolo (teatro): 109, 230  
Arabutã (avenida) ver Itália (avenida)  
Araújo Vianna (praça): 132, 225

- Argentina (praça): 95, 177, 184, 214, 306  
Armazém Minas Gerais (loja): 99  
Arvoredo (rua do): ver Coronel Fernando Machado (rua)  
Azenha (bairro): 95, 122, 123, 146  
Bahia (avenida): 150, 341  
Banco Nacional do Comércio (edifício): 153, 202  
Beira-Mar (avenida, Rio de Janeiro): 88  
Beira-Rio (avenida): 174, 207  
Bento Gonçalves (avenida) ver Mato Grosso (estrada do)  
Berlim (avenida): 149,  
Bois de Boulogne (bosque, Paris): 253  
Bom Fim (avenida): 96, 107, 108, 114, 117, 128, 132, 147, 169, 175, 184,  
190, 191, 213, 351  
Borges de Medeiros (avenida): 54, 61, 71, 81, 130, 143, 144, 156, 174, 180,  
185, 188, 194, 201, 203, 204  
Brigadeiro Sampaio (praça): 55,  
Buarque de Macedo (avenida) ver Veneza (avenida)  
Buenos Aires (cidade): 128, 202, 203, 256, 271, 272, 301  
Café Nacional: 345  
Cais do porto: 55, 56, 70, 83, 127, 128, 135, 151, 152, 153, 154, 162, 174,  
178, 179, 210, 343  
Caixa d'Água: 64, 111, 137, 140, 197, 209, 161, 282  
Caminho do Meio (estrada): 107, 190, 205, 215, 300, 309  
Canoas (estrada de): 149, 298  
Canoas (vila): 273  
Casa de Correção (presídio): 88, 155, 156, 283, 340  
Casa Esteves Barbosa (loja): 164  
Casa Gonçalves (loja): 345  
Casa Voelcker (loja): 192  
Cascata (bairro): 175  
Cassiano do Nascimento (rua): 153, 201

- Cassino (praia, Rio Grande): 273  
 Castro Alves (rua): 341  
 Ceará (avenida): 149  
 Cidade Baixa (região): 157, 382  
 Colégio Militar: 108, 115  
 Coliseu (teatro): 114, 225, 230, 297, 301, 302, 303, 332, 333, 343, 344, 353, 354, 358, 359, 369  
 Colombo (café): 164, 345  
 Colón (teatro, Buenos Aires): 230  
 Conceição (cidade): 273  
 Conceição (praça) ver Dom Sebastião (praça)  
 Conceição (rua da): 107, 177  
 Concórdia (rua da) ver João Alfredo (rua)  
 Conde de Porto Alegre (praça): 214, 337, 341  
 Conde D'Eu (praça) ver 15 de Novembro (praça)  
 Coronel Fernando Machado (rua): 32, 113, 270, 341  
 Correios e Telégrafos (edifício): 202, 340  
 Cristal (bairro): 29, 86, 111, 176, 214, 215, 377  
 Cristal (estrada do): 298  
 Cristóvão Colombo (rua): 64, 112, 160, 180, 284, 341, 393  
 Delegacia Fiscal do Tesouro Nacional (edifício): 128  
 Demétrio Ribeiro (rua): 82, 341  
 Dilúvio (arroyo): 68, 83, 88, 128, 340  
 Doca: 71, 127, 154  
 Doca (antiga): 61, 73, 83  
 Dom Feliciano (praça): 109  
 Dom Sebastião (praça): 77, 79  
 Dr. Flores (rua): 184  
 Duque de Caxias (rua): 32, 71, 72, 81, 84, 85, 90, 94, 96, 100, 146, 177, 188, 194, 195, 203, 213, 270, 341  
 Escola de Engenharia (edifício): 96

- Espírito Santo (rua): 71  
Estrada de ferro do Riacho à Tristeza: 83, 114, 196, 261, 377  
Estreito (zona do): 273  
Farrapos (avenida) ver Minas Gerais (antiga avenida)  
Farroupilha (parque) ver Redenção (parque da)  
Florêncio Ygartua (rua) ver Formosa (rua)  
Floresta (bairro): 64, 160, 161, 169, 179, 180, 214, 283  
Formosa (rua): 193, 341  
Garibaldi (praça): 220  
Gasômetro (usina de gás): 88, 89, 103, 144, 206, 207  
General Andrade Neves (rua): 71, 202, 340  
General Câmara (rua): 177  
General Canabarro (rua): 267, 341  
General Osório (praça): 270, 278, 280, 281  
General Paranhos (antiga rua): 71, 81, 84, 93, 94, 95, 113, 115, 121, 156, 201, 357  
Getúlio Vargas (avenida) ver 13 de Maio (avenida) e Menino Deus (avenida)  
Globo (livraria do): 226, 238, 239, 345, 366, 373  
Glória (bairro): 204, 309  
Grande Hotel: 164  
Gravataí (vila): 149, 279  
Guaíba (lago): 53, 55, 57, 64, 67, 68, 71, 74, 83, 87, 88, 94, 123, 127, 140, 153, 155, 174, 186, 206, 209, 210, 211, 251, 283, 286, 287, 288, 292, 377  
Guarani (cinema): 202, 237  
Harmonia (praça da): 55, 62, 153, 210  
Hospital Alemão: 284  
Independência (largo da) ver Argentina (praça)  
Independência (praça): 238, 306  
Independência (rua): 283, 329  
Itália (avenida): 149, 150

- Itália (país): 67, 111, 249, 269  
Itaoca (cidade fictícia): 362  
João Inácio (rua): 341  
João Pessoa (avenida) ver Redenção (avenida)  
José Bonifácio (avenida): 364  
José de Alencar (rua): 339  
Júlio de Castilhos (avenida): 83, 129, 135, 146, 147, 152, 177, 190, 202, 205, 210, 211, 212, 213  
Júlio de Castilhos (praça): 77, 117, 137  
Ladeira (rua da) ver General Câmara (rua)  
Malakoff (edifício): 74, 99, 165  
Marechal Deodoro (praça): 90, 96, 100, 146, 214, 225, 232, 276, 326, 329, 340, 341, 354, 359, 362  
Marechal Floriano (rua): 68, 74, 75, 345  
Margem (rua da) ver José do Patrocínio (rua)  
Mato Grosso (estrada do): 69, 196, 340, 341  
Matriz (praça da) ver Marechal Deodoro (praça)  
Mauá (avenida): 107, 210, 211  
Menino Deus (bairro): 90, 101, 104, 109, 137, 146, 148, 160, 182, 211, 212, 219, 220, 249, 250, 322  
Menino Deus (igreja do): 212  
Mercado Público Municipal: 62, 71, 83, 90, 135, 340  
Minas Gerais (antiga avenida): 149  
Moinhos de Vento (bairro):  
Mont'Serrat (bairro): 64, 111, 137, 176, 192, 193, 228, 242, 282, 341, 376, 377  
Montevideu (cidade, Uruguai): 128, 230  
Morro Ricaldone (lugar): 111  
Mostardas (cidade, Rio Grande do Sul): 272, 273  
Mostardeiro (rua): 64  
Navegantes (bairro): 71, 104, 125, 148, 160, 215, 250, 251, 283, 322, 341  
Nossa Senhora das Dores (igreja): 229, 233

- Nossa Senhora do Rosário (igreja): 202, 274  
Nossa Senhora dos Navegantes (igreja): 250, 251  
Nova York (cidade, Estados Unidos): 271, 272  
Nunes Dias (loja): 345  
Olinda (rua): 395  
Osvaldo Aranha (avenida) ver Bom Fim (avenida)  
Otávio Rocha (avenida) ver São Rafael (avenida)  
Otávio Rocha (praça): 184  
Otávio Rocha (viaduto): 54, 81, 84, 85, 94, 113, 115, 121, 130, 181, 188,  
194, 195, 201, 203, 204  
Paço Municipal: 61, 63  
Padre Cacique (asiló): 86, 88, 174, 206  
Palacete Ricaldone: 112, 209  
Palácio Piratini: 58  
Palmares do Sul (cidade, Rio Grande do Sul): 273  
Pantaleão Teles (rua): 89, 174, 206  
Pará (avenida): 149  
Paraventi (café): 371  
Paris (cidade, França): 241, 253, 261  
Parque (rua do): 341  
Partenon (bairro): 125, 204, 214, 215, 340, 341, 352, 364  
Passo da Areia (bairro): 125, 340, 341, 377  
Patos (lagoa dos): 272, 273  
Paulista (avenida, São Paulo): 283  
Paulo Gama (parque): 396  
Pedra Redonda (bairro): 87, 175, 286, 287, 313, 338  
Pedra Redonda (praia): 31, 247, 287, 288, 312, 339, 342  
Pedras Brancas (distrito): 67, 206  
Penitenciária de São Paulo (presídio): 155  
Pereira Parobé (praça): 73, 74, 83, 90, 146, 177, 214, 83  
*Petit-Casino* (cineteatro): 58, 99  
Petrópolis (bairro): 137, 193, 214, 215, 228, 309, 310

- Ponta do Dionísio (lugar): 140, 196, 261, 343  
 Porto de São Francisco dos Casais (vila): 141  
 Praia de Belas (avenida): 174, 207  
 Praia de Belas (lugar): 156, 174, 206, 287, 377  
 Professor Freitas e Castro (rua) ver Sans Souci (rua)  
 Quartel do 70 Batalhão de Caçadores: 96, 184, 214, 337  
 Quartel-general da região militar do Exército: 168, 169  
 Recife (cidade, Pernambuco): 58  
 Redenção (avenida): 53, 69, 96, 99, 100, 108, 117, 120, 128, 146, 147, 169, 184, 190, 204, 205, 212, 214  
 Redenção (campo da): 69, 90, 92, 93, 107, 171, 172, 217, 277, 278, 341  
 Redenção (parque da): 32, 51, 72, 92, 93, 119, 132, 171, 172, 175, 191, 217, 218, 277, 278, 364  
 República (rua da): 100, 169, 205, 221  
 Riacho (estação ferroviária): 83, 88, 94, 114, 140, 196, 206, 207, 248, 261, 286, 377  
 Riacho (rio): 68, 109, 123, 220  
 Riachuelo (rua): 34, 213, 341  
 Rio das Antas: 101, 103  
 Rio de Janeiro (cidade): 26, 27, 102, 105, 139, 170, 197, 202, 236, 243, 249, 250, 259, 262, 291, 358, 264, 297, 360  
 Rosário (rua do) ver Vigário José Inácio (rua)  
 Sabiá (morro do): 339, 356  
 Sans Souci (rua): 69  
 Santa Engrácia (igreja, Portugal): 95, 121, 153, 181, 188  
 Santa Teresa (bairro): 228  
 São João (bairro): 71, 91, 104, 125, 148, 149, 159, 160, 214, 283, 322, 341, 351  
 São Manuel (bairro): 64, 228  
 São Paulo (cidade): 20, 51, 67, 87, 105, 112, 118, 119, 139, 155, 170, 176, 197, 202, 230, 236, 243, 249, 250, 259, 264, 275, 238, 297, 323, 360, 371  
 São Paulo (estado): 78, 125, 289  
 São Pedro (continente de): 327

- São Pedro (hospital): 140, 196, 364  
São Pedro (teatro): 76, 225, 229, 230, 231, 232, 233, 236, 257, 259, 261, 262, 264, 265, 266, 267, 269, 297, 301, 302, 303, 304, 332, 333, 334, 335, 338, 340, 343, 344, 346, 347, 353, 354, 358, 359, 360, 369, 370  
São Rafael (avenida): 129, 184, 190, 202, 213  
Sarandi (bairro) ver Várzea do Gravataí (bairro)  
Sarmiento Leite (rua): 107  
Senador Florêncio (praça): 58, 77, 79, 90, 109, 128, 187, 201, 202, 214, 216, 225, 237, 243, 268, 270, 271, 276, 277, 340  
Senhor dos Passos (rua): 129, 184  
Sepúlveda (avenida): 153, 213  
Silvério (rua): 100  
Siqueira Campos (rua) ver Flores (rua das)  
Solis (teatro, Montevidéu): 230  
Sumideira (lagoa): 272  
Teatro Municipal (Rio de Janeiro): 259, 346  
Teresópolis (bairro): 204, 214, 309  
Torres (cidade, Rio Grande do Sul): 272, 273  
Trianon (parque, São Paulo): 176, 283  
Tristeza (bairro): 29, 83, 87, 88, 114, 175, 196, 214, 215, 228, 233, 247, 248, 261, 286, 288, 313, 338, 339, 342, 343, 377  
Uruguai (rua): 371  
Várzea (campo da) ver Redenção (parque da)  
Várzea do Gravataí (bairro): 122, 279  
Varzinha (rua da) ver Demétrio Ribeiro (rua)  
Venâncio Aires (rua): 90, 92, 100, 107, 108, 115, 169, 190, 341  
Veneza (avenida): 150  
Vigário José Inácio (rua): 129, 202, 237  
Vila Nova (bairro): 87, 175  
Visconde do Rio Branco (largo): 114  
Voluntários da Pátria (rua): 28, 71, 80, 83, 114, 117, 213  
Washington Luís (rua) ver Pantaleão Teles (rua)

## ÍNDICE ONOMÁSTICO

- Abigail Maia (atriz): 297  
Adelaide Saraceni (cantora lírica): 269  
Alberto Bins (intendente municipal): 173, 365  
Alceu Wamosy (escritor): 240  
Alexander Brailowsky (pianista): 302, 303, 304, 332, 333  
Alexandre, o grande (rei da Macedônia): 183  
Amelita Galli-Curci (cantora):  
Andrade de Queirós (jornalista):  
Ângelo Guido Gnocchi (pintor):  
Anita Garibaldi (revolucionária):  
Antônio Chaves Barcellos Filho (coronel, investidor):  
Antônio de Assis Republicano (compositor): 297  
Apeles Porto-Alegre (escritor): 253  
Apolinário Porto-Alegre (escritor): 253  
Aquiles Porto-Alegre (escritor): 253  
Argemiro Cidade (delegado): 375  
Arthur Rubinstein (pianista): 224, 332, 333  
Associação de Estradas de Rodagem: 298  
Athos Damasceno Ferreira (escritor): 373  
Augusto de Freitas (pintor): 239  
Augusto Meyer (escritor): 296  
Austregésilo de Ataíde (escritor): 361  
Automóvel Clube: 126  
Banda Municipal: 76, 225, 255, 268, 270, 276, 278, 308

- Barbosa Netto (escritor): 240  
Batista Júnior (autor teatral): 257  
Benito Mussolini (político italiano): 41, 360  
Borges de Medeiros (Antônio Augusto, político): 130, 327  
Borges de Medeiros (Instituto): 215  
Buick (marca de automóveis): 106  
Cadillac (marca de automóveis): 106  
Caixa Econômica Federal (banco): 364, 371  
Câmara dos Deputados: 80, 337  
Campeonato Brasileiro de Futebol: 227, 236, 275, 307, 310  
Campeonato Mundial de Futebol: 368, 369  
Carlos Barbosa Gonçalves (político): 154  
Carlos Torelly (pintor): 239  
Casa Jamardo (galeria de arte): 243  
*Castidade* (filme): 285, 286  
Centro de Cultura Artística: 304  
Ceres (deusa romana): 247, 342  
Chandler (marca de automóveis): 106  
Chaves Barcellos (família): 197  
Chevrolet (marca de automóveis): 106  
Colombina (personagem): 291, 317  
Companhia Alemã de Comédias: 302  
Companhia Brasileira de Comédias: 302  
Companhia Brasileira de Força Elétrica (empresa): 144, 156, 357  
Companhia Carris Porto-Alegrense (empresa): 41, 60, 108, 187, 204, 205, 215, 324  
Companhia de Energia Elétrica do Rio Grande do Sul (empresa): 37, 103, 156, 267  
Companhia Força e Luz (empresa): 60, 61, 89, 256  
Companhia Hidráulica Guaibense (empresa): 64, 185, 196  
Companhia Hidráulica Municipal (empresa): 196

- Companhia Hidráulica Porto-Alegrense (empresa): 64, 185, 196  
 Companhia Lírica Italiana: 266, 267, 269, 297, 302, 334  
 Congresso de Criadores do Rio Grande do Sul (Segundo): 145  
 Congresso das Municipalidades Rio-Grandenses (Primeiro): 189  
 Congresso Nacional: 80  
 Conselho Municipal: 86, 167, 214  
 Conservatório de Música: 316  
 Coro dos Cossacos de Don (grupo musical): 369  
 Da Costa e Silva (jornalista): 365  
 Dahne, Mazzini e Cia. (empresa): 114  
 Dakir Parreiras (pintor): 239  
 Del Cupolo (maestro): 297  
 Diário de Notícias (jornal): 19, 23, 27, 29, 36, 42, 44, 239, 240, 241, 248  
 Dodge (marca de automóveis): 66, 106  
*Domingo é meu* (poema): 372, 373  
*Dona Perpétua* (poema): 195, 196  
 Donat-Alfred Agache (urbanista): 119, 169, 170, 171, 172, 175, 176, 169, 172, 175  
 Dulcina de Moraes (atriz): 224, 257, 258  
 Eça de Queirós (escritor): 102, 328, 342  
 Emil Frey (pianista): 332, 333  
 Escola de Agronomia: 215  
 Escola de Belas Artes: 316  
 Esmeralda (sociedade carnavalesca): 349  
 Espírito Santo (irmandade): 363  
 Estrada de Ferro do Riacho à Tristeza:  
 Euclides da Cunha (escritor): 125, 126  
 Eva (personagem bíblica): 253, 314, 338, 246  
 Fábio de Barros (jornalista): 337  
 Federação Acadêmica: 255  
 Federação Brasileira de Desportos: 311

- Fiat (marca de automóveis): 66, 106  
Filippo Tommaso Marinetti (escritor): 67, 260, 262, 266  
Fontine (marca de automóveis): 106  
Fontoura Xavier (escritor): 240  
Ford (marca de automóveis): 66, 106  
Francesco de Pinedo (aviador): 292, 293  
Francisco Pereira Passos (prefeito do Rio de Janeiro): 190  
Frédéric Chopin (compositor): 302, 333  
Galli-Curci (companhia musical): 264  
Gaston Hasslocher Mazon (escritor): 339, 340, 342  
Generosa Azeredo (proprietária de palacete): 188  
Getúlio Vargas (político): 45, 90, 139, 192  
Guilherme de Almeida (escritor): 240, 318  
Guttman Bicho (pintor): 243  
Hélio Seelinger (pintor): 239  
Hemetério Mostardeiro (coronel): 176  
Hipódromo Independência: 111, 176, 376, 377, 378  
*Homens ilustres do Rio Grande do Sul* (livro): 254  
Ignaz Friedman (pianista): 332, 333  
*Iluminuras* (livro): 254  
Ilza Chaves Barcellos (investidora): 197  
Inspetoria de Veículos: 30, 104, 132, 190, 298, 336, 379  
Intendência Municipal: 31, 32, 48, 57, 60, 64, 68, 69, 70, 77, 78, 79, 81, 82, 84, 85, 86, 88, 90, 96, 97, 99, 101, 110, 112, 113, 114, 120, 122, 123, 129, 147, 156, 157, 159, 160, 164, 167, 175, 177, 181, 183, 185, 188, 194, 199, 205, 207, 220, 261, 263, 270, 277, 278, 283, 287, 319, 322, 357  
Jaime Costa (companhia de comédias): 231  
João Pio de Almeida (administrador do Teatro São Pedro): 232  
Joaquim José de Campos Leão (Qorpo Santo, escritor): 241  
Jocotó (clube): 233, 234  
John Ruskin (escritor): 169

- José Jerônimo Monteiro de Albuquerque: 273  
José Matias (personagem literária): 328  
José Montaury (intendente municipal): 86, 160  
José Ricaldone (médico): 111, 112  
Josino Cardoso (pescador): 272, 273  
Juliano Moreira (médico): 261  
Júlio Prestes (político): 195, 371  
Koch & Montaury (empresa): 86  
*La Traviata* (ópera): 269  
Lagache (hotel): 165  
Leopoldo Fróes (ator): 256  
Leopoldo Fróes (companhia teatral): 256, 257, 258  
Libindo Ferraz (pintor): 239, 243  
Lincoln (marca de automóveis): 106  
*Lua de vidro* (livro): 373  
Mansueto Bernardi (escritor): 327  
Marajó (canhoneira): 165  
Marcelo Gama (escritor): 240, 244, 245  
Marcha Real Italiana (música): 292  
Margarete Slezak (cantora lírica): 358  
Mário de Andrade (escritor): 323  
Maurício de Nassau (governador): 58  
Melindrosa (avião): 289  
Mesa de Rendas do Estado: 153, 319  
Michael Zadora (pianista): 333  
Modernismo (antropofagia): 180, 355, 357, 365  
Molière (escritor): 231  
Momo (deus grego): 290, 317, 348, 349, 351  
Monteiro Lobato (escritor): 20, 125, 387  
Nacional (café): 345  
*Navio negreiro* (poema sinfônico): 297

- Nereidas (deusas gregas): 315  
*Notas para a história de Porto Alegre* (livro): 340  
*O bandeirante* (ópera): 404  
Olavo Bilac (poeta): 291  
Oldsmobile (marca de automóveis): 106  
Oswaldo Aranha (político): 107  
Oswaldo Cruz (médico): 146  
Oswaldo Rentzsch (empresário): 347  
Otávio Rocha (intendente municipal): 117, 137, 138, 139, 141, 142, 146, 147, 164, 166, 167, 171, 173, 177, 184, 186, 189, 191, 199, 200, 210, 212, 214, 322, 337  
Packard (marca de automóveis): 106  
Padre Cacique (asilado): 86, 88, 174, 206  
Partenon Literário (sociedade): 254  
Paulo Plácido Pitanga (personagem fictícia): 227, 364, 371, 374, 375  
Pedro Mentira (personagem popular): 300  
Pedro Weingärtner (pintor): 239  
Pierrô (personagem): 291, 317  
Previdência do Sul (empresa): 202  
Procópio Ferreira (ator): 224, 297, 302, 353  
Procópio Ferreira (companhia teatral): 302  
Professor Hindu (místico): 319  
*Pulo do gato* (peça teatral): 257  
Qorpo Santo (escritor) ver Joaquim José de Campos Leão (escritor)  
Quarteto Zika (grupo musical): 108, 297  
Ramiro Fortes de Barcellos (político, escritor): 327  
Raul Pilla (médico, político): 27, 255  
Raul Roulien (músico, ator): 358  
Reinaldo Gonçalves (aviador): 289, 404  
Renner (empresa): 357  
Rheingantz (empresa): 357

- Rodolfo Valentino (ator): 274, 358, 359  
Romualdo Azeredo (proprietário de palacete): 188  
Rosicler (sorveteria): 75  
Rotary Clube: 207, 208, 217  
São Francisco de Assis: 274  
Secretaria de Obras Públicas: 85  
Secretaria do Interior: 336  
Sirangelo Irmãos (empresa): 353  
Sociedade Filosofia (clube): 233, 234  
Sociedade Geral de Imóveis (empresa): 170, 171  
Sociedade Protetora do Turfe (associação): 111, 176, 341, 376, 377  
Studebaker (marca de automóveis): 106  
Tritão (deus grego): 315  
Tro-lo-ló (companhia teatral): 284, 285  
Turner-Bund (sociedade esportiva): 369  
Velasco (companhia teatral): 303  
Venezianos (sociedade carnavalesca): 349  
Vênus (deusa romana): 172, 247, 342  
Vera Sergine (atriz): 224, 302  
*Via Sacra e outros poemas* (livro): 244  
Viação Aérea Rio-Grandense (VARIG): 365  
Viação Férrea do Rio Grande do Sul (empresa): 114, 135, 152, 210  
Viana da Motta (pianista): 333  
*Vida social* (coluna jornalística): 74  
Washington Luís (político): 260  
Wilhelm Backhaus (pianista): 332, 333  
Yann Dornah (cantora): 261  
Zeferino Brasil (escritor): 240  
Zola Amaro (cantora lírica): 231

## **PLANO DA OBRA**

### **Volume 1: Campo e cidade, sobrevivência, compaixão**

Apresentação: um vasto empório de miscelâneas: a cidade em seu tempo

1. Os tempos vareiam e avariado tá tudo: a cidade vista do campo
2. As altas exigências do estômago e as precárias situações da nossa bolsa: a luta pela vida na selva urbana
3. O raro perfume da solidariedade humana: a capital dos desafortunados

### **Volume 2: Reformas urbanas, cultura e lazer**

4. A aldeia se fez cidade, e a capital se fez metrópole: atualização, remodelação e embelezamento urbano
5. A deliciosa chama da felicidade que se busca: cultura, festas, esporte e lazer em Porto Alegre

### **Volume 3: Serviços públicos, política**

6. Os anseios e as necessidades imperiosas da comuna: manutenção, obras e serviços urbanos
7. O Brasil há muito que anda de pernas para o ar: o debate político no cotidiano de Porto Alegre



*E-mail:* [edipucrs@pucrs.br](mailto:edipucrs@pucrs.br)

*Site:* [editora.pucrs.br](http://editora.pucrs.br)



[facebook.com/edipucrs](https://facebook.com/edipucrs)



[twitter.com/edipucrs](https://twitter.com/edipucrs)



[instagram.com/edipucrs](https://instagram.com/edipucrs)



*E-mail:* [editora@ufsm.br](mailto:editora@ufsm.br)

*Site:* [www.ufsm.br/editora](http://www.ufsm.br/editora)



[facebook.com/editoraufsm](https://facebook.com/editoraufsm)



[instagram.com/editoraufsm](https://instagram.com/editoraufsm)

No capítulo 4, Roque Callage demonstra seu entusiasmo pelos trabalhos de reforma urbana empreendidos pela Intendência Municipal. Nesse processo de sincronização da capital gaúcha com a modernidade urbana, o cronista acompanha com ansiedade as obras em curso, apresentando sugestões e críticas, interpondo-se à ação dos agentes públicos e privados e se mostrando firmemente engajado na formação de uma opinião pública participante e exigente.

As crônicas do capítulo 5 tratam da sociabilidade urbana, da vida cultural e artística, do esporte e do lazer, momentos de ócio que proporcionavam aos moradores da cidade o desejado refrigério na “luta pela vida”, abrindo espaço para novas formas de viver coletivamente o ambiente urbano. Essas atividades forneciam aos habitantes da cidade o necessário alimento para o sonho naquela turbulenta segunda metade da década de 1920.



PUCRS UFSM